

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Gracielle Loures Nocelli

Jornalismo e memória: a representação e a representatividade de grupos historicamente silenciados na coluna *Outras Ideias*

Juiz de Fora

2023

Gracielle Loures Nocelli

Jornalismo e memória: a representação e a representatividade de grupos historicamente silenciados na coluna *Outras Ideias*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dra^a Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nocelli, Gracielle Loures.

Jornalismo e memória: a representação e a representatividade de grupos historicamente silenciados na coluna Outras Ideias / Gracielle Loures Nocelli. -- 2023.

180 p. : il.

Orientadora: Christina Ferraz MUSSE

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.

1. Jornalismo. 2. Subjetividade. 3. Memória. 4. Imprensa em Juiz de Fora. 5. Coluna Outras Ideias. I. MUSSE, Christina Ferraz, orient. II. Título.

Gracielle Loures Nocelli

Jornalismo e memória: a representação e a representatividade de grupos historicamente silenciados na coluna *Outras Ideias*

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Comunicação
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Mestre em
Comunicação. Área
de concentração:
Comunicação e
Sociedade

Aprovada em 29 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). Christina Ferraz Musse - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof(a). Dr(a). Marise Baesso Tristão

Centro Universitário Academia (UniAcademia)

Prof(a). Dr(a). Sylvia Beatriz Bezerra Furtado

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Juiz de Fora, 18/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 29/09/2023, às 21:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Perlatto Bom Jardim, Professor(a)**, em 30/09/2023, às 08:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marise Baesso Tristão, Usuário Externo**, em 01/10/2023, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SYLVIA BEATRIZ BEZERRA FURTADO, Usuário Externo**, em 03/10/2023, às 08:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1474122** e o código CRC **177A0256**.

Aos meus pais, Eugênio e Graça, por serem a minha fortaleza. A minha irmã Giselle, fonte inesgotável de carinho e inspiração. Ao meu amor Rodrigo, que acredita, incentiva e segue de mãos dadas sonhando junto comigo

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho marca a transição da jornalista como pesquisadora, trajetória que só foi possível ser trilhada graças às muitas pessoas que estiveram comigo.

Agradeço ao meu pai, José Eugênio, principal responsável por despertar o meu interesse em ouvir histórias, ainda na infância. A minha mãe, Maria das Graças, que me ensinou que dedicar-se a fazer o que se gosta realmente vale a pena! A minha irmã Giselle, que trilhando seus passos com tanta coragem e paixão sempre me inspirou.

Ao meu amor, Rodrigo, por transformar esse sonho em nosso. Obrigada por acreditar tanto na realização deste trabalho. Seu incentivo, apoio na organização deste documento e carinho diário foram fundamentais. Obrigada por ser “a gente”.

Obrigada à professora e orientadora Christina Musse que, desde o início, acreditou no potencial deste trabalho e abriu as portas do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime) para que eu desse os primeiros passos na pesquisa. Fico feliz pelo nosso reencontro e por, mais uma vez, ser sua orientanda!

Também agradeço aos professores do PPGCom da UFJF que sempre foram tão solícitos. Em especial, aqueles que contribuíram diretamente para a construção desta pesquisa: Paulo Roberto Figueira Leal, Cláudia Thomé, Mariana Ramalho, Júlia Fagioli e Iluska Coutinho.

À professora Sylvia Beatriz Furtado, da Universidade Federal do Ceará, com quem tive a oportunidade de cursar a disciplina *Relatos do Real*, tão importante para este estudo e para a minha vida. Obrigada pela sensibilidade ao falar das diferentes existências!

Aos membros do Comcime, que me acolheram com tanto carinho. Meu abraço especial para Ana Paula Dessupoio, minha dupla querida em tantos artigos e trabalhos. À professora Theresa Medeiros, que com sua gentileza me mostrou que a Academia também é um lugar de afetos. À Marise Baesso, com quem aprendi tanto sobre jornalismo durante minha trajetória na *Tribuna de Minas* e, agora, tive a oportunidade de reencontrar na área acadêmica.

Por falar em reencontro, agradeço ao colega Breno Motta, contemporâneo da graduação que trilhou ao meu lado esta trajetória no Mestrado, dividindo trabalhos, anseios, angústias e alegrias.

As amigas sempre foram um suporte fundamental e, por isso, preciso agradecer a todos os amigos que incentivaram esta trajetória e entenderam os momentos de ausência. Meu agradecimento especial à Kelly Scoralick, com quem compartilho diariamente sobre a vida, o jornalismo, a pesquisa, os afetos e o desejo de um mundo mais inclusivo.

No período em que trabalhei na *Tribuna de Minas*, convivi com profissionais incríveis que tive a felicidade de se transformarem em amigos para toda a vida. Alguns deles colaboraram diretamente com esta minha trajetória: Juliana Duarte, Sandra Zanella, Marcos Paulo Araújo, Júlia Pessôa, Nathani Paiva, Júlio Black e sua esposa Aline. Muito obrigada!

Um agradecimento especial ao Mauro Morais que com sua sensibilidade e interesse em “transformar a cena do jornalismo cultural” fez um trabalho tão primoroso com a coluna *Outras Ideias*. Obrigada pela disponibilidade, desde o primeiro momento! Agradeço, ainda, aos 266 entrevistados que narraram suas histórias de vida e fizeram desta pesquisa uma imersão profunda e emocionante.

Não teria sido possível trilhar esta trajetória se não fosse à visão de gestão humanizada de Viviane Camargos, à frente da Experta. Obrigada por abrir espaço para que o mercado de trabalho enxergue nos estudos acadêmicos um diferencial para o profissional jornalista.

Encerro agradecendo a Deus por me permitir realizar este sonho com a participação de todas essas pessoas tão especiais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Reconhecendo a relação entre jornalismo e memória, esta pesquisa se propôs a investigar a representação e a representatividade de grupos historicamente silenciados na coluna *Outras Ideias*, criada pelo jornalista Mauro Morais e publicada pelo jornal *Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora, entre os anos de 2014 e 2020. Compreendendo que os critérios de noticiabilidade, responsáveis por nortear a perspectiva da objetividade jornalística, deixam lacunas nesse sentido, a proposta foi identificar se o uso da subjetividade é capaz de ampliar a visibilidade de existências socialmente discriminadas e contribuir para a desnaturalização de preconceitos. Para este estudo, foi feita a catalogação dos 266 entrevistados pela coluna, considerando os conceitos de outrofobias, de Fabiana Moraes (2022), e hierarquias de memórias, de Fernando Perlatto (2022). Já a metodologia de Análise de Conteúdo (AC), de Laurence Bardin (2011), foi utilizada para avaliar como os grupos sociais foram representados. Com o aporte teórico de autores das áreas de Comunicação, Sociologia e História, foi feita a reflexão sobre como as narrativas jornalísticas contribuem para a construção da memória da sociedade, a compreensão sobre o mundo e as concepções de identidade e alteridade. Concluímos, assim, que pensar em outros formatos, além do modelo informativo tradicional, pode ser a alternativa para promover a diversidade dos registros que são perpetuados.

Palavras-chave: jornalismo; subjetividade; memória; imprensa em Juiz de Fora; coluna *Outras Ideias*.

ABSTRACT

Recognizing the relationship between journalism and memory, this research set out to investigate the representation and representativeness of historically silenced groups in the column *Outras Ideias*, created by the journalist Mauro Morais and published by the newspaper *Tribuna de Minas* in Juiz de Fora, between 2014 and 2020. Understanding that the newsworthiness criteria, responsible for guiding the perspective of journalistic objectivity, leave gaps in this sense, the proposal was to identify whether the use of subjectivity is capable of expanding the visibility of socially discriminated ones and contributing to the deconstruction of prejudices. For this study, the 266 interviewed by the column were cataloged, considering the concepts of *outrofobias* [others-phobia] by Fabiana Moraes (2022) and hierarchies of memories by Fernando Perlatto (2022). The Content Analysis (CA) methodology, by Laurence Bardin (2011), was used to evaluate how social groups were represented. With the theoretical contribution of authors from communication, sociology, and history fields, reflection was made on how journalistic narratives contribute to the construction of society's memory, understanding of the world, and concepts of identity and alterity. We conclude, therefore, that thinking about other formats, in addition to the traditional newsmaking model, may be an alternative to promoting the diversity of records that are perpetuated.

Keywords: journalism; subjectivity; memory; ; press in Juiz de Fora; *Outras Ideias* column.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Capa da edição de <i>O Pharol</i> (10/02/1876)	45
Figura 2	– Página principal do portal <i>o pharol</i>	46
Figura 3	– Capa do <i>Diário Mercantil</i> (15/02/1963)	48
Figura 4	– Anúncio do Telefoto Jornal no <i>Diário da Tarde</i> (24/11/1961)	53
Figura 5	– Equipe de trabalho na sede da TV Industrial	54
Figura 6	– Capa da primeira edição da <i>Tribuna de Minas</i>	59
Figura 7	– Contracapa da primeira edição da <i>Tribuna de Minas</i>	60
Figura 8	– Capa do jornal <i>Tribuna da Tarde</i> (1º/03/1990)	61
Figura 9	– Reformulação da identidade visual da <i>Tribuna de Mina</i>	65
Figura 10	– Coluna <i>Outras Ideias</i> com Jaiane Oliveira e Lavínia Rufino, rappers e moradoras da Vila Olavo Costa)	69
Figura 11	– Setor de memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes	78
Figura 12	– Edições do jornal <i>Tribuna de Minas</i> (dezembro 2018)	78
Figura 13	– Imagem digitalizada da coluna <i>Outras Ideias</i>	79
Figura 14	– Fotografia da edição impressa da <i>Tribuna de Minas</i>	80
Figura 15	– Alexandre Batista, entrevistado da edição disponível na internet....	81
Figura 16	– Sebastião Cecio Ferreira, entrevistado	88
Figura 17	– Anúncio do retorno da coluna	101
Figura 18	– Capa da <i>Tribuna de Minas</i> - Dia Internacional da Mulher 2015	113
Figura 19	– Maria das Dores Queiroz Pacheco (Cotinha), entrevistada	117
Figura 20	– Capa do jornal <i>Tribuna de Minas</i> (05/02/2017)	121
Figura 21	– Coluna <i>Outras Ideias</i> (05/02/2017)	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Contrapontos das produções jornalísticas	32
Quadro 2	–	Demonstração da categorização para a análise de representatividade...	84
Quadro 3	–	Categorização para a Análise de Conteúdo da primeira fase da coluna <i>Outras Ideias</i>	87
Quadro 4	–	Categorização para a Análise de Conteúdo da segunda fase da coluna <i>Outras Ideias</i>	110
Quadro 5	–	Categorização para a Análise de Conteúdo da terceira fase da coluna <i>Outras Ideias</i>	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Gênero dos entrevistados na primeira fase.....	89
Gráfico 2	– Faixa etária na primeira fase.....	90
Gráfico 3	– Representatividade racial na primeira fase.....	91
Gráfico 4	– Ascendência dos entrevistados na primeira fase.....	92
Gráfico 5	– Naturalidade dos entrevistados na primeira fase.....	93
Gráfico 6	– Ocupação dos entrevistados na primeira fase.....	94
Gráfico 7	– Religiosidade dos entrevistados da primeira fase.....	95
Gráfico 8	– Bairros participantes da primeira fase.....	96
Gráfico 9	– Outros grupos historicamente silenciados na primeira fase.....	97
Gráfico 10	– Gênero dos entrevistados na segunda fase.....	102
Gráfico 11	– Comunidade LGBTQIAPN+ na segunda fase.....	103
Gráfico 12	– Faixa etária na segunda fase.....	103
Gráfico 13	– Representatividade racial na segunda fase.....	104
Gráfico 14	– Ascendência dos entrevistados na segunda fase.....	105
Gráfico 15	– Naturalidade dos entrevistados na segunda fase.....	106
Gráfico 16	– Ocupação dos entrevistados na segunda fase.....	107
Gráfico 17	– Bairros participantes da segunda fase.....	108
Gráfico 18	– Religiosidade dos entrevistados da segunda fase.....	109
Gráfico 19	– Outros grupos historicamente silenciados na segunda fase.....	110
Gráfico 20	– Gênero dos entrevistados na terceira fase.....	125
Gráfico 21	– Comunidade LGBTQIAPN+ na terceira fase.....	127
Gráfico 22	– Faixa etária na terceira fase.....	128
Gráfico 23	– Representatividade racial na terceira fase.....	130
Gráfico 24	– Ascendência dos entrevistados na terceira fase.....	131
Gráfico 25	– Naturalidade dos entrevistados na terceira fase.....	134
Gráfico 26	– Ocupação dos entrevistados na terceira fase.....	136
Gráfico 27	– Religiosidade dos entrevistados da terceira fase.....	138
Gráfico 28	– Bairros participantes da terceira fase.....	141
Gráfico 29	– Outros grupos historicamente silenciados na terceira fase.....	142

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	COMUNICAÇÃO, PODER E MEMÓRIA	6
2.1	O USO DAS NARRATIVAS NA VIDA COTIDIANA	6
2.2	AS RELAÇÕES DE PODER NA COMUNICAÇÃO	8
2.3	O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES	10
2.4	MEMÓRIAS: LUGARES E HIERARQUIAS	13
2.5	O PAPEL DO JORNALISMO NA (RE)PRODUÇÃO DE NARRATIVAS	17
3	SUBJETIVIDADE NO JORNALISMO	21
3.1	AS PERSPECTIVAS DA OBJETIVIDADE E DA SUBJETIVIDADE.....	21
3.2	OS CONCEITOS DE ACONTECIMENTO E DESACONTECIMENTO	28
3.3	REFLEXÕES SOBRE GÊNEROS E FORMATOS	35
4	<i>OUTRAS IDEIAS: JUIZ DE FORA SOB DIFERENTES ÂNGULOS</i>	42
4.1	A RELAÇÃO ENTRE O JORNALISMO E A CIDADE DE JUIZ DE FORA	42
4.2	DO IMPRESSO À INTERNET: AS REINVENÇÕES DA <i>TRIBUNA DE MINAS</i>	57
4.3	ENTRE O ACONTECIMENTO E OS DESACONTECIMENTOS: A CONCEPÇÃO DA COLUNA	67
5	<i>REGISTROS DE MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE NA COLUNA OUTRAS IDEIAS</i>	76
5.1	PESQUISA NA PRÁTICA: DA CONSULTA AOS ACERVOS À APLICAÇÃO DA METODOLOGIA	76
5.2	PRIMEIRA FASE: EXPERIMENTAÇÃO DO PROJETO.....	86
5.3	SEGUNDA FASE: FORMATAÇÃO DA IDENTIDADE	98
5.4	TERCEIRA FASE: CONSOLIDAÇÃO E ENGAJAMENTO	121
6	<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	145
	REFERÊNCIAS	149
	APÊNDICE	157
	ANEXO 1- RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS DA 1ª FASE DA COLUNA <i>OUTRAS IDEIAS</i>	169
	ANEXO 2- RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS DA 2ª FASE DA COLUNA <i>OUTRAS IDEIAS</i>	171
	ANEXO 3- RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS DA 3ª FASE DA COLUNA <i>OUTRAS IDEIAS</i>	175

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar a relação entre jornalismo e memória requer um olhar atento e uma perspectiva abrangente. É preciso considerar diferentes temporalidades: a produção jornalística mantém o foco no presente e cria registros que poderão ser acessados futuramente como arquivos de memória sobre o passado. A contextualização é fundamental para dar clareza às informações e pontuar as mudanças ocorridas na passagem do tempo, afinal, transformações de diferentes naturezas - sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outras - podem impactar diretamente o objeto empírico. Dessa forma, o diálogo interdisciplinar é indispensável ao pesquisador. Muitas vezes, as respostas para as questões levantadas pela pesquisa podem estar na interseção entre diferentes campos do saber.

É com este viés que foi trilhada a trajetória deste estudo nos dois anos do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom-UFJF), entre 2021 e 2023. A partir do aporte teórico de autores das áreas da Comunicação, da História e da Sociologia, foi feita uma pesquisa sobre os registros de memória criados pela coluna *Outras Ideias*, idealizada pelo jornalista Mauro Morais e publicada pelo jornal *Tribuna de Minas*, entre julho de 2014 e março de 2020.

A seção trazia histórias de vida de moradores de Juiz de Fora, sempre aos domingos, no *Caderno Dois*. Entre os entrevistados estavam pessoas comuns, muitas delas anônimas e invisibilizadas pela sociedade por integrarem grupos historicamente silenciados e discriminados por questões de gênero, sexualidade, raça, religião, etnia, classe social ou algum tipo de deficiência. Outras eram conhecidas localmente e, por isso, já despertavam a curiosidade popular, como artistas de rua, vendedores ambulantes, intelectuais e proprietários de estabelecimentos da cidade.

A coluna *Outras Ideias* cativou uma audiência fiel num momento em que a *Tribuna de Minas* buscava alternativas para se reinventar diante da crise vivida pelo jornal impresso e da necessidade de adaptação à era digital. O *feedback* positivo foi observado através não só de elogios e sugestões dos leitores, como também de pedidos do exemplar impresso quando as vendas nas bancas estavam esgotadas. A resposta do público motivou a chefia do jornal dar maior visibilidade à coluna, ampliando o seu espaço para uma página inteira colorida e criando chamadas na capa de todas as edições, a partir de novembro de 2016. A seção também passou a ser anunciada nas estratégias de marketing e venda.

A observação da movimentação provocada pela coluna na rotina da redação enquanto trabalhei como repórter do caderno de *Economia* da *Tribuna de Minas*, entre 2012 e 2021,

sempre me chamou atenção. *Outras Ideias* inspirou cadernos especiais e tornou-se um critério de noticiabilidade para a equipe de reportagem: quando pessoas anônimas faleciam, o fato de terem sido entrevistados da coluna motivava a realização de obituários estendidos. Mas, sem dúvida, o fator que provocou maior curiosidade foi a relação dos leitores com a seção: não bastava apenas ler o conteúdo, que também estava disponível na internet, era preciso ter a versão impressa do jornal para guardá-la, como se aquele material fosse um artigo colecionável.

É assim que surgiu o interesse de pesquisar a relação entre jornalismo e memória na coluna *Outras Ideias*. A hipótese a ser testada por este trabalho é que o uso da subjetividade no jornalismo é capaz de diversificar os registros da memória social, aquela que reúne lembranças individuais e coletivas e, por isso, pertence à sociedade. Isso ocorre por meio da ampliação da representação e da representatividade de grupos sociais, o que aumenta as chances de identificação com o público.

Os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (2004) teorizam que a realidade é uma construção social elaborada a partir da apreensão das narrativas que temos acesso por meio de estruturas mediadoras. Família, escola, trabalho, igreja e demais grupos aos quais o indivíduo pertence desempenham o papel da mediação de discursos que servem como a base para a interpretação do mundo em que vivemos. Portanto, a realidade como a conhecemos não é uma totalidade, mas sim um recorte. Dessa forma, concluímos que há múltiplas realidades existentes e é no processo de acessar, apreender, interpretar e interiorizar as informações recebidas que o indivíduo reconhece a si mesmo, os seus semelhantes e “os outros”.

O jornalismo também é uma estrutura mediadora. Afinal, através dele, são (re) produzidas narrativas que auxiliam a sociedade na compreensão sobre o mundo, mas que também não dão conta da sua totalidade. O tempo no rádio ou na TV, as páginas de um jornal impresso ou uma revista e o espaço na internet não são suficientes para tamanha complexidade. Para definir o que deve ou não ser pauta, foram estabelecidos critérios que são seguidos até hoje pelas redações.

A teoria do jornalismo desenvolve toda uma tipologia da notícia para definir e classificar o que é ou não é relevante, hierarquizando fatos em função de sua importância, abrangência, impacto, interesse. Esses fatos que merecem ser noticiados seriam os “acontecimentos” (FRANÇA, 2012, p.12).

Para Fabiana Moraes (2022, p.21), os valores-notícia refletem um posicionamento segregador e “traduzem uma sociedade outrofóbica”, o que contribui para a manutenção do estigma e do silenciamento de determinados grupos sociais. A autora afirma a existência de um “mundo que o jornalismo enquadra”, definido como “um lugar construído, organizado e

técnico, que nos diz quem são as pessoas e lugares que valem mais – e, portanto, as pessoas e lugares que valem menos.”

Moraes (2022) argumenta que, embora a objetividade tenha sido uma premissa para o trabalho jornalístico recente, a prática também é dotada de subjetividade, presente nas escolhas influenciadas por opiniões, convicções, vivências e emoções do jornalista e refletidas na angulação da apuração, na escolha dos entrevistados, na definição da imagem para ilustrar uma matéria, por exemplo. Dessa forma, defende que a autonomia concedida ao jornalista pela subjetividade não deve ser utilizada para reproduzir as hierarquias predominantes na sociedade, mas para combatê-las.

Considerando o jornalismo como um “lugar de memória”, conceito apresentado por Pierre Nora (1993) que diz respeito às formas de materialização da memória, seja por meio de imagens, documentos, registros ou testemunhos, cabem os questionamentos: de quem são as memórias que estão sendo produzidas pelos jornais? Como elas auxiliam a sociedade na sua compreensão de mundo?

Fernando Perlatto (2022) afirma que os diferentes grupos sociais não encontram as mesmas condições para a projeção de suas próprias narrativas. Dessa forma, historicamente, as memórias também têm sido hierarquizadas. Por isso, a relevância de pensar alternativas que possibilitem a diversificação da memória social, construída e perpetuada através do tempo. Rodrigo Gottschalk (2019) explica que o preconceito identitário, as lacunas interpretativas das experiências sociais e as assimetrias de poder são fatores, apontados por Fricker¹, como causadores de silenciamentos. Os grupos sociais marginalizados são silenciados através da exclusão nas discussões públicas, da limitação e do controle da agência epistêmica imposta por grupos sociais mais poderosos.

A proposta desta pesquisa é investigar se o uso da subjetividade no jornalismo é capaz de diversificar a memória social. Para isso, foram analisados os registros criados pela coluna *Outras Ideias*. A partir da compreensão dos processos de produção e da análise sobre representação e representatividade dos entrevistados, pretende-se estudar a relação entre jornalismo e memória na seção e discutir os reflexos para a prática jornalística, a sociedade e a memória de Juiz de Fora.

Com o uso da metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), o estudo foi realizado em etapas. No primeiro momento, foi feita uma pré-análise do material estudado, o

¹ Miranda Fricker, filósofa inglesa e professora do *New York Institute for Philosophy* que cunhou o conceito de injustiça epistêmica (2007) como aquela relacionada ao conhecimento.

que permitiu identificar o desenvolvimento da coluna *Outras Ideias* em três fases: experimentação do projeto, formatação da identidade e consolidação e engajamento. A partir da compreensão desta divisão, as informações foram categorizadas em unidades de análise para a obtenção dos resultados. A Análise de Conteúdo oportuniza, através de um conjunto de procedimentos, avaliar os sentidos ocultos à superfície discursiva sem restringir o referencial teórico usado para a interpretação do material de pesquisa.

Em seguida, foi realizada a catalogação dos 266 entrevistados para a avaliação sobre a representatividade de grupos sociais a fim de identificar a diversidade existente nos registros da coluna. Considerando o conceito de hierarquias de memória (PERLATTO, 2022) e a definição de outrofobias (MORAES, 2022), os perfis foram divididos de acordo com o gênero, a idade, a cor, a ascendência, a sexualidade, a religião, a naturalidade, o local onde moram, a ocupação e se integram algum outro grupo discriminado socialmente, como é o caso de pessoas com deficiência, dependentes químicos e moradores de rua que foram constatados no levantamento. No terceiro momento, foi feito o cruzamento de informações das duas etapas anteriores para a realização da análise sobre representação e, assim, a conclusão do estudo.

Também é apresentada a entrevista feita com o jornalista Mauro Morais, em fevereiro de 2020, para a elaboração do projeto de pesquisa apresentado à seleção de Mestrado, na qual relatou como surgiu a ideia da coluna e como eram feitas a escolha dos personagens, a apuração e a redação dos textos, detalhando a subjetividade de todo o processo. Durante a conversa, também falou sobre a sua história de vida e as próprias memórias.

O capítulo Comunicação, poder e memória aborda como as narrativas produzidas na vida cotidiana são apropriadas pela sociedade. Do processo de acesso, apreensão, interpretação e interiorização dos discursos derivam-se as identidades e a memória social. As relações de disputa por poder simbólico permeiam o ambiente da comunicação e interferem diretamente nas representações da realidade. Como reflexo, uma parcela da sociedade é excluída, o que contribui para o silenciamento de determinados grupos sociais e o processo de hierarquização de memórias. Neste contexto, é feita uma análise sobre o papel do jornalismo na (re) produção de narrativas.

O capítulo Subjetividade no jornalismo contextualiza as mudanças ocorridas na imprensa que resultaram na objetividade como premissa do modelo informativo tradicional e o momento vivido pela sociedade que levou à guinada subjetiva, conforme Beatriz Sarlo (2007). Em seguida, é apresentado o conceito de acontecimento, responsável por nortear o jornalismo objetivo, e o seu contraponto com a definição de desacontecimento. O debate é encerrado com a reflexão sobre gêneros jornalísticos, a partir das classificações de José Marques de Melo

(2009) e Felipe Pena (2017), a fim de localizar o objeto de estudo da pesquisa, reconhecendo a sua complexidade e as possibilidades de deslizamentos entre as categorias.

No capítulo *Outras Ideias: Juiz de Fora sob diferentes ângulos*, a discussão teórica elaborada na dissertação é levada para a esfera local, considerando o objeto de estudo da pesquisa e o seu contexto de idealização e desenvolvimento. Para isso, é feito um breve histórico da imprensa juizforana, destacando a relevância do jornalismo local e situando a *Tribuna de Minas* neste cenário. Também são pontuados os desafios do jornal impresso para se adaptar e sobreviver às transformações do mercado ao longo de sua trajetória de 42 anos. Por fim, é apresentada a história da coluna *Outras Ideias*, a repercussão dentro e fora da redação e o processo criativo do autor Mauro Moraes, a partir das suas experiências pessoais e profissionais.

O quinto capítulo *Registros de memória e representatividade na coluna Outras Ideias* traz os resultados da pesquisa. Por meio da metodologia da Análise de Conteúdo foi possível identificar o ciclo de maturação do objeto empírico e analisar a representação dos entrevistados. Já os estudos de Perlatto (2022) e Moraes (2022) nortearam a catalogação dos perfis, o que possibilitou a avaliação da diversidade existente nos registros. Os resultados permitiram testar a hipótese levantada pelo trabalho de pesquisa. O estudo é finalizado com as considerações sobre o processo de desenvolvimento da pesquisa, as descobertas realizadas e os possíveis desdobramentos.

2 COMUNICAÇÃO, PODER E MEMÓRIA

A comunicação contribui para a construção e a manutenção da realidade social. É por meio do acesso às informações que os indivíduos conhecem e interpretam o mundo em que vivem. A partir desta interpretação, reconhecem a si mesmos, compreendem o seu papel e o seu lugar na sociedade, identificam os seus semelhantes e “os outros”.

Podemos dizer que a linguagem, em suas variadas formas, é responsável por alinhar o tecido da realidade social. Por meio dela, os indivíduos interagem socialmente e agem diretamente na produção e na disseminação de informações, normas, conhecimento e memória.

Reconhecendo a relevância dos processos comunicacionais para a estruturação da vida em sociedade, é possível compreender a existência de uma disputa por poder simbólico no ambiente da comunicação. Quem controla o discurso define quais narrativas são evidenciadas e, conseqüentemente, quais memórias serão construídas e perpetuadas. Assim também são determinados silenciamentos e apagamentos.

Neste capítulo, iremos abordar como as narrativas da vida cotidiana são utilizadas pelos indivíduos, segundo a abordagem da Sociologia do Conhecimento. Discutiremos as relações de poder na comunicação e os seus impactos na construção de identidades e memórias, que também são alvos de disputa. Por fim, propomos uma análise sobre o papel do jornalismo e do jornalista neste contexto.

2.1 O USO DAS NARRATIVAS NA VIDA COTIDIANA

Na vida cotidiana, uma boa parte do tempo é usufruída acessando informações. É possível afirmar que muito do que sabemos é apreendido por meio de estruturas mediadoras, desde as mais tradicionais como família, escola, trabalho e outros grupos aos quais pertencemos, até as mais recentes, como os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias.

Os estudos de Berger e Luckmann (2004) mostram que é a partir das nossas relações sociais, mediadas pela linguagem, que desenvolvemos a capacidade de interpretar o mundo. Logo, a realidade é construída socialmente e, por isso, não existe apenas uma, mas sim muitas e diferentes realidades. O modo como uma pessoa enxerga o mundo a sua volta está intimamente ligado às informações que ela absorve ao longo do tempo. Portanto, não depende exclusivamente de como o mundo é, mas das lentes que são usadas para enxergá-lo. "A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens, e subjetivamente dotada

de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente" (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.35). Assim observamos uma relação dialética em que o indivíduo é, ao mesmo tempo, produtor e produto da sociedade.

As estruturas mediadoras ampliam o alcance dos discursos produzidos na sociedade e, também, reforçam a sua existência através do tempo. "A linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes" (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.57). Já as interações humanas contribuem para a concepção de especificidades individuais e coletivas, por meio das quais o indivíduo reconhece o seu lugar e o seu papel social, definições que estão correlacionadas.

Erving Goffman (2002, p.24) define o papel do indivíduo como "a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social", sendo que esta refere-se ao lugar ocupado pelo sujeito. Usando a metáfora do teatro, o autor elabora um "manual" sobre como as pessoas se comportam em diferentes situações da vida cotidiana, de acordo com o lugar que ocupam e o papel que desempenham na sociedade.

[...] todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel. É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. [...] a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza, é parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas (GOFFMAN, 2002, p.27).

No processo de acessar, apreender, interpretar e interiorizar os discursos propagados na sociedade, o indivíduo reconhece a si mesmo, o que lhe dá o aparato necessário para uma construção identitária. A identidade é determinada pela estrutura social, podendo ser cristalizada ou remodelada pelas relações que o indivíduo desenvolve ao longo da vida. É através das características identitárias que também são definidos os grupos e observados os laços de pertencimento.

A realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida num contínuo de tipificações, que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do "aqui e agora", da situação face a face.[...] A estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas. Assim sendo, a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.52).

Para Stuart Hall (2016), o cultivo das noções de identidade e pertencimento é feito através da linguagem e da representação, responsáveis não só por darem sentido às práticas

sociais, mas também por disseminarem o conhecimento sobre elas. Berger e Luckmann (2004) apontam que, além da produção de sentido, é a linguagem que possibilita a participação na vida em sociedade, tornando “mais real” as subjetividades de cada indivíduo para si mesmo e para o outro.

Considerando que a vida cotidiana é marcada pelo tempo e o espaço, sendo a estrutura temporal responsável por fornecer a historicidade² de cada indivíduo, as narrativas construídas pela sociedade também exercem a função de produzir e reativar memórias.

Nos campos semânticos assim construídos a experiência, tanto biográfica quanto histórica, pode ser objetivada, conservada e acumulada. A acumulação, está claro, é seletiva, pois os campos semânticos determinam aquilo que será retido e o que será "esquecido", como partes da experiência total do indivíduo e da sociedade. Em virtude desta acumulação constitui-se um acervo social de conhecimento que é transmitido de uma geração a outra e utilizável pelo indivíduo na vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.62).

A partir das contribuições teóricas citadas, é possível identificar, pelo menos, três formas de uso para as narrativas acessadas na vida cotidiana. A primeira delas é para o suporte à interpretação da realidade. Neste processo, o indivíduo compreende o seu espaço e o seu papel na sociedade.

Após esta compreensão, tem início o exercício de reconhecimento de si mesmo e dos outros, identificando semelhanças e diferenças. Por isso, a segunda forma de utilizar as narrativas é nas concepções de identidade e alteridade.

Por fim, a repetição das narrativas permite que elas se mantenham vivas através do tempo, sendo reavivadas por gerações. Assim, observamos um terceiro uso para os discursos: a produção de memórias.

Compreendendo como a sociedade pode utilizar as narrativas da vida cotidiana, surgem alguns questionamentos: quais discursos têm sido (re)produzidos no meio social? Eles dão conta da diversidade existente? Se há múltiplas realidades, todas possuem a mesma projeção? Os diferentes grupos sociais encontram o mesmo espaço para se manifestarem? Qual é o papel dos meios de comunicação e, sobretudo, do jornalismo neste processo?

2.2 AS RELAÇÕES DE PODER NA COMUNICAÇÃO

² Compreendida como a percepção humana sobre o ser dentro de uma lógica espaço-temporal (BARBOSA, 2019a).

“Somos uma sociedade oralizada”, afirma Marialva Barbosa (2013, p.11), explicando em seguida que, por isso, a compreensão da história da comunicação no Brasil passa pelo entendimento sobre as práticas culturais da oralidade que se transformaram ao longo do tempo. A afirmação mostra como as narrativas são um elemento central da nossa cultura.

O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação configurou a possibilidade de ampliar a produção, o alcance e, também, a longevidade das narrativas orais. No Brasil, a chegada da Família Real, em 1808, marca o acesso aos equipamentos necessários para a implantação da Impressão Régia, que deu origem ao primeiro jornal impresso do país, *A Gazeta do Rio de Janeiro*.

No século XX, o cenário da comunicação viveu um momento de intensa transformação tecnológica. A imprensa de grande tiragem, o rádio, o cinema, a televisão e a internet revolucionaram, cada um no seu tempo e ao seu modo, as formas de produzir e consumir informação. “As novas invenções permitiram cruzar tempo e espaço, atingir um grande número de pessoas, dispersas em vários lugares, ao mesmo tempo” (FRANÇA, 2012, p.11).

Diferentes estudos e correntes teóricas buscaram compreender os impactos da transmissão de conteúdo dos meios de comunicação de massa para a sociedade. A princípio, os modelos teóricos apontavam para uma influência quase soberana, ideia que foi desconstruída pela perspectiva dos Estudos Culturais, que destacaram a capacidade do público de negociar o significado das mensagens recebidas.

Antes que essa mensagem possa ter um ‘efeito’ (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma ‘necessidade’ ou ‘tenha um uso’, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que ‘tem um efeito’, influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas” (HALL,2003,p.390).

Os meios de comunicação de massa podem ser analisados como estruturas mediadoras de grande alcance que oferecem, através das suas narrativas, recursos para a interpretação da realidade, a construção de identidades e a produção de memórias.

Para Hall (2016), a realidade é uma construção social que encontra nos meios de comunicação um espaço para ampla disseminação. Neste sentido, ele aponta a existência de relações de poder nas representações feitas pela mídia.

O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma

coisa de certa maneira - dentro de determinado "regime de representação" (HALL, 2016, p.193).

Hall (2016, p.197) refere-se, portanto, ao chamado poder simbólico que, segundo ele, opera em condições desiguais, embora a sua circularidade seja “especialmente importante no contexto da representação”.

Na visão de Douglas Kellner (2001), os meios de comunicação de massa foram responsáveis por criar uma “cultura midiática”, definida pelo autor como um território de disputa por poder simbólico entre os grupos sociais.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de "nós" e "eles" (KELLNER, 2001, p.9).

Dessa forma, é possível afirmar que há uma narrativa oficial, reverberada pelos meios de comunicação, que é incapaz de contemplar a realidade social em sua totalidade e pluralidade. Como os diferentes grupos sociais não encontram as mesmas condições para a projeção de suas próprias narrativas (PERLATTO, 2022), ocorre o silenciamento de uma parcela da sociedade. As desigualdades são observadas, sobretudo, por um viés de raça, gênero, sexualidade, etnia e classe social.

Gottschalk (2019) define o silenciamento epistêmico como o impedimento de que emissores realizem asserções com sucesso, condição considerada essencial para a produção e a disseminação de conhecimento testemunhal. O impedimento é realizado em determinados contextos sociais que excluem o direito à expressão, à compreensão e à contestação desses indivíduos.

Para Hall (2016), a ausência de representação equivale à opressão existencial. A desigualdade contribui para a exclusão, o que impacta diretamente na compreensão do indivíduo sobre o mundo, em relação a si mesmo e aos outros. Além disso, também interfere nos registros que são criados para a posteridade sobre a história, as tradições, o modo de vida e os demais aspectos culturais da sociedade, perpetuando o silenciamento de determinados grupos.

2.3 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

A construção da identidade está associada a três diferentes aspectos. Kathryn Woodward aborda o lado social, afirmando que há o vínculo com as condições materiais. Silva enfatiza o aspecto discursivo, mostrando como a linguagem é usada no processo. Já Hall apresenta o lado cognitivo da interiorização dos discursos recebidos (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000).

A identidade é uma ideia afirmativa sobre o que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou homossexual", "sou jovem", "sou homem". No entanto, ela não é meramente definida. Por ser produzida dentro de um contexto de relações culturais e sociais, está sujeita às relações de poder. Logo, a identidade é considerada um objeto de disputa (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000, p,74).

As relações de poder em torno da identidade são as mesmas apresentadas por Hall (2016) no tocante à representação. Silva (2000, p.91) explica que "quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade."

[...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo [...] é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder" (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000, p. 96-97).

Portanto, quando a identidade é contestada, há também o questionamento dos sistemas de representação. Os meios de comunicação integram o sistema e contribuem para o processo de formação das identidades.

Tal qual a identidade, a concepção de diferença também acontece no campo das relações sociais e culturais, através da linguagem, e depende dos sistemas de representação. A diferença pode ser compreendida em oposição à identidade, ou seja, trata daquilo que não se é.

[...] a diferença é aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual" "ela é velha" "ela é mulher". [...] Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000, p.74-75).

A partir dos conceitos de identidade e diferença, os indivíduos reconhecem o "eu" e o "outro" e classificam os demais como "nós" e "eles". A classificação provoca uma hierarquização na medida em que atribui valores.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. [...] Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000, p.83).

A existência de grupos historicamente silenciados pela sociedade afeta diretamente a produção de identidades e os lugares que elas ocupam no processo de hierarquização. Sem a projeção de suas próprias narrativas não há representação, o que tende a colocar essas identidades numa posição oposta à identidade "natural".

Woodward afirma que só é possível compreender os significados envolvidos nos sistemas de representação quando há o entendimento sobre quais são as "posições-de-sujeito" produzidas por eles e como cada indivíduo / grupo é situado dentro de tal lógica.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000, p.18).

Para Woodward, os sistemas simbólicos de representação oferecem novas formas para a exclusão de grupos estigmatizados. Dessa forma, as discussões sobre identidades são relevantes para a contestação do sistema e a possibilidade de emergência de novas posições e identidades.

Assim como as representações não constituem um campo estático, as identidades também podem ser deslocadas. Segundo Hall (2006), o processo de deslocamento foi observado no final do século XX e segue em curso.

Para Hall (2006, p.7), trata-se de uma consequência da globalização, fenômeno responsável por fragmentar classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Antes, estes aspectos possuíam uma localização sólida na compreensão da sociedade. "As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado."

As identidades são forjadas no campo relacional e discursivo e, por isso, os impactos da globalização nos processos comunicacionais tendem a interferir diretamente nas noções de “eu” / “nós” e “outros” /” eles”. “O deslocamento tem características positivas, desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos” (HALL, 2006, p.18).

A movimentação, chamada por Hall de “crise de identidade”, é analisada por Woodward como consequência das mudanças observadas no contexto social.

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas da afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000, p.35).

De acordo com Hall (2006, p.87), a globalização tem a capacidade de criar um efeito pluralizante. Neste sentido, ela pode tornar as identidades “mais posicionais, políticas e diversas”. O autor identifica que entre os impactos da quebra de barreiras geográficas e do aumento do intercâmbio informacional entre as nações está a tendência dialética de homogeneização global e maior interesse pelo local. Dessa forma, ao mesmo tempo em que as sociedades caminham para a construção de uma cultura globalizada, há também um fascínio pela alteridade.

Observamos, assim, um movimento que abre espaço para a emergência de “novas” vozes que, na verdade, sempre estiveram presentes na sociedade como as “outras” vozes e por isso foram historicamente silenciadas. No recorte de gênero, sexualidade, raça, etnia, religião e classe social, trata-se das vozes de mulheres, membros da comunidade LGBTQIAPN+, pessoas não brancas, imigrantes, praticantes de crenças religiosas fora do espectro do cristianismo e quem está na base ou à margem da pirâmide social.

2.4 MEMÓRIAS: LUGARES E HIERARQUIAS

Durante o século XX houve uma maior valorização dos estudos sobre a memória, que tornou-se “uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSSSEN, 2000, p.9). Num período marcado por acontecimentos traumáticos, como duas grandes guerras, o Holocausto e as ditaduras da América Latina, a produção memorialística se intensificou como forma de lembrar a História e evitar o esquecimento da sociedade, numa tentativa de impedir a repetição das atrocidades vividas.

De acordo com Beatriz Sarlo (2007, p.45-47), na década de 1980, a Europa começou a “escrever um novo capítulo, decisivo, sobre o Holocausto” através de obras que traziam o testemunho dos tempos de horror, como os textos de Primo Levi³. Quando acabaram as ditaduras no sul da América Latina, “lembrar foi uma atividade de restauração dos laços sociais e comunitários”. Assim, ela define a memória como “um bem comum, um dever (como se disse no caso europeu) e uma necessidade jurídica, moral e política.”

Podemos afirmar que a memória reúne os aspectos social, político e cultural, o que a torna não só um mecanismo de rememoração do passado, mas também de construção da História no momento presente. Além disso, a materialização dos registros criados permite o acesso futuro, o que promove a sua longevidade. As temporalidades da memória destacam a sua relevância para a sociedade.

Há uma relação intrínseca de retroalimentação entre a memória e os meios de comunicação de massa. A primeira abastece a agenda do jornalismo com datas de acontecimentos históricos e funciona como “matéria-prima” para diferentes produtos culturais. Em contrapartida, a cultura midiática é responsável por fortalecer a rememoração, contribuindo para a materialização e a longevidade dos registros. “A mídia tanto pode ser um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida)” (FRANÇA, 2012, p.16).

E é por conta do suporte oferecido à produção memorialística que os meios de comunicação podem ser considerados como “lugares de memória”, mecanismos de suporte que garantem a permanência de registros, impedindo que sejam esquecidos e perdidos no tempo (NORA, 1993).

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993,12).

³ Escritor italiano (1919-1987) de origem judia que sobreviveu ao Holocausto. Escreveu obras sobre as memórias do tempo em que foi preso no campo de concentração de Auschwitz.

Diferentes autores atribuem aos meios de comunicação de massa um papel de lugar de memória. Barbosa (2019b, p.34) analisa que os meios de comunicação assumem posições estratégicas no processo de reconstrução histórica, que é feito com recursos da memória. “A mídia produz narrativas como arquivos da e para a história”. Por conta desta percepção, a autora confere aos jornalistas a alcunha de “senhores da memória”. Andreas Huyssen (2000) não só reconhece o papel dos meios de comunicação na rememoração coletiva, como aponta o que chama de “excesso de memória”, afirmando que ela se tornou uma "obsessão" diante de um “terror do esquecimento”.

Marcos Palacios (2010, p.39) defende a aplicação do conceito de lugar de memória para a atividade jornalística, uma vez que ela é produtora de “repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica”.

O jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento do rádio, da televisão e da web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24 x 7 (PALÁCIOS, 2010, p. 39).

Itala Maduell (2015) afirma que o jornal impresso pode ser considerado como lugar de memória, uma vez que articula os três sentidos explicitados por Nora (1993) para a conceituação:

[...] material, tratando-se de um produto cultural, disponível para consulta em bibliotecas e bancos de dados; funcional, por seu caráter de prestação de serviços e informação; e, por último, pelo que representa no imaginário social: “Só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (MADUELL,2015,p.34).

No aprofundamento dos estudos sobre memória, Maurice Halbwachs (1990) conceitua três diferentes tipos. A *memória individual* refere-se à identidade pessoal do sujeito. Considerando que todos nós pertencemos a diferentes grupos, ela também é parte da chamada *memória coletiva*. O termo é cunhado pelo autor para definir o processo de reconstrução do passado de um determinado grupo. Por fim, apresenta o conceito de *memória social* como aquela que pertence à sociedade, sendo uma junção da individual com a coletiva.

Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta construção se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontrem tanto em nosso

espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 1990, p.34).

Michael Pollak (1989) elenca os pilares responsáveis por ancorar a memória: (1) os acontecimentos vividos individualmente ou pelo grupo ao qual o indivíduo pertence; (2) os lugares onde ocorreram as lembranças e (3) as pessoas que integram o contexto rememorado. Para ele, o fato de as memórias apresentarem características subjetivas, imprecisões ou serem apenas um recorte da experiência vivida, o que denomina como “enquadramento de memória”, não invalida a sua relevância histórica e social, observada, sobretudo, na humanização e no compartilhamento das experiências vividas.

[...] variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados (POLLAK, 1989, p.13).

A memória social pode ser considerada um objeto que está em constante disputa. Tal embate é construído a partir da seletividade que determina quais memórias serão evidenciadas e quais serão silenciadas. É considerando que há desigualdades na construção memorialística, que Perlatto (2022) apresenta a reflexão:

(...) proponho aqui questionar de que maneira classe, raça, gênero e sexualidade resultam em condições desiguais nos processos de construção e de circulação das memórias em uma determinada sociedade. [...] Essas hierarquias são construídas e naturalizadas, na medida em que a posição política e social mais privilegiada de determinados “memory entrepreneurs” tem influência direta sobre suas condições de circularem suas memórias na esfera pública (PERLATTO, 2022, p.82).

Ao analisar os discursos de memória das vítimas de passados autoritários representados em produtos da indústria cultural, como filmes, documentários e literatura, o pesquisador identifica que os registros representam determinados grupos sociais, mas secundarizam outros.

É importante destacar que a reflexão aqui proposta não busca reduzir os horrores das violências e das práticas de repressão que atingiram setores da classe média, brancos e cisgênero que foram vítimas da ditadura militar, nem procura reduzir a importância de suas lutas e reivindicações. As trajetórias desses sujeitos merecem ser narradas, lembradas e valorizadas. O que se busca aqui é, a partir da categoria de “hierarquias de memórias”,

problematizar a generalização e a homogeneização da categoria de vítimas nas representações hegemônicas da indústria cultural, ampliando e tornando mais complexas e multifacetadas as narrativas sobre os regimes autoritários, de modo geral, e sobre a ditadura militar brasileira, em particular. Trazer para o centro da reflexão o conceito de “hierarquias das memórias” permite tanto pensar sobre as desigualdades existentes nos processos de produção e de circulação das memórias na esfera pública, quanto refletir sobre as potencialidades das memórias como vetores importantes de mudança social e ampliação da agenda dos direitos humanos em uma perspectiva mais plural, inclusiva e democrática (PERLATTO, 2022, p.79).

Pollak (1989) propõe que as “memórias subterrâneas”, referentes aos grupos marginalizados e excluídos, sejam objetos de pesquisa, pois só assim é possível realizar o contraponto à chamada memória oficial.

Concluimos que a comunicação, as identidades e a memória são objetos que sofrem diretamente a influência das relações de poder e, por isso, estão em permanente disputa. Neste embate, a ausência de representação de determinados grupos sociais resulta no silenciamento ou, como Hall (2016) afirma, na opressão de existência.

No entanto, os sistemas de representação não são estáticos. E, no final do século XX, acompanhamos uma mudança de paradigmas que busca reivindicar o espaço para essas vozes. A globalização e o desenvolvimento tecnológico contribuíram para uma nova perspectiva. Por isso, cabe à sociedade pensar caminhos para a construção de identidades, representações e memórias mais diversificadas. Nesse âmbito, os meios de comunicação assumem uma função importante, uma vez que são responsáveis por propagar discursos que serão apreendidos pela sociedade.

2.5 O PAPEL DO JORNALISMO NA (RE)PRODUÇÃO DE NARRATIVAS

A narrativa é o principal produto do jornalismo. Em diálogo com os estudos de Berger e Luckmann (2004), é possível afirmar que a atividade jornalística integra as estruturas mediadoras que reproduzem discursos para a vida cotidiana, contribuindo, assim, como uma espécie de “lente” usada para a sociedade enxergar o mundo e interpretar a realidade.

Dessa forma, embora não seja a realidade em si, o conteúdo jornalístico oferece uma interpretação legítima sobre ela, ancorada em fatos. No entanto, é válido ressaltar que a realidade é muito mais plural e complexa do que pode constar nas páginas do jornal ou nas imagens da TV.

A informação jornalística também contribui para alimentar os sistemas de representação e o processo de construção de identidades e alteridades. Após a divulgação das informações, o público as usa, em alguma medida, para a formação de opiniões sobre lugares, pessoas e acontecimentos. Esta interpretação contribui para o reconhecimento de “o que eu sou” e “o que o outro é”.

Como afirma Palacios (2010), o jornalismo também pode ser compreendido como lugar de memória, interferindo diretamente nos registros que poderão ser acessados futuramente por pesquisadores, historiadores e demais interessados em fazer o resgate histórico de uma época, um acontecimento ou do modo de vida em uma determinada comunidade.

A prática jornalística tem a possibilidade de evidenciar narrativas e, também, silenciar muitas outras. As normas para selecionar o que é ou não noticiável e, sobretudo, quem pode ou não ser porta-voz da informação implicam o risco de reprodução de uma narrativa única sobre a sociedade, que privilegia o discurso de grupos dominantes.

É compreensível que tais normas sejam necessárias para atender a dinâmica operacional da atividade em termos de produção, prazo e credibilidade da apuração. Mas entender que o processo deixa lacunas quanto à representação e à memória contribuem para fomentar o pensamento sobre formas complementares de se pensar e fazer jornalismo.

Desde a década de 1980, Cremilda Medina já apontava a necessidade de “apurações e narrativas dialógicas” para que o jornalismo pudesse praticar de forma efetiva “um discurso polifônico”, como revela Rafael Winch (2018, p.56) em estudo sobre a jornalista e pesquisadora. Reconhecendo que o ato de narrar tem como propósito reproduzir simbolicamente a realidade, ela afirma que o jornalista exerce um papel de mediador simbólico.

Para Medina, a função do jornalista não perdeu a relevância diante das muitas transformações ocorridas no cenário da comunicação ao longo do tempo. Pelo contrário, mostra-se ainda mais “a necessidade de um mediador que articule significados e dê conta da regência de vozes numa sociedade cada vez mais complexa em termos de demandas individuais e coletivas” (WINCH, 2018, p.98). Além de mediador simbólico, o jornalista é descrito como um profissional “investido de um papel social específico: estabelecer pontos na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, segmentos culturais e faixas etárias” (WINCH, 2018, p.95).

Para Moraes (2022), historicamente, o jornalismo tem compactuado com a segregação observada na sociedade ao reproduzir narrativas hegemônicas que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros.

[...] essa imprensa (formada por elites políticas e intelectuais, frequentemente ex-escravagistas) tentava talhar um novo país, branco e "civilizado", enquanto omitia as imagens de pessoas que até recentemente haviam sido escravizadas.[...] A naturalização das diferenças, transformadas em desigualdades, foi bem assimilada pelas instituições no pós-escravidão, e a imprensa surgiu ali não só como meio de vocalização de ideias, mas como endosso a uma nova ordem na qual era preciso superar o pensamento e o comportamento vistos como selvagens e brutos das populações não brancas (MORAES, 2022, p.17).

Em meio ao contexto de transformações vividas pela comunicação ao longo do tempo, o jornalismo sempre precisou se reinventar. Inicialmente realizada por intelectuais de outras áreas, a atividade passou por um processo de profissionalização, o que levou à criação de escolas de jornalismo, ao fortalecimento dos jornalistas enquanto categoria e às mudanças editoriais, como a que promoveu a separação entre os conteúdos de opinião e as notícias.

A concepção de notícia foi norteadada pelo conceito de acontecimento e por critérios de noticiabilidade, seguidos até hoje pelas redações. As etapas de produção do jornalismo para a transformação do acontecimento em notícia são explicadas por Muniz Sodré (2009):

A notícia constitui-se como o relato (micronarrativo) de um acontecimento factual[...] Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da "cultura" jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa (SODRÉ, 2009, p.71).

Reconhecendo que o jornalismo precisa de tais critérios para ser validado como campo de conhecimento, Moraes (2022) propõe que os jornalistas trabalhem as perspectivas de objetividade e subjetividade no jornalismo a partir de questões de raça, gênero, classe e posições geográficas. Dessa forma, o profissional tem a responsabilidade de questionar os motivos pelos quais as normas para a produção jornalística não têm sido suficientes para "mostrar melhor mulheres, negros, indígenas, pobres e como os critérios de objetividade necessários ao jornalismo foram instrumentalizados em nome de projetos de poder" (MORAES, 2022, p.16). Para ela, este trabalho deve ser iniciado no momento de construção da pauta:

Toda pauta organiza e desorganiza visibilidades e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e deshierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos. Toda pauta é uma arma e, sendo assim, toda pauta também pode ser uma arma de combate: ela pode servir para ir de encontro a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo. É uma tecnologia à disposição de um agir (MORAES, 2022, p.19).

As mudanças observadas no final do século XX, a partir do processo de globalização, mostram a necessidade de, mais uma vez, o jornalismo se reinventar. Outras vozes emergem buscando o espaço que lhes foi historicamente negado. Compreendendo as contribuições do jornalismo para a interpretação da realidade e a construção de identidades e memórias, é necessário pensar caminhos que permitam uma produção mais plural, como já apontado por pesquisadoras como Medina e Moraes.

3 SUBJETIVIDADE NO JORNALISMO

A subjetividade pode ser percebida no jornalismo em diferentes circunstâncias que refletem as possibilidades de escolha do jornalista: forma e conteúdo do discurso, angulação da apuração, relação com a fonte, seleção de uma imagem, entre outras. Reconhecer essa presença é o primeiro passo para estudar a subjetividade como possibilidade para a ampliação da representatividade de grupos sociais nos jornais.

Neste capítulo, apresentamos uma breve contextualização sobre as mudanças ocorridas no jornalismo que acarretaram a maior ou menor valorização do viés subjetivo nas produções ao longo do tempo a fim de compreender como a objetividade tornou-se o norte do modelo informativo tradicional e quais as lacunas de representação deixadas no processo.

Em seguida, abordamos o conceito de acontecimento, segundo os estudos de Vera França e Suzana Lopes (2017), e a sua utilização para a elaboração do conteúdo noticioso pelos jornais. Apresentamos, então, a noção de desacontecimento, que integra os estudos mais recentes de Tayane Abib e Mauro Ventura (2021). A partir da análise da produção jornalística de Eliane Brum, os pesquisadores formularam a concepção de Jornalismo de Desacontecimentos. Com este aporte teórico, identificamos possíveis contrapontos aos critérios de noticiabilidade do modelo informativo tradicional.

Encerramos o capítulo com uma reflexão sobre gêneros jornalísticos, tendo como base os estudos de José Marques de Melo (2009) e Felipe Pena (2017), a fim de localizar o trabalho de Mauro Morais na coluna *Outras Ideias* nesse debate.

3.1 AS PERSPECTIVAS DA OBJETIVIDADE E DA SUBJETIVIDADE

Entende-se objetividade como uma característica do que é imparcial, impessoal e independente de opiniões individuais. Já a subjetividade é compreendida como o inverso, sendo inerente ao que é influenciado por experiências pessoais, emoções e convicções. Se na teoria os conceitos caminham em lados opostos, na prática jornalística a divisão não é tão bem demarcada. Historicamente, é possível observar que mesmo no momento em que a objetividade se sobrepõe como uma premissa fundamental para legitimar e conferir credibilidade ao jornalismo, a subjetividade se manteve presente nos processos de produção.

Para a compreensão do uso da objetividade e da subjetividade no jornalismo, este estudo propõe um breve histórico considerando o recorte temporal a partir do século XVIII, quando os

jornais já apresentavam características modernas como periodicidade, atualidade e publicidade (PENA, 2017). O intuito não é explicar a evolução da imprensa a partir de sua cronologia, como já fizeram diferentes pesquisadores⁴, mas apenas ilustrar como em determinados momentos houve maior ou menor valorização da subjetividade na produção jornalística.

No século XVIII, a atividade era realizada por intelectuais de outras áreas que produziam conteúdos de opinião, momento em que o jornalismo caminhava lado a lado com a literatura e, por muitas vezes, assumia um viés partidário. A ideia de objetividade surgiu no século XIX como critério para a mudança editorial que separaria os conteúdos informativos dos opinativos, criando uma alternativa ao jornalismo político-literário. O marco para esta transformação ocorreu em 1830, nos Estados Unidos, com a criação da *penny press*, expressão referente aos jornais vendidos pelo valor de um centavo. Os preços baixos tinham o intuito de conquistar a classe média, recém-alfabetizada, como público leitor.

O jornalismo feito pela *penny press* foi responsável por introduzir o conceito de objetividade na produção jornalística através de técnicas como o *lead* e a pirâmide invertida, que propõem a apresentação das informações mais importantes nas primeiras linhas do texto. Os fatos passaram a ser relatados com maior precisão e impessoalidade, uma tentativa de transparecer apartidarismo e evitar a perda de anunciantes. Os jornais transformaram-se em empresas de comunicação, nas quais a redação era separada dos demais departamentos e os jornalistas eram remunerados. Em 1880, a atividade conquistou o status de carreira profissional (BARSOTTI, 2021).

Visto como uma modernização da imprensa, o modelo de jornalismo estadunidense impôs regras para a redação do conteúdo noticioso que retiravam qualquer característica emotiva ou participativa do jornalista. Na tentativa de assegurar a impessoalidade, os textos deveriam ser elaborados de forma direta, sem metáforas, com o verbo no indicativo e o uso obrigatório da terceira pessoa. Adjetivos, pontos de exclamação e reticências foram abolidos (RIBEIRO, 2003).

A objetividade jornalística não se restringiu à escrita. A postura do jornalista também passou a ser norteada pelo conceito e, por isso, deveria demonstrar imparcialidade e neutralidade. Ainda no século XIX, foi criada a Teoria do Espelho, que afirma que o jornalismo

⁴ Entre os teóricos que propuseram um estudo da imprensa a partir de sua cronologia estão o francês Bernard Miège, que apresentou uma divisão entre imprensa de opinião, imprensa comercial, mídia de massa e comunicação generalizada, e o brasileiro Ciro Marcondes Filho, que fez uma análise em cinco fases: pré-história do jornalismo (1631-1739), primeiro jornalismo (1789-1830), segundo jornalismo (1830-1900), terceiro jornalismo (1900-1960) e quarto jornalismo (a partir de 1960).

é um reflexo da realidade e, portanto, não cabe ao jornalista nenhum tipo de inferência sobre os fatos. Hoje ela integra apenas os estudos teóricos da comunicação.

David (2015, p.2) analisa a existência de um vínculo entre o discurso da objetividade proposta no século XIX com as necessidades do mercado. “Com a transformação do jornalismo em um negócio e do jornal em empresa, o lucro passou a ser a principal preocupação.” O modelo de textos curtos adotado por agências de notícias permitia atender um número maior de jornais e leitores. O uso do *lead* e da pirâmide invertida eram estratégias capazes de suprir falhas técnicas dos telégrafos e, também, facilitar o corte de conteúdos para a inserção de anúncios.

As transformações ocorridas nos jornais impressos foram, posteriormente, assimiladas pelo rádio e pela TV. A objetividade passou a ser uma condição para o jornalismo profissional e de qualidade. No entanto, as etapas de produção sempre foram permeadas por subjetividade. A seleção de quais acontecimentos se tornam pautas do jornal e quais são excluídos do noticiário, a angulação da apuração, a escolha dos entrevistados, a definição da imagem que ilustra a matéria e os cortes feitos na edição do material bruto são exemplos de processos subjetivos.

O questionamento da objetividade jornalística acontece no século XX, tendo início também nos Estados Unidos, com o movimento conhecido como *New Journalism*. Na década de 1960, num contexto de efervescência da contracultura, há a valorização de uma escrita subjetiva como forma de narrar os fatos com maior profundidade, trazendo à tona a dimensão da experiência e uma estética semelhante à literatura. Eduardo Ritter (2018) compara que, assim como os jovens questionaram a cultura estadunidense naquele momento de muitas transformações sociais, os jornalistas passaram a questionar a falta de profundidade das notícias veiculadas pela imprensa. Tom Wolf, Gay Talese e Truman Capote são alguns dos expoentes do movimento.

Na década seguinte, em 1970, outra tradição ganhou força e também se opôs à objetividade: o jornalismo investigativo. Um dos seus principais marcos históricos foi a série de reportagens dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein sobre o caso *Watergate* para o *The Washington Post*. A investigação jornalística contribuiu para desvendar o esquema de corrupção que levou à renúncia do presidente Richard Nixon, em 1974.

No jornalismo investigativo, a oposição à objetividade está, sobretudo, na postura do jornalista. Como explicam Dirceu Lopes e José Luiz Proença (2003, p.15), o profissional atua diretamente nos acontecimentos, muitas vezes, os antecipando com o intuito de denunciar injustiças, desigualdades, fraudes, corrupção e informações ocultas pelo poder público. Dessa

forma, o jornalista “é quem dá os passos necessários para a obtenção dos dados que necessita”, assim, ele é responsável por buscar, analisar, comparar e não apenas ser “um mero receptor”.

No Brasil, também foram observados momentos em que a subjetividade se sobrepôs à objetividade e vice-versa. Após a implantação da imprensa brasileira, em 1808, há a supremacia do jornalismo como representante do discurso oficial do poder público. Alguns anos mais tarde, em 1827, a criação dos jornais impressos *Aurora Fluminense* e *Jornal do Commercio* marcou o período em que o discurso político serviu de base para o conteúdo editorial da produção feita no país (BARBOSA, 2009).

A prática jornalística nacional também caminhou muito próxima à literatura. Grandes nomes da área escreveram para jornais, como Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha, Raul Pompeia e Visconde de Taunay (PENA, 2017). Somente no século XX ocorreu a consolidação dos jornais como empresas de comunicação. No entanto, diferente do que foi observado no exterior, a atividade ainda era exercida por literatos, e os impressos continuavam servindo aos interesses políticos.

Os periódicos brasileiros seguiam então o modelo francês de jornalismo, cuja técnica de escrita era bastante próxima da literária. Os gêneros mais valorizados eram aqueles mais livres e opinativos, como a crônica, o artigo polêmico e o de fundo. Os jornais, além disso, funcionavam como uma instância fundamental de divulgação da obra literária e de construção de reconhecimento social dos escritores. Era, sobretudo, através do folhetim que os leitores tomavam conta com os autores e seus trabalhos. Por outro lado, eram também muito estreitas as relações do jornalismo com a política. Até a década de 1940, a maioria dos diários era ainda essencialmente instrumento político. Pequenos em termos de tiragem e de recursos econômicos, os jornais eram acima de tudo porta-vozes do Estado ou de grupos políticos que os financiavam em parte ou na totalidade. A imprensa era ainda essencialmente de opinião e a linguagem da maioria dos jornais era em geral agressiva e virulenta, marcada que estava pela paixão dos debates e das polêmicas (RIBEIRO, 2003, p.148).

Na década de 1950, há a mudança do jornalismo político-literário para o informativo, que privilegia a objetividade e a imparcialidade, seguindo os moldes estadunidenses. “A imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente” (RIBEIRO, 2003, p.148).

Além das técnicas de escrita que originaram manuais - presentes até hoje nas redações - e da postura imparcial dos jornalistas, a objetividade também foi responsável por implantar inovações gráficas. Houve a padronização de manchetes, títulos e a incorporação de recursos editoriais, até então, utilizados em revistas como subtítulos, entretítulos e boxes. A ordenação

do material de forma objetiva era não só um valor estético, mas uma estratégia para atrair os leitores. “Foi nesse momento que nasceu o conceito de primeira página como vitrine, como uma espécie de "cardápio atraente" de tudo o que estava no interior do jornal” (RIBEIRO, 2003, p.151).

O Brasil também experimentou as influências do *New Journalism* na produção jornalística. Pesquisadores da área apontam a revista *Realidade*, criada em 1966, como pioneira no país. Para José Salvador Faro (1997), a conjuntura político-cultural da década de 1960, marcada pela diversidade de movimentos que caracterizaram o período, desafiou a linguagem jornalística ao evidenciar o reducionismo da objetividade para a compreensão de uma realidade complexa e multifacetada.

[...] ainda que o surgimento de *Realidade* responda a causas encontradas no desenvolvimento da própria imprensa brasileira e na evolução do nível de realismo crítico provocado pela conjuntura político-cultural que absorve a intelectualidade em meados dos anos 60, o entendimento do código proposto pelo new journalism é fundamental para que se compreenda toda a abrangência de sua proposta editorial. A narrativa da grande reportagem no jornalismo brasileiro surgiu alterada e inovadora com a revista (FARO, 1997, p.19-20).

Apesar dos questionamentos, a objetividade se manteve como preceito de legitimidade e credibilidade do jornalismo. Assim, o modelo informativo tradicional criado a partir dela passou a coexistir com outros gêneros e formatos que exploram elementos subjetivos de forma declarada e transparente.

Na segunda metade do século XX, a valorização da memória, observada no mundo ocidental, revelou uma maior apreciação da subjetividade. Sarlo (2007) identifica como um momento em que os discursos em primeira pessoa são incorporados na indústria cultural e nos estudos das ciências humanas. De um lado, o mercado editorial passou a oferecer uma vasta produção de autobiografias, biografias, histórias de vida, entrevistas e memórias. Do outro, os testemunhos pessoais foram incorporados às pesquisas. O fenômeno é denominado por ela como *guinada subjetiva*.

Tomando-se em conjunto essas inovações, a atual tendência acadêmica e do mercado de bens simbólicos que se propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente, não são surpreendentes. São passos de um programa que torna explícito, porque há condições ideológicas que o sustentam. Contemporânea do que se chamou nos anos 1970 e 1980 de ‘guinada

linguística’ ou muitas vezes acompanhado-a como sua sombra, impôs a guinada subjetiva (SARLO, 2007, p.18).

O jornalismo se insere neste contexto e, portanto, é influenciado por ele. Assim, chegamos ao século XXI com uma “reorganização discursiva”, como aponta Thomé (2021), originada por demandas de um cenário complexo: além da guinada subjetiva, a prática jornalística foi atravessada pelas transformações tecnológicas e pela descrença nas instituições.

Com a popularização da internet e das novas tecnologias, o jornalismo perdeu a exclusividade de informar. No momento em que o público não só consome, mas também tem a possibilidade de produzir e compartilhar conteúdos, tornou-se necessário buscar estratégias que promovam a aproximação e reforcem a importância do papel do jornalismo na sociedade. A subjetividade passa a ser usada com este propósito, “contrapondo-se ao relato pretensamente objetivo e considerado isento, que solapa qualquer manifestação pessoal dos jornalistas, mas que já foi, em outro momento, garantia de veracidade” (THOMÉ, 2021, p.2). Elementos subjetivos, como as narrativas em primeira pessoa e a exposição das emoções dos jornalistas, são incorporados de forma intencional. “Até então cabíveis apenas em outros formatos, como nos quadros de crônicas e nas colunas de opinião, deslizam para fora desses espaços e chegam às reportagens” (THOMÉ, 2021, p.5).

Ao pesquisar a presença de “estratégias de subjetivação” na produção audiovisual brasileira, a partir da experiência do *Jornal Nacional* no período da Covid-19, Thomé (2021) avalia que os recursos têm sido usados também por outros meios:

No telejornalismo, a inclusão de emoção e testemunho como estratégias editoriais vem na esteira de uma reconfiguração narrativa em andamento desde antes da pandemia, que contraria os antigos manuais ao deixar a pretensa isenção jornalística como elemento secundário diante de fatos que abrem espaço para interpretações e posicionamentos. Cabe ressaltar que essa estratégia é presente no jornalismo como um todo, notadamente no rádio por meio das falas de apresentadores e âncoras, e nos jornais e revistas impressos e digitais, nos conteúdos opinativos premium para os assinantes. Na pandemia, tais ações se tornaram mais frequentes (THOMÉ, 2021, p.12).

Para Barsotti (2021, p.2), os questionamentos sobre a objetividade jornalística iniciados no século XX se intensificaram no século XXI e tornaram-se mais evidentes com a pandemia da Covid-19. Ela avalia que, no passado, a objetividade contribuiu para consolidar as práticas jornalísticas, mas atualmente revela-se “limitante como ferramenta para o jornalismo traduzir e interpretar a realidade.”

David (2015, p.10) considera que os excessos devem ser evitados. “A exploração da emoção ao extremo, também conhecida como uma forma sensacionalista de fazer jornalismo,

é um dos fatores que causa revolta e indignação, reforçando o pedido público por uma imprensa mais objetiva.”

Para Moraes (2022), a objetividade funcionou como argumento para que o jornalismo reproduzisse uma narrativa chamada de oficial, desenvolvida a partir das desigualdades e silenciamentos observados na sociedade. Por outro lado, ela argumenta que a subjetividade não deve ser pensada apenas no âmbito individual, sobre como o jornalista se sente e expressa numa matéria, mas sim no coletivo. A autora lamenta que, durante décadas, o debate sobre as perspectivas de objetividade e subjetividade no jornalismo não tenha se aprofundado considerando raça, gênero, classe e questões geográficas.

[...] realizo uma crítica não a uma objetividade necessária em procedimentos básicos para a feitura da notícia: essa continua a ser um valor cognitivo fundamental para o jornalismo. Minha proposta é pensar a objetividade assentada em uma racionalidade que se coloca como universalista, construída sobre ideais humanistas radicalizados, generificados, sobre uma racionalidade que construiu um "normal" e um "Outro" (MORAES, 2022, p.15).

A autora propõe pensar o jornalismo como uma prática reflexiva que ajude a "(re)construir cidadanias precarizadas, representações miúdas, violências consentidas”, de forma a reconhecer “a densidade da vida e os limites de uma democracia que jamais deu conta de populações imensas, como as de pessoas negras e as indígenas, em um país que pouco combateu a pobreza, mas muito combateu o pobre" (MORAES, 2022, p.18).

Esta pesquisa pretende contribuir para a construção desse debate e, para isso, é necessário identificar como ponto de partida o reconhecimento da coexistência da objetividade e da subjetividade no jornalismo atual. A primeira se manifesta através do uso de valores-notícia para a seleção dos acontecimentos que serão noticiados; do *lead* e da pirâmide invertida para a construção de notícias factuais; da reprodução do discurso de fontes oficiais para o esclarecimento dos fatos; da ideia de imparcialidade do jornalista ao “ouvir os dois lados” de uma situação; da ordenação da primeira capa do jornal impresso como uma espécie de vitrine para atrair os leitores; entre outros exemplos.

A subjetividade se faz presente em diferentes formas e contextos. Trata-se de uma característica essencial a determinados gêneros e formatos, como veremos adiante, mas que também pode se manifestar através das escolhas e da postura do jornalista. Dessa forma, mesmo na construção do jornalismo pautado pela objetividade, ela está presente.

Reconhecer essa presença é essencial para humanizar o profissional jornalista. Afinal, entre tomar conhecimento dos fatos e reportá-los ao público, há uma etapa subjetiva de

apreensão das informações e reação de afetação. Assim, é necessário pensar no jornalista como um mediador e não como um espelho que reflete a realidade tal qual ela é.

Embora o jornalismo tenha criado sobreposições entre objetividade e subjetividade ao longo de sua história, o interesse desta pesquisa é pelo reconhecimento da coexistência de ambas perspectivas a fim de propor possibilidades de construções jornalísticas complementares que sejam mais plurais e representativas.

3.2 OS CONCEITOS DE ACONTECIMENTO E DESACONTECIMENTO

Para dar continuidade às reflexões propostas neste capítulo, é necessária uma abordagem sobre outra dicotomia presente no jornalismo: os conceitos de acontecimento e desacontecimento. O primeiro foi objeto de estudo de diferentes áreas das ciências humanas. França e Lopes (2017) realizam uma síntese sobre as perspectivas do acontecimento na História, a partir do trabalho de Koselleck; na Filosofia, considerando as contribuições de Arendt, Ricoeur e Foucault; na Comunicação através dos estudos de Charaudeau, Mouillaud e Meditsch; e na Sociologia, por meio da abordagem feita por Quéré. Já o conceito de desacontecimento tem motivado estudos mais recentes de pesquisadores brasileiros, como Abib e Ventura, a partir da produção jornalística de Eliane Brum.

Para França (2012, p.13), o acontecimento é um “conceito espesso” e, por isso, uma “importante ferramenta de conhecimento”. Nesta pesquisa, iremos utilizar a abordagem da autora no que concerne ao uso do conceito pelo jornalismo, a partir do qual foi desenvolvida uma categorização de relevância para definir o que é ou não noticiável, e pela Sociologia, que trabalha a ideia do acontecimento sob um viés pragmático.

Destacando a importância dos estudos sobre o acontecimento em cada uma das áreas mencionadas, França e Lopes (2017) analisam que o trabalho desenvolvido no campo da Sociologia considera a dimensão existencial do acontecimento, não restringindo o tratamento do objeto aos estudos de linguagem ou do pensamento humano. “Há, na perspectiva defendida por Quéré, uma inversão em relação às anteriormente citadas, o que, para nós, confere um poder hermenêutico mais promissor para o conceito” (FRANÇA; LOPES, 2017, p.75).

Defendendo que os acontecimentos estão inseridos na experiência humana, França (2012) pontua que eles não são independentes ou autoexplicativos, na verdade, são fatos que acontecem a alguém e têm a capacidade de promoverem uma afetação individual ou coletiva. Têm como principal característica o rompimento da rotina, do que é esperado, de uma ideia de

normalidade e, por isso, são responsáveis por desorganizar o presente e provocar questionamentos.

O acontecimento nos faz igualmente olhar, pensar e planejar o futuro. Quando ele rompe uma sequência e quebra as expectativas, uma interrogação e um vazio se colocam – e agora? Ele faz repensar alternativas e desdobramentos, torna necessário inventar saídas e formas de retomar a “normalidade”. Nesse sentido, o acontecimento faz agir. [...] E tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e re-posicionam o futuro (FRANÇA, 2012, p.13-14)

Diante do conceito de acontecimento fundamentado nos estudos de Quéré, França e Lopes (2017) apontam outra especificidade: a possibilidade de sua transformação em objeto simbólico. Isso ocorre quando os acontecimentos são usados para a construção de narrativas e, assim, passam a existir enquanto discurso e representação, adquirindo uma “segunda vida”.

A noção de acontecimento está intimamente ligada à concepção de notícia. França (2012) lembra que o jornalismo é construído a partir dos acontecimentos e, por isso, responsável por identificá-los no dia a dia e narrá-los ao público. No entanto, ressalva que há pesquisadores que apontam um processo contrário: um fato só se torna acontecimento depois de transformado em notícia. Para a autora, a mídia tem a capacidade de conferir duas vidas ao acontecimento: a primeira quando o produz e a segunda, no momento em que o repercute.

Independente da visão sobre o acontecimento originar ou ser originário da notícia, há o entendimento de uma relação intrínseca entre ambos, validada por uma hierarquização realizada a partir de critérios que definem a maior ou a menor importância dos fatos, os chamados valores-notícia. Diferentes autores apontam quais seriam eles. Nilson Lage (2001) enumera seis: proximidade, atualidade, identificação, intensidade, ineditismo e oportunidade. Nelson Traquina (2008) elenca nove: proximidade, novidade, relevância, notabilidade, morte, notoriedade do ator, tempo, inesperado, conflito ou controvérsia.

Os exemplos mostram que, embora os valores-notícia não sejam estruturas totalmente fixas, há pouca variação, o que contribui para a padronização do trabalho jornalístico. Os valores-notícia são responsáveis por tipificar os fatos de forma a criar uma roteirização para a etapa de selecionar o que será noticiado. O uso desses critérios é essencial para a objetividade jornalística, embasada em manuais e rotinas preestabelecidas sob o intuito de demonstrar imparcialidade.

O que chamamos de acontecimento jornalístico é um fato marcado mais determinado para o sistema da informação pública do que outros existentes, tidos como não-marcados para a formação de um conhecimento sobre a cotidianidade urbana. A marcação define a noticiabilidade de um fato por

critérios, concebidos como valores adequados ao acontecimento: os valores-notícia (news values). Estes se constituem como tais, não por serem únicos, incomparáveis ou irrepetíveis, mas por determinarem singularmente categorias de organização ou controle dos fluxos (econômicos, sociais, políticos) que atuam no espaço urbano (SODRÉ, 2009, p.75).

A principal crítica ao uso dos valores-notícia é a reprodução da hierarquia social, na qual determinados grupos e lugares não são considerados importantes e, assim, não encontram o mesmo espaço para suas narrativas. Ventura e Abib (2021, p.659) ponderam que se o aparato noticioso “se estabelece através de negociações e operações seletivas bem acordadas na cultura profissional, é inevitável assumir que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão”. Nos últimos anos, os pesquisadores têm se debruçado sobre os estudos acerca do desacontecimento noticioso:

A expressividade do desacontecimento consiste justamente em inscrever uma chave de contraposição ao que se entende por acontecimento, ou por critérios de produção da notícia, e assim, lançar, no território das práticas, indicativos de que uma outra dinâmica é possível (VENTURA; ABIB, 2021, p.660).

Numa análise morfológica, o termo desacontecimento é o resultado de um processo de derivação do prefixo de negação *des* e da palavra acontecimento. Dessa forma, nos remete à ideia de oposição ao significado do substantivo. No contexto jornalístico, pode ser compreendido como uma proposta inversa ao modelo informativo tradicional. O termo foi utilizado por Eliane Brum para definir suas publicações para o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, no final da década de 1990:

A carne da minha reportagem são os “desacontecimentos”, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma repórter de desacontecimentos (BRUM, 2013, p.13).

O trabalho de Brum ganhou destaque no contexto da guinada subjetiva (Sarlo, 2007) e propôs uma inversão ao jornalismo tradicional, pautado em valores-notícia e na hierarquização de pessoas e lugares. No formato de crônicas, tipo de texto que permite explorar elementos subjetivos e realizar uma escrita com estética literária, a jornalista apresentou histórias de vida de pessoas anônimas, que estavam à margem das mídias e da sociedade. O processo de apuração foi feito por meio de entrevistas presenciais que permitiram uma espécie de imersão ao outro.

Eliane Brum rompeu com a produtividade da fonte prescrita pelo jornalismo industrial ao eleger para as suas matérias os indivíduos à margem da sociedade. Desde a história que contou dos velinhos da Praça da Alfândega, Eliane Brum forjou um modo de fazer jornalismo para dar voz a quem não tem voz. Com o passar do tempo, as redações foram ficando pequenas para isso; ela migrou para a internet, onde espaço não é problema. Nesse percurso, o ato de perguntar foi dando lugar à potência da escuta. Intuitivamente, na prática da reportagem, ela foi descobrindo que era assim que descobria alguma coisa nova, a partir da experiência do outro (MAROCCO, 2015, p.82).

Os textos publicados no jornal *Zero Hora* foram reunidos no livro *A Vida que Ninguém Vê*, publicado em 2006 e vencedor do Prêmio Jabuti em 2007. Na visão da jornalista, as histórias de vida permitem tornar cada Zé em um Ulisses, “não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma Odisseia” (BRUM, 2006, p.187). Dessa forma, houve o deslocamento do propósito de dar visibilidade aos acontecimentos que rompem com a rotina e a normalidade para mostrar o que é comum e cotidiano, acreditando que todo indivíduo tem uma história que merece ser contada.

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal (BRUM, 2006, p.187).

Na análise de Abib (2017, p.34), a produção jornalística de Brum propõe uma pausa ao ritmo acelerado imposto para as redações, que estão sempre em busca da notícia em primeira mão, para trazer luz às vivências do outro. Há, assim, o interesse em “ampliar o horizonte de compreensão acerca das relações e vozes que compõem a realidade social, de modo a configurar-se como uma narrativa de práticas humanas, capaz de resistir à objetivação dos fatos.”

Este processo é feito por meio de uma escuta sensível e acolhedora, na qual a jornalista mostra-se capaz de perceber não só o que é dito em palavras, mas também, através dos silêncios dos entrevistados. Dessa forma, a subjetividade permeia não só a escrita, mas também a apuração, através das motivações para a escolha dos entrevistados e da postura da profissional: empática, observadora e sensível às falas, aos gestos, aos olhares e aos elementos que compõem o cenário.

Compreendendo que trata-se de uma dinâmica com características próprias, a pesquisadora apresenta a concepção de Jornalismo de Desacontecimentos como “um universo

de práticas alternativas aos processos difundidos tradicionalmente”, que estabelece uma “ruptura ou provocação ao agendamento midiático, a partir da escolha jornalística, e também política, de contar os que estão à margem da sociedade, tornando-os protagonistas de suas narrativas” (ABIB, 2017, p.12).

Ventura e Abib (2021, p.669) justificam os estudos desenvolvidos acerca da noção de desacontecimento como forma de descortinar uma “dinâmica jornalística possível às narrativas contemporâneas”. Reconhecendo como “um escopo em permanente elucidação”, os pesquisadores propõem “a configuração de uma matriz jornalística que, sob a designação de Desacontecimento, conjuga um código de produção e um ethos noticioso à revelia dos critérios tradicionais que orientam a cultura profissional”. O interesse na proposição se dá por contribuições teóricas e práticas: “nosso campo profissional testemunha, em sua recente história, o trabalho de repórteres que, dos *fait divers* às crônicas sociais, fizeram das ruas e dos personagens anônimos os protagonistas de seus relatos.”

Assim, o Jornalismo de Desacontecimentos pode ser entendido como uma vertente da produção jornalística contemporânea e, como tal, pode ser objeto de estudo de pesquisadores e escopo para a prática profissional. Nesta pesquisa, o interesse pelo conceito se dá não só pelas semelhanças observadas entre os trabalhos de Eliane Brum para o jornal *Zero Hora* e de Mauro Morais para a *Tribuna de Minas*, mas também pelo fato de a prática se materializar como um jornalismo que privilegia a subjetividade e oferece contrapontos aos critérios de noticiabilidade usados pelo modelo informativo tradicional e objetivo, conforme ilustrado a seguir:

Quadro 1 – Contrapontos das produções jornalísticas

Modelo informativo tradicional	Jornalismo de desacontecimentos
Atualidade	Diferentes temporalidades
Notoriedade dos agentes	Pessoas anônimas
Relevância/ Impacto	Singularidade
Proximidade (geográfica / cultural)	Outro
Ineditismo / Novidade	Cotidiano
Acontecimento	Desacontecimento
Objetividade	Subjetividade

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A atualidade é um valor-notícia que remete à temporalidade do fato, quanto mais atual, mais próximo do momento em que ocorreu, maiores são as chances de noticiá-lo, de acordo com os manuais do modelo informativo tradicional. A narrativa do Jornalismo de Desacontecimentos apresenta diferentes temporalidades. Ao contar a sua história de vida, o entrevistado apresenta quem ele é (tempo presente), relata memórias (passado) e fala sobre suas expectativas (futuro).

Outra diferença observada é quanto à notoriedade dos agentes envolvidos nas narrativas. Muitas vezes, um fato só se torna notícia pela participação de alguém importante na sociedade. Tomemos o seguinte exemplo: a ocorrência de um acidente sem gravidade, em que não há feridos. Caso os envolvidos sejam anônimos, a situação só será noticiada pela imprensa se acarretar algum tipo de impacto para a população, como retenção do trânsito no local, fechamento de alguma via e necessidade de os motoristas fazerem algum caminho alternativo. No entanto, se entre os envolvidos num acidente sem gravidade estiver um político ou uma celebridade, o fato, provavelmente, será noticiado, mesmo que não acarrete nenhuma alteração de impacto para a população.

A notoriedade dos agentes é um dos valores-notícia que traduz a hierarquização criticada por pesquisadores, como Moraes (2022), Ventura e Abib (2021), pois marca quem são as pessoas mais e menos relevantes para o jornalismo, reflexo do que é observado também na sociedade. Como contraponto a este critério de noticiabilidade, o Jornalismo de Desacontecimentos abre espaço para pessoas comuns, anônimas e, até mesmo, invisibilizadas, rompendo uma sistemática de silenciamentos.

Ainda como diferença entre os dois tipos de produção jornalística está o contraponto do valor-notícia de relevância ou impacto. Como mencionado anteriormente, um fato tem mais chances de ser noticiado quando impacta um número maior de pessoas. Assim, se um acontecimento tem maior abrangência e capacidade de afetar um grande grupo também possui maior probabilidade de ser noticiado. Já o desacontecimento foca na singularidade, tornando aquele entrevistado protagonista da narrativa.

Outro contraponto a ser analisado é a ideia de proximidade que, segundo Lage (2001) e Traquina (2008), pode referir-se tanto à questão geográfica, quanto cultural. No primeiro caso, podemos considerar como principal exemplo o jornalismo local, prática que prioriza a produção de notícias que retratam a realidade de uma cidade ou região, conforme Cicília Peruzzo (2005). Isso significa que quanto mais próximo o acontecimento de uma determinada comunidade, maior a possibilidade de torná-lo pauta do jornalismo tradicional. O mesmo é válido para as culturas, mesmo que não haja aproximação geográfica, como no caso de uma ocorrência no

exterior. As semelhanças culturais podem ditar não só a seleção do acontecimento para a transformação em conteúdo noticioso, como também o espaço que ele terá no jornal.

Para Moraes (2022), este também é um valor-notícia que contribui para a hierarquização de lugares e pessoas, a reprodução de narrativas coloniais no jornalismo e a manutenção de uma sociedade outrofóbica. Num país em que os jornais de circulação nacional estão concentrados no Sudeste, a ideia de proximidade geográfica tende à exclusão das regiões Norte e Nordeste. O mesmo acontece sob a perspectiva centro x periferia, que promove a invisibilidade das culturas periféricas e das favelas, lembradas apenas na cobertura jornalística de ocorrências policiais.

A ideia de proximidade também é responsável por hierarquizar culturas sob um viés colonizador. Moraes (2022) exemplifica o espaço dado pelos jornais brasileiros para tragédias históricas ocorridas em diferentes países. O ataque terrorista às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, vitimou quase três mil pessoas. A tragédia na boate Bataclan, em 2015, na França, terminou com 130 mortos. Os dois acontecimentos foram amplamente noticiados à época e tiveram os desdobramentos acompanhados pela imprensa nacional.

Moraes (2022) relembra que o mesmo espaço não foi dado à Guerra no Afeganistão (2009-2019), que totalizou cem mil vítimas, entre mortos e feridos; a Guerra na Síria (2011-2020), que registrou 380 mil mortes; e o genocídio em Ruanda (1994), que vitimou mais de um milhão de pessoas.

Os desacontencimentos propõem uma imersão ao outro, sendo uma alternativa para conhecer pessoas, lugares, histórias e culturas que estão fora do eixo dominante. Dessa forma, abrem um espaço no jornalismo para vozes que não foram priorizadas pelos critérios da objetividade.

Outro aspecto que também faz o contraponto entre os dois tipos de produção jornalística é que, se por um lado o modelo informativo tradicional preza pelo ineditismo, trazendo a novidade para o público, por outro, o Jornalismo de Desacontencimentos foca no cotidiano, ou como diz Brum (2006), no ordinário da vida que pode ser extraordinário.

Concluimos, assim, que enquanto a primeira construção é pautada pelo acontecimento e pela objetividade, a segunda apresenta a noção de desacontencimento e explora a subjetividade. O propósito não é realizar um juízo de valor e, sim, evidenciar como os contrapontos podem ser complementares. Dessa forma, se a objetividade tem deixado lacunas sobre a representação da realidade, este estudo investiga se a subjetividade pode ser uma alternativa para tornar o jornalismo e a memória social criada por ele capaz de preencher esses espaços.

3.3 REFLEXÕES SOBRE GÊNEROS E FORMATOS

Em seu livro *Jornalismo Literário*, Pena (2017) reconhece de forma bem humorada que a discussão sobre gêneros vem de longa data. Segundo ele, os intelectuais têm a “mania” de realizar classificações por conta de uma ideia ilusória de que assim é possível ter o domínio racional sobre o mundo e o controle da natureza. Embora tais objetivos sejam intangíveis, o autor reconhece que esse tipo de divisão possibilita a realização de estudos mais aprofundados.

É com este intuito de aprofundar as reflexões sobre o uso da subjetividade no jornalismo e localizar o objeto empírico deste estudo no debate, que serão abordadas as classificações de gêneros e formatos jornalísticos caracterizadas pela presença de elementos subjetivos no discurso. Para isso, serão tomadas como base as categorizações feitas por José Marques de Melo (2009) e por Felipe Pena (2017).

A primeira é uma das mais difundidas pelo país e abrange o jornalismo brasileiro como um todo, considerando não só o estilo textual e o modo de escrita, mas também a finalidade do texto, a natureza do assunto e as articulações interculturais. A segunda oferece um recorte sobre o Jornalismo Literário e suas vertentes.

Reconhecendo a complexidade das construções jornalísticas, que cada vez mais apresentam deslizamentos entre gêneros e formatos, conforme observado por Thomé (2021), a proposta de retomar essas classificações é nortear o aprofundamento dos estudos sobre a coluna *Outras Ideias*.

O próprio José Marques de Melo (2009) afirmou que a classificação de gêneros jornalísticos é um desafio, pois lida diretamente com o que considera a identidade do jornalismo enquanto objeto científico. O autor propõe a seguinte divisão de gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário, sendo que cada um possui características próprias e formatos específicos.

O gênero informativo tem como matéria-prima a informação e inclui os formatos de notícia, reportagem, entrevista e nota. O gênero opinativo se caracteriza como um fórum de ideias e, por isso, oferece maior possibilidade de manifestações subjetivas: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica integram a classificação. No gênero interpretativo, o jornalismo assume a função de educar e esclarecer, o que é feito por meio da análise, do perfil, da enquete, da cronologia e do dossiê. Já o gênero diversional tem a finalidade de distrair e promover o lazer. Para isso, são usados os formatos de história de

interesse humano e história colorida. Por fim, o gênero utilitário exerce o papel de auxiliar o público na tomada de decisões cotidianas através de indicadores, cotações, roteiros e serviços.

A partir das classificações de Marques de Melo (2009) e do debate iniciado neste capítulo, é possível observar que, originalmente, o gênero informativo se pauta pela ideia da objetividade, priorizando os acontecimentos sob a ótica dos valores-notícia. A notícia é o formato mais comum encontrado nos jornais, sendo o pilar da produção jornalística. A nota é considerada pelo autor como um acontecimento em andamento que tem potencial para tornar-se notícia. Por isso, ocupa um espaço menor nos veículos de comunicação. Já a reportagem busca o aprofundamento dos fatos, através de um relato ampliado do acontecimento narrado. A entrevista é uma técnica jornalística em que a opinião de alguém é apresentada a partir da mediação do jornalista.

O gênero opinativo abre espaço para a subjetividade, manifestada através de opiniões e posicionamentos do autor, que pode ou não ser jornalista. O editorial, por exemplo, representa a voz da empresa de comunicação. O comentário é feito por alguém que tenha propriedade no assunto. A figura do comentarista tornou-se comum no rádio e na televisão com o propósito de opinar a respeito de temas específicos, sobretudo, das editorias de esporte, economia e política.

O artigo pode ser escrito por qualquer cidadão, abordando o assunto de seu interesse. Por essas características, Marques de Melo (2009) analisa o formato como uma oportunidade de democratização dos jornais, assim como as cartas, que foram o primeiro espaço de opinião da audiência. Na comparação entre os dois, o artigo ocupa um espaço maior.

A resenha é uma crítica feita por um jornalista ou outro especialista na área analisada com a finalidade de orientar o público sobre um determinado produto cultural. A crônica é o formato que mais se aproxima das construções literárias, misturando ficção, realidade e imaginário. A coluna é o espaço dado a um autor, que pode ou não ser jornalista, para a expressão de ideias, com a periodicidade diária ou semanal. Para Marques de Melo (2009), o formato tem como características a agilidade, a abrangência e o privilégio dos bastidores da notícia, podendo antecipar fatos e emitir opiniões sobre eles. Por fim, a caricatura é uma ilustração com caráter opinativo que tem o propósito de satirizar e criticar situações observadas na sociedade.

O jornalismo interpretativo busca aprofundar as informações, acompanhando os desdobramentos dos fatos e realizando uma análise mais ampla sobre os acontecimentos. Dessa forma, podemos considerar a mistura entre a objetividade do factual e a subjetividade da interpretação e das escolhas do jornalista sobre como realizá-la. O dossiê é descrito por Marques de Melo (2009) como um mosaico que expõe dados através de boxes, tabelas, gráficos

e ilustrações para realizar a compreensão da situação narrada. A cronologia é uma reconstituição dos fatos, feita por meio de uma linha do tempo, com o propósito de tornar as informações mais claras para a audiência. A enquete coleta a opinião pública sobre um assunto específico a fim de ilustrar o ponto de vista dos cidadãos comuns. O formato perfil apresenta um relato sintético da história de vida de pessoas que ganharam alguma notoriedade. Posteriormente, a classificação foi estendida para as narrativas de pessoas comuns e anônimas, não sendo mais restrita às personalidades.

Para Marques de Melo (2009), o gênero diversional apresenta narrativas compostas por recursos literários. As chamadas histórias de interesse humano revelam detalhes inusitados dos personagens, enquanto as histórias coloridas trazem uma releitura dos acontecimentos através de detalhes enriquecedores, envolvendo protagonistas e coadjuvantes.

Com a função de orientar a audiência na tomada de decisões do dia a dia, o gênero utilitário expressa um caráter objetivo. O indicador apresenta informações como o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do país, e o Índice Geral de Preços - Mercado (IGPM), utilizado para o reajuste de aluguéis. A cotação é focada no mercado financeiro e costuma apresentar o desempenho do Real e de moedas estrangeiras. O roteiro apresenta opções para o consumo, enquanto o formato serviço é destinado às informações sobre serviços públicos.

Os gêneros jornalísticos correspondem a um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo. Quando manualizados, eles adquirem legitimidade social" (MARQUES DE MELO, 2003, p.11).

Pensar os gêneros jornalísticos é colocar em prática a reflexão sobre a forma e o conteúdo dos discursos produzidos pelos veículos de comunicação, reconhecendo as intenções e os contextos das produções. É necessário, ainda, ponderar que as classificações não são estruturas fixas.

José Marques de Melo iniciou seus estudos sobre o tema em 1985, quando defendeu a tese de livre docência na Universidade de São Paulo (USP). Desde então, passou a incentivar os alunos a darem continuidade à pesquisa por entender que “os conceitos e classificações do jornalismo devem ser revistos periodicamente” para que, assim, possa ser analisado “se ainda correspondem às singularidades vigentes no campo da informação de atualidades” (MARQUES DE MELO, 2003, p.12).

É neste intuito que recorremos a uma segunda categorização. O trabalho realizado por Felipe Pena (2017) dá protagonismo ao Jornalismo Literário, considerado como um gênero que tem como subgêneros o folhetim, a crítica literária, o *New Journalism*, o Jornalismo Gonzo, o *New New Journalism*, a biografia, o romance-reportagem e a ficção jornalística. Os estudos do pesquisador desvelam camadas de formatos que exploram a subjetividade com transparência.

A amplitude do Jornalismo Literário é a justificativa do autor para o seu enquadramento como gênero jornalístico. Definido como uma prática que utiliza “recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura”, ele possui como características básicas a “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização” (PENA, 2017, p.1944).

Para descrever os objetivos da modalidade, o autor cria o que chama de modelo de estrela de sete pontas, em que cada ponta apresenta uma ação imprescindível ao Jornalismo Literário, sendo elas: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos. Mas ele alerta que “os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes: a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente” (PENA, 2017, p. 165).

Ao analisar o modelo da estrela de sete pontas, podemos interpretar que a ação de ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos significa ir além da objetividade jornalística, o que também é enfatizado pelo ideal de romper as correntes burocráticas do *lead*. Quando Pena (2017) fala sobre o Jornalismo Literário proporcionar visões amplas da realidade, é possível compreender como uma tentativa de suprir as ausências deixadas pelos valores-notícia, lidos como os “definidores primários” a serem evitados. Na explicação sobre o que seria um definidor primário, o autor aponta as fontes oficiais e, em seguida, afirma que “é preciso ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2017, p.192). Por fim, quando fala sobre perenidade, podemos identificar a relação com a construção de memórias.

O embasamento do autor para o conceito de Jornalismo Literário como gênero traz à tona características de uma prática subjetiva que dialoga com os interesses deste estudo e, por isso, utilizaremos as suas referências para dar sequência à reflexão sobre gêneros jornalísticos proposta neste capítulo.

O autor define o subgênero folhetim como um estilo discursivo que marca a confluência entre o jornalismo e a literatura. No século XIX, a publicação de narrativas literárias nos jornais

mostrou-se um negócio lucrativo, atraindo leitores e anunciantes. Os textos eram escritos por literatos e direcionados a todas as classes sociais, por isso, apresentavam uma linguagem simples, acessível e carregada de estereótipos. As narrativas abordavam temáticas como amores impossíveis e aventuras heroicas, apresentando sempre um *plot* e um gancho para a próxima edição, numa tentativa de garantir as vendas do dia seguinte. Mas quando o leitor perdia uma edição, não havia prejuízo ao entendimento da trama, pois a escrita priorizava a estética da redundância como forma de contextualizar a audiência, que tinha a capacidade de intervir na história, dando opiniões sobre personagens e desfechos. No Brasil, os principais escritores de folhetins foram Machado de Assis e José de Alencar.

Com as mudanças implantadas na imprensa brasileira a partir de 1950, os cadernos literários tornaram-se um suplemento que, também deveria seguir as regras básicas do jornalismo moderno: clareza, concisão, objetividade e finalidade da venda (PENA, 2017). Foi neste contexto que surgiu a crítica literária, definida pelo autor como um discurso artístico que articula conceitos e sensibilidades com o intuito de estimar uma obra. Para isso, é feita a análise, a interpretação e o julgamento. Entre os principais críticos do país está Antônio Candido.

Pena (2017) considera o *New Journalism*, movimento estadunidense que valorizou a estética literária nos textos jornalísticos durante a década de 1960, como um subgênero do Jornalismo Literário que originou outras duas vertentes: o Jornalismo Gonzo e o *New New Journalism*. Para compreender a tríade, é preciso retornar às origens: o *New Journalism* surgiu a partir da insatisfação de jornalistas com a imposição da objetividade e da impessoalidade à prática jornalística, conforme mencionado anteriormente. Em oposição aos manuais de redação, a modalidade preza pelo engajamento do repórter, que é responsável por reconstruir a ambientação, realizar entrevistas aprofundadas, registrar diálogos completos, descrever hábitos, roupas, gestos e outras características dos personagens. O brasileiro Joel Silveira foi um dos representantes do subgênero.

O Jornalismo Gonzo é considerado por Pena (2017) como uma vertente “mais radical” do *New Journalism*, na qual há o envolvimento do repórter sem medição de riscos. Em total oposição à objetividade e à imparcialidade, o jornalista não só se envolve, como torna-se protagonista da ação. Dessa forma, ele provoca o entrevistado, até mesmo com ofensas, a fim de registrar a sua reação. O discurso é marcado por irreverência e sarcasmo. O jornalista estadunidense Hunter S. Thompson é apontado como o principal nome da modalidade.

Na virada do século XX para o século XXI, foi observada a recriação estilística do *New Journalism* nos Estados Unidos, encabeçado por Gay Talese - que já havia participado do movimento anterior - e por John Mcphee. A proposta do chamado *New New Journalism* é que

o jornalista exerça um papel mais político do que literário, tornando-se um ativista da causa narrada. Entre as características da prática estão o engajamento em questões sociais; a imersão no outro; o retrato de situação do cotidiano e do mundo ordinário; o uso de tom declaratório, informal e sem elegância estilística; a construção de um elo entre “a subjetividade perspectiva e a realidade observada” (PENA, 2017, p.1085).

A biografia é o subgênero que conta a história de vida do personagem, que funciona como elemento central da narrativa. Os acontecimentos, mesmo os mais importantes, são secundários. Na definição da modalidade, Pena (2017, p.1453) faz os seguintes questionamentos: “mas quem são os biografados? Estamos consumindo as memórias de quem? E, mais importante, quem determina essas escolhas?” Reconhecendo que a valorização da biografia é proporcional à notoriedade do biografado, o autor argumenta que, no momento em que estamos, a plateia também deseja um espelho. “E não há dúvidas de que, no espetáculo da vida, a maioria dos atores está no papel de subjugado” (PENA, 2017, p.1490).

O encerramento da categorização feita pelo autor se dá com os subgêneros romance-reportagem e ficção jornalística. O primeiro, também chamado de livro reportagem, entrelaça a narrativa romanesca com a prática jornalística. Assim, a realidade é reconstruída de forma fidedigna, mas através de recursos literários. As obras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Rota 66*, de Caco Barcellos, são citadas como exemplos. Por outro lado, a ficção jornalística não tem compromisso com o real, usando-o apenas como suporte para a construção narrativa. Gabriel Garcia Marquez é apontado como o principal expoente.

A partir dos estudos de José Marques de Melo e Felipe Pena, é possível fazer algumas avaliações: os gêneros jornalísticos são dinâmicos e, assim, podem surgir, desaparecer ou sofrer alguma reconfiguração em determinado momento e contexto; o mesmo estilo pode receber nomenclaturas diferentes entre os pesquisadores, o gênero diversional proposto por Marques de Melo (2009) apresenta formatos do gênero Jornalismo Literário detalhado por Pena (2017); a categorização da produção jornalística por gêneros nos dá um referencial teórico, mas como exemplificado por Thomé (2021) anteriormente, deslizamentos podem acontecer. Este, inclusive, é mais um fator que contribui para a coexistência da objetividade e da subjetividade no jornalismo.

A tentativa de localizar o objeto empírico desta pesquisa nos estudos sobre gênero também revelou deslizamentos. No primeiro momento, por receber a nomenclatura de coluna *Outras Ideias*, os textos escritos por Mauro Morais poderiam ser classificados como o formato do gênero opinativo apresentado por Marques de Melo (2009). Embora a seção tivesse a

assinatura do autor e a periodicidade semanal - características do formato coluna-, a proposta nunca foi a emissão de opiniões ou a antecipação de fatos e bastidores da notícia.

As histórias de vida sempre foram o foco das publicações, o que nos leva ao entendimento sobre a coluna ter o formato perfil, que busca sintetizar esse tipo de narrativa. Embora, inicialmente, a classificação tenha sido direcionada para narrativas sobre personalidades, posteriormente, ela passou a abranger pessoas anônimas.

Os textos de Mauro Morais também se enquadram no modelo da estrela de sete pontas proposto por Pena (2017) para identificar o gênero do Jornalismo Literário. No entanto, ao analisarmos os subgêneros, há deslizamentos entre as características da biografia, que tem o personagem como elemento central da narrativa, e do *New New Journalism*, que realiza o retrato do mundo cotidiano e a imersão no outro. Porém, foram percebidas divergências: a biografia é mais extensa e voltada para personalidades, o *New New Journalism* tem um caráter ativista e utiliza o tom declaratório, com poucos recursos estilísticos.

Dessa forma, concluímos ser mais apropriado classificar o trabalho feito por Mauro Morais na coluna *Outras Ideias* como pertencente ao gênero do Jornalismo Literário, conforme prevê (PENA, 2017), com o formato perfil (MELO, 2009) e em diálogo com o Jornalismo de Desacontecimentos (ABIB, 2017), já que o autor escolhe contar as histórias de vida de quem está à margem da sociedade a partir de uma escrita sensível, rica em detalhes e que utiliza construções literárias, promovendo um contraponto ao modelo informativo tradicional.

4 *OUTRAS IDEIAS: JUIZ DE FORA SOB DIFERENTES ÂNGULOS*

Considerando o jornalismo como um espaço para a produção de conhecimento e memória, a partir da construção e divulgação de narrativas que são utilizadas pela sociedade na sua compreensão de mundo, enxergamos a necessidade de estudos sobre os registros produzidos pela imprensa. Para esse tipo de pesquisa, além de uma análise sobre forma, conteúdo e processos de produção, entendemos que também é preciso uma contextualização histórica sobre o momento vivido. É com este entendimento que, neste capítulo, apresentamos o objeto empírico: a coluna *Outras Ideias*.

Inicialmente, abordamos a relação histórica entre o jornalismo e a cidade de Juiz de Fora, que conquistou relevância nos cenários estadual e nacional. Na primeira metade do século XX, o município chegou a ser considerado como um centro jornalístico de Minas Gerais e também foi o primeiro do país a sediar um sindicato dos profissionais da categoria.

Num contexto de prosperidade do jornalismo, a cidade acompanhou a criação de muitos impressos, com destaque para o *Diário Mercantil*, jornal com maior longevidade de sua história: mais de 70 anos em circulação. Dois anos antes do encerramento das atividades do periódico, foi criada a *Tribuna de Minas*, projeto do médico e empresário Juracy Azevedo Neves, existente até hoje.

A criação da coluna *Outras Ideias* resulta das transformações vividas pela *Tribuna de Minas*. Por isso, é feita uma linha do tempo sobre as muitas adaptações realizadas pelo jornal como forma de ilustrar as estratégias criadas para sobreviver às mudanças ocorridas no cenário da comunicação. É num dos contextos de reformulações realizadas no jornal que o então repórter do *Caderno Dois*, Mauro Morais, sugere a criação da seção para substituir um conteúdo considerado defasado pela chefia de reportagem.

Encerramos o capítulo abordando os impactos da seção *Outras Ideias*, dentro e fora da redação da *Tribuna de Minas*, através de um olhar analítico, embasado no aporte teórico utilizado neste estudo. Compreendendo a subjetividade do processo de construção do jornalismo, apresentamos o percurso narrativo de Mauro Morais, expressão utilizada com o intuito de contemplar a fusão entre a sua história de vida e a sua experiência profissional.

4.1 A RELAÇÃO ENTRE O JORNALISMO E A CIDADE DE JUIZ DE FORA

Juiz de Fora é uma cidade com 540.756 habitantes⁵, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais. Sua posição geográfica é considerada privilegiada por conta da proximidade com grandes centros urbanos da Região Sudeste. A distância entre a capital mineira Belo Horizonte é de, aproximadamente, 260 quilômetros, e cerca de 180 quilômetros a separam da cidade do Rio de Janeiro. Considerada polo regional de comércio e serviços⁶, atrai moradores de outras localidades, de forma transitória ou permanente, interessados, sobretudo, em consumir, participar de eventos, estudar e realizar tratamentos de saúde.

Sua história tem início com a estrada Caminho Novo, construída no século XVIII pelo bandeirante Garcia Rodrigues Paes com o intuito de facilitar o escoamento de ouro de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, até o porto do Rio de Janeiro. O crescimento da ocupação às margens da via originou o povoado de Santo Antônio do Paraibuna, em 1850, que, posteriormente, passou a ser chamado de Vila de Santo Antônio do Paraibuna. Com a expansão da produção cafeeira, tornou-se o principal núcleo urbano da região, sendo elevada à categoria de cidade em 1853.⁷

Ainda na década de 1850, o engenheiro Mariano Procópio Ferreira Lage teve a aprovação da Coroa Portuguesa para a construção da Estrada União Indústria, inaugurada em 1861. O empreendimento possibilitou o transporte do café entre a Zona da Mata e a região fluminense. Em 1865, a cidade ganhou o nome de Juiz de Fora, referência a um magistrado nomeado pela Coroa Portuguesa para atuar onde não havia juiz de Direito⁸.

A atividade cafeeira é apontada como o principal fator que impulsionou a urbanização de Juiz de Fora. Paralelamente, também intensificou a escravidão na cidade. Os registros históricos mostram que, em 1855, a Vila de Santo Antônio do Paraibuna possuía um total de 2.400 homens livres e 4 mil escravos. Em 1872, a cidade de Juiz de Fora contabilizava 11.604 homens livres e 18.775 escravos⁹.

Os dados divulgados pela Prefeitura de Juiz de Fora¹⁰ mostram que, em 1875, a cidade era a província cafeeira mais próspera e com maior quantidade de escravos da região. O declínio

⁵ Dado do Censo 2023, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁶ A expressão é utilizada pelo Sindicato do Comércio de Juiz de Fora com base na estatística de que a cidade é responsável por polarizar 73 municípios do entorno, o que totaliza cerca de um milhão de consumidores em potencial. O reconhecimento também é mencionado pela imprensa local com frequência.

⁷ Informações dos pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mônica Ribeiro de Oliveira e Carlos Alberto Hargreaves Botti, divulgadas no site institucional da Prefeitura de Juiz de Fora (www.pjf.mg.gov.br).

⁸ Idem ao anterior.

⁹ Idem ao anterior.

¹⁰ Idem ao anterior.

da atividade econômica ocorreu na segunda metade do século XX, quando a economia local já estava mais diversificada, com uma indústria e um comércio relevantes.

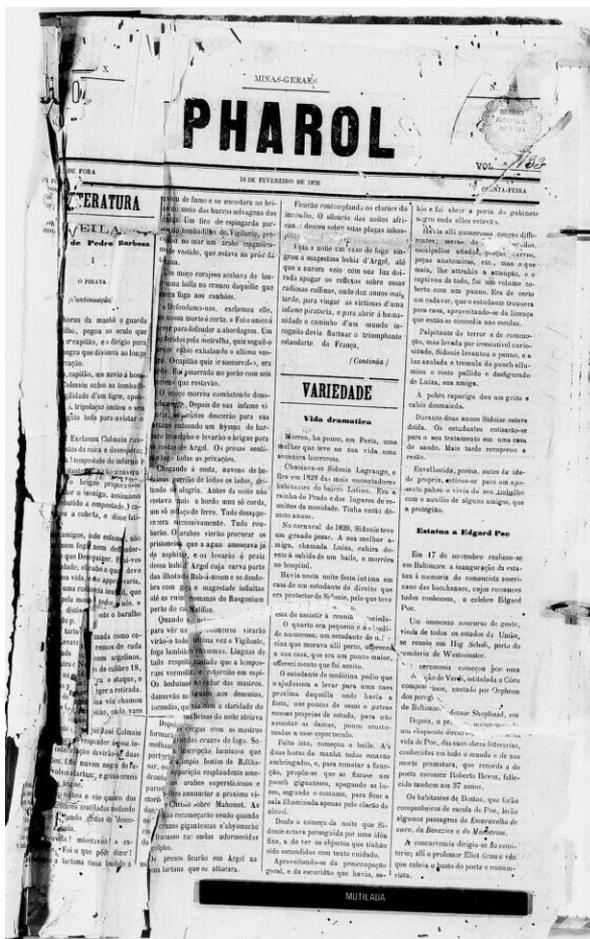
Em 1889, Juiz de Fora cravou seu nome na História do Brasil ao inaugurar a primeira usina hidrelétrica da América do Sul. Iniciativa do empreendedor Bernardo Mascarenhas, a Usina de Marmelos garantiu o elemento essencial para o processo de desenvolvimento industrial que viria a seguir: a eletricidade. A luz elétrica e os apitos das fábricas desenharam o cenário de uma cidade do progresso, inspirada nos centros europeus, pautada pela modernização capitalista e interessada em abafar o passado escravagista. Conforme Christina Musse (2007, p.9), a instauração de um ar cosmopolita na cidade foi responsável pelos títulos que lhe foram concedidos, como “Atenas” por Artur Azevedo, “Barcelona” por Rui Barbosa, “Princesa de Minas” por Coelho Neto e “Manchester Mineira” por Mr. Morrit, fundador da Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, instalada na cidade durante o século XIX.

Foi neste contexto que a imprensa exerceu o papel de fortalecimento da narrativa de nação, reverberada em todo o país naquele momento, atuando “como um catalisador das transformações sociais, na medida em que foi o espaço por excelência do debate intelectual, capaz de visualizar e antecipar tendências, que se concretizariam mais tarde no dia a dia das populações” (MUSSE, 2007, p. 2). Em Juiz de Fora, os primeiros impressos datam dos anos 70 do século XIX, com destaque para *O Constituinte*, apontado como o primeiro jornal da cidade¹¹, e *O Pharol*, uma das publicações mais duradouras da história do jornalismo local.

Fundado por Thomaz Cameron como um semanário, em 1866, na cidade de Paraíba do Sul, no estado do Rio de Janeiro, *O Pharol* teve sua produção transferida para Juiz de Fora, onde circulou entre 1871 e 1939. A publicação tinha quatro páginas em preto e branco que mesclavam textos e anúncios. Em 1885, tornou-se um jornal diário (MUSSE, 2007).

¹¹ A primeira edição circulou em Juiz de Fora durante o primeiro semestre de 1870, segundo os estudos de Albino Esteves, autor de *Álbum do município de Juiz de Fora*, de 1915 (MUSSE, 2007).

Figura 1 – Capa da edição de *O Pharol* (10/02/1876)



Fonte: acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Cento e cinquenta anos depois da chegada de *O Pharol* à cidade, em 2021, a Casa do Jornalista - iniciativa de um grupo de profissionais independentes, liderado por Ricardo Alexandre Nogueira Miranda - criou a versão on-line da publicação. Com o slogan “informação à luz dos fatos”, o portal *o pharol* traz o conteúdo noticioso com uma proposta analítica, abrindo mão da objetividade jornalística, cedendo espaço para o posicionamento dos jornalistas e a repercussão dos fatos de forma reflexiva.

As informações disponíveis na seção chamada *Explicando o pharol* reforçam o interesse em usar a memória de uma marca que remete à credibilidade construída no passado, trazendo a renovação exigida pelo contexto contemporâneo. "*O pharol* nasce em um ambiente com renovado apelo ao fortalecimento da democracia e da liberdade de expressão, que leva ao necessário empenho para promoção do debate público plural e maduro" (O PHAROL, meio digital).

Figura 2 – Página principal do portal *o pharol*

Fonte: Site *o pharol* (2023)

Podemos notar que a relação entre o jornalismo e a cidade de Juiz de Fora vem de longa data e manteve-se forte com o passar do tempo. Desde a criação dos primeiros jornais impressos, a atividade sempre teve destaque no cenário local. Entre 1870 e 1900, foram mais de cem publicações, considerando também os almanaques e as revistas. Musse (2007, p.2) detalha a diversidade das produções: “entre os jornais, houve aqueles que tiveram uma edição única, outros circularam por mais de um ano. Alguns eram ligados a partidos políticos, outros eram literários e ainda existiam os humorísticos”.

O nome de alguns periódicos demonstravam “a defesa de um ideal, o projeto de uma cidade, o posicionamento político” (MUSSE, 2007, p.2). Como exemplos, estão *O Constituinte*, *O Imparcial*, *O Democrático*, *A Regeneração* e *Minas Livre*. Outras publicações defendiam a ascensão da burguesia, como *Commercial*, *O Progresso* e *Commercio de Juiz de Fora*. Havia, também, jornais com viés religioso, como *O Metodista Católico*, *Lar Católico* e *A Cruz*.

Os relatos contidos nessas publicações do final do século são fonte documental inesgotável para o resgate da identidade da cidade. Nesses jornais, pode-se perceber claramente a presença de um ideal de construção do lugar. Observa-se o tom ufanista, quando se trata de falar das possibilidades da cidade. Juiz de Fora não era mais apenas uma nova fronteira, mas um “Eldorado”, que acenava com possibilidades para todos (MUSSE, 2007, p.2).

A produção jornalística juizforana seguiu próspera no início do século XX, embora ainda preservasse um modelo artesanal. Naquele momento, a profissionalização da atividade não havia acontecido na cidade, o que tornava as condições de trabalho mais difíceis, pois a maior parte das publicações era feita gratuitamente. Musse (2007, p.11) pontua que “apesar do caráter rudimentar, é inegável que a imprensa do início do século XX já começa a ganhar

características capitalistas”. Há, inclusive, a presença de publicações originárias da organização da classe trabalhadora, responsáveis por realizar o contraponto à imprensa burguesa. É o caso de impressos como *O Operário*, *O Braço Operário*, *Gazeta Operária*, *O Sindicalista* e *O Trabalhista*.

A prosperidade do jornalismo local pode ser observada tanto na quantidade de publicações impressas, quanto no pioneirismo que marca a atividade em diferentes momentos. Em 1922, Juiz de Fora possuía seis jornais diários - *O Pharol*, *Correio de Minas*, *Jornal do Commercio*, *O Dia*, *A Tarde* e *Diário Mercantil* - número superior ao da capital do estado. Em 1926, a cidade sediou a primeira emissora de rádio de Minas Gerais, com o prefixo de PRA-J. “Até 1930, Juiz de Fora é considerada uma espécie de centro jornalístico do estado” (MUSSE, 2007, p.10).

Em 1934, foi criada a primeira entidade sindical brasileira que representa a categoria dos jornalistas. A denominação de sindicato foi concedida oficialmente em 1941, quando o Ministério do Trabalho e Previdência Social expediu a carta sindical formalizando o nome da organização como Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora. A entidade existe até hoje, com o mesmo nome e sede na Rua Halfeld, no Centro¹².

Para Musse (2007), o período entre 1870 até 1940 marcou a maior influência da imprensa escrita em Juiz de Fora:

[...] a configuração entre a cidade moderna e capitalista e as narrativas produzidas sobre ela nas páginas dos jornais dão conta de um centro urbano ordenado, conservador, regido por uma severa moral e disciplina. Apenas algumas décadas mais tarde, o modelo será rompido, com a ascensão de novas elites, o crescimento da cultura de massas e o aparecimento de um novo imaginário em relação ao espaço urbano, desta vez, moldado pelo desenvolvimento das telecomunicações e povoado de imagens até então desconhecidas, responsáveis por estabelecer vínculos novos e diferentes entre a cidade e seus habitantes (MUSSE, 2007, p.13).

Entre as publicações impressas criadas no início do século XX, é necessário destacar o jornal *Diário Mercantil*, que foi o impresso mais longevo da história da cidade, com 71 anos em circulação. Fundado em 23 de dezembro de 1912, manteve as atividades até o dia 29 de novembro de 1983.

Figura 3 – Capa do *Diário Mercantil* (15/02/1963)

¹² Informações divulgadas no site institucional do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora (www.jornalistasdejf.org.br).



Fonte: Blog Memórias da Imprensa de Juiz de Fora

O *Diário Mercantil* alcançou o status de principal mídia impressa local e chegou a ser chamado de “alter ego de Juiz de Fora” em editorial escrito pela cronista Cosette de Alencar, em 1968. O texto comemorativo ao aniversário de 56 anos do jornal exaltava a sua atuação na cidade, definindo-o como “porta-voz e guia da opinião pública” (MUSSE, 2008, p.2).

Propriedade de João Penido Filho e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, representantes do Partido Republicano Mineiro (PRM), o *Diário Mercantil* deixou claro o compromisso de representar os interesses da burguesia.

É evidente que não poderíamos pretender esse apoio [da opinião pública] se não afirmássemos desde logo que os interesses das classes produtoras do paiz, quando legítimos, terão em o *Diário Mercantilum* advogado solícito e fiel. E de defensores solícitos e fiéis precisam sempre, especialmente nesta hora, a lavoura, o commercio e a industria, as tres grandes forças de onde promanam a riqueza particular e pública, e, portanto, o bem-estar do paiz (*DIÁRIO MERCANTIL*, 1917, p.1).

Ao longo do tempo, o jornal passou por mudanças gráficas, de conteúdo e chefia, mas manteve o seu posicionamento político. Em 1931, foi incorporado pelos Diários Associados, conglomerado fundado por Assis Chateaubriand. Inicialmente, a publicação possuía quatro páginas em preto e branco, publicadas de terça a domingo. A partir da década de 1940, as edições dominicais passaram a trazer um suplemento literário com textos de autores como

Lindolpho Gomes, Benjamin Colucci, Pedro Marques de Almeida, Gilberto de Alencar, Cosette de Alencar, João Guimarães Vieira (Guima), Dormevilly Nóbrega, entre outros¹³.

Na década de 1950, o *Diário Mercantil* introduziu o colunismo social na cidade, sendo responsável por transformar Décio Cataldi no primeiro colunista social de Juiz de Fora. Na década de 1960, o jornal foi ampliado, passando a circular com seis páginas. Durante o período da ditadura militar, manteve uma postura pró-governo.

Wilson Cid relembra que a tendência política do *Diário Mercantil* era de direita e que o jornal dava amplo espaço para as matérias de interesse da ditadura militar. Exemplo disso é o título ufanista da manchete principal da primeira página do dia primeiro de janeiro de 69: “Presidente diz à Nação que AI-5 salvou programa de governo e até a democracia”, em que se omitem, por exemplo, referências às centenas de prisões realizadas desde então, entre elas, as de JK, Lacerda, Caetano Veloso e Gilberto Gil, além da censura imposta aos veículos de comunicação. O jornalista relembra que isso acontecia até mesmo porque as pessoas que tinham expressão administrativa no jornal eram vinculadas aos setores militares, partidos e entidades de direita (MUSSE, 2008, p.8).

Musse (2008, p.8) afirma que “podemos reconhecer no *Diário Mercantil* o veículo da elite conservadora, aquele que ajuda a ordenar o espaço público e dá voz àqueles que representam o poder político e econômico”. O posicionamento favorável à classe dominante possibilitou a boa saúde financeira do jornal, permitindo a realização de edições especiais com até 28 páginas.

A partir desta trajetória, é possível concluir que, por muito tempo, através do principal jornal impresso da cidade, os juizforanos tiveram acesso às narrativas que contemplavam os pensamentos e os interesses da classe dominante. Esta é a memória que ficou registrada nas páginas do *Diário Mercantil* e que pode ser acessada nos dias de hoje por pesquisadores e demais interessados na consulta aos acervos de memória.

Neste sentido, é válido refletirmos sobre o conceito de hierarquias de memórias (PERLATTO, 2022). Quando os grupos sociais não encontram as mesmas oportunidades para projetarem suas narrativas, os registros que são criados contribuem para evidenciar os pensamentos, os costumes e os interesses de uma parcela da sociedade e, paralelamente, provocar o silenciamento, o esquecimento e o apagamento de outra parte da população. O entendimento sobre os registros de memória criados pelo *Diário Mercantil* carece de um estudo

¹³ Informações extraídas do blog *Memórias da Imprensa de Juiz de Fora* (www.memoriasdaimpressajf.wordpress.com), projeto do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime) do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF)

aprofundado, que não é o foco desta pesquisa. Mas até onde o estudo nos permitiu ir, percebemos a necessidade de refletirmos sobre algumas considerações.

A primeira delas é que a publicação chamada de “alter ego de Juiz de Fora” traduzia o pensamento e os interesses da elite conservadora, não da população em sua totalidade. Como exemplo, temos o relato de Wilson Cid sobre a cobertura do *Diário Mercantil* durante a ditadura militar, quando o jornal criou uma narrativa a favor do AI-5 e omitiu a censura e as prisões ocorridas no período. Este é apenas um exemplo que mostra a importância de ampliar a representatividade dos discursos que integram a memória social construída a partir do jornalismo: quanto mais diversos os registros, menos corremos o risco de entender a nossa própria história de forma recortada e enviesada.

Retomando a trajetória do jornalismo local, a partir dos anos 50 do século XX, é observado o deslocamento da influência da imprensa escrita para os meios eletrônicos, como o rádio e a televisão. Rememorar a imprensa juizforana, mesmo que de forma breve e ilustrativa, é um desafio para os pesquisadores. A ausência de políticas públicas locais para a preservação e o acesso aos arquivos de memória é uma dificuldade, como pontuam Christina Musse e Michele Guimarães (2019) no estudo sobre telejornalismo local. O obstáculo também foi observado durante a realização desta pesquisa e será abordado no próximo capítulo.

Para Musse e Guimarães (2019), os interessados na história da TV local enfrentam o desafio de identificar e organizar os acervos que estão acessíveis. Assim, é possível encontrar imprecisões quando se busca uma ordem cronológica dos fatos. A dificuldade não se restringe aos estudos sobre televisão, abarcando, também, as pesquisas sobre o rádio e o impresso. Como o nosso foco é apenas de ilustrar a força da relação entre o jornalismo e a cidade de Juiz de Fora, não temos a intenção de recriar a história dos meios na cidade. Optamos por pontuar alguns momentos que exemplificam como a atividade jornalística teve notoriedade não só no âmbito local, mas também estadual, nacional e até internacional, contribuindo para a construção da memória e a criação de uma identidade juizforana.

As trajetórias do rádio e da televisão são marcadas pelo pioneirismo de Juiz de Fora em vários momentos: a criação da primeira emissora de rádio de Minas Gerais, como mencionado anteriormente; a primeira demonstração pública de televisão da América Latina; a primeira transmissão televisionada de um jogo de futebol; a primeira “TV pirata do Brasil”¹⁴; entre outros atos.

¹⁴ Termo usado pelos pesquisadores Christina Ferraz Musse e Cristiano José Rodrigues em referência à TV Mariano Procópio no livro *Memórias Possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora* (2012).

A produção radiofônica local teve início com a criação da PRA-J que, posteriormente, tornou-se PRB-3¹⁵. Naquela época, estima-se que cerca de 30 cidades brasileiras tinham emissoras de rádio, que transmitiam a programação para cerca de 200 mil aparelhos em todo o país¹⁶. Em 1948, foi criada a Rádio Industrial que, com uma estrutura grandiosa e um contrato com a Rádio Nacional, possibilitou a participação de grandes artistas do país em programas locais e trouxe uma versão do famoso programa *Balança Mas Não Cai*, produzido na capital carioca por Paulo Gracindo, aqui adaptado pelo radialista Cláudio Temponi. Também na década de 1940, é criada a Rádio Difusora, apontada como a primeira emissora do país a tocar sem intervalos comerciais. Com um cenário de disputa acirrada entre as emissoras locais, a cidade viveu a chamada Era de Ouro do rádio na década de 1950. A proximidade com o Rio de Janeiro fez com que estrelas renomadas, como Dalva de Oliveira, Emilinha Borba e Ângela Maria, fizessem participações na programação local, que contava com radionovelas, programas de auditório, esportivos e jornalísticos, como o Noticiário T9, considerado um marco do radiojornalismo local¹⁷.

Com relação aos marcos históricos da TV local, os registros da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) mostram o técnico em eletrônica, Olavo Bastos Freire, como o responsável pela primeira transmissão de imagem realizada na cidade, no ano de 1948.

Olavo Bastos Freire tinha a curiosidade e a habilidade necessárias para montar aquele equipamento ainda muito tosco, que conseguiria transmitir as imagens de um bonde, captadas pelo transmissor, instalado no Clube Juiz de Fora, até o receptor, na Casa do Rádio, na Av. Getúlio Vargas, a cerca de um quilômetro dali (MUSSE; GUIMARÃES, 2019, p.2).

De acordo com Flávio Lins (2012), os experimentos de Freire para a construção de um conjunto de TV (câmera - transmissor - receptor) começaram dois anos antes. A primeira experiência de transmissão em circuito aberto teria ocorrido, na verdade, em 1947, na oficina onde ele trabalhava, na Rua Marechal Deodoro, no Centro. A partir de então, Freire passou a levar o receptor para lugares distantes com o objetivo de analisar até onde poderia captar imagens. “Só em 1948 acontece a primeira experiência pública, registrada pelo jornal vespertino *Diário da Tarde*” (LINS, 2012, p.42).

¹⁵ Anos mais tarde, foi adquirida por Juracy Azevedo Neves e passou a ser chamada de Rádio Solar, integrando o Grupo Solar de Comunicação.

¹⁶ Estimativa do Instituto Brasileiro de Museus.

¹⁷ Informações da exposição Caros Ouvintes: assim era o rádio em Juiz de Fora, realizada em 2022 pelo Fórum da Cultura, disponíveis no site da UFJF (www.ufjf.br).

No dia seguinte à transmissão pioneira de Freire, 29 de setembro de 1948, a cobertura do jornal *Diário da Tarde* foi ainda maior, contando a história da vida do técnico, então com 32 anos e dando detalhes da experiência, além de anunciar o prosseguimento das transmissões a pedido do jornal e da Câmara Municipal (LINS, 2012, p.42-43).

Em 1950, nas comemorações pelo centenário da cidade, celebrado em 31 de maio, Freire transmitiu imagens da partida entre o Tupi e o Bangu. “*O Repórter Esso*, da Rádio Tupi, noticiaria que, pela primeira vez na história do país, havia sido televisionado um jogo de futebol” (MUSSE; GUIMARÃES, 2019, p.2).

A televisão no Brasil teve início em 18 de setembro de 1950 com a inauguração da TV Tupi, em São Paulo, com equipamentos trazidos do exterior por Assis Chateaubriand. Para Lins (2012, p.44), apesar de a historiografia da televisão brasileira raramente mencionar as transmissões feitas em Juiz de Fora, é possível considerá-las como o marco da televisão na América Latina. “Antes mesmo da inauguração da televisão no país, parte dos cidadãos juizforanos já estava encantada com as imagens transmitidas por Olavo Bastos Freire.”

A iniciativa do primeiro telejornal da cidade, realizada de forma muito diferente do que vemos hoje, é creditada à TV Mariano Procópio. A emissora local não chegou a obter a concessão do Governo e esteve no ar, em caráter experimental, entre os anos de 1960 e 1963. Com o slogan “Uma síntese fotográfica dos acontecimentos da cidade”, o *Telefoto Jornal* foi uma produção jornalística criada por meio da projeção de *slides* que mesclavam fotos e anúncios, inicialmente sem acompanhamento de som e, posteriormente, com locução. O telejornal era exibido à noite, com duração de cinco minutos, em meio à programação da TV Tupi Rio. Ele foi ao ar nos anos de 1961 e 1962.

Segundo Jorge Couri (2009), tanto o material jornalístico como o comercial era fotografado por ele. A narração era do jornalista Rubens Furtado, no noticiário, e do radialista Geraldo Basdon, nos comerciais. Por trabalharmos com história oral, estamos sujeitos a flutuações da memória. Assim, Jorge Couri não tem certeza de como era feita a interrupção da programação da Tupi para a entrada do Telefoto Jornal. Ele se lembra apenas de que o sinal da Tupi era interrompido quando aparecia a imagem do “indiozinho” (símbolo da emissora) na tela. A partir daí, apresentavam-se dois ou três slides, com notícias e publicidade, narrados em off, possivelmente após uma abertura, também em off, com um boa noite. Em seguida, cortava-se novamente para a programação da Tupi do Rio, que era o sinal retransmitido em Juiz de Fora (LINS, 2013, p.159).

Na década de 1960, além do sinal da TV Tupi Rio, transmitido pelo canal 10, os juizforanos tinham acesso à TV Continental, no canal 9, e à TV Rio, no canal 13. Também eram

realizadas transmissões esporádicas da TV Mariano Procópio, que integrava o grupo dos Diários Associados, de Chateaubriand.

Para Jhonatan Mata (2011, p.68), a TV Mariano Procópio exemplifica o viés progressista da identidade de Juiz de Fora, reverberado pelos meios de comunicação à época. “Era o único município que tinha o privilégio de exibir cinco minutos diários de acontecimentos locais na TV Tupi do Rio, de abrangência nacional.”

Figura 4 – Anúncio do *Telefoto Jornal* no *Diário da Tarde* (24/11/1961)



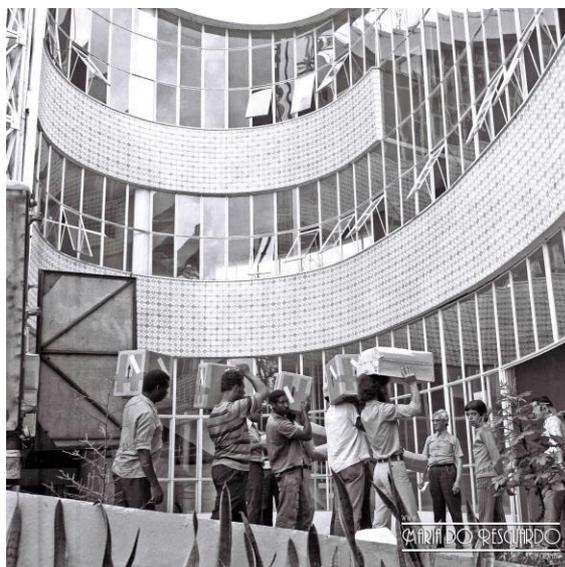
Fonte: Reprodução / LINS, 2013

A concessão do canal 10 foi alvo de disputa entre o grupo de Chateaubriand e o proprietário da Rádio Industrial, Sérgio Vieira Mendes, que saiu vitorioso. Dessa forma, no dia 29 de julho de 1964 entrou no ar a programação da TV Industrial, “uma emissora genuinamente local, alicerçada na estrutura popular do rádio, representando a cidade polo Juiz de Fora e a Zona da Mata Mineira” (MATA, 2011, p.70).

A classificação de “marco na TV local” dada à TV Industrial, embora já influenciada pelas grandes TVs da época, se justifica, sobretudo, por seu poder de identificação com seu público. Desde os cinejornais e telejornais produzidos pelo cineasta João Carriço na década de 40, que registravam a vida política e social de Juiz de Fora, era a primeira vez que o juizforano se via representado regularmente na tela, agora de televisão (MATA, 2011, p.71).

A TV Industrial foi a primeira estação geradora de sinais de TV do interior do país e chegou a produzir localmente 80% da sua programação (MUSSE; GUIMARÃES, 2019). A sede ficava no Morro do Imperador: um prédio helicoidal, projetado e edificado pelo engenheiro Armando Favatto (MATA, 2011).

Figura 5 – Equipe de trabalho na sede da TV Industrial



Fonte: Roberto Dornellas/ Site Maria do Resguardo.

Em 1979, a TV Industrial foi adquirida pelo grupo Globo, de Roberto Marinho, que estreou, em Juiz de Fora, no dia 26 de abril de 1980. Com a sua chegada, a programação local foi reduzida a poucos minutos diários. Até 1998, foi observada uma relação de dependência com a matriz do Rio de Janeiro e uma obediência ao chamado “padrão Globo de qualidade”. “As pessoas já não se viam mais na ‘telinha’, já que mais de 90% da programação não era produzida na cidade” (MATA, 2011, p.72).

Outros dois fatos marcaram a imprensa juizforana no início da década de 1980. O primeiro deles foi a criação do jornal *Tribuna de Minas*, em 1981. Fundado pelo médico e empresário Juracy Azevedo Neves, o impresso tinha a proposta de ser direcionado às questões locais e regionais, conforme a apresentação feita no seu primeiro editorial:

Um jornal forte, corajoso e polêmico, que visa levantar bandeiras a favor de Juiz de Fora e da Zona da Mata e gritar pelos seus legítimos direitos. Suas preocupações maiores serão a integração, a verdade e o respeito ao leitor, a quem pretendemos atingir através de um trabalho ético e responsável (EDITORIAL, 1981, p. 3).

O segundo fato foi o encerramento das atividades do *Diário Mercantil*, em 1983. Com a extinção do concorrente, a *Tribuna de Minas* tornou-se a principal mídia impressa de Juiz de Fora com apenas dois anos de existência, posto que mantém até os dias de hoje. A trajetória de

mudanças e adaptações do jornal para sobreviver às transformações ocorridas em 42 anos de história serão detalhadas adiante.

Antes de encerrar esta ilustração sobre a força da relação entre o jornalismo e a cidade de Juiz de Fora, é preciso pontuar dois aspectos relevantes para a contextualização deste estudo. No final do século XX, diante do fenômeno da globalização, observamos dois movimentos que impactam diretamente a imprensa juizforana: o resgate do local e a digitalização.

Como observado por Hall (2006, p.80), “a globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais”. No momento em que as fronteiras se esvaem e há maior integração entre diferentes culturas, também ocorre um resgate do local como uma espécie de tentativa de não se perder ou esquecer quem é.

No jornalismo, o reflexo dessa movimentação é o maior interesse das empresas de comunicação pela cobertura local. Um exemplo ocorreu em 1998, quando a Globo de Juiz de Fora passou por essa transformação. Nomeada como TV Panorama, a emissora ampliou a programação regional: os telejornais *MGTV 1* e *MGTV 2* começaram a ser apresentados no estúdio da cidade e outros programas locais, como o *Panorama Revista* e o *Panorama Esporte*, foram incorporados à grade. A emissora tinha o slogan “TV Panorama: o espelho da comunidade”. Para Mata (2011, p.72), as iniciativas mostram uma “tentativa de resgate do local para enfrentar a globalização e atrair novos mercados publicitários”.

A digitalização também é observada no jornalismo juizforano do final do século XX. Em 1996, a *Tribuna de Minas* deu início a sua presença na internet.

Em 1996, a Tribuna de Minas ganha a sua versão on-line. O site, chamado Tribuna Digital, permaneceu durante 15 anos como uma reprodução da edição impressa na internet. Somente em 2011, o jornalismo passou a ser pensado e produzido para a web. Atualmente, o portal recebe, em média, 10 milhões de visualizações por mês, o que corresponde a 13,8 mil acessos por hora (NOCELLI, 2020).

A chegada do século XXI trouxe novas mudanças para a imprensa da cidade. Em 2003, ocorreu a venda da TV Panorama para o empresário Omar Resende Peres, que criou o grupo OP.COM, constituído pela emissora de televisão, a Rádio Panorama, o impresso *Jornal Panorama*, o portal *iPanorama.com* e a empresa de eventos PanShow. “Do ponto de vista de produção de conteúdo regional, a OP.Com manteve os programas *Panorama Esporte*, *MGTV 1ª* e *2ª* Edição, e criou o *Panorama Entrevista*” (MUSSE; GUIMARÃES, 2019, p.7).

Quatro anos depois, em 2007, a Rede Integração adquiriu 50% das ações da TV Panorama. A aquisição total aconteceu em 2012, quando houve a mudança de nome para TV Integração e a ampliação da área de cobertura para as regiões da Zona da Mata e Campo das

Vertentes, com alcance para mais de dois milhões de pessoas, em cem municípios. A Rede Integração é propriedade do empresário Tubal de Siqueira e tem sede em Uberlândia.

Assim, os telejornais locais passaram a ser chamados de *MG1* e *MG2*, sendo transmitidos de segunda a sábado nos horários de 11h45 e 19h10, respectivamente. O primeiro com duração de, aproximadamente, uma hora e o outro com cerca de 15 minutos. Até o período da pandemia da Covid-19, as apresentações eram feitas nos estúdios locais. A partir de 28 de março de 2020, como estratégia para reduzir os riscos de contaminação da doença, foi feito o revezamento entre as equipes, e o público passou a acompanhar notícias de todas as praças da rede.

A apresentação do *MG1*, até então realizada do estúdio da emissora na cidade, passou a ser feita de Uberlândia. O *MG2* continuou sendo apresentado de Juiz de Fora, mas com exibição para as demais praças. Ambos passaram a veicular notícias de todas as outras cidades (NOCELLI, 2020, p.7).

Com a ampliação da vacinação contra a Covid-19 e o controle da crise sanitária, as edições do *MG1* e *MG2* exibidas de segunda à sexta voltaram a ser apresentadas no estúdio de Juiz de Fora e a ter foco nas notícias locais. O revezamento entre as praças foi mantido nos telejornais exibidos aos sábados.

Outro exemplo do reflexo do resgate do local foi o contrato firmado entre a TVE e a TV Visão, em 2006. A grade de programação oferecia diferentes conteúdos de caráter regional. Mata (2011) descreve que a angulação das pautas, a repercussão de assuntos nacionais na cidade e a naturalidade juizforana dos apresentadores contribuíram para criar uma identidade local da TV Visão, extinta em 2007. No mesmo ano, a TVE criou um convênio com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), através do qual passou a exibir o programa *Mosaico*, que, a cada edição, apresentava a história de um bairro da cidade a partir da conversa com os moradores.

Inaugurada em 1990, a TV Tiradentes também manteve uma programação local com telejornais, mesas de debate e programas esportivos. Em 1999, foi vendida para a TV Alterosa, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). “O telejornalismo da emissora priorizou o local, com matérias de segurança pública e de prestação de serviço, em VTs ágeis e em plano sequência” (MATA, 2011,p.75).

Sobre o processo de digitalização, é preciso lembrar que, em 2008, Juiz de Fora passou a contar com o portal *Acessa.com*, responsável por realizar a cobertura jornalística de informações locais. Em 2013, foi inaugurado o *G1 Zona da Mata*, portal de notícias do grupo Globo, que também tem o foco nos acontecimentos da cidade e da região.

Após esta retrospectiva, propomos algumas considerações e reflexões. O jornalismo é uma atividade pulsante em Juiz de Fora, presente já nos primeiros anos após a sua categorização como cidade. Com o passar do tempo e a chegada de novas tecnologias, seguiu ativo e dinâmico, propiciando momentos de pioneirismo para a história da cidade. Notamos, assim, que essa relação forte e de longa data foi responsável por ajudar a construir uma identidade local, exemplo claro de como a realidade é socialmente construída e os veículos de comunicação integram as estruturas mediadoras explicadas por Berger e Luckmann (2004).

Através das narrativas reverberadas pelo jornalismo juizforano, o público compreende não só a cidade, mas se reconhece e, também, enxerga quem são os outros. Ainda no início da imprensa escrita local, observamos a criação de jornais que buscavam representar grupos específicos: elite, burguesia, proletariado, cristãos. Podemos compreender tais iniciativas como uma busca por representatividade e representação.

Com o fenômeno da globalização, o resgate do local só é possível no jornalismo da cidade porque os juizforanos já haviam apreendido os conceitos de identidade e alteridade. Os estudos de Mata (2011) mostram o desejo dos cidadãos de se verem na tela da TV, como já sugere no título de sua pesquisa *Um telejornal para chamar de seu*. Neste ponto é preciso questionar: quem são os outros?

Tomando como exemplo o jornal *Diário Mercantil*, que abertamente representava os interesses da elite, conforme os estudos de Musse (2008), os outros seriam aqueles que não pertenciam a esta classe social. E em relação aos demais meios de comunicação?

Os estudos de Perlatto (2022) e Moraes (2022) mostram que, historicamente, determinados grupos sociais sempre foram considerados os outros. A “classificação” é enviesada por questões de gênero, raça, etnia, classe social, posição geográfica e outrofobias. Considerando os estudos de Hall sobre os impactos da globalização nas identidades, vivemos um momento que nos exige repensar os sistemas de representação. Para o autor, a globalização cria um efeito direto sobre as identidades ao reduzir as barreiras geográficas entre o centro colonial e a periferia colonizada. Essa movimentação contribui para “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas” (HALL, 2006, p.89). Defendemos aqui, a importância de que essa pluralidade seja incorporada às representações feitas pelo jornalismo.

4.2 DO IMPRESSO À INTERNET: AS REINVENÇÕES DA *TRIBUNA DE MINAS*

Em 42 anos de história, recém-completados no dia 1º de setembro de 2023, a *Tribuna de Minas* passou por muitas transformações. Desde a primeira edição impressa em páginas em preto e branco até os dias de hoje, com a presença na internet através de site e redes sociais, o jornal realizou várias reformulações na tentativa de se adaptar aos novos cenários da comunicação que se desenharam ao longo do tempo e do desenvolvimento tecnológico. Rememorar essas informações, reconhecendo a possibilidade de imprecisão cronológica dos fatos, é uma tentativa de fornecer a contextualização necessária para a compreensão do objeto empírico.

Na véspera da inauguração do jornal, no dia 31 de agosto de 1981, foi lançada a “edição zero” da *Tribuna de Minas*, uma espécie de manifesto no qual o novo jornal afirmava o seu compromisso com a cidade, posicionando-se como responsável por fiscalizar o poder e cobrar as autoridades (OLIVEIRA, 2005, p.2).

No dia 1º de setembro de 1981, a edição inaugural mostrou o tom do jornalismo que seria feito. A manchete *Estádio Regional cede seu terreno à Monark* informava a cessão da propriedade, onde a princípio seria construído o empreendimento, para a instalação da fábrica da marca de bicicletas. A notícia trazia o anúncio do diretor da empresa, Geraldo Las Casas, e a repercussão com autoridades locais, como o prefeito Mello Reis, o presidente da Liga de Futebol de Juiz de Fora, Geraldo Magela Tavares, e o presidente do Tupinambás, Jamil Zaiden.

A submanchete da primeira edição foi a matéria *Tancredo: é hora da Zona da Mata lançar candidato*. O texto trazia as opiniões do então senador e presidente do Partido Popular (PP), Tancredo Neves, e do presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) à época, Itamar Franco, sobre o cenário político pré-eleitoral.

A capa da edição divulgou, também, notícias sobre as verbas para a inauguração da Avenida Barão do Rio Branco; a visita do governador de Minas Gerais, Francelino Pereira, e do ministro dos Transportes, Eliseu Resende, à cidade; os trâmites para a futura candidatura do médico Hélio Paschoalino à Prefeitura de Juiz de Fora; e as reformas eleitorais anunciadas pelo Ministério da Justiça. Destacados em um box, estavam dois conteúdos direcionados à orientação dos consumidores, com os títulos *O jeans e o mercado em Juiz de Fora* e *O Teste do Consumidor*. Ainda na capa, constavam duas matérias de política internacional, sendo uma sobre o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, ter escapado de um atentado à bomba e outra sobre a revolta do povo iraniano com as mortes do presidente Mohammad Java Bahonar e do primeiro ministro Mohammad Ali Rajai.

TRIBUNA DE MINAS

AVENIDA DE VERBAS PARA CONCLUIR OBRAS

Estádio Regional cede seu terreno à Monark

Cidade espera hoje Francisco e Eliseu Resende

O "jeans" e o mercado em JP

O Toste do condeador

Reagan escapa de novo atentado a bomba em Detroit

Candidatura de Paschoalino depende do TRE

Tancredo: é hora da Zona da Mata lançar candidato

Eleição em dois turnos começa a ganhar adesões

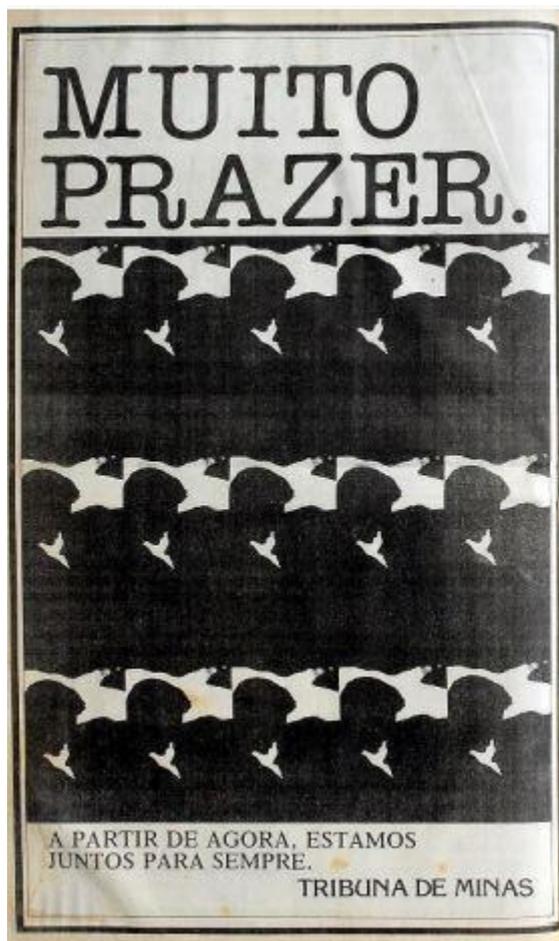
Trá culpa EUA pela morte de seus líderes



Com 1000 m de altura e maior máquina de fabricar concreto do Brasil já produzida e controlada em obra de obra pelo

Fonte: Tribuna de Minas, 2021

Na contracapa da primeira edição, o jornal fez um anúncio de apresentação aos leitores, no qual afirmava a longevidade da relação que seria criada com o público a partir de então:

Figura 7 – Contracapa da primeira edição da *Tribuna de Minas*

Fonte: *Caderno Especial de 40 anos da Tribuna de Minas*, 2021

No início da sua trajetória, a *Tribuna de Minas* deu maior destaque às notícias políticas, como pode ser observado nos conteúdos anunciados na capa da sua primeira edição. A cobertura das Diretas Já! (1983-1984), da campanha do juizforano Itamar Franco ao governo de Minas Gerais (1985) e das eleições de 1986 deram sequência à proposta da linha editorial. Após o fim do *Diário Mercantil*, sem a presença de um grande concorrente na cidade, o impresso conquistou rapidamente o domínio do mercado juizforano.

A primeira reformulação significativa aconteceu em 1985, quando a direção teve o intuito de tornar a *Tribuna de Minas* um jornal estadual, que competiria diretamente com o *Estado de Minas*. Para isso, transferiu parte da redação para a capital Belo Horizonte. No ano seguinte, passou a publicar o impresso *Tribuna da Tarde* em Juiz de Fora, realizado por uma equipe de reportagem local. Segundo Livia Oliveira (2005), o projeto de se transformar em um jornal estadual não foi bem sucedido por conta da dificuldade de conseguir investimentos junto à iniciativa privada.

Figura 8 – Capa do jornal *Tribuna da Tarde* (1/03/1990)



Fonte: Blog Memórias da Imprensa

Durante a década de 1990, outras mudanças marcaram a história do jornal. Em 1992, Juracy Neves criou o Grupo Solar de Comunicação que, além do impresso, incluía emissoras de rádio, o que significou mudanças na gestão. No mesmo ano, a *Tribuna da Tarde* retomou o nome original de *Tribuna de Minas*, uma alteração de posicionamento da marca que, embora permanecesse como um jornal local, reforçava junto ao público o compromisso com o qual o veículo foi criado. Em 1994, passou a ser o primeiro jornal de Juiz de Fora produzido em cores, uma adaptação ao mercado e à tecnologia da época (OLIVEIRA, 2005). Dois anos depois, criou o site *Tribuna Digital* para que os leitores também pudessem acessar as notícias pela internet, mais uma adequação às transformações no cenário da comunicação. Em 1997, o jornal anunciou ao público uma grande reforma gráfica e editorial:

A manchete Ousadia Gráfica e Editorial redesenha a Tribuna e impõe uma nova história para o jornalismo em Juiz de Fora, no jornal do dia 10 de dezembro daquele ano, anunciava as mudanças pelas quais a Tribuna passaria. A partir da edição do dia 14 de dezembro, as fotos ganhavam maior destaque, assim como o nome do jornal na capa. A editoria cidade seria mais valorizada,

passou a ter um caderno de quatro páginas, que além de matérias a respeito da cidade traria a coluna social de César Romero (OLIVEIRA, 2005, p.5).

Outra reformulação foi realizada em 2001. Nela, foi perceptível a preocupação do jornal em acompanhar as novidades trazidas pela internet. Entre as alterações estava a proposta de aumentar a interatividade com o leitor, convidando-o a enviar fotos, perguntas, sugestões de pauta e opiniões através de cartas ou e-mails. Com relação ao conteúdo, é observado o deslocamento da importância dada às notícias de política para as matérias da editoria de *Cidade* (OLIVEIRA, 2005).

Os impactos da popularização da internet, das novas tecnologias e da convergência midiática foram sentidos pelas redações em todo o país¹⁸. Na *Tribuna de Minas* não foi diferente. A temporalidade do impresso, que reporta as notícias no dia seguinte, tem dificuldade de atender um público que vem sendo acostumado ao ritmo acelerado de acessar instantaneamente um grande volume de informações, independente da qualidade ou procedência das mesmas.

Dessa forma, as reformulações que observamos na *Tribuna de Minas* a partir do século XXI buscam garantir a competitividade do veículo nesse novo contexto. Em 2011, o site, já com o nome de *Tribuna de Minas*, deixou de ser uma reprodução estática da edição impressa e passou a ser alimentado com informações factuais por uma equipe formada por repórteres e editora. No mesmo ano, foi criada a página no Facebook, onde as notícias também passaram a ser reproduzidas (TRISTÃO, 2021).

Em 2012, ingressei como repórter da editoria de *Economia* do jornal e acompanhei as mudanças realizadas na produção de notícias. Naquele momento, a presença na internet era um projeto em construção e, portanto, ainda secundário em comparação ao exemplar impresso. Diante da preocupação de não provocar o “esvaziamento” da edição que iria às bancas no dia seguinte, as publicações no site, em tempo real, eram restritas às notícias factuais, sobretudo, às ocorrências policiais. As matérias do dia a dia e as reportagens especiais eram publicadas na internet somente após a circulação do jornal impresso.

Em 2013, com a chegada do *G1 Zona da Mata*, a chefia da redação entendeu que seria preciso dar maior consistência e agilidade às publicações feitas no site para manter-se à frente daquele que se apresentava como o principal concorrente. Para isso, houve uma mudança na

¹⁸ Nos últimos anos, foram extintas as edições impressas de jornais como *Gazeta Mercantil* (2009), *Jornal do Brasil* (2010), *O Estado do Paraná* (2011), *Jornal da Tarde* (2012), *Diário do Povo* (2012), *Diário do Comércio* (2014), *O Sul* (2014), *Brasil Econômico* (2015), *Diário do Nordeste* (2021), *Jornal do Commercio* (2021), *O Estado do Maranhão* (2021) e *Agora* (2021) (NOCELLI, 2023).

distribuição das equipes no espaço da redação: os repórteres da editoria de *Internet* trocaram de lugar com aqueles que cobriam o *Caderno Dois* e passaram a ficar ao lado dos que escreviam para a editoria de *Geral*, antiga *Cidade*, a maior do jornal e a principal responsável por abastecer o site.

A partir de então, todos os repórteres precisaram se adaptar ao novo modelo de produção de notícias: ao sair para uma cobertura jornalística, era preciso telefonar para a equipe de *Internet* e repassar as informações da apuração inicial para que fossem para o site o quanto antes. Após o retorno à redação, o repórter redigia a matéria completa para o impresso e, no dia seguinte, a versão atualizada era postada na internet.

Com a popularização dos smartphones e do uso do WhatsApp, o trabalho ganhou imediatismo: usando o celular pessoal, os repórteres passaram a escrever as matérias *in loco* e enviar para o grupo da redação, reduzindo, assim, o tempo entre o acontecimento e a publicação feita no site. Dessa forma, começamos a observar a produção de conteúdo para internet ganhar protagonismo. Assim, os jornalistas passaram a produzir duas versões de matérias: uma para o site, com as informações completas sobre o acontecimento, e outra mais analítica, já considerando a repercussão e os desdobramentos do fato, para o jornal impresso.

Apesar das estratégias adotadas, a queda de receita decorrente da diminuição das assinaturas e dos anunciantes nunca foi escondida da equipe. O segundo aspecto era visualmente perceptível com a redução de páginas do caderno de anúncios *Classificados*. Naquele momento, era comum que os chefes de redação pedissem sugestões de novos conteúdos que pudessem atrair leitores para o impresso e, também, ajudassem a monetizar o site. Nas reuniões de pauta das editorias, isso também era incentivado.

Foi nesse contexto que, em 2014, a equipe do *Caderno Dois* se propôs a pensar alternativas de substituição da seção *Vale a Pena*, que ocupava meia página do jornal, em preto e branco, e trazia indicações culturais de pessoas com relevância no cenário artístico da cidade. Foi assim que o repórter Mauro Morais apresentou a sugestão de uma coluna que contaria a história de pessoas comuns, que o público até poderia saber quem era, mas não conhecia de fato, como o pipoqueiro responsável pela famosa pipoca do Parque Halfeld e a proprietária do Forró da Marlene, um dos principais locais de entretenimento para o público da terceira idade. Morais relembra como foi a criação do projeto:

O *Vale a Pena* apresentava dicas culturais. Toda semana alguém indicava, e aquilo começou a ficar repetitivo. E é normal que, de tempos em tempos, você precise mudar as seções. E aí eu dei a ideia de perfis semanais, de entrevistar anônimos, que é o barato, pessoas que a gente queira conhecer a história. Eu sou uma pessoa muito curiosa. [...]Bebel [Isabel Pequeno, editora do *Caderno*

Dois] e eu elaboramos uma lista de nomes e mostramos para a Denise [Gonçalves, editora geral]. Ela disse “esse não, esse não, esse não. Tem que pensar em outras ideias”. E isso ficou. Achei terrível o nome. Depois, passados cinco anos, de fato, ali tem muitas outras ideias. Mas não foi intencional. Inicialmente, foi um desprezo pelo trabalho, mas o tempo mostrou que o nome teria a ver (MORAIS, 2020).

Com a aprovação, a coluna estreou no dia 20 de julho de 2014 e foi publicada até o dia 15 de março de 2020, quando foi interrompida por conta da pandemia da Covid-19. Neste período, foram publicadas as histórias de 266 entrevistados. As análises de conteúdo e representatividade desse material são feitas no próximo capítulo. A seguir, também são detalhados os impactos da resposta positiva do público à coluna para a redação.

No segundo semestre de 2014, a *Tribuna de Minas* iniciou o que viria a ser uma série de demissões consecutivas. A equipe da redação sofreu uma redução superior a 50%, o que impactou diretamente as condições de trabalho¹⁹. O produto também foi impactado: as notícias antes separadas em páginas das editorias de *Geral*, *Política* e *Economia* foram aglutinadas em uma única editoria, chamada *Dia a Dia*. O número de páginas dos jornais publicados de terça à sexta-feira foi reduzido, enquanto as edições de sábado e domingo foram condensadas em um único exemplar de fim de semana.

Dois anos depois, uma nova reformulação trouxe alterações drásticas: a identidade visual passou do preto e vermelho para o branco e o azul, a marca deixou de ser *Tribuna de Minas* para ser *TM* e parte dos conteúdos publicados no site deixou de ser gratuita. O anúncio foi feito no dia 13 de julho daquele ano:

A partir desta quinta-feira (14), o jornal passa a cobrar pelo conteúdo on-line, seguindo tendência dos principais veículos do país e do mundo. O modelo que o jornal vai adotar permite que o leitor tenha acesso gratuito a parte do conteúdo, sendo restrito o acesso a matérias exclusivas, reportagens investigativas, colunas e blogs, além de projetos especiais desenvolvidos pela Tribuna. Para ter acesso a esse conteúdo exclusivo, o leitor pagará apenas R\$ 5 por três meses (*TRIBUNA DE MINAS*, 2016, meio digital).

A repercussão negativa junto aos leitores fez com que a direção do jornal desistisse da cobrança. Já a identidade visual foi remodelada aos poucos.

¹⁹ Informações do Sindicato

Figura 9 – Reformulação da identidade visual da *Tribuna de Minas*:



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal Murilo Mendes

É importante observar que, em 2016, a coluna *Outras Ideias* já era um fenômeno entre o público. Por isso, a reformulação do jornal garantiu à seção mais espaço e destaque. O conteúdo passou a ocupar uma página inteira colorida e receber chamadas na capa de todas as edições de domingo. Outra informação que demonstra a compreensão da direção do jornal sobre o sucesso da coluna é a sua inserção na estratégia publicitária, sendo incorporada aos anúncios de assinaturas do jornal.

Em 2019, foi feita mais uma grande reformulação com foco na internet. O jornal criou o canal no YouTube TMTV, com o apoio de programas de vários colunistas, “apostando em tornar-se um veículo forte em multiplataforma” (TRISTÃO, 2021, p.7). O anúncio foi feito na matéria *Grupo Solar prepara-se para uma nova fase*, publicada no dia 24 de fevereiro, na qual informa sobre o interesse de integrar o impresso e o digital:

O Grupo Solar de Comunicação entra numa nova fase em 2019, investindo ainda mais no jornalismo multiplataforma e na integração entre os veículos impresso e digital. As mudanças são uma aposta na renovação dos meios. Também se fazem necessárias diante da mobilidade dos suportes e das alterações de hábitos dos consumidores da informação. Ao mesmo tempo, a empresa reafirma a importância do investimento no jornalismo investigativo, sério e de qualidade, feito por uma das maiores e mais qualificadas equipes do interior do Brasil, que inclui profissionais premiados e de formação especializada (TRIBUNA DE MINAS, 2019, meio digital).

A situação econômica tornou-se mais complicada no período da pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2021, quando os jornalistas passaram a enfrentar o corte do pagamento do auxílio-alimentação e o atraso de salários. Em um clima bastante controverso entre os profissionais, o jornal celebrou os 40 anos de existência com a publicação de um caderno comemorativo que incluía reportagens especiais e a série *Gente que fez a Tribuna*, com as histórias de quem trabalhou na redação. Em todo o material, é observado o uso da memória como um recurso para reforçar a credibilidade e a importância do veículo para Juiz de Fora.

Reafirmar a trajetória de pioneirismo, modernidade e referência do jornal é uma das características centrais do caderno dos 40 anos da *Tribuna*. Em um momento em que o jornalismo enfrenta uma crise sem precedentes no país, o jornal volta a se autoafirmar, mostrando que sempre investiu e continua a investir nas inovações, seja no maquinário gráfico ou na tecnologia virtual, para acompanhar o que de mais novo ocorre nos grandes centros (TRISTÃO, 2021, p.14).

Em janeiro de 2023, foi anunciado um novo *layout* para o site da *Tribuna de Minas* como forma de marcar mais uma reformulação: a associação ao *Portal Metrópoles*. Em maio do mesmo ano, os jornalistas, com apoio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora, publicaram uma carta aberta à população relatando as dificuldades enfrentadas para a realização do trabalho no momento em que a empresa está em processo de recuperação judicial. A redação segue com um número reduzido de profissionais e estagiários, responsáveis pela cobertura diária de fatos de Juiz de Fora e da Zona da Mata para as diferentes plataformas do Grupo Solar de Comunicação: impresso, rádio, portal, Twitter, Facebook e Instagram.

Concluimos, assim, que a trajetória da *Tribuna de Minas* é atravessada por mudanças que tentam responder às transformações ocorridas ao longo do tempo, fenômenos que não são isolados e, por isso, possuem desdobramentos em diferentes áreas que afetam diretamente a vida em sociedade. Num contexto de tantas adaptações feitas pelo jornal para sobreviver no mercado, a coluna *Outras Ideias* desperta a curiosidade e o interesse como objeto de pesquisa por conta de diferentes fatores que serão detalhados a seguir.

4.3 ENTRE O ACONTECIMENTO E OS DESACONTECIMENTOS: A CONCEPÇÃO DA COLUNA

Pensada de forma despretensiosa, apenas como uma alternativa de substituição a um conteúdo considerado defasado, o sucesso alcançado pela coluna *Outras Ideias* não era algo esperado. Pelo contrário, é possível observar que a iniciativa gerou dúvidas, tanto pela forma como foi aprovada, quanto pela descontinuidade do envolvimento da equipe do *Caderno Dois* no projeto. “A proposta era que cada semana um repórter fizesse, mas acho que ninguém ‘comprou’ a ideia” (MORAIS, 2020).

Antes de propor a criação da coluna, Moraes sugeriu a realização da série *A Voz da Periferia*, publicada entre os dias 26 e 31 de janeiro de 2014, que afirma ter sido a inspiração para a concepção de *Outras Ideias*. As cinco reportagens da série mostraram a cultura e os artistas de Juiz de Fora para além da região central.

De acordo com os agentes culturais moradores da periferia da cidade, entrevistados para a série *A Voz da Periferia*, que começa neste domingo, o objetivo da arte que fazem está, justamente, na reivindicação de visibilidade e voz. Afinal, eles fazem parte de uma Juiz de Fora que também é rua e também é morro. Uma cidade que é Murilo Mendes e também MC Hattori, com seu "Detalhes": "Será detalhe mais um filho de uma mãe solteira que carrega o peso/ da sua família inteira na farda/ Detalhe eu sei que num foi, me tornar MC/ E fazer poesia varando as madrugadas" (TRIBUNA DE MINAS, 2014, meio digital).

No texto de abertura da série, o jornalista levanta o questionamento sobre o uso das perspectivas Centro e periferia na geografia de Juiz de Fora: "Se por periferia entende-se a região mais afastada do Centro, o que dizer desse lugar numa cidade cuja área urbana é de cerca de 500km² e o Centro corresponde a apenas 0,75km²?" (TRIBUNA DE MINAS, 2014, meio digital). Sobre este trabalho, detalha:

Fui identificar o que eram as expressões culturais na periferia de Juiz de Fora. Pensei em segmentar [as reportagens] por expressões. Tratei de um grupo de estudos do bairro Santa Cândida, que era a cultura literária, do rap, do funk. Nas primeiras matérias, ouvi os artistas, não tinha voz oficial. Na penúltima, tinham estudiosos falando sobre os movimentos culturais. E, na última, era o poder público falando o[...] Essa série foi incrível. Foi daí um pouco que surgiu o *Outras Ideias* porque eu entendi que essas pessoas precisavam ser ouvidas [...] O barato da série foi que a *Tribuna* chegou a lugares que antes não chegava. Funk é uma coisa que a *Tribuna* nunca tinha feito. Aquela foi a primeira vez (MORAIS, 2020).

Desde o ingresso na redação, em 2012, Moraes criou o costume de se pautar. Segundo ele, isso nunca foi um problema para os editores e a chefia de reportagem, mas observou a falta de confiança em algumas iniciativas, como a série e a coluna. “Sempre acolheram as ideias, mas com descrédito, não achando que iriam dar tão certo” (MORAIS, 2020). No primeiro caso, relembra que a reportagem de estreia não recebeu chamada na capa, mas após observarem o grande volume de leitura no site, as outras publicações passaram a ser anunciadas. “Com *Outras Ideias* também foi assim, algo do tipo ‘vamos, se der certo bem, se não der...’ E com a resposta positiva do público, a coluna cresceu, ganhou destaque e página colorida” (MORAIS, 2020).

Com a série *A Voz da Periferia*, Mauro Moraes foi vencedor do Prêmio Petrobras de Jornalismo na categoria cultura/regional (Minas Gerais, regiões Centro-oeste e Norte). No dia da premiação, realizada no Rio de Janeiro, dedicou a vitória a Josimar Aparecido Andrade Silva, conhecido como MC Aice, que presidia a Associação Posse de Cultura Hip Hop Zumbi dos Palmares e foi um dos seus entrevistados. Morador do bairro Milho Branco, na Zona Norte, ele faleceu naquele ano, próximo a sua casa, vítima da violência que é uma das realidades das periferias. “A série me ligou a pessoas que eu não tinha contato, à cultura do rap, do funk. Percebi que a gente precisava manter esse trabalho. E *Outras Ideias* foi a forma de chegar a essas pessoas” (MORAIS, 2020).

Aqui, podemos destacar o primeiro atrativo para a escolha da seção como objeto de pesquisa: a abordagem que ela propõe de um olhar para Juiz de Fora por ângulos diferentes. Na trajetória da *Tribuna de Minas*, o jornal teve sede em três endereços: na Rua Halfeld, no Centro; na Rua Espírito Santo, no bairro Poço Rico, região central; e na Alameda Pássaros da Polônia, no bairro Estrela Sul, região nobre de Juiz de Fora, onde funciona atualmente. A localização pode ser apontada como um dos fatores, mas não o único, que contribuiu para que o jornal mantivesse ao longo de muito tempo uma perspectiva dos acontecimentos sob a ótica das regiões Centro e Sul. Numa análise feita sobre as capas do jornal, em 2012, é observado que a periferia ganhava destaque apenas nas ocorrências policiais (MAIA; LINS, 2012).

Diferentes aspectos contribuem para a definição da perspectiva adotada por um veículo de comunicação, sobretudo, quem o faz e quem o consome. Neste caso, é preciso refletir sobre a linha editorial, o repertório dos jornalistas e o perfil do leitor da *Tribuna de Minas*. Na ausência de pesquisas recentes que apresentem esses dados, retomamos aqui a reflexão sobre o papel do jornalista nesse processo.

Para Aline Maia e Flávio Lins (2012, p.2), escolher o tema, recortar a angulação e priorizar ou não determinados aspectos são ações que “revelam como a realidade é construída, em primeira instância, pelos jornalistas”. Assim, alertam para a responsabilidade desse trabalho.

"É preciso cautela para não reforçar, via discurso jornalístico, preconceitos arraigados no imaginário social brasileiro" (MAIA; LINS, 2012, p.12).

Recorrentemente, os mais espetaculares e marginais aspectos da periferia são os pontos de vista que, prioritariamente, interessam à mídia. No entanto, acreditamos que a maioria dos moradores destas áreas não se identifica como parte integrante desta construção evidenciada pela imprensa. Aproximar-se da periferia e de sua população é, a nosso ver, um caminho possível para aperfeiçoar a cobertura jornalística destas comunidades: uma via eficaz para a imprensa ampliar o papel de promover o debate social, vigiar e exigir a execução de políticas públicas e esmerar-se na retratação da sociedade como um todo – e não apenas de parte dela (MAIA; LINS, 2012, p.12).

É importante destacar que, a partir da segunda década dos anos 2000, foi observada uma maior diversidade na equipe de jornalistas da *Tribuna de Minas*, provavelmente, reflexo da política de cotas implantadas nas universidades, o que trouxe uma ampliação na representação do repertório cultural da cidade. Mesmo que a sede do jornal continuasse distante de alguns bairros da periferia, repórteres que moravam nessas regiões traziam sugestões de pautas. As redes sociais também contribuíram para a maior participação dos leitores dessas localidades que informaram sobre eventos, shows e outras atividades.

Figura 10 – Coluna *Outras Ideias* com Jaiane Oliveira e Lavínia Rufino, rappers e moradoras da Vila Olavo Costa



Fonte: Site *Tribuna de Minas* / Foto: Leonardo Costa

Outro aspecto atrativo para pesquisar a coluna *Outras Ideias* é, sem dúvida, a resposta positiva do público ao conteúdo, capaz de provocar em parte dos leitores o interesse pelo jornal impresso num momento de queda nas vendas do produto. Na redação, por vezes, atendíamos

telefonemas de pessoas que pediam o exemplar do jornal de domingo - ou, pelo menos, só a página da coluna - porque não conseguiram encontrá-lo nas bancas. Embora soubessem que o conteúdo estava disponível na internet, havia uma relação direta com o suporte papel. Era como se ele trouxesse uma materialização para a memória que, assim, poderia ser guardada. Morais (2020) também observou essa reação do público. “Tem muita gente que valoriza o papel. Eu valorizo como documento [...] O papel legitima porque ele tem essa permanência.”

Defendendo o jornal impresso como lugar de memória, Maduell (2015, p.37) considera que “a vontade de lembrar que constitui os produtos dos meios de comunicação, mesmo jornalísticos, expressa a sensibilidade mnemônica própria desse mundo.” Para Nora (1993), essa vontade está atrelada ao medo do esquecimento:

À medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história (NORA, 1993, p.15).

Outro aspecto curioso é o destaque que a coluna conquista de forma orgânica. Na trajetória da *Tribuna de Minas*, observamos que, inicialmente, o foco era a cobertura política e, posteriormente, mudou para as notícias do dia a dia na cidade. Com a coluna *Outras Ideias*, o conteúdo de cultura ultrapassa as páginas do *Caderno Dois* e passa a receber chamadas em todas as capas das edições de domingo.

Sob o ponto de vista do jornalismo, é relevante pontuar, também, o fato de tudo isso acontecer com um conteúdo que não segue os parâmetros do modelo informativo tradicional. Trata-se de um jornalismo que não obedece aos critérios de noticiabilidade e o preceito da objetividade. Pelo contrário, é um espaço dedicado a uma escrita subjetiva sobre narrativas de vida, sendo muitas delas de pessoas que integram grupos historicamente silenciados.

Em 2014, eu entrevistei personagens que tiveram muita repercussão, tipo a Marlene do Forró. Foi uma repercussão tão grande. O jornal nunca tinha visto aquilo, porque o que repercutia era sempre o factual. De repente, foi só uma história: quem era a Marlene. Não tinha gancho, critério de noticiabilidade... Quais seriam os critérios? Não atende nada do que aprendemos sobre isso. E aquilo criou um alerta. Existe espaço e interesse para outro tipo de jornalismo. As redes sociais nos mostram isso, as pessoas querem ser vistas, ouvidas (MORAIS, 2020).

Aqui, é preciso retomar o conceito de acontecimento proposto por França e Lopes (2017), a partir dos estudos de Quéré, sobre uma experiência humana capaz de afetar o individual ou o coletivo ao romper a rotina, quebrar a ideia de normalidade e trazer à tona

questionamentos. Seguindo essa definição, é possível afirmar que a coluna *Outras Ideias* foi um acontecimento na história do jornal *Tribuna de Minas*.

O fenômeno afetou diretamente a realidade da redação, trazendo mudanças para a rotina da reportagem em determinados momentos. Uma delas foi a inserção da coluna como um critério de noticiabilidade para a publicação de obituários estendidos. Antes da existência da seção, os nomes das pessoas que morriam na cidade eram citados no obituário do jornal. Quando havia a morte de alguma personalidade das áreas de política, cultura, saúde ou educação, por exemplo, era feito o obituário estendido, que consiste numa pequena matéria informando sobre a morte e homenageando a trajetória da pessoa. Após o sucesso da coluna *Outras Ideias*, os anônimos entrevistados por Mauro Morais também passaram a receber a homenagem.

Outro impacto para a equipe de reportagem foi a decisão comercial do jornal de criar um caderno comemorativo para o aniversário de 167 anos da cidade, celebrado em 2017, inspirado na coluna. O especial *Juiz de Fora - Terra de Empreendedores* mobilizou diferentes repórteres que deveriam contar as histórias de vida de empresários locais. A orientação dada aos jornalistas era para que se inspirassem no trabalho realizado por Mauro Morais. A iniciativa foi considerada bem sucedida na avaliação comercial e, por isso, repetida no ano seguinte, mas a repercussão não foi a mesma da coluna.

Compreender o sucesso de *Outras Ideias* com o público requer a realização de um estudo de recepção. Entendemos que trata-se de um material muito rico, que abre diferentes possibilidades de pesquisas. Mas de forma geral, acreditamos que o fenômeno está relacionado a todos os elementos que o compõem: a forma, o conteúdo, as escolhas dos entrevistados, a subjetividade do autor e o contexto em que tudo acontece. Nesse sentido, quando a proposta é modificada, não é esperado o resultado idêntico.

Durante mais de cinco anos - entre o seu acontecimento e os desacontecimentos aos quais deu espaço -, a coluna *Outras Ideias* trouxe à tona perspectivas pouco exploradas pela *Tribuna de Minas* até então. Na prática, reduziu as distâncias entre a periferia e o Centro, o desumanizado e a humanidade, o silenciado e o espaço de escuta, o imaginário e as múltiplas realidades existentes. Por isso, o interesse dessa pesquisa em analisar os registros criados pela seção a fim de compreender se esta é uma possibilidade para a diversificação da memória social.

4.4 O PERCURSO NARRATIVO DE MAURO MORAIS

“Eu tinha dimensão de que a história coletiva passa pela narrativa individual, tinha certeza”, afirmou Mauro Morais durante a entrevista de quase uma hora realizada no dia 7 de fevereiro de 2020, na sala de reuniões da *Tribuna de Minas*. Aqui peço licença neste estudo acadêmico para relatar os bastidores desse encontro: quando o procurei para informar que a coluna *Outras Ideias* era o tema do projeto de pesquisa que seria submetido à seleção do Mestrado, mostrou-se solícito desde o primeiro momento. Foi naquela conversa, semanas antes de a redação precisar adaptar-se ao *home office* por conta da pandemia da Covid-19 e os encontros presenciais entre a equipe tornarem-se escassos, que conheci a história de vida de um colega de trabalho que, até então, encontrava quase diariamente naqueles últimos oito anos, mas que os curtos intervalos na correria diária do jornalismo, geralmente durante os cafés na copa, não deram conta de me apresentar. Quando perguntei a ele sobre o motivo de contar tantas narrativas de vida de pessoas que historicamente estiveram à margem dos meios de comunicação e da sociedade, foi categórico: “Porque a minha história pessoal não é contemplada pela narrativa oficial” (MORAIS, 2020).

Nascido apenas Gabriel, em maio de 1988, na cidade de Juiz de Fora, cresceu entre os bairros São Mateus, Santa Cecília e Dom Bosco. Filho da costureira Cristiane e do poeta Mauro, não chegou a conhecer o pai, morto em janeiro daquele ano. Assim, foi criado pela família materna. “Morava na casa da minha avó com minha mãe e minha tia”, recorda para, em seguida, completar que o período da infância foi turbulento. “Sempre tive contato com a família do meu pai. Minha avó paterna o tempo todo acionava a justiça para requerer a minha guarda. Eles tinham uma condição financeira melhor e usavam isso como justificativa. Todo ano era um *stress*” (MORAIS, 2020).

A mudança para o nome composto Mauro Gabriel veio nessa época. “Quando nasci, o registro não teve o nome do meu pai porque não tinha como registrar com o nome de um morto”, conta. “A minha família paterna reivindicou a paternidade e eu tive outra certidão de nascimento, passei a me chamar Mauro. Antes eu me chamava apenas Gabriel porque meu pai tinha escolhido o nome”, relata explicando a decisão dos familiares de acrescentarem a homenagem ao poeta (MORAIS, 2020).

Para o jornalista, as lacunas que a narrativa oficial oferece à sua história de vida começam na trajetória da avó materna, Aparecida Morais. Natural de Cataguases e mãe de três filhos, veio tentar a vida em Juiz de Fora como costureira, após o divórcio. “Ela sempre foi muito guerreira, teve que lutar por tudo, até pela minha guarda”, diz ele lembrando que ela era proibida de comungar na igreja por ser divorciada. “Minha vó ficou dez anos construindo uma casa que era bem no alto. Aquilo foi um sonho para gente. Eu cresci subindo o morro de

Santa Cecília para acompanhar a obra, que foi feita de forma demorada porque o dinheiro era pouco” (MORAIS,2020).

Anos depois, a divisão demarcada pela perspectiva de classes sociais resultaria num baque para Aparecida. A rua em frente à janela da nova casa, onde muitas vezes viu o neto andar de bicicleta, foi fechada por um muro por conta do loteamento do Bairro Estrela Sul, que se transformaria em uma região nobre da cidade. “Aquilo foi tão agressivo, que minha avó mudou. Vendeu a casa, aí fomos para o Dom Bosco” (MORAIS, 2020).

As narrativas de vida e desacontecimentos narradas por Mauro na coluna *Outras Ideias*, por vezes, refletiram a sua própria história. “Eu cresci no morro. Eu não conhecia aquele morro que eu retratei na série [*As Vozes da Periferia*], mas eu vim desse lugar também” (MORAIS, 2020). Para além das questões de classe social e centro x periferia, ele afirma ter convivido com outros silenciamentos. “Sou branco, mas carrego outros estigmas, como o de ser o filho de um suicida”, por isso, conclui sobre as histórias que ajudou a contar: “mais do que ter empatia é um ato de se reconhecer” (MORAIS, 2020).

Na trajetória dos pais, as lacunas foram além da narrativa oficial se inserindo dentro de casa. Por muito tempo, a dor da perda impediu o acesso às memórias. Segundo o jornalista, a compreensão sobre a morte do pai só aconteceu anos mais tarde. “Minha mãe sempre teve muita dificuldade de falar sobre, ela chora muito. Só a minha vó materna que conseguia falar bem sobre ele, contar coisas engraçadas. Conhecia fragmentos do meu pai” (MORAIS, 2020). Na família paterna também era observada a dificuldade. “Eu sempre lembrei a perda, a saudade.”

Para saber mais sobre o pai, ele leu as duas obras *Não há sinal de porto algum* (1984) e *Não sou naufrago na ilha de ninguém* (1982) publicadas pelo poeta. “Recorria a esses dois livros para imaginar o que ele pensava, ainda na infância. Olhava com encantamento. Eu sabia que a única forma de conhecer meu pai era pelo que ele escrevia” (MORAES, 2020), recorda trazendo um exemplo de como os registros escritos servem de lugares de memória para a posteridade.

Na adolescência, recebeu da família uma pasta com vários escritos feitos pelo pai. Sentindo-se despreparado para mergulhar em todas as lembranças, pediu a um dos melhores amigos do poeta que guardasse o material. Após dez anos, decidiu pegá-lo de volta. O desejo de perpetuar as memórias do pai para a próxima geração motivou a decisão. “Um dia a Maria Júlia falou algo como se eu não tivesse pai [...] E ali eu entendi que minha filha não dimensionava que eu tenho pai, ele não é uma presença na vida dela [...] Eu retomei tudo por ela e lancei o livro [*Entre o Aborto e o Parto*]” (MORAIS, 2020).

Segundo ele, os escritos revelam um rapaz sensível que viveu muitos conflitos internos em meio ao período de repressão das décadas de 1970 e 1980. “Meu avô foi presidente de um partido anticomunista de Juiz de Fora. Ele foi convidado para ser delator da ditadura e denunciou vários jovens, inclusive amigos do meu pai” (MORAIS, 2020). Para ele, os registros mostram, a partir de um olhar individual, a história coletiva daqueles tempos no Brasil e em Juiz de Fora.

Com a concretização dos arquivos de Mauro Fonseca em livro, o que poderia configurar-se em ausência foi registrado como memória para posteridade. “Hoje ela [Maria Júlia] entende perfeitamente que eu tive um pai, como era, do que ele morreu, o quanto ele é importante na minha vida” (MORAIS, 2020).

Na relação construída a partir dos registros, o jornalista encontrou um contraste de emoções. “Falo para minha esposa que tem gente que perde pai e precisa aprender a lidar com aquela ausência. Eu vivo o contrário porque meu pai sempre foi uma constante. Não tem nenhum dia que passe que eu não pense nele.” Em seguida, reflete sobre a dificuldade de representação desse sentimento: “é estranho porque dizem que a saudade é uma palavra bonita, mas ela é cruel... ela pressupõe uma vivência. Ou seja, dele eu não tenho saudade. Eu tenho o que? Não tem uma palavra” (MORAIS, 2020).

Na compreensão que forjou sobre o mundo, a partir das vivências e das narrativas que teve acesso, Moraes entendeu que é preciso romper silenciamentos. Durante a graduação em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), encantou-se pelo jornalismo cultural. Seu trabalho de conclusão de curso foi sobre a crítica e ensaísta Bárbara Heliodora, principal tradutora de Shakespeare para o português. Na época dos estudos, teve a oportunidade de viajar ao Rio de Janeiro para entrevistá-la presencialmente, quando ouviu que “o jornalismo cultural tem que fazer refletir para transformar a cena” (MORAIS, 2020).

É com essa inspiração que o jornalista iniciou o trabalho como repórter do *Caderno Dois da Tribuna de Minas*, em 2012. Com a oportunidade de criar as próprias pautas, tentou mostrar realidades pouco exploradas até então. “Como são pessoas que não estavam acostumadas a serem vistas nas páginas dos jornais, ao serem entrevistadas contando a própria história, muitas não entendiam o porquê do meu interesse”, relata. “O que eu falo é o seguinte, eu quero ouvir a sua história porque aqui no jornal a gente tem a certeza que só contando a história de cada um a gente é capaz de contar a história de Juiz de Fora” (MORAIS, 2020).

Diante do sucesso da coluna, a maior parte dos entrevistados passou a ser sugerida pelo público, e a escolha final do jornalista obedecia à subjetividade: “o que toca o meu coração, eu vou [...] Não segmenta gênero, cor. É o que eu quero ouvir aquela semana.” A reação dos

leitores o surpreendeu. “Já recebi e-mail, telefonema. Era gente querendo conhecer, me deu endereço e me chamou para tomar café.” Com os entrevistados revela respeito e cuidado. “Eu fico muito aflito para saber se gostaram, se contemplou, gosto de saber que se sentem representados. Eu tenho um cuidado com essas pessoas porque não quero que se sintam expostas” (MORAIS, 2020).

É possível compreender, assim, que a trajetória pessoal e acadêmica de Mauro Morais influenciou diretamente na sua produção jornalística. A sua história de vida mostrou que ao romper silenciamentos, é possível construir memórias que serão importantes para as futuras gerações entenderem o seu próprio passado. A sua vivência permitiu olhar para os lugares e as pessoas com a compreensão de que boas histórias estão por toda parte e cabe ao jornalismo abrir espaço para ouvi-las. Na influência dos poemas do pai e das críticas teatrais de Bárbara Heliadora, podemos identificar as raízes de sua escrita sensível. Nas trajetórias de superação da avó Cida e da mãe Cristiane, marcadas pela luta e o afeto, o desenvolvimento de um olhar atento e uma escuta empática para as dores, as alegrias, as contradições e as percepções do outro.

5 **REGISTROS DE MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE NA COLUNA *OUTRAS IDEIAS***

Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa. Inicialmente, detalhamos o percurso realizado para reunir as 298 edições dominicais do jornal *Tribuna de Minas*, publicadas no período entre 20 de julho de 2014 e 15 de março de 2020. Diante dos desafios encontrados, apresentamos considerações sobre a necessidade de iniciativas dos setores público e privado para a criação e a preservação dos acervos de memória a partir das reflexões de Maurício Lissovsky (2004) e Arlete Farge (2009).

Em seguida, detalhamos o uso da metodologia para a realização prática do estudo. A partir de então, são apresentados os resultados do levantamento quantitativo, que nos permitiu identificar a representatividade de grupos historicamente silenciados, e da Análise de Conteúdo, que possibilitou estudar a representação dessas pessoas na coluna. As informações são apresentadas de acordo com as três fases identificadas na coluna: experimentação do projeto, formatação da identidade e consolidação e engajamento.

5.1 PESQUISA NA PRÁTICA: DA CONSULTA AOS ACERVOS À APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

A principal dificuldade para a realização da pesquisa acadêmica foi reunir as edições da coluna *Outras Ideias* para a análise. Embora sejam publicações relativamente recentes, não é possível encontrar todos os textos na internet. O site da *Tribuna de Minas* disponibiliza apenas parte do material, e a empresa não possui projeto de memória acessível ao público externo, como é feito por outros veículos de comunicação do país.

A ausência de um trabalho consistente para a preservação de arquivos de memória do jornal não se restringe ao setor privado, o que cria ainda mais obstáculos para o trabalho do pesquisador. Durante a realização do estudo, foi observada a carência de profissionais no setor público, o despreparo de quem atua na área e a descontinuidade de ações para a manutenção das boas condições do material.

Na primeira vez em que visitei a Biblioteca Municipal Murilo Mendes, fui informada que não seria possível realizar a pesquisa, pois os exemplares da *Tribuna de Minas* que precisavam ser consultados, provavelmente, não constavam no acervo de memória da instituição. Quando perguntei sobre como ter certeza da disponibilidade ou não do material, a resposta foi que não havia um servidor que pudesse fazer a checagem.

O acervo de memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes fica no quarto andar da sede da instituição, localizada na Avenida Getúlio Vargas, no Centro, em Juiz de Fora. Para acessar o setor, é necessário que o pesquisador esteja acompanhado do historiador da instituição, responsável pela consulta direta ao acervo e a orientação sobre o manuseio do material. As visitas devem ser agendadas previamente.

A informação recebida foi que a historiadora que trabalhava na biblioteca aposentara-se há três anos e, desde então, o poder público não realizara concurso na área para a reposição do cargo. Sem um profissional responsável, o acervo estava indisponível para a população. A orientação foi para que eu deixasse os meus contatos, pois seria feita a mediação com a ex-servidora. Caso ela se interessasse pela pesquisa e se disponibilizasse a comparecer à instituição voluntariamente, eu poderia prosseguir com os estudos.

Preocupada com a situação, comecei por conta própria a buscar o contato da historiadora. O objetivo era explicar a proposta da pesquisa com riqueza de detalhes a fim de despertar o seu interesse. Nesta jornada, contactei a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), autarquia do poder público responsável pela política cultural do município. Lá, fui informada que não poderiam me repassar o contato da ex-servidora, mas que conversariam com um funcionário da biblioteca para que ele me acompanhasse durante as consultas ao acervo.

A partir de então, outros desafios foram observados. O agendamento das visitas era moroso e o atendimento, nem sempre amistoso. As consultas ao acervo se estenderam de maio a agosto. No último mês, enfim, um servidor externo foi alocado para atuar especificamente no setor de memória da biblioteca, após três anos sem a presença de um responsável. No entanto, os entraves para a realização da pesquisa foram acentuados.

Além das dificuldades de acesso, foi possível notar a descontinuidade do trabalho de conservação do material. Os exemplares da *Tribuna de Minas* datados até 2015 estão arquivados em formatos de grandes livros, o que facilita o manuseio do pesquisador e preserva o bom estado do material.

Figura 11 – Setor de memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes



Fonte: Gracielle Nocelli (2023)

O investimento não foi feito com os jornais publicados a partir de 2016. Dessa forma, as edições estão armazenadas em embrulhos feitos com papel pardo e barbante, o que as torna mais vulneráveis à deterioração. Além disso, caso o pesquisador não tenha familiaridade com a manipulação do impresso, há mais riscos de o papel ser danificado.

Figura 12 – Edições do jornal *Tribuna de Minas* (dezembro 2018)

Fonte: Gracielle Nocelli (2023)

Com as edições que reuni durante o período em que trabalhei como repórter da *Tribuna de Minas*, as publicações disponíveis no site e os quase quatro meses de visita à Biblioteca Municipal Murilo Mendes, foi possível concluir a pesquisa. As diferenças nas imagens de arquivos retratam visualmente os obstáculos enfrentados nesta trajetória.

Figura 13 – Imagem digitalizada da coluna *Outras Ideias*

4 | TRIBUNA DE MINAS
DOMINGO - 4/01/2015

{ Caderno Dois }

redacao@tribunademinas.com.br

Outras IDEIAS

COM JÚLIA DE OLIVEIRA

Do grave ao agudo

Ela usou sua condição como trunfo em seu canto

MAURO MORAIS
Repórter

Júlia me diz que queria ser normal. Pergunto-lhe, então, o que será isso. Ela titubeia. Engasga e acaba cedendo: "É complicado". Logo em seguida desaba: "Seria ter nascido com apenas um sexo. Fiz uma cirurgia que me deixou nos moldes fisiológicos normais. Mas fazer em normalidade é cruel, porque pode ser muito chato". O que, na verdade, Júlia de Oliveira reivindica não depende dela, mas dos outros. A mulher de longos cabelos tingidos de louro e gestos delicados deseja ser encarada naturalmente. Porém, a própria condição que a vida lhe impôs desde o nascimento também lhe serve como elemento singular para sua arte. "Penso que se tivesse nascido uma mulher normal ou um homem normal, poderia ter uma voz bonita, mas não

tão extensa. Ter nascido assim trouxe alguns benefícios", diz sorrindo.

Júlia nasceu intersexual. "Cientificamente, fala-se hermafroditismo humano verdadeiro, que é ter os dois sexos", explica. "É muito difícil para as pessoas entenderem, e sempre foi assim. Na infância, meus pais não souberam lidar com isso. A médica, também, não tinha a evolução de hoje para poder orientá-los. Fui registrada como menino, e os médicos diziam para esperar chegar a adolescência. Eles me criaram com superproteção por medo da sociedade. Apesar disso, tive uma infância legal, vivi bem. Sentia-me um menino, já que tinha nome e me vestia como um", diz ela, aos 38 anos, sentada em uma das cadeiras do Auditório Ondina Frederico Gomes, do Conservatório Estadual de Música Haidée França Americana, onde leciona canto.



Júlia é professora no Conservatório e aluna do bacharelado em música na UFJF

Tenor e soprano

Júlia se percebeu Júlia na adolescência. "Com a puberdade, aquela explosão de hormônios, meu corpo se modificando, minha cabeça ficou confusa. Foi o período mais conturbado da minha vida. Tinha muitas questões: 'Vou namorar menino ou menina?', 'Sou menino ou menina?'. Nas aulas de biologia, quando falavam como é o menino e a menina, eu pensava: 'Ópa, o que eu sou?'", conta. Um dia, dando aulas para uma senhora de cerca de 80 anos, acabou desabafando. "Ela, que tinha uma mente superaberta, guardou aquelas histórias, e um tempo depois me disse que o filho trabalhava em um hospital do Rio de Janeiro que fazia esse tipo de cirurgia. Ele queria me indicar para a equipe médica de lá", lembra-se. "Quería buscar ajuda. Não gostava mais de ser quem era, de não saber me enquadrar na sociedade", emociona-se. Aos 22, depois de um longo processo de terapias como as que passam os transexuais, ela entrou para a sala de cirurgia. "A própria mentalidade me fez assumir. Até então, era muito andrógino. Tive um tempo em que vinha dar aulas com roupas masculinas e saia, depois, vestida de mulher", destaca. A tal dubiedade, que sempre lhe afligiu, continuou a surpreender-lhe: "Quando comecei o bacharelado em canto lírico, já cantava no Conservatório, e todos elogiavam. Sentia que era o caminho que eu queria. Minha professora do curso, então, me indicou uma fonoaudióloga de São Paulo, para entendermos minha voz. Quando cheguei lá, ela viu que minha extensão vocal é enorme, são quatro oitavas. Consigo fazer as vozes masculinas que fazia antes, de tenor, e as vozes femininas, de soprano".

Aposentada, professora e aluna

Júlia, que canta muitas vezes, começou na música bem pequena e estreou vestida de anjo, pendurada em uma corda, cantando "Noite feliz" na igreja do São Benedito, bairro onde nasceu. "Meu primeiro espetáculo foi aos 3 anos. A partir dali, o padre sempre contou comigo nos ensaios do coral, e eu comecei a fazer aulas. Fiz violão, flauta doce, acordeom e muitos outros instrumentos. Quando estava trabalhando, as irmãs me atendiam no convento, para eu não parar. Lá, elas me indicaram a prova do Conservatório", recorda-se ela, que já se formou em violão e órgão de tubos e desde 2002 é professora de canto coral, segundo curso superior que escolheu fazer, agora na UFJF. O primeiro foi zootecnia, na Universidade Federal de Viçosa, que fez durante o período angustiante. "Trabalhei com mergulho em Armaíl do Cabo, ia, voltava para dar aulas, e era muita lata. Como o trabalho com mergulho é de alta periculosidade e risco de vida, com dez anos de carteira assinada, pedi minha aposentadoria e passei a me dedicar apenas à música."

Nome: um problema

Júlia hoje mora sozinha, na casa onde passou a juventude, no Parque Guarani. Convive bem com os pais, os dois irmãos e o companheiro com quem está há 19 anos. Não carrega nenhuma bandeira, mas também não se envergonha ao falar de seu percurso. Não escolheu se esconder, mas fazer no palco sua vida. "A música aceita a diversidade", comenta. "Luto pela minha dignidade. Tenho muito orgulho da minha história, de tudo o que enfrentei, enfrentei e enfrentarei", ressalta. A única coisa que ela ainda não conseguiu foi ser Júlia em seus documentos. "Na época da cirurgia, entrei com o processo para retificação do registro, mas até hoje nada", lamenta ela, contando diversos constrangimentos que precisa enfrentar. Mas Júlia persiste. E, naturalmente, uma mulher de verdades muito sólidas.

Fonte: *Tribuna de Minas*/Acervo pessoal

Consultar os arquivos, mesmo que por meio de suportes diferentes, apesar de desafiador, trouxe um novo olhar para a pesquisa. Se, inicialmente, o foco era textual, com os exemplares em mãos, a proposta foi ampliada. As imagens de arquivo também ajudam a contar a história da coluna e aprofundar a interpretação sobre representação dos entrevistados.

Figura 14 – Fotografia da edição impressa da *Tribuna de Minas*



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal Murilo Mendes

Farge (2009, p.10) define os arquivos como um “conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte material”, desde que o crescimento tenha ocorrido de forma “orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública”.

A autora afirma que os materiais são indispensáveis para que o pesquisador estabeleça a relação entre passado e presente, assegurando uma memória para a sociedade.

[...] o arquivo petrifica esses momentos ao acaso e na desordem; aquele que o lê, que o toca ou que o descobre é sempre despertado primeiramente por um efeito de certeza [...] O vestígio deixado torna-se representações do real. Como se a prova do que foi o passado estivesse ali, enfim, definitiva e próxima (FARGE, 2009, p. 29).

Figura 15 – Alexandre Batista, entrevistado da edição disponível na internet



Fonte: Site da *Tribuna de Minas*

Ao falar sobre o papel da “função arquivística” na sociedade contemporânea, Lissovsky (2004) destaca a lei federal nº 8.159/1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. Em seu artigo primeiro, o texto afirma que “é dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação”.

A partir desta determinação, o autor reflete sobre o que seria a “proteção aos documentos” e elenca cinco dimensões dos arquivos: historiográfica, republicana, cartorial, cultural e poética. Afirmando que os arquivos estão “a serviço da pacificação da ruína e da inquietação que ela nos causava”, sugere que a primeira dimensão consiste numa “proteção dos documentos contra a ação entrópica do tempo” (LISSOVSKY, 2004, p.2-3). Aqui cita a traça, o mofo e a acidificação como fatores de deterioração dos arquivos.

Na dimensão republicana, há o entendimento de que os arquivos devem ser protegidos da apropriação privada, sendo o acesso público um direito. Aqui é válido destacar o que diz a lei federal nº 5.250/1967, popularmente conhecida como Lei da Imprensa. Em seu capítulo VII, artigo 70º, afirma que os jornais, revistas e outros periódicos têm a obrigatoriedade de “enviar, no prazo de cinco dias, exemplares de suas edições à Biblioteca Nacional e à oficial dos Estados, Territórios e Distrito Federal”. Em contrapartida, “as bibliotecas ficam obrigadas a conservar os exemplares”.

A terceira dimensão proposta por Lissovsky (2004, p.9) é a cartorial. Em resumo, ele afirma que os arquivos contemporâneos são uma combinação de autenticação, testemunho,

registro e autorização, que atestam a sua veracidade “tanto na história de sua acumulação, como na rotina de seus procedimentos e nas demandas de seus usuários”. Entendemos, assim, que se trata de uma proteção ao que é legítimo.

Em seguida, analisa que a dimensão cultural do arquivo protege a sociedade do esquecimento, como mencionado por outros autores, como Nora (1993) e Sarlo (2007).

Estamos tão habituados com nossas instituições-memória (e com a sua missão) que acabamos por nos conformar com a suposta “naturalidade” do esquecimento. No longo percurso histórico que nos levou das sociedades tradicionais às sociedades modernas, deu-se também o deslocamento do passado para o passado. Isto é, a dissociação progressiva entre “passado” e “experiência” (LISSOVSKY, 2004, p.10).

Por fim, recorrendo aos estudos de Walter Benjamin, apresenta a dimensão poética dos arquivos. Nesse sentido ressalta as temporalidades da memória, por meio da qual “confluem passado e futuro” e a “experiência pode ser reencontrada”. Tudo isso no tempo presente em que o pesquisador tem acesso aos arquivos. “Se o acontecimento pode saltar aos olhos e destacar-se do contínuo da história é porque foi reconhecido como visando o presente. Dar-se conta deste reconhecimento é a condição poética da história que o arquivo oferece” (LISSOVSKY, 2004, p.15).

Defendemos assim, que os arquivos de memória são elementos fundamentais para a realização de pesquisas na área que, por sua vez, têm grande contribuição social. Através dos estudos, a sociedade conhece a sua própria história e, assim, tem a possibilidade de pensar caminhos futuros. Se é preciso lembrar para não esquecer, muitas vezes, é necessário lembrar para existir e resistir. Por isso, a importância de construir memórias diversificadas que permitam a representação e a representatividade da sociedade de forma integral, e não apenas segmentada.

No entanto, o percurso da pesquisa acadêmica alertou para a importância de ir além da construção das memórias: é necessário protegê-las, conforme as dimensões elencadas por Lissovsky (2004). A consulta ao setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes revelou os riscos de perdas e danos de parte dos arquivos por conta da ação do tempo. O armazenamento em embrulhos não resguarda o material de possível deterioração, o que fere a sua dimensão historiográfica. A ausência de um historiador responsável pelo setor durante os últimos três anos, o que deixou os arquivos indisponíveis ao público, contraria a dimensão republicana. As situações também mostram o descumprimento da legislação nacional.

Os problemas de gestão do setor público e a ausência de projetos de preservação da memória por parte da iniciativa privada trazem prejuízos à dimensão cultural, o que afeta diretamente a sociedade.

A legislação pontua obrigações para o setor privado, como o envio de exemplares de periódicos para os arquivos públicos. No entanto, entendemos que é possível fazer mais. Iniciativas como o Projeto Memória do Grupo Globo²⁰ mostram-se como uma alternativa bem-sucedida: fortalecem a imagem da marca, atraem o público e facilitam o trabalho de pesquisadores. O investimento também gera receita, já que o acesso é pago.

Este é um caminho que pode ser pensado por outras empresas, como o Grupo Solar de Comunicação. Sendo Juiz de Fora uma cidade reconhecida nacionalmente pela excelência de suas instituições de ensino, um projeto de preservação da memória acessível ao público externo seria um auxílio para estudantes, professores, pesquisadores e demais interessados. O acervo poderia ser disponibilizado através do próprio site da *Tribuna de Minas*.

Com relação ao setor público, a legislação exige que as bibliotecas garantam a conservação dos arquivos recebidos. No entanto, a experiência vivida na Biblioteca Municipal Murilo Mendes alerta para a necessidade de um olhar mais cuidadoso com o espaço, carente de infraestrutura e profissionais.

Outra possibilidade para aprofundar as discussões sobre a importância de criar e preservar a memória é incluir o debate nas escolas. A formação de cidadãos conscientes sobre a relevância da produção memorialística em seus diferentes aspectos - político, cultural, social e histórico - pode contribuir para a criação de mais iniciativas de preservação e, também, a fiscalização da eficiência daquelas já existentes.

A aplicação prática do estudo começou com filtragem das 298 edições dominicais da *Tribuna de Minas*, publicadas entre 20 de julho de 2014 e 15 de março de 2020, para avaliar quais delas tinham a coluna *Outras Ideias*, já que o conteúdo não era veiculado nos períodos de férias de Mauro Morais.

Na avaliação de cada exemplar, foi feita a catalogação do entrevistado, segundo critérios criados com base nos estudos de Perlatto (2022) e Moraes (2022), que ajudaram a identificar quais recortes contribuem para o silenciamento de uma parcela da sociedade. Dessa forma, os entrevistados foram catalogados de acordo com informações sobre gênero; pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+; idade; cor; ascendência; naturalidade; religião; ocupação; local onde moram; e se integram outro grupo discriminado socialmente.

²⁰ Acervo com documentos, entrevistas, vídeos, fotografias, entre outros, sobre os mais diversos produtos já feitos pela empresa do grupo da família Marinho, visando preservar a memória da organização.

O recorte por gênero permitiu quantificar as participações feminina e masculina na coluna. Por meio da autodeclaração dos entrevistados sobre o pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+, foi possível identificar a representatividade deste grupo.

Considerando a idade um fator de exclusão social, o que afeta a produção de memórias, sobretudo, de crianças e idosos, os entrevistados foram divididos em três faixas etárias: até 18 anos; de 19 aos 59 anos; e a partir dos 60 anos.

Como o preconceito racial é um dos fatores determinantes para o silenciamento em nossa sociedade, analisar a representatividade pelo viés da raça mostrou-se fundamental. No entanto, trata-se de um trabalho que exige a compreensão de aspectos identitários. Por isso, para além das características fenotípicas, foram considerados os relatos sobre ascendência dos entrevistados.

A categoria naturalidade permitiu conhecer as origens dos entrevistados, enquanto a ocupação trouxe o entendimento sobre a posição social que têm hoje. Assim, foi possível observar a representatividade de classes sociais.

A informação sobre o local onde moram possibilitou avaliar se a coluna conseguiu ampliar a participação de outras regiões da cidade no jornal, além da área central. Já a categoria religião observou quais crenças foram mencionadas na coluna.

Por fim, foi observado se os entrevistados integram algum outro grupo invisibilizado, fruto das outrofobias, conforme os estudos de Moraes (2022).

Quadro 2 – Demonstração da categorização para a análise de representatividade

Categorias		Total de entrevistados
Gênero	Homem	
	Mulher	
Integra a comunidade LGBTQIAPN+?	Sim	
	Não	
	Não menciona	
Cor	Branca	
	Não branca	

Ascendência	(Lista de todas que foram citadas)	
	Não menciona	
Faixa etária	Até 18 anos	
	19 aos 59 anos	
	60 anos ou mais	
Naturalidade	Juiz de Fora	
	Outra cidade (lista de todas que foram citadas)	
	Não menciona	
Religião	(Lista de todas que foram citadas)	
	Não menciona	
Ocupação	(Lista de todas que foram citadas)	
Bairro onde mora	(Lista de todos que foram citados)	
	Não menciona	
Integra outro grupo invisibilizado?	(Lista de outros grupos invisibilizados)	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As informações nem sempre são citadas em todos os textos. Inicialmente, a coluna teve uma variação de autores, o que contribuiu para a apresentação de diferentes perspectivas. A publicação do dia 17 de agosto de 2014, por exemplo, feita pelo repórter do *Caderno Dois*,

Júlio Black, com o entrevistado Benito Maddalena, manteve o foco nas memórias profissionais do fotógrafo, sem detalhar sua vida pessoal.

No primeiro momento, além de Mauro Morais e Júlio Black, a repórter do *Caderno Dois*, Marisa Loures, e o repórter de *Geral*, Guilherme Arêas, que cobriu férias na editoria de *Cultura*, também assinaram a coluna *Outras Ideias*.

Para o estudo sobre representação de grupos historicamente silenciados, foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo (AC), de Laurence Bardin (2011), focada apenas nos textos assinados por Mauro Morais, que prosseguiu como único autor, a partir de 2015.

Para a aplicação da metodologia, foram observadas características comuns à escrita que serviram como unidades de análise e permitiram aprofundar os sentidos do discurso a fim de interpretar as informações. Os resultados são apresentados a seguir, a partir da divisão da seção em três fases.

5.2 PRIMEIRA FASE: EXPERIMENTAÇÃO DO PROJETO

Ao estudar a coluna *Outras Ideias*, foi percebido um ciclo de maturação do objeto. Identificamos como primeira fase o período entre 20 de julho e 28 de dezembro de 2014, que chamamos de experimentação do projeto, quando a seção era escrita por diferentes repórteres, ocupava meia página do jornal em preto e branco, e nem sempre recebia chamadas na capa.

Neste primeiro momento, foram contabilizadas 24 publicações semanais que totalizaram 25 entrevistados, já que a coluna do dia 21 de dezembro de 2014 teve como personagens as irmãs Maria Helena de Oliveira e Fátima de Oliveira, donas da casa no bairro Bairu, região Leste da cidade, que chamava a atenção pela decoração feita anualmente para o Natal.

A catalogação dos entrevistados permitiu identificar a representatividade de grupos historicamente silenciados. A partir da Análise de Conteúdo, elencamos as principais características do texto de Mauro Morais na fase de experimentação do projeto, o que nos permitiu aprofundar a compreensão sobre a sua escrita e o estudo sobre representação.

Quadro 3 – Categorização para a análise de conteúdo da primeira fase da coluna *Outras Ideias*

Categoria	Definição
Observação	O autor descreve detalhes sobre o ambiente ou o entrevistado, usando recursos objetivos e subjetivos.
Participação	O autor se coloca no texto através de uma ação ou emoção.
Contraste	Apresenta características opostas de um entrevistado, evidenciando as complexidades do ser humano.
Superação	Mostra como o entrevistado enfrentou as adversidades em sua trajetória.
Narrativas sobre o tempo e o espaço	Memórias do entrevistado em relação às mudanças no decorrer do tempo.
Preservação da identidade	Relata tradições culturais mantidas pelos entrevistados que são imigrantes.
Sonhos	O entrevistado fala sobre os sonhos que pretende realizar.
Aspecto combativo	A escrita apresenta elementos que combatem violências e preconceitos.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Constatamos que nesta primeira fase, o principal fator para a escolha dos personagens foi a curiosidade sobre suas histórias de vida. Dessa forma, não há o compromisso com questões de representatividade, mas, mesmo assim, a coluna abriu espaço para relatos de quem integra grupos historicamente silenciados, como mulheres negras, moradores da periferia, praticantes de religiões não dominantes, pessoas com deficiência e imigrantes.

Morais (2020) falou sobre a motivação da escolha de sua primeira entrevistada, Fernanda Tabet, que estreou a coluna. “Era uma pessoa que me criava curiosidade. Uma punk da geração de punks de Juiz de Fora. Ela tem uma irreverência que atrai a atenção das pessoas.”

Em outra coluna, publicada no dia 16 de novembro de 2014, ele também deixa claro o antigo interesse em conhecer a história do homem de baixa estatura e sem os membros superiores que ficava sentado no Calçadão da Rua Halfeld, no Centro, em meio ao vai e vem apressado de pessoas. Junto dele, uma caixinha em que estava escrito “me ajude”. O trecho é um dos exemplos da categoria de **participação** observada em nossa análise:

Lembro-me que, desde pequeno, quando ia ao antigo Banco Credireal, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Halfeld, e ficava olhando pelo vidro esperando os adultos, aquele homem me criava curiosidade. Queria eu conversar com ele. Como muitos juizforanos, sempre passei, na urgência do relógio. Agora, me agacho ao seu lado e pergunto-lhe o nome: Sebastião Cecio Ferreira (MORAIS, 2014a, p.4).

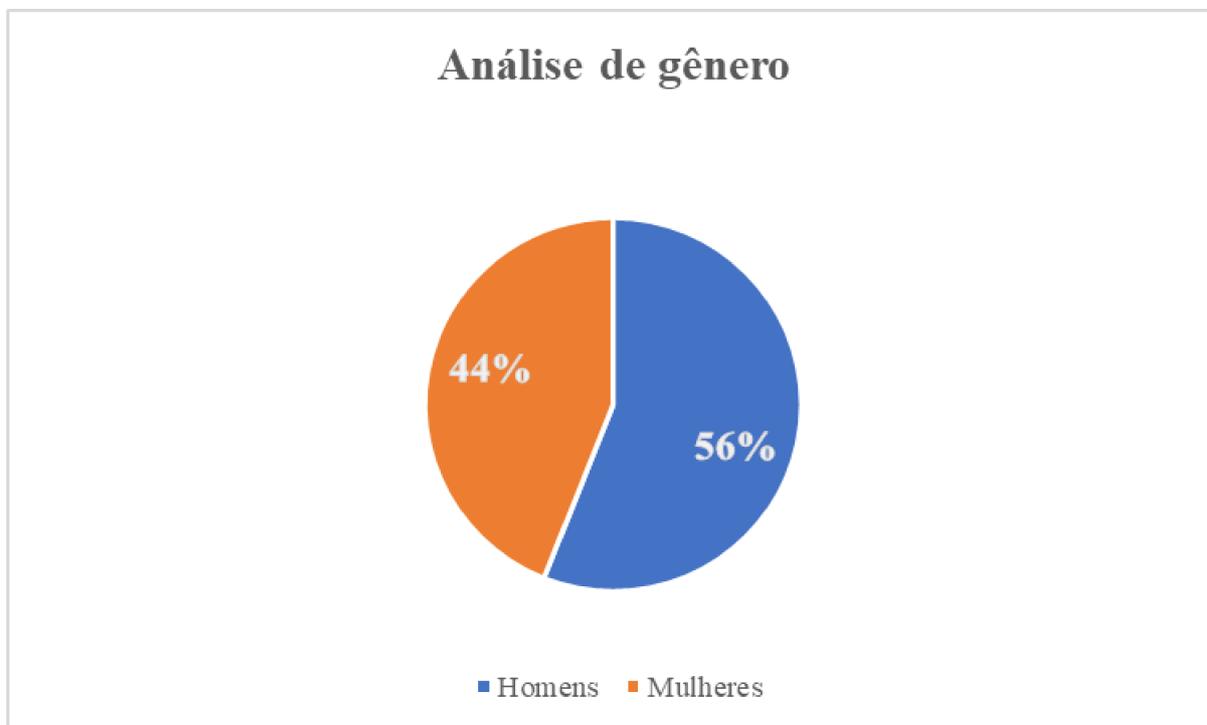
Figura 16 – Sebastião Cecio Ferreira, entrevistado



Fonte: *Tribuna de Minas* / Acervo pessoal

No recorte proposto sobre a análise de gênero dos entrevistados, 56% são homens e 44% mulheres. Nenhum deles se autodeclarou como membro da comunidade LGBTQIAPN+.

Gráfico 1 – Gênero dos entrevistados na primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com relação à representação das mulheres, observamos que os relatos mostraram a pluralidade de existências e, por vezes, romperam estereótipos impostos ao gênero feminino. A entrevista com Fernanda Tabet, que se autodeclara anarquista, é um contraditório à ideia de “recatada e do lar”. A história de Marlene Valverde é de uma mulher divorciada e única responsável pela criação dos filhos que se tornou uma empresária bem sucedida com a abertura do Forró da Marlene. Aos 72 anos, ela era avó e administrava o próprio negócio presencialmente.

Já a coluna com Giane Elisa Sales de Almeida mostra que mulheres negras e de origem humilde podem acessar lugares que a sociedade sistematicamente as negou. Filha única de empregada doméstica e vigia noturno, os pais sempre investiram na educação da jovem, que estudou em escolas particulares, formou-se em pedagogia, tornou-se mestre em educação e, naquele ano, ocupava um cargo na Administração Pública em prol dos direitos humanos.

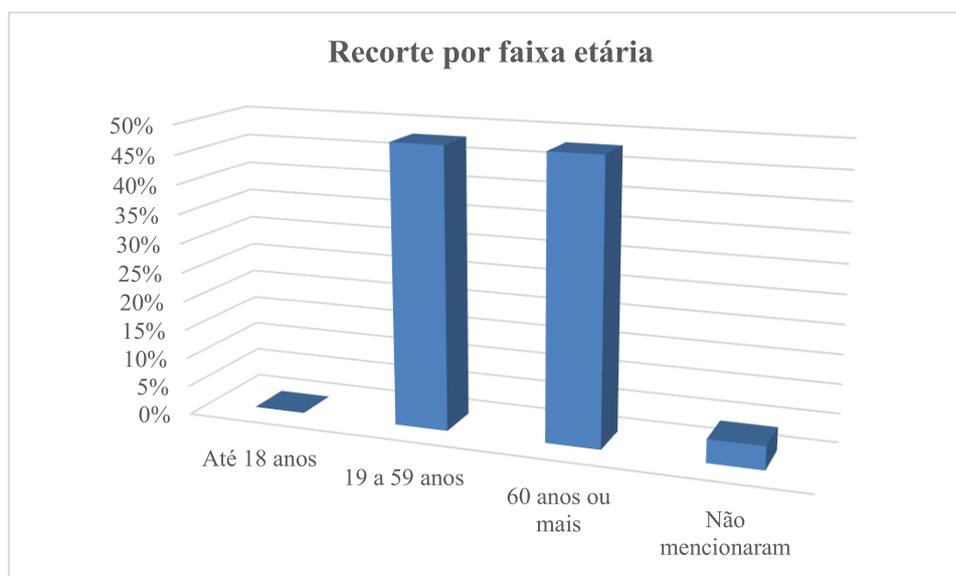
A representação dessas mulheres se enquadra na categoria **contraste**, que revela como o ser humano tem uma natureza complexa e não deve ser enquadrado em modelos pré-

concebidos. A anarquista punk que só veste preto tem o sonho de conhecer a Disneylândia. Uma mulher da terceira idade pode ser avó, empreendedora e trabalhar presencialmente em sua casa noturna. A jovem negra, que teve os antepassados silenciados, mantém a voz segura, firme e hoje fala em nome de muitos.

Os textos sobre as mulheres entrevistadas para a coluna abrangem outras categorias, como **superação**, **sonhos** e **participação** do autor. Mas a conclusão é que o **contraste** é o que mais contribui para a pluralidade das representações femininas.

No recorte por faixa etária, 48% dos entrevistados são adultos, com idade entre 19 e 59 anos; 48% são idosos, com 60 anos ou mais; 4% não mencionaram a idade e nenhuma criança ou adolescente participou da coluna.

Gráfico 2 – Faixa etária na primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Identificamos que nas entrevistas feitas com idosos há a valorização dos relatos de memória, através de **narrativas sobre o tempo e o espaço**. Frequentemente, eles contam as mudanças que viram e viveram, o que confere legitimidade e respeito às trajetórias de vida.

O comerciante Mukaiber Miana, 81 anos, proprietário de uma loja no Calçadão da Rua Halfeld, no Centro, relata as diferenças no espaço urbano ao longo de seis décadas. O florista José Abjald Souza, 60 anos, que trabalha sob a marquise do antigo Cine Excelsior, também na área central, fala sobre as transformações que presenciou.

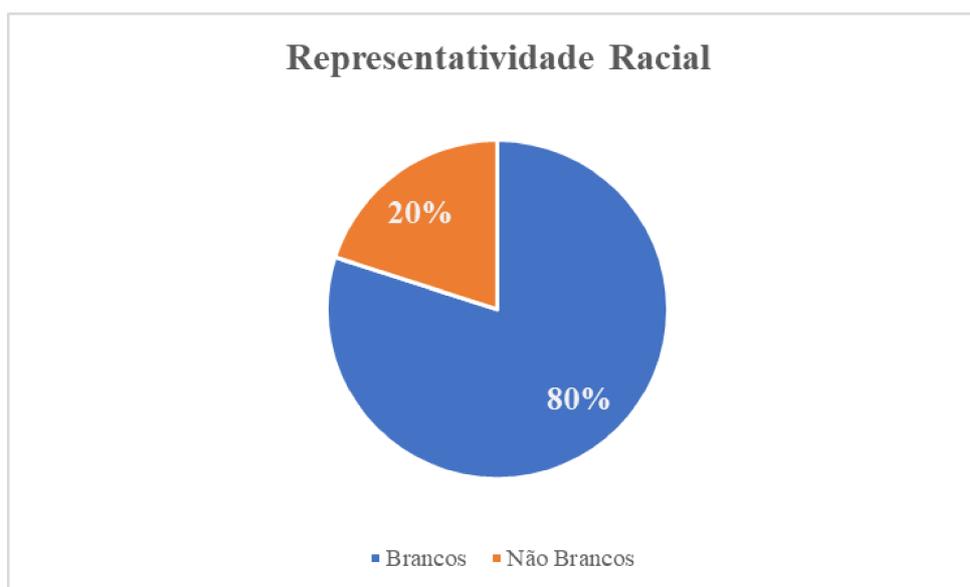
E não é apenas o espaço urbano que é lembrado na coluna. A pedagoga Maria da Glória Camargos, 64 anos, nasceu na zona rural de Santa Isabel de Tocantins, em Minas Gerais,

e foi coordenadora regional da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado (Emater-MG). Na retranscrição *A roça de ontem e de hoje*, ela narra as memórias sobre as mudanças observadas no campo.

Já na coluna com o alfaiate Luiz Geraldo Rocha, 80 anos, o foco é nas mudanças ocorridas com relação a sua profissão. “Onde hoje estão lojas multimarcas, com roupas produzidas em larga escala, no passado estava esse comércio que mais se aproxima da arte do que do consumo. A cidade das galerias acolhia os profissionais e suas tesouras” (MORAIS, 2014b, p.4).

Com relação à representatividade racial, também concluímos que não houve a preocupação com essa abordagem. Do total de entrevistados, 80% eram da cor branca e 20%, não brancos.

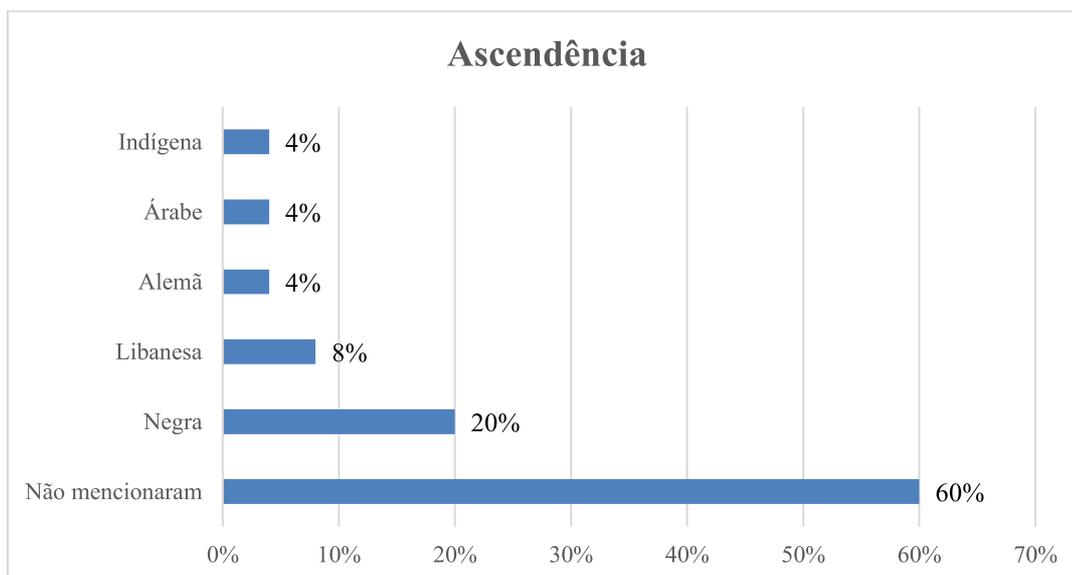
Gráfico 3 – Representatividade racial na primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sobre a ascendência, 60% não mencionaram. Entre os que informaram, 20% eram negros ou descendentes de africanos; 8% eram naturais do Líbano ou descendentes de libaneses; 4% tinham ascendência alemã; 4%, árabe; e 4%, indígena.

Gráfico 4 – Ascendência dos entrevistados na primeira fase



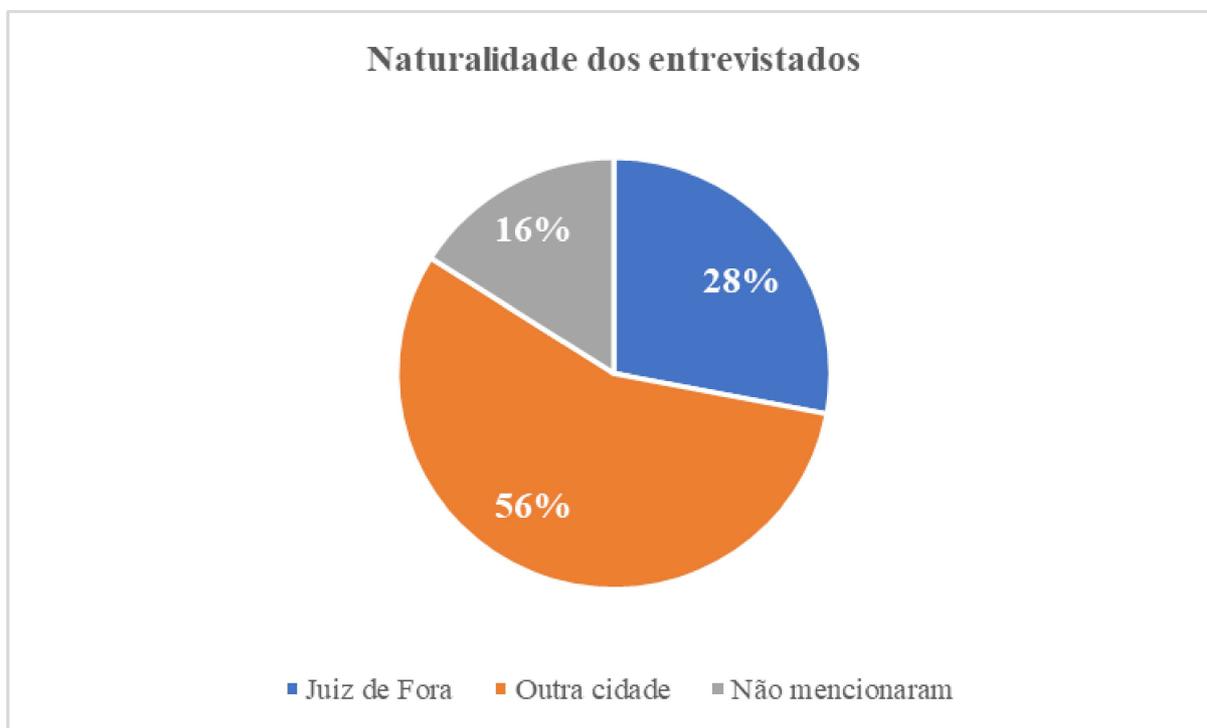
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A questão racial foi trabalhada na coluna que teve Giane Elisa Sales de Almeida como entrevistada. Apesar da delicadeza mantida no texto, foi observado um **aspecto combativo** nas escolhas feitas pelo autor. O subtítulo anuncia: *Supervisora de direitos humanos luta radicalmente contra o preconceito*. Na construção da coluna são usados termos como bandeira, consciência, silenciamento, resistência e enfrentamento.

Na entrevista com Eduardo dos Santos Porcino - Eduardo d'Oxossi -, também é mencionado o preconceito racial, mas num viés religioso e, por isso, detalharemos na representação sobre religiões. Os dois imigrantes entrevistados para a coluna nesta primeira fase, o libanês Mukaiber Miana e a congoleza Cecile Kapinga, serão estudados como representatividade de outros grupos invisibilizados.

Sobre a naturalidade, verificamos que a maior parte dos entrevistados (56%) nasceu em outra cidade, um reflexo de uma Juiz de Fora que polariza a região e acolhe muitas pessoas em busca de melhores condições de vida.

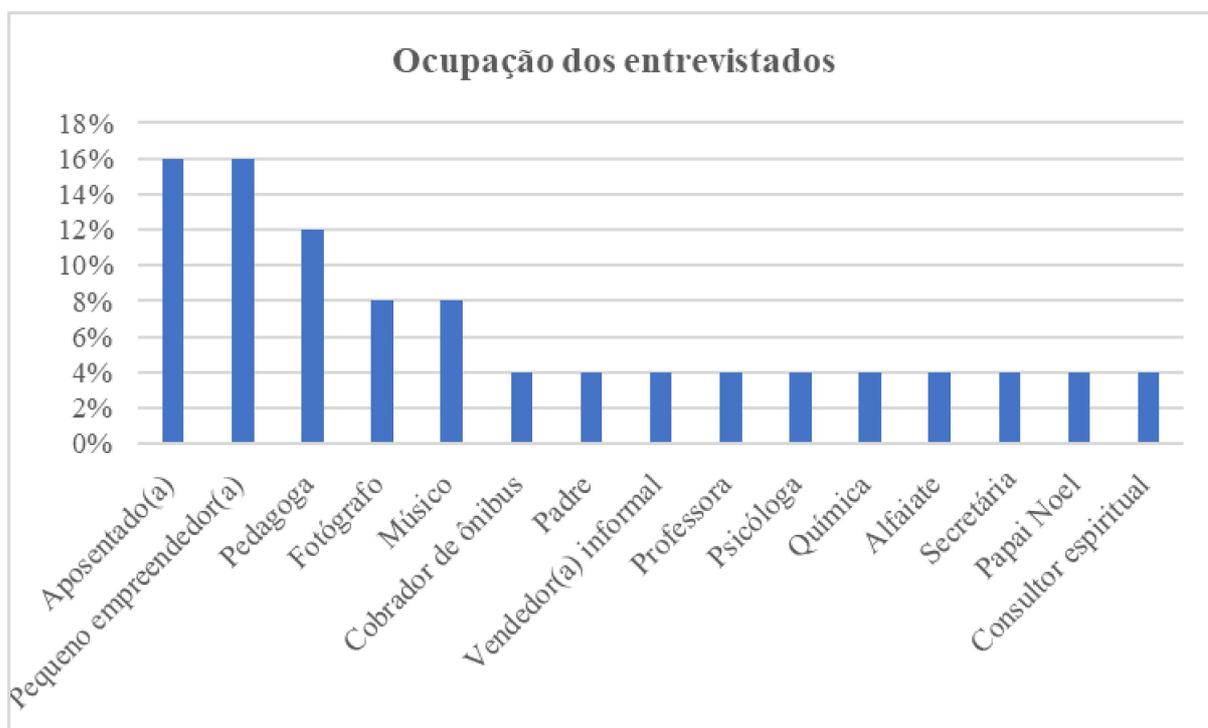
Gráfico 5 – Naturalidade dos entrevistados na primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variedade de ocupações pode ser observada no gráfico a seguir. Entre as mais recorrentes estão os aposentados e os pequenos empreendedores.

Gráfico 6 – Ocupação dos entrevistados na primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O cruzamento das informações mostra que a coluna abriu espaço para ouvir histórias de pessoas de classes sociais não dominantes. Nas publicações, observamos as categorias de **superação, sonhos, observação e participação**.

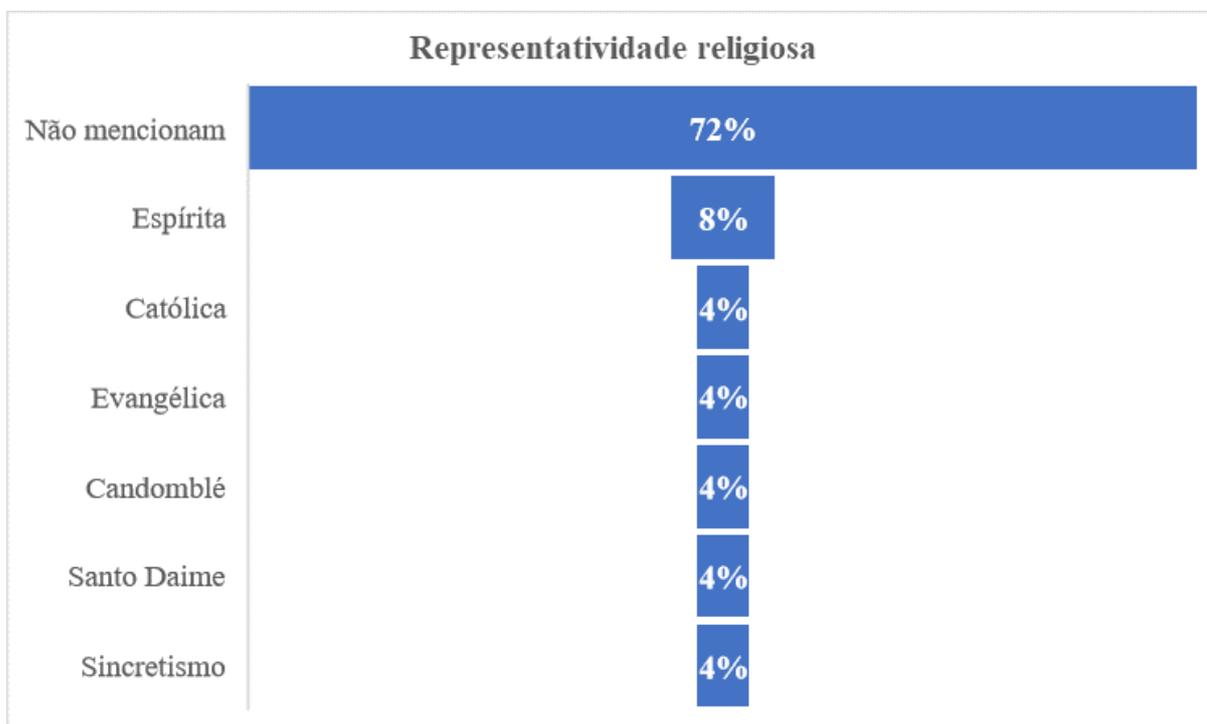
Um dos exemplos é a coluna com o cobrador de ônibus, Valdinei Magela Bernardes, que comemora o aniversário com uma festa dentro do veículo enfeitado com balões e conta com a participação dos passageiros, que ganham bolo e refrigerante durante a viagem. Natural de São Gonçalo do Pará, em Minas Gerais, ele conta que nunca teve condições de ter uma festa de aniversário e narra a trajetória da família.

Quando chegou à cidade, com dois anos, trazia consigo os oito irmãos e a esperança como único norte. "Meu pai veio primeiro, depois trouxe a galera. Lá o bicho pegava, a dificuldade era muita", diz. "Lá era banho de bacia, e quando chegamos aqui nos deparamos com um chuveiro. Só eu fiquei tomando banho por 40 minutos", completa, emocionado, em meio aos arrancos e barulhos de um ônibus paulatinamente se enchendo (MORAIS, 2014c, p.4).

Na representação de pessoas que integram as classes sociais não dominantes, percebemos características como a capacidade de superar, a vontade de sonhar, além das descrições e colocações do jornalista que contribuem para promover a empatia e aproximar o leitor, aumentando as possibilidades de identificação.

Com relação à religiosidade dos entrevistados, os dados mostram que o assunto não era uma prioridade para a coluna *Outras Ideias*. Em 72% das publicações feitas na fase de experimentação do projeto, não há nenhum tipo de menção.

Gráfico 7 – Religiosidade dos entrevistados da primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No dia 28 de setembro de 2014, foi publicada a entrevista com o jovem padre Pierre Maurício de Almeida Cantarino, celebrante da Missa do Impossível, que reunia centenas de fiéis da igreja católica, semanalmente, na paróquia de São José, localizada no bairro Costa Carvalho, região Sudeste da cidade.

Após a publicação, a coluna abriu espaço para as religiões do Santo Daime, Espírita Evangélica e Candomblé. Na representação dos religiosos, a principal característica do texto é a **observação**, em que o autor descreve o ambiente e os rituais. Analisamos, assim, como demonstração de respeito em deixar que o outro apresente a sua fé sem interferências.

Com as chaves nas mãos, Marcio mostra o templo que ajudou a construir. Em formato hexagonal, com uma mesa no feitiço de uma estrela bem no centro e fotografias dos pioneiros do Daime num pequeno altar onde também fica a bebida, o templo é simples, diferente dos complexos rituais. "Dentro da doutrina, basicamente, há dois trabalhos distintos. Um é a concentração, quando todos ficam sentados, quietos. Fala-se e canta-se pouco. No outro, é

feito o bailado. Normalmente, ficam os homens à direita e as mulheres à esquerda, em filas", relata (MORAIS, 2014c, p.4).

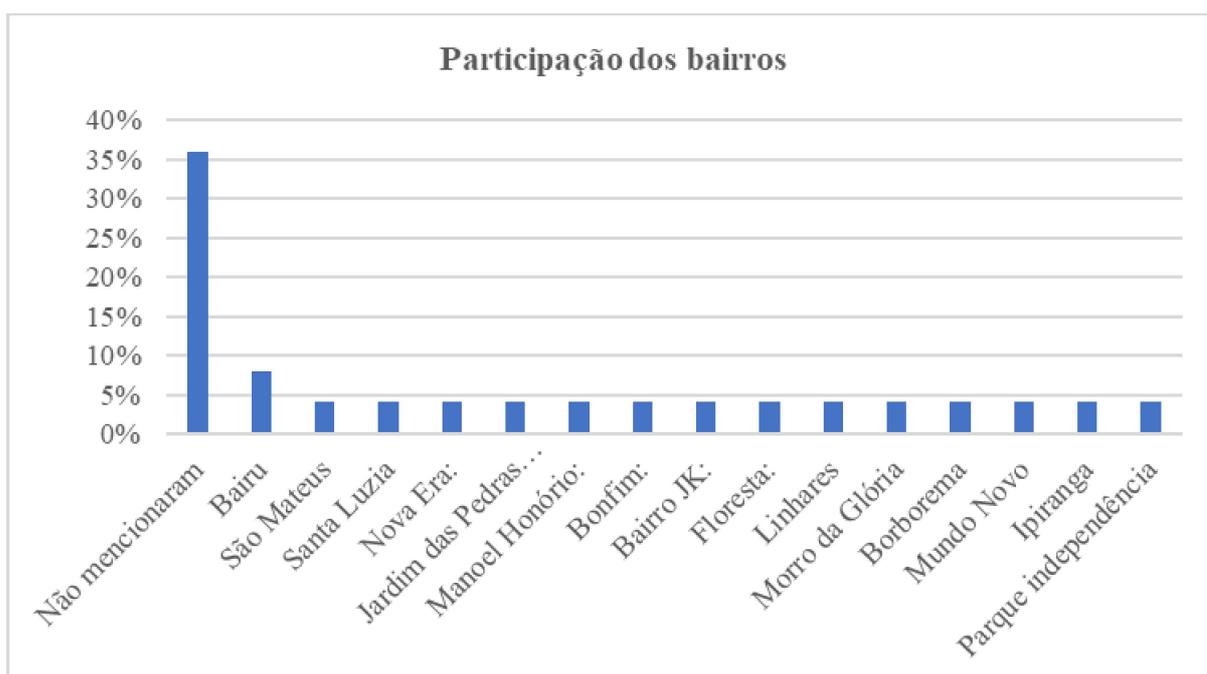
Na entrevista com o consultor de búzios Eduardo d'Oxossii, além da **observação** do autor, identificamos o **aspecto combativo** na fala do personagem a respeito do racismo religioso.

Historicamente, ela [religião do Candomblé] é perseguida, por ser uma religião de negros e escravos. Deus e os orixás são os que, às vezes, me presentearam e me blindaram", afirma. "Dentro do meu terreiro, frequentam minha esposa e meus filhos, um deles toca o atabaque. Se eu praticasse algo de mal, você acha que envolveria minha família?", indaga o marido de Viviane, pai de Eduarda, 10, Arthur, 12 e Matheus, 20 (MORAIS, 2014d, p.4).

Assim, embora a representatividade sob o viés religioso não tenha sido, inicialmente, uma preocupação da coluna, ela abre espaço para informações sobre crenças além do espectro do cristianismo, não de forma exótica ou com juízo de valor, mas com aquilo que Moraes (2015) afirma ser o propósito do uso da subjetividade no jornalismo: desnaturalizar violências e preconceitos.

No gráfico, a seguir, é apresentada a participação dos entrevistados de acordo com os bairros e as regiões da cidade em que moram. Os dados confirmam que com a coluna *Outras Ideias*, o jornal *Tribuna de Minas* conseguiu apresentar histórias da periferia e de seus moradores, sem o foco na criminalidade ou na violência.

Gráfico 8 – Bairros participantes da primeira fase

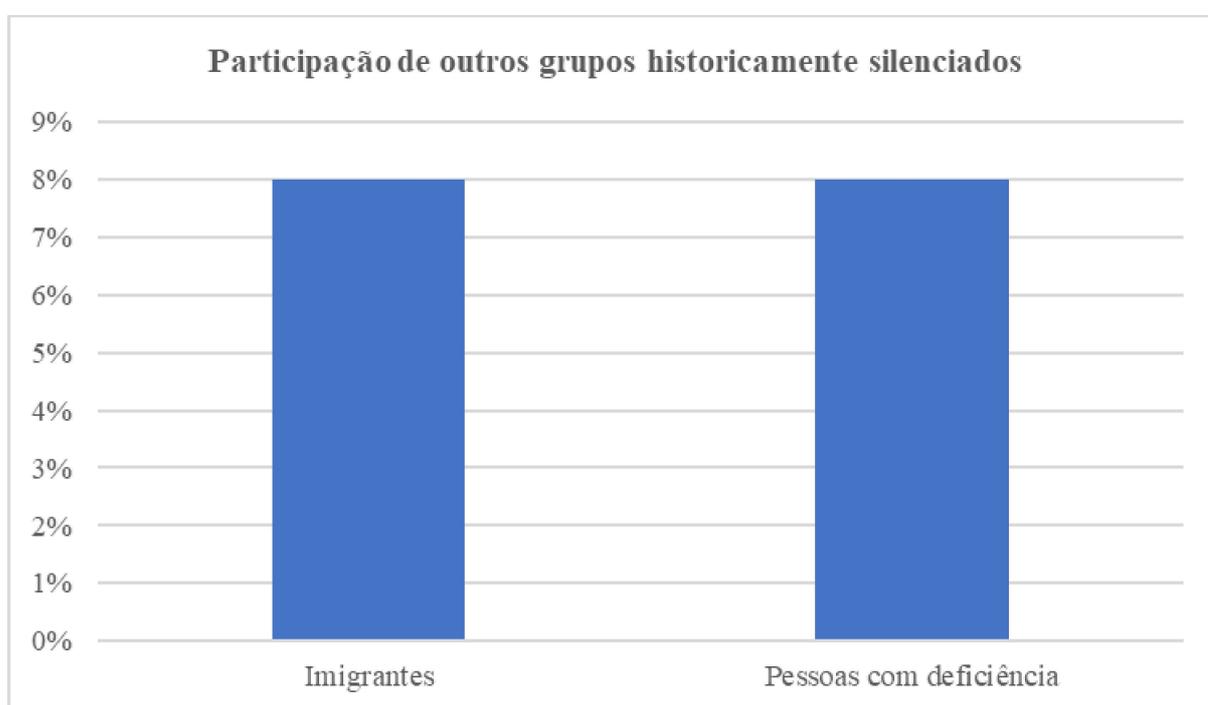


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As participações de imigrantes e pessoas com deficiências na coluna foram catalogadas como integrantes de outros grupos sociais invisibilizados e vítimas de preconceito.

Em termos de representatividade, do total de personagens da coluna, 8% nasceram em outros países e 8% têm algum tipo de deficiência. Na representação dessas pessoas, foi verificado, sobretudo, o uso da **superação** na construção da coluna.

Gráfico 9 – Outros grupos historicamente silenciados na primeira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O texto sobre o libanês Mukaiber Miana narra a trajetória marcada por uma infância difícil na cidade natal de Baalbek até a chegada no Brasil, onde foi trabalhar no comércio e constituiu a família. Já a história da congoleza Cecile Kapinga, exilada política, fala da força de uma mulher que busca recomeçar a vida em outro país na busca por liberdade.

Nos textos sobre os imigrantes, Moraes apresenta a característica da **preservação da identidade**. Ao longo do diálogo, ele pergunta sobre os hábitos e as tradições do país de origem que são mantidos na vivência no Brasil.

Na coluna sobre o baterista João Carlos Guedes Pimentel (Big Charles), que tem deficiência física, a **superação** é observada na apresentação do personagem:

Bate porque no passado muito apanhou." O ser humano não está preparado para as diferenças", comenta, lembrando-se do tempo em que sua altura de 1,49m -" a mesma do (escritor) Aníbal Machado", gaba-se - era entrave para a confiança em si mesmo (MORAIS, 2014e, p.4).

Também é constatada a maior **participação** de Mauro Morais. No encerramento da coluna com o baterista, ele diz: "O grande problema é a solidão intelectual. Está ruim de conversar, não é mesmo?!". Não, Big. Contigo, não está ruim de conversar. Pena esta página não ter mais espaço" (MORAIS, 2014f, p.4).

Na publicação sobre Sebastião Cecio Ferreira, o homem de baixa estatura e sem os membros superiores, Morais narra como a entrevista foi finalizada. "Muito prazer, Sebastião!, emocionno-me. Ele me devolve o gesto dizendo: "Viu como faço amigos?! Acabo de fazer mais um!" (MORAIS, 2014a , p.4).

Concluimos, assim, que a representação desses grupos na coluna *Outras Ideias*, embora bastante tímida, busca naturalizar as diferenças, apresentando quem é esse outro de forma humanizada e empática, através não só das narrativas de vida, mas também da forma como o jornalista é afetado por elas.

5.3 SEGUNDA FASE: FORMATAÇÃO DA IDENTIDADE

A partir do dia 1º janeiro de 2015, a coluna *Outras Ideias* iniciou uma segunda fase. Naquele momento, Mauro Morais assumiu como o único autor da seção, que passou a ser interrompida durante as ausências do jornalista na redação.

Dessa forma, observamos a criação de uma identidade para o projeto, que passou a seguir um único modelo de apuração e escrita. Também se tornou mais recorrente o compartilhamento de reflexões e experiências da vida pessoal do autor.

Na edição do dia 23 de agosto de 2015, em que entrevista José de Paula Filho, a Ângela Maria, o jornalista inicia a coluna com uma lembrança dos tempos de infância: "Para minha avó, que por muitos anos costurou para escolas de samba de Juiz de Fora, Ângela Maria sempre foi sinônimo de festa. Contava-me que quando ela passava na avenida não havia um que não festejasse" (MORAIS, 2015a, p.4)).

Já na coluna do dia 18 de setembro de 2016, quando conversa com Walter Pecci Maddalena, o dono de um sebo da cidade, relata um momento vivido com a filha. "Em tempos de arrumação em casa, minha filha se revoltava com a presença de minhas centenas de livros

em duas estantes em seu quarto, quando minha sogra defendeu: ‘É a alma do seu pai, Maria Júlia!’”(MORAIS, 2016 a, p.4)

Percebemos o autor mais à vontade para colocar-se de forma ativa dentro da narrativa. Desse modo, a categoria **participação**, que já havia sido identificada na análise de conteúdo da primeira fase, ganha contornos mais íntimos. Além da partilha de experiências de Mauro, notamos uma espécie de **bastidores do jornalismo**, em que ele também narra a participação dos fotógrafos e motoristas que o acompanham nas apurações.

O encontro com o entrevistado Juarestavão Carrasco Cachumba, que desperta a curiosidade do autor pelo nome diferente, acontece por intermédio de um dos colegas, o que é narrado no início da coluna. "Quando conheço Juarez (ainda vou descobrir a grafia correta de seu nome), estamos em um evento da Prefeitura. O colega Marcelo Ribeiro, fotógrafo da *Tribuna*, é quem me apresenta o senhor de cabelos grisalhos dentro de um carro Fiat Doblô (MORAIS, 2015b, p.4)

No texto sobre João Santos, 87 anos, que adquiriu o costume de anotar tudo o que acontece no seu dia, Morais conta: "anota o meu nome e o do motorista Thiago França para logo em seguida escrever em seu 59º caderno" (MORAIS, 2015c, p.4). Já na coluna com o imigrante que se tornou permissionário da lanchonete no Morro do Imperador, Abraão Vito Dantas Pereira, a interação entre o fotógrafo e o entrevistado serviu de inspiração para a abertura do texto:

Terminada a entrevista, o fotógrafo Leonardo Costa segue com Abraão Vito Dantas Pereira, 57 anos, até o parapeito do mirante do Morro do Imperador e pede que ele abra os braços para um registro. Sorrindo para a câmera, o fotografado diz: “Oh! O Abraão é o dono do morro!”. Dono por afeto, por escolha, por identificação. Dono por encantamento, por admiração, por olhar para baixo e ver a cidade que o acolheu (MORAIS, 2016b, p.4)

A maior liberdade na escrita também é notada pelas **referências literárias e musicais** que Morais passou a inserir nos textos. Na entrevista com os hippies que vendem artesanato no Parque Halfeld, quando um deles fala sobre serem taxados como loucos, o jornalista relembra uma passagem da obra *O Alienista*, de Machado de Assis. Em outro momento, ao contar a história de vida de Domingas Jacob Moreira, uma das mais antigas moradoras da Fundação João de Freitas, afirma que ela "poderia figurar entre os grandes personagens de João Guimarães Rosa" e completa "é de uma ternura excessivamente humana" (MORAIS, 2015d, p.4).

Em outros textos, utiliza referências da música, como Milton Nascimento e Caetano Veloso. O pano de fundo para contar a história da lavadeira Rosalina de Souza é a canção *Maria Maria*. Ao abrir o texto, justifica: “Era Maria Maria, mas poderia ser Aparecida, Geralda,

Cristiane, Regina e muitas outras. Poderia ser Rosalina aquela que ‘é a dose mais forte e elegante de uma gente que ri quando devia chorar.’” Todo o texto é construído a partir da referência, como acontece no trecho: "Que ‘é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre’, Rosalina sempre soube. O pai operário da Ferreira Guimarães e a mãe lavadeira ensinaram aos cinco filhos” (MORAIS, 2015e, p.4).

Na história da lavadora de carros Paloma Moreira, uma mulher transexual de aparência frágil e delicada que encontra força suficiente para superar a depressão, a perda da mãe e o preconceito da sociedade, Mauro traz a referência da música *Força Estranha*. O texto é dividido nos subtítulos: *Por isso é que eu canto, Não posso parar, Por isso essa voz tamanha*.

As referências ajudam não só na compreensão e na aproximação do leitor com a narrativa como, em alguns casos, constroem uma atmosfera afetiva durante a leitura. Tais elementos permitem uma imersão na história contada.

Outra mudança que caracteriza a nova fase da coluna é a apresentação das **dores** dos entrevistados. Se na primeira fase, as dificuldades eram narradas sob o viés da superação, agora, também são apresentadas as fragilidades e os medos de quem convive com uma dor que não foi superada. Compreendemos assim, a apresentação de uma nova camada para a humanização dos personagens. Afinal, se a capacidade de superar é própria do ser humano, as vulnerabilidades e as dores também o são. Assim, vemos a coluna citar temas como preconceito, machismo, falta de acessibilidade, xenofobia, gordofobia, racismo, classismo e outrofobias (MORAES, 2022).

Outra característica desse novo momento é o maior interesse pela **história de lugares**. Parte das publicações é destinada à narrativa sobre estabelecimentos antigos da cidade, como é o caso de Fábrica de Doces Brasil, Alfaiataria Meia Lua, Loja da Seda, Pastelaria Mexicana, sebo e antiquário Academia do Livro, Bar do Futrica, entre outros. Em uma das colunas, a conversa é com o síndico do edifício no Bairro São Bernardo, na Região Leste, popularmente conhecido como "Minhocão", que conta a sua história atrelada ao espaço.

Em termos gráficos e de divulgação, a coluna *Outras Ideias* seguiu ocupando meia página em preto e branco do *Caderno Dois*. As chamadas na capa nem sempre aconteciam. Isso foi mantido até a edição do dia 27 de outubro de 2016, quando consideramos o final da segunda fase.

No período analisado, foram realizadas 86 publicações semanais. A seção foi interrompida entre 10 de abril e 8 de maio de 2016, período de férias do autor. A data de retorno foi comunicada no jornal. O cuidado com a informação demonstra a compreensão de que o conteúdo já havia cativado um público fiel de leitores.

Para a análise sobre representatividade dos entrevistados da segunda fase, não foram catalogadas três edições. Duas delas porque mantiveram o foco exclusivamente na trajetória de estabelecimentos comerciais da cidade, sem detalhar informações sobre os narradores: são as publicações dos dias 25 de janeiro de 2015, sobre a Fábrica de Doces Brasil, e de 3 de maio de 2015, sobre a Alfaiataria Meia Lua. A outra edição que não foi contabilizada é a comemorativa pelo aniversário de um ano da coluna *Outras Ideias*. Publicada em 26 de julho de 2015, ela trouxe apenas uma retrospectiva do projeto.

Entre as 83 edições usadas para a catalogação dos entrevistados, duas tiveram mais de um personagem. No dia 4 de outubro de 2015, foi contada a história das irmãs confeitadeiras Maria Ângela Ciampi e Maria Tereza Ciampi. Já no dia 8 de novembro do mesmo ano, foi a vez dos relatos dos hippies Sandro da Silva, Cosme Nascimento e Polyana dos Santos. Dessa forma, a análise sobre representatividade considerou o total de 86 entrevistados.

Figura 17 – Anúncio do retorno da coluna

4 | **Tribuna de Minas** - DOMINGO - 19/05/2016
redacao@tribunademinas.com.br

CADERNO DOIS

Continuação da página 1



Estabelecer marco na Av. Brasil com Ponte de Ladeira serve de ateliê a moradores de rua



Mato ao redor da estrutura localizada na Alameda Iva Melo Reis

Nos moldes de Santiago de Compostela

O Passaporte Estrada Real foi inspirado no projeto Credencial de Santiago de Compostela, podendo ser solicitado pelo site do Instituto Estrada Real. Dentro de um prazo de 60 dias, ele pode ser retirado em Ouro Preto, Diamantina, Paraty e Petrópolis, cidades que se encontram nas extremidades dos caminhos. Com o documento em mãos, o viajante pode receber o caminho de vista às localidades já credenciadas. No caso de Jaz de Fora, o serviço é oferecido no Hotel Victory Suites e na Pousada Solar dos Viteiros. Desde que passe por um número mínimo de paradas, ao chegar ao ponto final de cada caminho, o turista recebe o certificado de conclusão.

Segundo o Instituto Estrada Real, desde maio de 2015, 63 passaportes foram carimbados em Jaz de Fora. Felipe Machado resalta que o projeto é recente e está em seu primeiro ano de implantação, por isso ainda não há dados suficientes para avaliar seu impacto na região. "O Instituto Estrada Real desenvolve diversas ações de promoção da Estrada Real, está presente em canais de TV, jornais, feiras, eventos, desenvolvendo novos projetos, como o aplicativo da ER, um projeto específico para a indústria que atende mais de cem mil funcionários e oferece meios de hospedagem, restaurantes e atrações, cuja cidade de Jaz de Fora está inserida. Enfim, tomou-se a maior rota turística do Brasil não é uma tarefa fácil, maior se neste lugar requer muito trabalho pela frente", conclui o representante.

É preciso provocar a iniciativa privada

É inegável o valor da Estrada Real para o país, já que, por ela, a Coroa Portuguesa escoava os minerais extraídos de Minas Gerais até o litoral do atual Estado do Rio de Janeiro. Com a nota do Caminho Novo delimitada entre 1722 e 1725, o tempo de viagem foi reduzido em um terço, quando comparado ao Caminho Velho. Ao longo do "novo" trajeto de 515km de extensão, com 32% de asfalto, 68% de estradas de terra e 5% de trilhas, saltam aos olhos as peculiaridades que resistem ao tempo. Danièle Frey reconhece a importância do Passaporte para o Caminho Novo, que foi recebido com a expectativa de impulsionar o turismo, mas afirma que, em Jaz de Fora, o resultado não se mostra positivo.

"Há percebemos a dificuldade que temos de mensurar os impactos do turismo no município, porque ele é intangível, ainda mais pelas características da nossa cidade e do próprio trecho que é extenso. Se o passaporte fosse notório, estaríamos recebendo várias ligações e pedidos de informações a respeito dele", comenta ela, ressaltando que "os marcos estão aqui, portanto, é preciso levar o projeto Estrada Real para a discussão".

"Nosso trabalho possui a atratividade que outros têm, mas é também uma questão de promover a iniciativa privada. Não podemos esperar que isso dependa de toda uma estrutura de um trabalho organizado. O turismo de eventos e negócios é algo mais concreto para nós. Para

aumentar os ganhos, é preciso haver a inserção da própria população. Ela deve compreender melhor o que vem a ser essa atividade dentro do município. Nesse sentido, é trazer a discussão para a aprovação do Plano Municipal de Turismo", enfatiza Danièle.

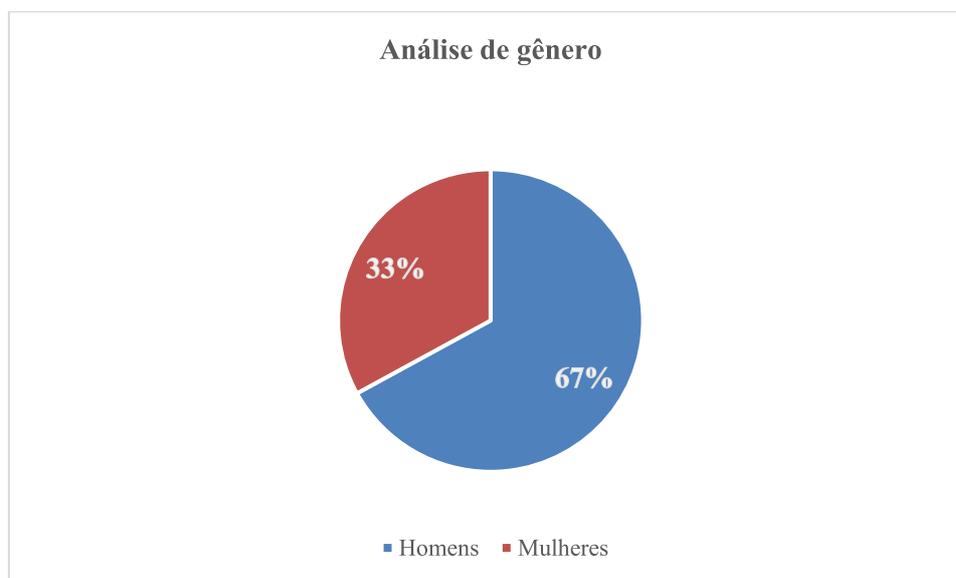
"A gente vê que o problema não é só de Jaz de Fora. No interior, há uma dificuldade de se gerar um projeto como este. Então, precisaríamos de mais apoio por parte do Instituto, ter uma aproximação maior. Acho que é hora de o próprio Governo do Estado refletir se eleva a esse projeto como uma ação estruturante para Minas Gerais. Se ele for trabalhado, se as próprias agências criarem roteiros, acho que vale muito a pena."

A coluna "Outras Ideias" volta a circular em maio

Fonte: *Tribuna de Minas*/Acervo pessoal

Na análise por gênero, verificamos que o número de homens se manteve superior ao das mulheres durante a segunda fase da coluna. Os percentuais foram de 67% e 33%, respectivamente. Em termos proporcionais, a participação masculina cresceu em comparação com a primeira fase.

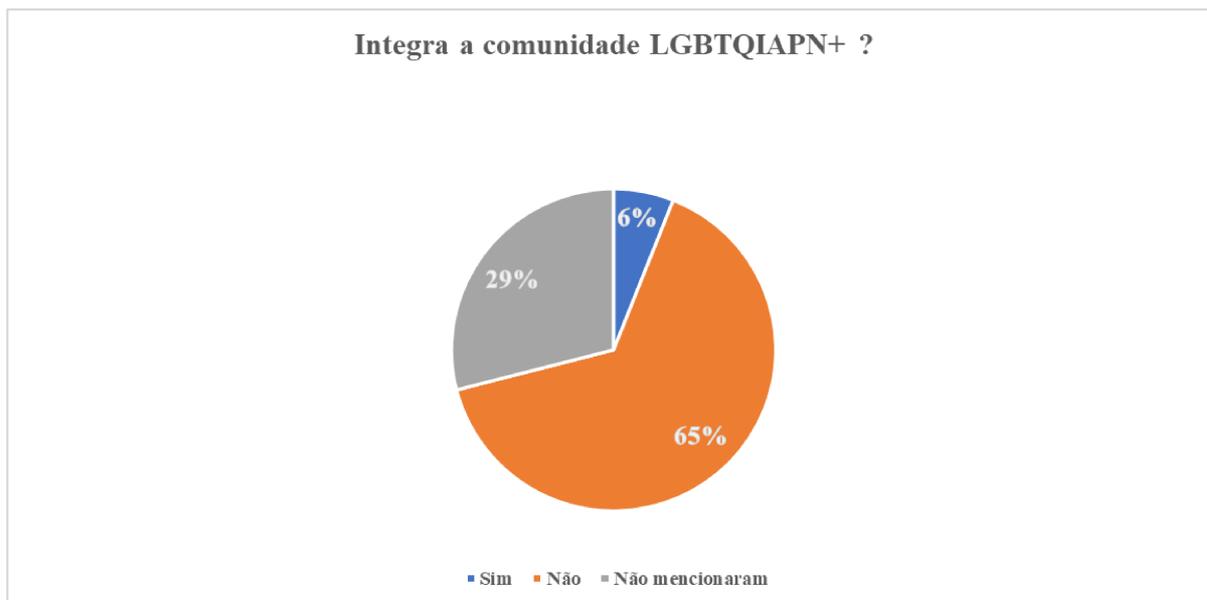
Gráfico 10 – Gênero dos entrevistados na segunda fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Embora tímida, houve a presença de membros da comunidade LGBTQIAPN+. Entre os personagens da coluna *Outras Ideias*, 6% assim se autodeclararam. A participação é maior em comparação com a fase anterior, quando não houve representatividade nesse sentido

Gráfico 11 – Comunidade LGBTQIAPN+ na segunda fase

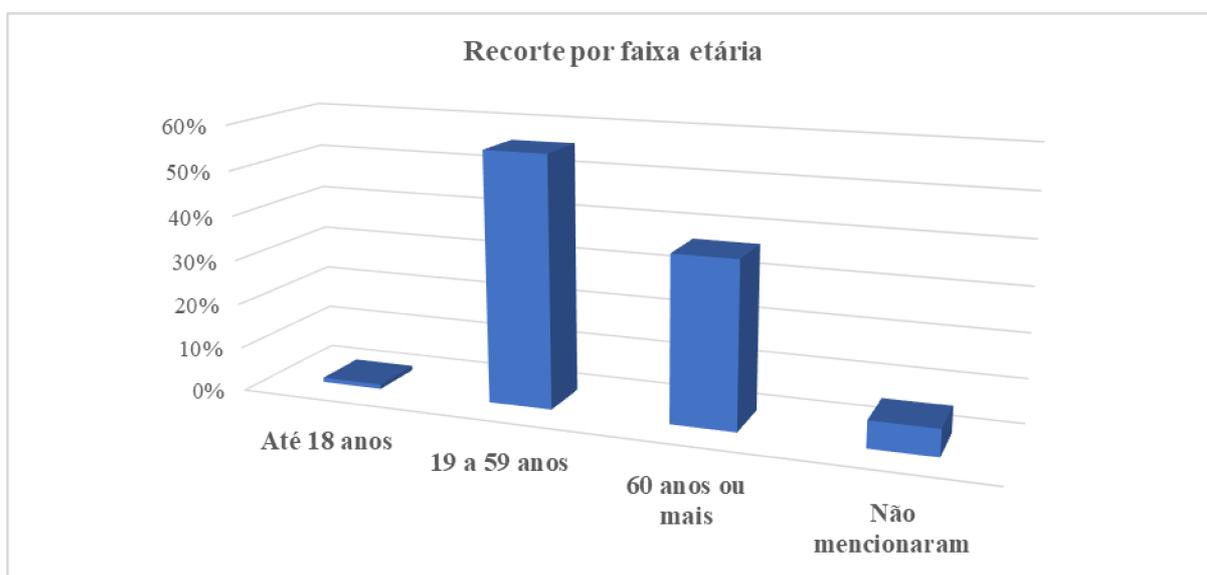


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No recorte por faixa etária, pela primeira vez, uma criança contou a sua história. Isso ocorreu na edição do dia 20 de dezembro de 2015, com a estudante Vithoria Nascimento Mateus, de 10 anos. A menina, que nasceu sem os dois braços, narra o seu dia a dia, que inclui atividades como estudar, pintar, nadar, tocar teclado e ir à igreja.

Diferente da primeira fase, em que a participação de adultos e idosos atingiu o mesmo percentual, aqui observamos a maior presença das pessoas com idade entre 19 e 59 anos.

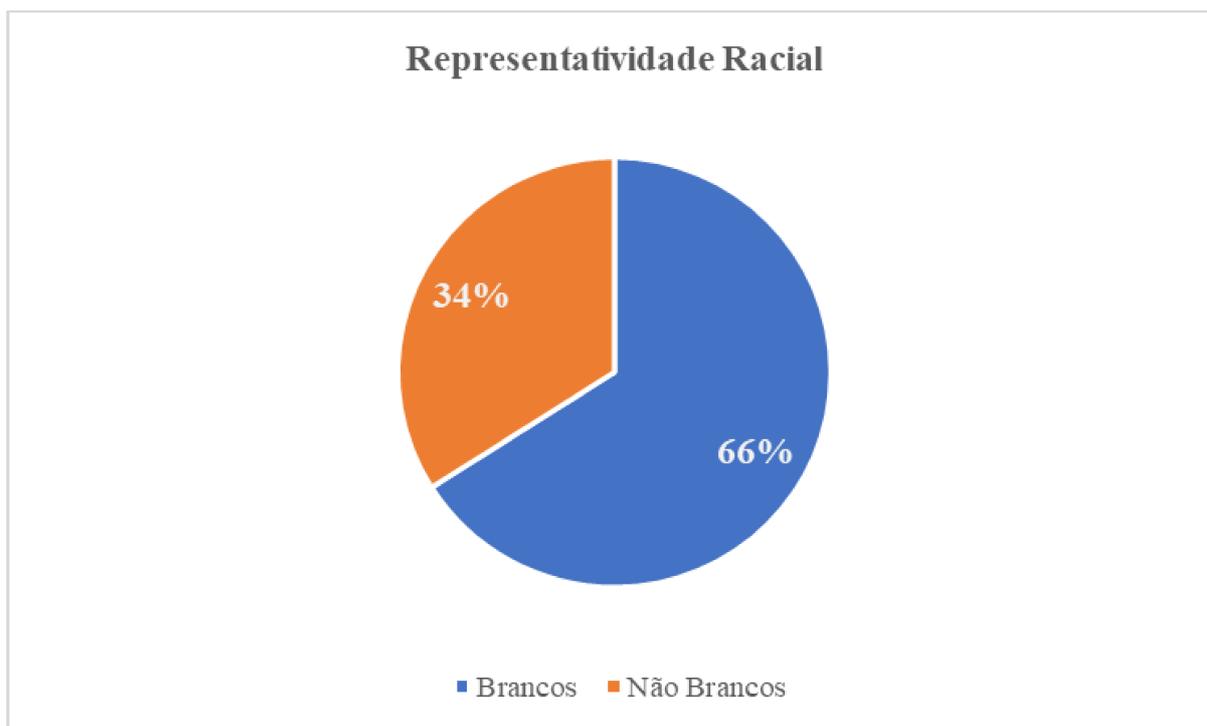
Gráfico 12 – Faixa etária na segunda fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na análise de representatividade racial, há o aumento da participação de entrevistados não brancos em comparação com a primeira fase. No entanto, ela segue menor do que as de pessoas de cor branca.

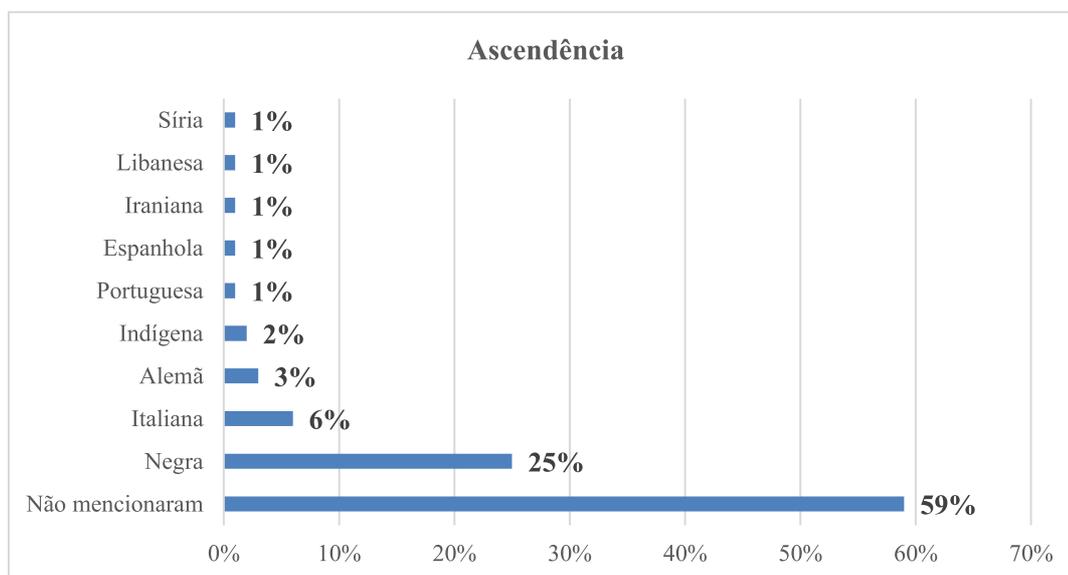
Gráfico 13 – Representatividade racial na segunda fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com relação à ascendência, observamos uma maior diversidade em comparação com a primeira fase, quando foram citadas apenas cinco: negra, libanesa, alemã, árabe e indígena. O aumento era esperado, pois o número de entrevistados da segunda fase (86) é maior do que o da primeira (25).

Gráfico 14 – Ascendência dos entrevistados na segunda fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sobre a naturalidade dos entrevistados, mais uma vez, verificamos que a participação de pessoas nascidas em outras cidades é maior do que a de juizforanos. Por esse recorte, compreendemos que a história local é feita por muitos que viram em Juiz de Fora a possibilidade de uma nova vida. Há histórias de quem veio para acompanhar o marido e, também, após o rompimento do casamento. Há aqueles que encontraram o refúgio e o acolhimento que não receberam em seu país de origem. E há, ainda, os moradores de municípios menores da região, que enxergam na cidade a oportunidade de estudar, trabalhar e cuidar da saúde, e aqueles dos grandes centros que veem Juiz de Fora como um recanto mais tranquilo e sossegado para criar a família e envelhecer.

Gráfico 15 – Naturalidade dos entrevistados na segunda fase

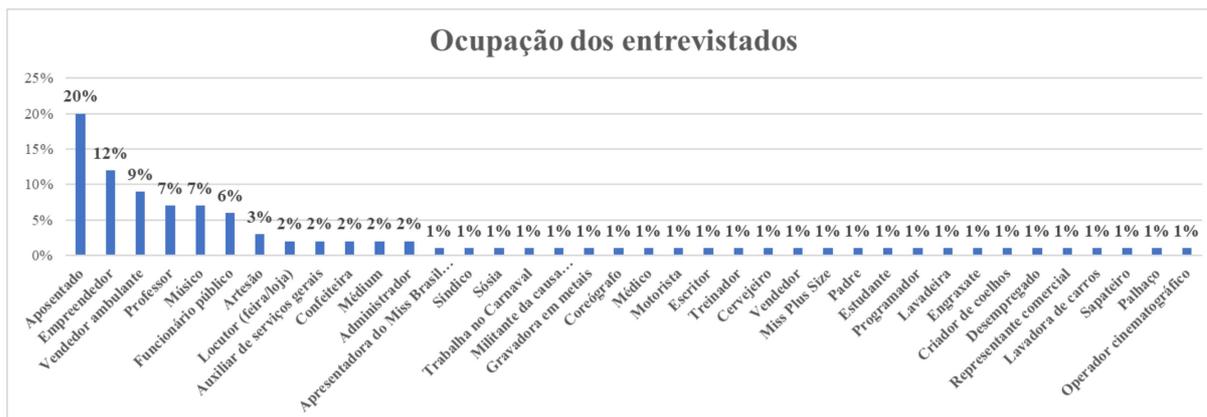


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os aposentados representam 20% dos entrevistados, o que pode ser compreendido pela participação de muitos idosos na coluna. Já os empreendedores, segunda categoria que mais aparece, é explicada pelo olhar da coluna para os lugares da cidade, como os estabelecimentos comerciais mais antigos.

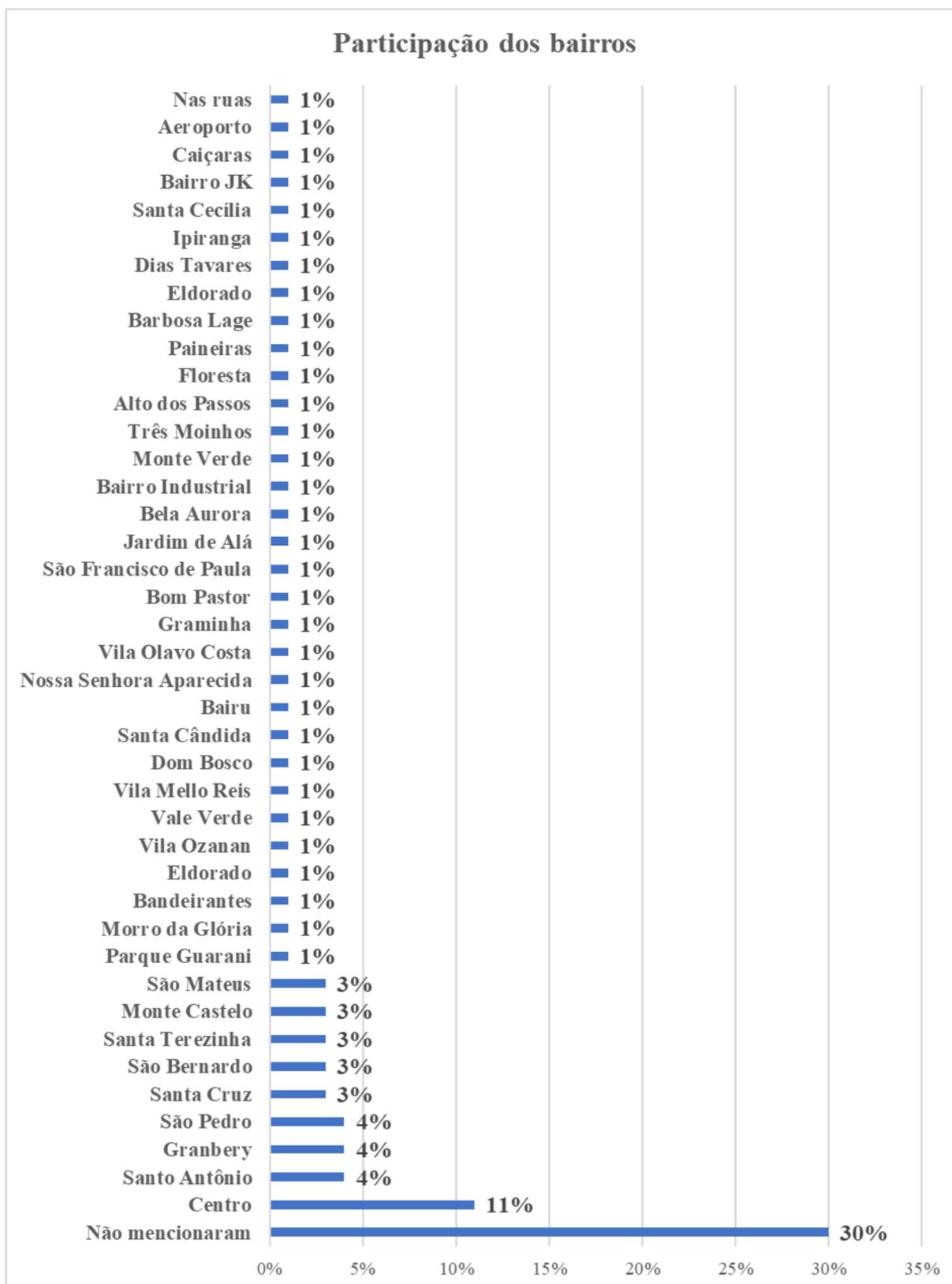
Notamos, também, a presença de trabalhadores que ocupam as ruas, como o vendedor ambulante, o engraxate, o sapateiro, o artesão do Parque Halfeld e quem faz o Carnaval da cidade, reflexo desse olhar em busca de narrativas sobre pessoas e lugares.

É válido ressaltar, ainda, a diversidade da lista, que inclui desde profissões tradicionais, como professor, médico, escritor e funcionário público, até ocupações mais irreverentes como sósia e palhaço.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

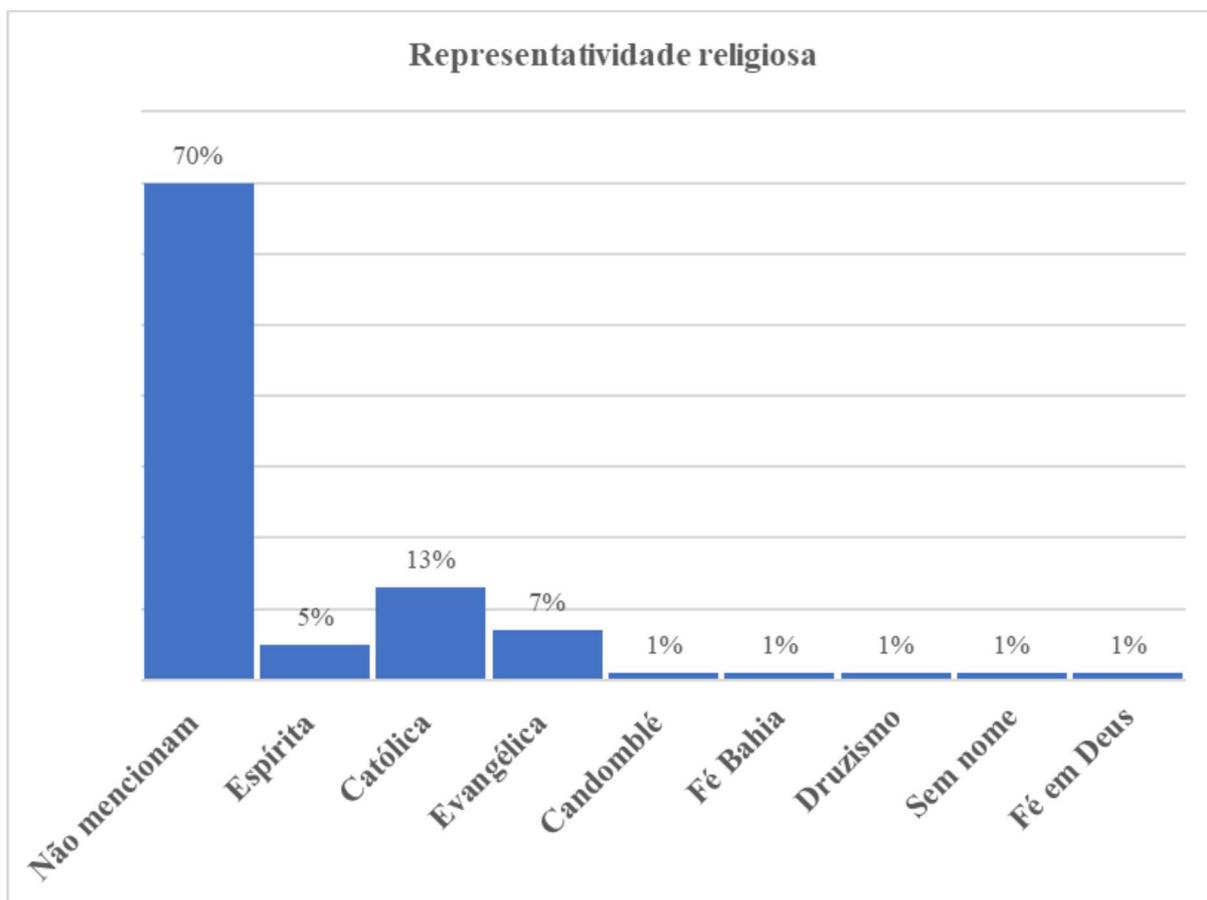
Quando avaliamos a participação dos entrevistados por bairros, há uma pulverização. Embora o Centro ainda some a maior quantidade, há histórias que vêm de 39 bairros diferentes. Outro ponto de atenção é sobre quem não tem um endereço. A história de uma cidade é sobre quem vive nela, o que inclui quem não tem um teto.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Abordar o tema religião continua não sendo foco da coluna. Mas, apesar disso, ela segue como um espaço aberto às diferentes crenças, como mostra o gráfico:

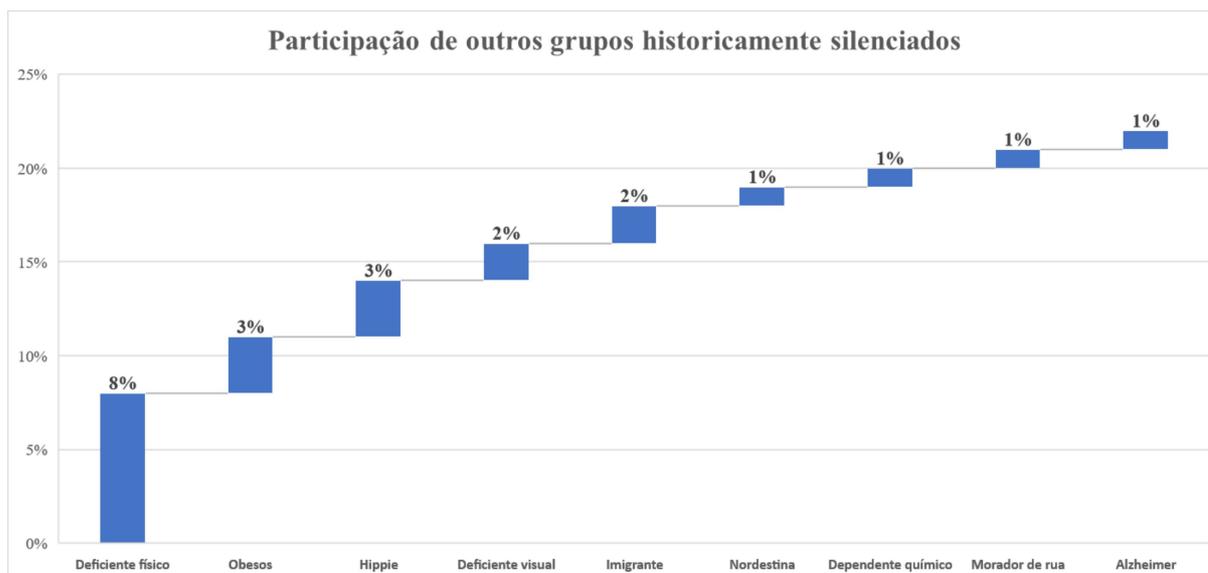
Gráfico 18 – Religiosidade dos entrevistados da segunda fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A seção também apresentou mais grupos historicamente silenciados, que compartilharam dores e histórias de superação, em comparação com a primeira fase, quando identificamos apenas imigrantes e pessoas com deficiência. Novamente, podemos analisar que, diante de um escopo maior de entrevistados, é esperada maior diversidade de participações. A seguir, detalharemos como foram as representações dos entrevistados.

Gráfico 19 – Outros grupos historicamente silenciados na segunda fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para o estudo sobre representação, seguimos com o uso da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Além das categorias identificadas na primeira fase da coluna, incluímos as **dores** e a **referência musical ou literária**.

Quadro 4 – Categorização para a Análise de Conteúdo da segunda fase da coluna *Outras Ideias*

Categoria	Definição
Observação	O autor descreve detalhes sobre o ambiente ou o entrevistado, usando recursos objetivos e subjetivos.
Participação / Bastidores	O autor se coloca no texto através de uma ação, emoção ou narra a participação da equipe durante a apuração.
Contraste	Apresenta características opostas de um entrevistado, evidenciando as complexidades do ser humano.
Superação	Mostra como o entrevistado enfrentou as adversidades em sua trajetória.
Dores	Entrevistado mostra a convivência com uma dor que não foi superada.

Narrativas sobre o tempo e o espaço	Memórias do entrevistado em relação às mudanças ocorridas no decorrer do tempo.
Preservação da identidade	Relata tradições culturais mantidas pelos entrevistados que são imigrantes.
Sonhos	O entrevistado fala sobre os sonhos que pretende realizar.
Aspecto combativo	A escrita apresenta elementos que combatem violências e preconceitos.
Referências literárias ou musicais	O autor cita o nome ou a obra de escritores e músicos no texto.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A representação feminina na coluna *Outras Ideias* é plural e mais diversa nesta segunda fase. Mulheres cis e trans, de diferentes cores, corpos, religiões e nacionalidades, que têm as mais variadas ocupações e estão por todos os bairros da cidade reivindicam o direito de ser e estar.

As escolhas das entrevistadas para as edições em homenagem ao Dia Internacional da Mulher reforçam a proposta de uma representação que contemple mais vozes e existências. No dia 8 de março de 2015, Bruna Leonardo, uma mulher transexual e militante da causa LGBTQIAPN+ estampou a capa da *Tribuna de Minas*. Já no dia 6 de março de 2016, foi a vez de Rosalina Souza, uma mulher negra, de 59 anos, que trabalha como lavadeira e vive em uma pequena casa inacabada no bairro São Pedro, na região Oeste. Descrevendo uma rotina diária árdua, ela tem como maior **sonho** ver a obra da residência finalizada.

A coluna também reuniu trajetórias de pioneirismo que mostram que a mulher pode ocupar os espaços que deseja. É o caso de Marlene Duarte da Silva, que decidiu abrir uma loja de peças de automóveis, segmento predominantemente masculino; Carolina de Assis Repetto, a primeira aviadora de Minas Gerais; e Vera Faria Medeiros Ribeiro, primeira vereadora de Juiz de Fora.

Mas ao contar as histórias de tantas e diferentes mulheres, a coluna também esbarrou em **dores**: machismo, racismo, pressão estética, gordofobia, ausência de reconhecimento, maternidade solo, perda de filhos, viuvez e solidão na terceira idade são algumas delas. Nesta fase, vemos esses assuntos serem trabalhados de forma explícita.

“Perdeu os pais cedo, foi criada num convento, mas nunca quis ser freira. Trabalhou em casa de família. Foi mãe solo e junto da filha foi morar na fundação, onde passou a trabalhar também” (MORAIS,2015d, p.4), relata sobre Domingas Jacob Moreira. Já Marlene Duarte da Silva fala diretamente sobre o preconceito vivido:

Num meio completamente dominado pelos homens, Marlene manobrava os carros, estacionava-os dentro da loja e mostrava o conhecimento de cada peça. "Fui muito pichada como sapatão, mas como seria sapatão se calço 31?! E nem amigas a tiracolo eu tive. Todo o preconceito se deu por causa do ramo arrojado. Tudo o que conquistei foi no enfrentamento", emociona-se ela, por diversas vezes reconhecida como uma resistente ao machismo nosso de cada dia (MORAIS,2015f, p.4).

Por vezes, ao tocar nessas dores, identificamos o **aspecto combativo** no texto. Como vemos na fala da bancária Priscila Nascimento França Fontoura, que fala diretamente sobre racismo, falta de reconhecimento e pressão estética com as mulheres negras.

“As histórias das negras são todas iguais. Tanto faz se é bancária ou doutoranda. Ainda somos menosprezadas. O turbante é um ato contra o racismo", diz, firme, a mulher de voz doce, que tem feito oficinas pela cidade ensinando a história e a amarração do ornamento que ostenta. "Com autoestima, conseguimos tudo", defende (MORAIS, 2015g, p.4).

Também é usada a categoria de **superação**, como visto na narrativa sobre Jackeline Augusto dos Santos, a Miss Plus Size Minas Gerais, que superou o *bullying* sofrido na escola - originado do racismo, do classismo e da gordofobia -, com a vitória em quatro concursos de beleza. "Sempre fui gordinha. Desde a infância sofro preconceito, mas nunca deixei me abater. Minha mãe e meus dois irmãos sempre falaram que sou linda assim e que não sou diferente" (MORAIS, 2015h, p.4).

A **superação** também existe para outras **dores**, como as de Elisângela Gomes Saar, apelidada carinhosamente de Preta pelo marido, que venceu a pobreza na infância e a depressão após tornar-se viúva aos 40 anos. “Preta descobriu que nenhuma lágrima dura o sempre, e tudo pode se transformar” (MORAIS, 2015i, p.4).

O autor usa com frequência a característica da **observação**, em que descreve detalhes das personagens. “A elegante senhora de cabelos brancos como nuvens, olhos claros, fala pausada e o discreto rosa cobrindo os lábios, lembra-se de uma paixão que só não superou a nutrida pela família agigantada que construiu, com nove filhos, quase 20 netos e muitos bisnetos” (MORAIS, 2016c, p.4), diz sobre a primeira aviadora do estado.

Como já mencionado, também mistura a **observação** com a **referência musical ou literária**. "Em seu chinelo de dedo, vestida numa saia jeans e numa camisa de malha branca

estampada com a face da Virgem Maria, Rosalina - que poderia ser *Maria Maria* - conta e ri, com sua admirável (nunca estranha!) mania de ter fé na vida” (MORAIS, 2015e, p.4).

Quando o assunto é maternidade, temos diferentes representações. O **contraste** de Márcia Fu, lembrada como uma atleta olímpica de temperamento forte, que agora derrete-se no papel de mãe do pequeno Gabriel. “A cada dez palavras, cinco são sobre o filho, tanto que a TV exhibe muito mais *Patati e Patatá* que partidas de vôlei. Márcia Fu, aquela da voz grave e dos gestos muitos, transborda afetos. ‘É um amor inexplicável que sinto após ter sido mãe’” (MORAIS, 2016d, p.4). Também é mostrada a **dor** do luto de mulheres que perderam os filhos, na gestação ou já crescidos, a **superação** de mães solo, a liberdade de escolha sobre o maternar e como fazê-lo, a felicidade do encontro da adoção.

Em agosto de 1978, uma Kombi, sem os bancos centrais, estancou na porta do Instituto Maria, em São Mateus, trazendo dez crianças com cerca de 1 ano, vindas da Febem de Belo Horizonte. As condições dentro do veículo eram as piores possíveis. Dos 50 pequenos que vieram, em viagens diferentes, mas na mesma situação, Wellington com seus 7 meses era o mais debilitado. “Ele ficou um mês no hospital. Por ser o mais doentinho, começamos a pegar mais no colo. No primeiro mês, com o frio, eu o colocava nos braços, entre o casaco de lã e a blusa, e ele ficava quietinho”, recorda-se Vânia Derby Dutra, diante do homem com 38 anos. Das milhares de crianças que passaram pelos cuidados de Vânia e sua equipe, Wellington foi o único a dividir o mesmo teto que ela (MORAIS, 2016e, p.4).

Concluimos que a pluralidade de vozes femininas na segunda fase da coluna *Outras Ideias* busca romper com um padrão imposto socialmente sobre o que é ser mulher, como ela deve agir, pensar e quais os espaços pode ocupar. Diferente da primeira fase, observamos agora o aprofundamento de questões mais complexas e delicadas inerentes ao feminino.

Figura 18 – Capa da *Tribuna de Minas* no Dia Internacional da Mulher (08/03/15)



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A primeira coluna *Outras Ideias* de 2015 é com a professora Júlia de Oliveira, que nasceu como uma pessoa intersexual. A publicação preenche a lacuna observada na primeira fase, quando não foi contada a história de vida de nenhum membro da comunidade LGBTQIAPN+. No entanto, ao longo da segunda fase, a representatividade desse público é muito baixa, apenas 6% dos entrevistados, mas a representação confere momentos significativos, como a foto de Bruna Leonardo na capa do Dia Internacional da Mulher com a chamada *Militante transexual luta por respeito*.

Outro momento é quando, através da **participação** de Moraes no texto, a coluna traz uma provocação sobre o que é considerado normalidade, em que o jornalista demonstra dúvidas sobre o conceito. “Júlia me diz que queria ser normal. Pergunto-lhe, então, o que seria isso.” Em seguida, através da **observação**, chega a conclusão do que é um recado ao leitor: “O que, na verdade, Júlia de Oliveira reivindica não depende dela, mas dos outros. A mulher de longos cabelos tingidos de louro e gestos delicados deseja ser encarada naturalmente” (MORAIS, 2015j, p.4).

As histórias retratam pessoas LGBTQIAPN+ com características diferentes, das mais tímidas às irreverentes, respeitando cada personalidade e demonstrando o cuidado e o acolhimento na relação jornalista-fonte. Em outro momento, quando conversa com José de

Paula Filho, popularmente conhecido como Ângela Maria, pergunta se o tratamento durante o diálogo deve ser no masculino ou no feminino. Mesmo sem uma resposta objetiva, conclui: “Compreendo assim, o que agrada a ela” (MORAIS, 2015a, p.4).

Entre as principais **dores** da comunidade LGBTQIAPN+ estão o não reconhecimento de suas identidades, o preconceito, a solidão e a não aceitação que, muitas vezes, começa dentro de casa. “Tive muitos aborrecimentos, fui vítima de muito preconceito e discriminação. Estudei até a oitava série, aí comecei a fazer faxinas”, relembra a lavadora de carros Paloma Moreira. “Tive que parar de estudar porque meu pai não tinha condições de comprar as coisas. Ele era uma pessoa boa, mas não me aceitava. Não usava cabelo comprido por causa dele, que pagava para eu cortar, mais curto, raspado do lado” (MORAIS, 2016f, p.4).

Entre os relatos, é possível identificar o **aspecto combativo** em diferentes tons: irreverência, delicadeza, empoderamento. “Espirituosa, sempre com uma metáfora na ponta da língua, enfrentou o conservadorismo da década de 1960 e a cidade que criou a Lei Rosa. A todo tempo precisou combater. ‘Juiz de Fora e Minas Gerais são muito cheias de coisinhas. Sempre enfrentei preconceito’, declarou Ângela” (MORAIS, 2016a, p.4).

Na coluna sobre Bruna Leonardo, o autor também usa palavras que remetem ao combate:

Vencidas algumas batalhas, Bruna Leonardo Mesquita Silva luta, hoje, para que todos passem a lhe chamar pelo nome que escolheu e pelo qual todos que lhe conhecem não hesitam em falar. No Dia Internacional da Mulher, Bruna conta que, para assumir o artigo feminino, é preciso, apenas, reconhecer-se assim. Ser reconhecida é consequência, ainda que custosa e lenta (MORAIS, 2015k, p.4).

A representação do público LGBTQIAPN+ mostra que as existências não estão restritas às dores e ao enfrentamento. Como próprias da existência humana, estão as capacidades de **superar** e **sonhar**, categorias já observadas em nossa análise de conteúdo para outras representações. “No mesmo mundo que lhe apresentou a exclusão, ela conheceu a solidariedade. ‘A gente conquista as pessoas nas mínimas coisas. Com respeito e confiança’, diz Paloma” (MORAIS, 2016f, p.4). Cristiane Couto Mello, mulher transexual que foi condecorada como a rainha da Parada Gay de Juiz de Fora e ficou conhecida como Cris Brilhos, fala sobre o que deseja realizar.

“Meu maior sonho é conseguir envelhecer saudável e bonita para cuidar das minhas flores. Quero me dedicar mais à minha paróquia, quem sabe fazer sapatinhos de lã para obra do berço”, emociona-se a rainha, certa de que os contos de fada se fazem nos brilhos dos olhos (MAURO, 2015l, p.4).

Apesar de um espaço ainda pequeno, a coluna contribuiu para mostrar a comunidade LGBTQIAPN+ de forma cuidadosa, respeitando e acolhendo as diferenças. Também é observado o interesse em conscientizar o leitor, quando explica o que é uma pessoa intersexuada, pergunta qual é o tratamento que deve ser usado na entrevista e informa que o termo correto a ser usado é cirurgia de redesignação sexual.

Na análise de conteúdo por faixa etária, constatamos que os idosos seguem sendo representados como as principais testemunhas das mudanças ocorridas na cidade. Diante do novo interesse da coluna por registrar não só histórias de pessoas, mas também de lugares, verificamos que o uso da categoria **narrativa sobre o espaço e o tempo** é predominante nas entrevistas com pessoas com 60 anos ou mais, embora também seja utilizada em conversas com profissionais que trabalham nas ruas, como ambulantes e engraxates, independentemente da idade.

Nas publicações com personagens idosos, é comum o relato das transformações do espaço urbano. O vendedor de balas José Augusto de Aguiar, 76 anos, relembra um tempo em que não havia Avenida Independência, que mais tarde seria rebatizada de Avenida Itamar Franco. O engraxate Sebastião Pedreti, 76, um dos mais antigos que trabalham no Calçadão conta que: “Na Rua Halfeld desciam os carros, e subiam pela São João. Teve ocasião em que estacionavam muitos carros aqui, para o restaurante Faisão Dourado. Era o tempo dos bondes’, recorda-se o senhor que trabalha tendo como cenário o Cine-Theatro Central” (MORAIS, 2016g, p.4).

Também há os testemunhos sobre acontecimentos que marcaram a cidade. O ambulante Paulo Gomes Mendes, 65 anos, acompanhou de perto a revitalização do antigo prédio do Diretório Acadêmico de Estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, localizado na esquina entre a Rua Floriano Peixoto e a Avenida Getúlio Vargas. Na mesma região, viu um dos incêndios mais graves ocorridos na cidade, em 2011, quando o fogo atingiu o complexo de lojas entre a Tetê Festas e o Castelo da Borracha.

Já o sambista Armando Fernandes Aguiar, o Mamão, rememora os carnavais da cidade e a trajetória da composição da música *Tristeza e Pé no Chão*, imortalizada na voz de Clara Nunes e regravada por outros artistas.

Era 1970, Nelson Silva havia morrido em outubro do ano anterior e a escola passava por diversas dificuldades. Mamão foi, então, convidado a botar a escola na rua. “A Feliz Lembrança saiu muito pobre, com as meninas sem sapato. Quando chegamos perto da Prefeitura, ali na Rio Branco, um amigo disse que estava parecendo um bloco tristeza pé no chão”, lembra. Deu samba. Passou algum tempo, e, num barzinho da Rua São João, a letra se achegou.

“Tinha um cara com um tamborim, e eu falei: ‘Afina esse negócio aí direitinho. Dá um aperto de saudade nele’. [...]No mesmo ano, a gigante EMI-Odeon gravou o LP de Clara Nunes, e a música de Mamão, antes na reserva, acabou entrando no disco e na primeira faixa. “Vendeu disco feito água”, conta, ainda entusiasmado, lembrando-se de um tempo em que andava pelas ruas e ouvia sua canção (MORAIS, 2016h, p.4).

Ao retratar os idosos, a coluna também fala de **dores**, como problemas de saúde, solidão e luto. Antônio Isair da Silva, conhecido nas noites da cidade por vender o seu jornal *O Poeta*, conta que não tem a mesma disposição de antes. “Com o tempo, as forças diminuíram. Quando preciso sair, pegar o touro à unha, percebo que não sou mais o mesmo” (MORAIS, 2015m, p.4). Aos 99 anos, Vera Faria de Medeiros Ribeiro relata a tristeza de perder os entes queridos. “Todos os meus irmãos já se foram. É muito triste eu ter que me despedir deles” (MORAIS, 2016i, p.4).

Mas também há histórias de **sonhos e superação**, como a de Maria das Dores Queiroz Pacheco, carinhosamente conhecida como Cotinha, de 91 anos, que iniciou as aulas de artes como forma de estimular a memória por conta do Alzheimer. Vemos, assim, que a segunda fase legitima os idosos como testemunhas oculares de Juiz de Fora, sem retirar a humanidade das histórias individuais.

Figura 19 – Foto Maria das Dores Queiroz Pacheco (Cotinha), entrevistada



Fonte: Site da *Tribuna de Minas*

Entre os não brancos entrevistados pela coluna nesta segunda fase, há maior participação de pessoas negras e descendentes de negros. No Brasil, essa é a parcela da população que representa a maioria dos moradores da periferia e daqueles que vivem em situação de vulnerabilidade econômica e social. Num país que discrimina pela cor da pele, também são vítimas do racismo enraizado na sociedade.

Em Juiz de Fora, não é diferente. Por isso, no momento em que a coluna *Outras Ideias* abre espaço para as pessoas falarem sobre suas **dores**, os relatos dos entrevistados negros e descendentes de negros permeiam questões além da racial.

O criador de coelhos Max Alexandre Tibúrcio, morador do Bairro Três Moinhos, na Região Leste, narra um dia a dia difícil para sustentar a família formada por ele, a esposa, quatro filhos e três sobrinhos-netos que também passaram a chamá-lo de pai. “Não aceitei deixar eles irem para o Conselho Tutelar. [...] Aqui, a gente, com toda a dificuldade, vai crescendo. Não deixa faltar, não. Aqui tem condição de educar. [...] Aqui a gente dá muito carinho” (MORAIS, 2016j, p.4). Mas na representação feita por Moraes, as dificuldades não limitam os **sonhos**. “Tenho o sonho de dar a volta por cima, tirar carteira e tudo. Meus sonhos são sonhos, mas não desisto jamais. Se você para, fica sem viver” (MORAIS, 2016j, p.4).

Por meio do recurso de **participação**, o jornalista também descreve o brilho nos olhos de quem se orgulha das raízes, como a bancária Priscila Nascimento, e o grito de quem deseja não ser invisível, como o sapateiro Carlos Augusto da Silva, o Carlinho do apito.

Diferentemente do que alguns podem pensar, Carlinho, como a inscrição na bicicleta indica, sabe bem do desconforto que gera [...] Carlinho defende que é preciso insistir para não desistir. Seu ato, portanto, é um grito de presença e, principalmente, de um invejável amor próprio (MORAIS, 2016k, p.4).

Há, ainda, o uso da **observação** para narrar histórias de **superação**, como a do professor Ernando José da Silva. “No sorriso, o homem que hoje divide uma casa no Bairro São Bernardo com o irmão escreve a lição de uma resignação que transforma. ‘Somos reflexos do passado e o que vivemos hoje é o combustível para continuar’.” (MORAIS, 2016l, p.4).

Sobre a naturalidades dos entrevistados, nesta segunda fase, a coluna *Outras Ideias* traz mais informações sobre os motivos que fizeram pessoas de outras cidades se mudarem para Juiz de Fora. Natural de Ewbank da Câmara, a família da pequena Vithoria Nascimento Mateus decidiu se instalar na cidade para facilitar o tratamento de saúde e oferecer mais oportunidades para a menina.

A vendedora ambulante Lúcia Lima Melquiades veio de Oren, no Pará, deixando a família e o emprego como secretária para acompanhar o marido juizforano que conheceu em

sua terra natal. Também vendedora ambulante, Ângela Maria de Oliveira Soares mudou-se de Rio Novo para Juiz de Fora em busca de um recomeço ao lado da filha após o divórcio. Para isso, deixou para trás a carreira de 12 anos como professora.

No cruzamento entre as informações sobre origem dos entrevistados e ocupação que exercem, é possível observar que a coluna seguiu contando histórias de classes sociais não dominantes. É válido destacar a participação de William Bezerra de Souza, desempregado que vive nas ruas de Juiz de Fora.

A sua história de vida foi contada na publicação do dia 15 de maio de 2016. O texto é dividido em uma breve introdução, na qual o próprio entrevistado se apresenta, e em subtítulos curtos que demarcam os assuntos abordados ao longo da conversa: *A doação*, *A leitura*, *A doença* e *A controvérsia*. Num texto recheado de aspas, quase sem interferências do autor, a coluna funciona como um espaço aberto para a fala de quem não é ouvido pela sociedade.

Na análise de representação sobre o viés da religião, observamos em algumas histórias, o uso do **contraste** como forma de romper expectativas em relação às religiões mais tradicionais. Assim, conhecemos a trajetória do padre Antônio Pereira Gaio que, depois de 52 anos de casado e cinco filhos, encontrou na igreja a força para superar a perda da esposa Miryam, de quem recorda-se ao manter o uso da aliança.

Já o pastor Vanderson Supimpa França de Souza (Simon) mantém os cabelos longos e usa roupas pretas para mostrar que curte rock. Na igreja onde prega, o isolamento acústico permite entoar canções evangélicas de rock.

As religiões menos tradicionais aparecem de modo explicativo pelo autor e, também, na fala dos entrevistados. Assim, Moraes explica ao leitor que a Fé Baha'i é de origem persa e os drusos praticam uma religião com pequena expressão no Líbano.

A intolerância religiosa é mencionada pela entrevistada Vânia Derby Dutra, administradora da Fundação Espírita João de Freitas, quando relembra a trajetória do pai. “Para fundar uma casa com o nome espírita há 85 anos, como foi com o João de Freitas, ele levou muita pedrada. As freguesas da minha mãe, para fazerem roupas com ela, tinham que pedir licença ao bispo” (MORAIS, 2016e, p.4).

Nesta segunda fase, a representação por bairros trouxe **observações** ricas em detalhes. Na entrevista com o aposentado João Gonçalves de Mello, o jornalista descreve o cenário que encontra ao chegar em Dias Tavares, zona rural de Juiz de Fora.

Trinta e cinco quilômetros para chegar a João Gonçalves de Mello. Dias Tavares pode até não ser tão longe, mas se distancia, em muito do caos urbano, com suas muitas montanhas verdes a circundar o pequeno conjunto de casas,

por onde transitam cavalos, cachorros descansam sob o sol e cada lar guarda a sua própria horta. João pode até não estar tão longe, mas se distancia de um mundo veloz, nos quais as ações são sempre mais prestigiadas que o pensamento, em que o individual reina sobre o coletivo, e generosidade parece palavra desgastada. Em sua humildade, parece gigante com seus 70 anos marcados na face, com vincos profundos, e nas mãos, com calos a dizer de um esforço que muitas vezes nem é para si. Trinta e cinco quilômetros para chegar a uma rara ideia de cidadania (MORAIS, 2016m, p.4).

Na representação dos moradores da periferia, é possível identificar relatos de **superação** como o de Reginaldo Barbosa da Silva, o Bulu, que venceu o alcoolismo e fundou a Associação de Reciclagem e Artesanato - Lixarte, que oferece cursos de capacitação para os jovens da Vila Olavo Costa, na Região Sudeste.

Histórias de resistência também são narradas por Luiz Conceição Bispo, o DJ Nonô, do bairro Santa Cândida, na Região Leste. “O homem que mora no morro ‘desde quando não havia calçamento, não tinha água, era preciso buscar na mina para encher a caixa d'água’, viu o asfalto, a luz, a água chegarem. Só não viu, ainda, aos 45, a igualdade tão sonhada.” No mesmo texto, Moraes utiliza a **referência musical**: “O morro, segundo ele, ainda não tem vez, como escreveram Tom e Vinícius. ‘As coisas sempre mudam, mas a luta é muito difícil. Acredito na mudança de fato, talvez, para as próximas gerações’ ” (MORAIS, 2015n, p.4).

Por fim, a segunda fase da coluna ampliou a diversidade de outros públicos silenciados. Além de imigrantes e pessoas com deficiência física, grupos que foram representados na primeira fase da coluna *Outras Ideias*, houve a participação de deficientes visuais, dependentes químicos, obesos, hippies, uma nordestina, uma paciente diagnosticada com Alzheimer e um morador de rua.

A representação dos imigrantes mostra um povo em busca de oportunidade e liberdade, alguns já demonstraram ter conquistado o que esperavam, como é o caso do guineense Abraão Vito Dantas Pereira que se sente em casa ao bradar que é o dono do Morro do Imperador. Outras ainda esperam, como o sírio Anas Abou Faher, que trabalhando como pipoqueiro, diz que tem entre seus **sonhos** montar um restaurante com comidas de seu país.

A categoria **preservação da identidade** é utilizada na retratação dos imigrantes. A alemã Dagmar Renate Witt afirma que ao vir para o Brasil e se distanciar da sua cultura conseguiu compreender melhor as próprias raízes.

As **dores** também são mencionadas por esses grupos. A nordestina Lúcia Lima Melquiades aponta a saudade e a xenofobia. Sandro da Silva, Cosme Nascimento e Polyana dos Santos falam do preconceito social sofrido por conta da escolha de viverem como hippies.

A **superação** é a principal categoria observada na análise de conteúdo das colunas com entrevistados que são deficientes físicos ou visuais e os dependentes químicos. No caso das pessoas com deficiência, os relatos mostram a autonomia e a independência, como Sebastião Vanderlei Andrade que nasceu cego. Com o aprendizado do braile, estuda, trabalha e anda pelas ruas da cidade com autonomia.

5.4 TERCEIRA FASE: CONSOLIDAÇÃO E ENGAJAMENTO

Consideramos o período entre 6 de novembro de 2016 e 15 de março de 2020 como uma nova fase da coluna *Outras Ideias*. Com o entendimento do Grupo Solar de Comunicação sobre a audiência conquistada, a seção foi incluída na reformulação gráfica feita naquele momento. Dessa forma, passou a ter mais destaque nas edições, passando a ocupar uma página inteira colorida e receber chamadas na capa todos os domingos.

Figura 20 – Capa do jornal *Tribuna de Minas* (05/02/2017)



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Murilo Mendes

Entendemos, assim, que após as fases de experimentação do projeto e formatação da identidade, a coluna *Outras Ideias* viveu um momento de consolidação e engajamento. Ocupando um espaço maior no jornal, o protagonismo dos entrevistados foi evidenciado visual

e textualmente. Além das amplas imagens em cores, a escrita trazia mais aspas, o que marca a voz da pessoa no discurso.

Figura 21 – Coluna *Outras Ideias* (05/02/2017)



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

Dessa forma, os relatos de memória são mais aprofundados em comparação com as publicações anteriores e oferecem mais condições para a imersão do leitor na narrativa. Uma situação que exemplifica as diferenças da nova fase é a repetição do convite para que Fernanda Tabet, a primeira entrevistada da coluna, retorne para contar sua história.

“Olha, já vou logo te avisando: Ainda não fui à Disney! Mas conheci Espanha, Portugal, Irlanda, Holanda e França.” a artista plástica e eterna punk Fernanda Tabet enumera as viagens que fez desde quando o gravador foi desligado na entrevista que resultou na estreia da seção *Outras ideias*, em 20 de julho de 2014. Com o gravador ligado novamente, três anos depois, ela vai das lágrimas às gargalhadas em fração de segundos (MORAIS, 2017a, p.4).

A escrita de Mauro Morais, mantém as mesmas características observadas anteriormente, incluindo o que denominamos como **olhar para o outro**. Em boa parte das publicações, os entrevistados relatam práticas ou interesses direcionados à promoção do bem-estar coletivo, demonstrando não só uma sensibilidade com as diferentes realidades que nos cercam, mas também a vontade de transformação da história coletiva após uma experiência que foi vivida individualmente.

É o caso do estudante Yuri de Melo Neto, de 19 anos, que dos seis aos 13 anos viveu na instituição Aldeias Infantis S.O.S, que acolhe crianças e adolescentes que perderam o direito ao cuidado parental. “Na época, minha mãe era viciada em drogas’, recorda-se ele, que vivia com a mulher e os irmãos no Bairro São Benedito” (MORAIS, 2019a, p.4).

Por meio dos estudos, o jovem não só conseguiu transformar a própria realidade, como desenvolveu um olhar atento ao outro. Cursando o segundo grau no Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais, ele foi um dos criadores do projeto CID (criatividade, inovação e dinâmica) que aprofunda as razões da evasão escolar entre jovens e propõe soluções para o problema.

O projeto social foi aprovado pelo programa de aceleração *Watson Institute’s Fall 2019 Semester Incubator*, e Yuri foi convidado para estudar nos Estados Unidos. “O que Yuri defende em seu projeto para o instituto norte-americano é reflexo da própria trajetória. Estudar liberta” (MORAIS, 2019a, p.4).

A experiência individual da advogada Bárbara Rodrigues, 25 anos, também a motivou querer fazer a diferença no âmbito coletivo, como é narrado na coluna *Outras Ideias*, publicada no dia 16 de julho de 2017. Após receber o diagnóstico de esclerose múltipla, ela conta que se desesperou por encontrar poucas informações com apenas perspectivas negativas na internet.

Assim, debruçou-se na busca por conhecimento sobre a doença e decidiu dividir com outras pessoas. Criou a página *Esclerousada*, no Facebook, onde retrata como é o dia a dia de uma pessoa com o diagnóstico. “A esclerose me ensina que eu tenho que viver o hoje, o agora, e preciso sorrir para o dia. O amanhã só vou viver amanhã” (MORAIS, 2017b, p.4).

Na coluna do dia 27 de agosto de 2017, o cabeleireiro Ailton Paiva conta que se identificou com pessoas vulneráveis que chegavam ao salão. Além do atendimento social feito a esse público, ele mantém o sonho de criar núcleos nos bairros da periferia da cidade para oferecer formação profissional.

“Começaram a chegar pessoas desfavorecidas pedindo emprego, pedindo para ensinar a cortar. Eram pessoas que a sociedade já não acreditava, que a família já tinha desistido. Também vieram jovens, muitos jovens. Aí eu me lembrei da minha vida. E pensei: vai ser agora que vou ajudar os outros, da mesma forma como eu fui ajudado”, emociona-se ele, dizendo ter recebido ex-presidiários e ex-viciados em drogas (MORAIS, 2017c, p.4).

Por esses e outros exemplos, incluímos a categoria **Olhar para o outro** na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) realizada nesta terceira fase, responsável por nortear o nosso estudo sobre representação de grupos historicamente silenciados. Já o levantamento a respeito da representatividade dos entrevistados seguiu orientado pelos estudos de Perlatto (2022) e Moraes (2022), como feito nas fases anteriores.

Quadro 5 – Categorização para a análise de conteúdo da terceira fase da coluna *Outras Ideias*:

Categoria	Definição
Observação	O autor descreve detalhes sobre o ambiente ou o entrevistado, usando recursos objetivos e subjetivos.
Participação / Bastidores	O autor se coloca no texto através de uma ação, emoção ou narra a participação da equipe durante a apuração.
Contraste	Apresenta características opostas de um entrevistado, evidenciando as complexidades do ser humano.
Superação	Mostra como o entrevistado enfrentou as adversidades em sua trajetória.
Dores	Entrevistado mostra a convivência com uma dor que não foi superada.
Narrativas sobre o tempo e o espaço	Memórias do entrevistado em relação às mudanças ocorridas no decorrer do tempo.
Preservação da identidade	Relata tradições culturais mantidas pelos entrevistados que são imigrantes.
Sonhos	O entrevistado fala sobre os sonhos que pretende realizar.
Aspecto combativo	A escrita apresenta elementos que combatem violências e preconceitos.
Referências literárias ou musicais	O autor cita o nome ou a obra de escritores e músicos no texto.
Olhar para o outro	O entrevistado relata práticas ou o interesse em promover uma transformação coletiva a partir da sua experiência individual.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Durante a terceira fase, foram publicadas 149 colunas *Outras Ideias*, que foram analisadas neste estudo. Para a realização do levantamento sobre representatividade, apenas a

edição do dia 31 de dezembro de 2017 não foi contabilizada, pois manteve o foco na história da Loja do Caboclo, o mais antigo estabelecimento comercial de artigos religiosos da cidade, e não nas narradoras.

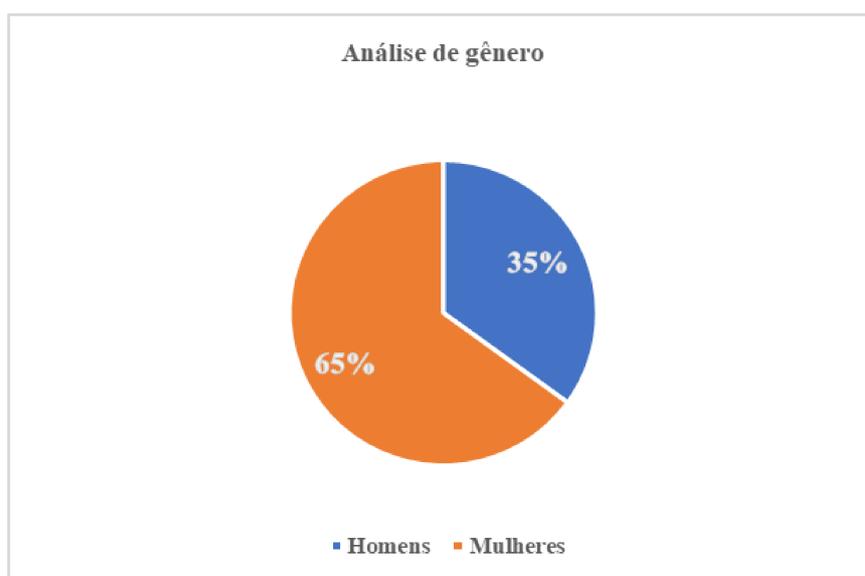
Assim como aconteceu anteriormente, algumas colunas tiveram mais de um entrevistado. Na edição unificada dos dias 15 e 16 de abril de 2016, foi contada a história dos imigrantes, vindos de Taiwan, Lu Wen Piao e Pao Hsien. No dia 22 de outubro do mesmo ano, foi a vez das jovens rappers Jaiane de Oliveira Brito e Lavínia Rufino de Oliveira.

Em 2 de dezembro de 2018, a coluna ouviu o casal responsável pelo projeto social Recomeçar, que atende moradores de rua, Luciano Giron Rosa e Flávia Silveira Giron. No ano seguinte, no dia 7 de julho, entrevistou os três irmãos que vieram da pequena cidade de Tebas e tornaram-se sócios do Bar Rainha, localizado no Centro: Ruimar Costa, Arilson Guerra e Admilson Guerra.

No dia 3 de dezembro de 2019, a coluna trouxe a história do casal Fábio Henrique Araújo Costa e Natália Dias Mendes, sócios da loja Açaí do Fábio, em Benfica, na Zona Norte. Por fim, no dia 21 de julho do mesmo ano, os entrevistados foram os irmãos e professores de ginástica Deber Luiz Zambelli Pedrosa e Wanderson Zambelli.

Diante disso, a análise de representatividade foi feita com um escopo de 155 entrevistados. Com base no levantamento, constatamos que a participação feminina foi menor do que a masculina:

Gráfico 20 – Gênero dos entrevistados na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Na comparação com as fases anteriores, o momento de experimentação do projeto foi quando houve a maior participação de mulheres (44%). Na segunda fase, percebemos uma queda (33%) e, agora, um ligeiro aumento (35%).

Além da análise de dados, é preciso recorrer à análise de conteúdo para compreender como as mulheres foram representadas no período em que a coluna ganhou maior destaque no jornal. Nesse sentido, é possível perceber a continuidade da proposta de retratar a diversidade do feminino.

A partir da **observação**, o autor descreve as características físicas e emocionais de diferentes mulheres que, cada uma à sua maneira, mantêm um discurso uníssono sobre o direito de serem como elas querem ser. Sobre a cabeleireira Nayara Souza Neves, de 26 anos, diz:

Do vinho passa para o vermelho e, então, para um rosa choque que, já no fim, transforma-se em rosa bebê. Os cabelos de Nayara Souza Neves, hoje ostentando uma variação de vermelho, já foram amarelos, louros, castanhos, pretos, azuis, brancos e também não foram nada. Já foram todos raspados. E são conforme o gosto da dona (MORAIS, 2016n, p.4).

A expressão *dona de si* é usada, inclusive, outras vezes, como na publicação que traz a história de vida de Keyla Aparecida da Silva Fernandes, de 19 anos, que tem o título *Dona de si e das tranças todas: a jovem e empoderada Keyla*. Ela conta que, desde a infância, foi obrigada a frequentar salões de beleza para alisar os cabelos crespos.

Ao longo do texto, narra a **dor** de não se encaixar nos padrões e a **superação** ao encontrar a sua beleza na identidade de mulher negra. Com longos cabelos trançados, tornou-se uma jovem empreendedora que, mantendo um **olhar atento ao outro**, decidiu abrir um salão para trançar cabelos de meninas e mulheres negras que desejam fortalecer a autoestima.

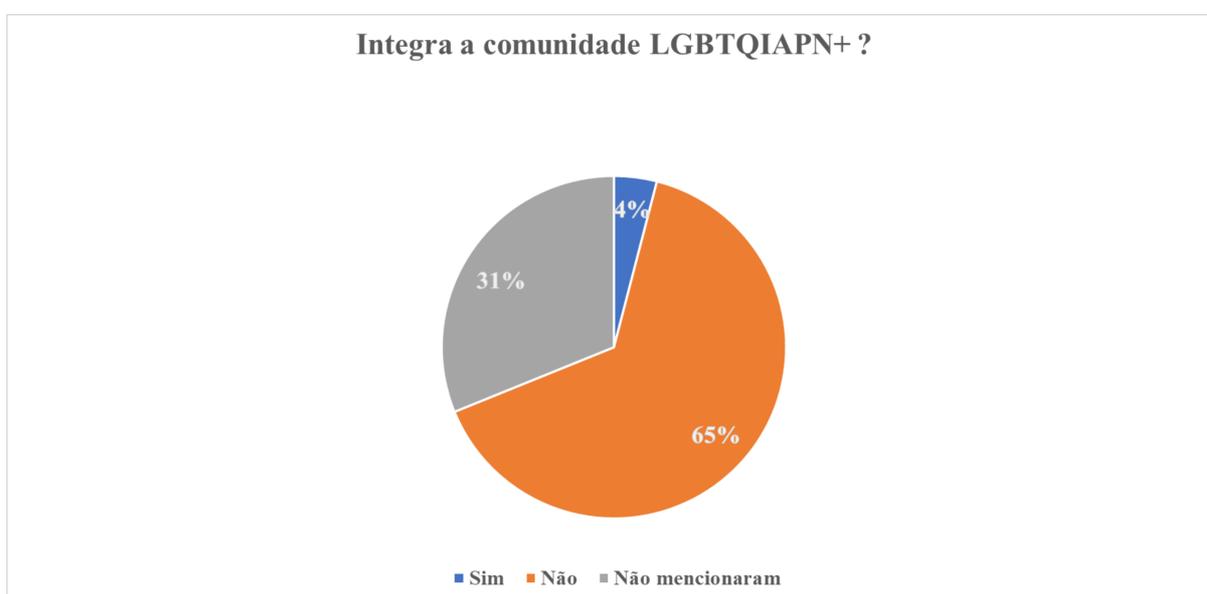
O empoderamento não foi mostrado como característica restrita às entrevistadas mais jovens. A coluna com Baby Mancini, 65 anos, é intitulada *Todo amor e poder de Baby*. O texto conta como ela lidou com a falta de informação da família na época em que se assumiu como uma mulher transexual que se tornou um dos principais nomes da cena LGBTQIAPN+ de Juiz de Fora.

O termo *vanguardista* é usado mais de uma vez para referir-se à Helena Fernandes Martins, 76 anos, na edição de 4 de dezembro de 2016. No subtítulo, Moraes aponta os principais aspectos das memórias da entrevistada: *Ex-vedete recorda a vida vanguardista, casamento abusivo e presente embaçado por doença na retina*.

Ao longo do texto, após a entrevistada relatar sobre a vontade de seguir a profissão de aeromoça, considerada sinônimo de devassidão à época, o autor afirma: “Muito bonita, Helena não se fez de rogada e aceitou ser ainda mais vanguardista” (MORAIS, 2016o, p.4).

Na terceira fase da coluna *Outras Ideias*, apenas 4% dos entrevistados afirmaram integrar a comunidade LGBTQIAPN+. A baixa representatividade revela a necessidade do jornalismo abrir espaço para as narrativas desse grupo social com mais frequência, não limitando-se às sazonalidades dos meses de junho e agosto, quando são celebrados o Mês do Orgulho LGBTQIAPN+ e o Miss Brasil Gay, em Juiz de Fora.

Gráfico 21 – Comunidade LGBTQIAPN+ na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Além disso, o fato de 31% dos entrevistados não mencionarem nenhuma informação sobre a sexualidade esbarra não só numa questão de angulação da apuração, como também, no "desconforto" que algumas pessoas podem sentir ao se assumirem publicamente no principal jornal da região, reflexo de uma sociedade ainda muito preconceituosa.

Sobre a representação desses entrevistados, observamos duas maneiras como são realizadas. Em algumas publicações, o protagonismo do personagem é baseado no pertencimento à comunidade, como é o caso de Nino Martins de Barros e Tiago Capuzzo, homens gays que trabalham como *drag queens*.

Mesmo diante da delicadeza da escrita de Mauro Morais, esses textos mantêm um **aspecto combativo**, refletindo uma jornada do herói, em que são apresentadas as **dores** do preconceito e as formas encontradas para a **superação**.

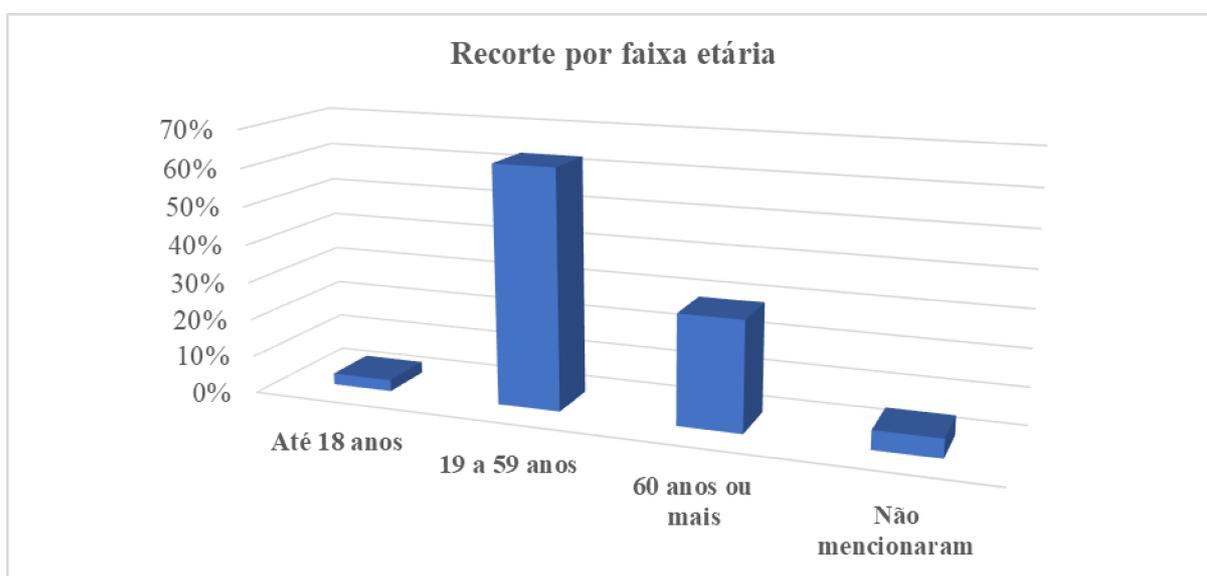
Tiago Capuzzo afirma para a coluna: “Com minha arte *drag*, criei um escudo para combater o preconceito, para falar e mostrar que estamos aqui para ser feliz da forma como quisermos” (MORAIS, 2019b, p.4). Para Nino, a sua personagem Femmenino é parte política da sua existência. “E essa é minha veia política, minha militância de ocupar os lugares, mesmo sendo locais que não são confortáveis para mim”, comenta ele, certo de que só existem bandeiras onde existe guerra (MORAIS, 2016p, p.4).

Em outras publicações, o pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+ é apenas mencionado como parte de uma narrativa de vida que exige coragem. Nesse caso, a informação contribui para a compreensão do leitor sobre a identidade do entrevistado. Nas palavras de Kathryn Woodward (2000), trata-se de afirmar quem se é.

Essa construção é observada, por exemplo, nos textos sobre a rapper Laura Conceição, apresentada como “jovem que tem na palavra a arma da insistência, da resistência, da existência (MORAIS, 2017d, p.4)”, e no Rei Momo Caio Dias Baptista, que afirma: “Ser preto, pobre, favelado e gay foi uma mola propulsora para mim. Eu tenho a capacidade de ser o que quiser (MORAIS, 2020, mídia digital).

O recorte da análise por faixa etária nos mostrou que os adultos são maioria entre os entrevistados. Os idosos correspondem ao segundo maior grupo, enquanto as crianças e os adolescentes seguem como minoria.

Gráfico 22 – Faixa etária na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Na comparação com as fases anteriores, observamos que o espaço dado às pessoas com idade entre 19 e 59 anos cresceu gradativamente. Já para os idosos, a movimentação foi inversa. Com relação às crianças e adolescentes, a representatividade que, inicialmente, foi nula, aumentou para uma publicação na segunda fase e, nesta terceira, chegou a quatro.

Considerando apenas a questão etária, numa analogia da linha do tempo, o silenciamento ocorre nas pontas. Quanto mais jovem ou mais velho, menor é a oportunidade de fala na sociedade. Por isso, em termos de representatividade, é preciso pensar formas de criar espaços que contemplem essas existências.

Dessa forma, a nossa Análise de Conteúdo é direcionada à representação desses dois grupos. Os idosos seguiram sendo retratados como testemunhas oculares da história política, cultural, econômica e urbana da cidade.

Através das **narrativas sobre o tempo e o espaço**, relatam as mudanças que viram. Como diz Pollak (1989), aqui a proposta não é realizar uma reconstituição histórica dos acontecimentos, na verdade, não importa se as memórias são fragmentadas ou cheias de impressões subjetivas, elas trazem o testemunho. Como afirma Sarlo (2007), trata-se da dimensão da experiência, da autoridade em dizer “eu estive lá”.

Na coluna do dia 14 de janeiro de 2018, Morais apresenta seu entrevistado: Raimundo Nonato Américo Mendes, 79 anos, sendo 56 deles dedicados ao trabalho como servidor municipal. “Ele cumprimentou 12 prefeitos, em 17 gestões. Trabalhou para 15 legislaturas na Câmara Municipal. Abraçou as 11 mulheres que se elegeram vereadoras na história da cidade. Assistiu três vereadores sagrarem-se vencedores no pleito para o Executivo municipal (MORAIS, 2018a, p.4).

A história individual também ajuda a contar a cidade, como mostra a entrevista de Joana Luis, de 102 anos, quando narra: “No Bairro de Lourdes, onde é a Cesama hoje, era a horta do meu pai. Não passava rio ali. O Paraibuna passava perto do Cemitério, mas eles cortaram porque qualquer chuvinha que tinha alagava as ruas e estragava as coisas de todo mundo” (MORAIS, 2018b, p.4). O exemplo mostra o que Halbwachs (1990) afirma sobre a memória individual formar as memórias coletiva e social.

A representação dos idosos também mostra as principais **dores** desse público, como a saúde fragilizada, o luto e a solidão. Observamos, assim, uma tentativa de humanizar os personagens e sensibilizar o leitor. Na escrita, é possível compreender os entrevistados como

peças que têm uma experiência de vida que deve ser valorizada, com muitas memórias a serem compartilhadas.

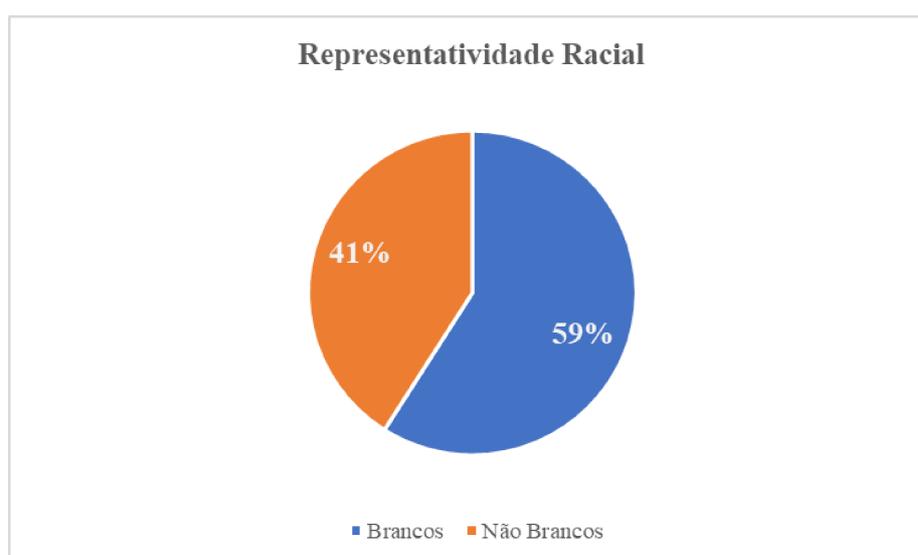
Além disso, através da **superação**, é mostrado que a terceira idade também é tempo de aprendizado, vitalidade e conquistas. Manoel Bernardino do Nascimento, de 91 anos, contou como foi retornar à escola, aos 85, para se alfabetizar.

Nair da Silva, de 98 anos, elenca as atividades de uma agenda cheia, que inclui aulas de dança de salão, ginástica, boliche e trabalhos manuais, além da paixão pelo Carnaval.

Já a representação de pessoas com idade até 17 anos tem foco na **superação** e nos **sonhos**. As poucas histórias narradas são de crianças e adolescentes que precisaram enfrentar algum tipo de adversidade. Assim são apresentados ao público: a admiração do menino Matheus Pagliarini de Almeida, 10 anos, diagnosticado com autismo, pelo cantor Roberto Carlos; a vontade de viver do jovem Adryan Daniel Teixeira Damasceno, 17 anos, que convive com uma doença renal congênita; e as perspectivas das primas Jaiane de Oliveira Brito e Lavínia Rufino de Oliveira, de 15 e 16 anos, que viram no rap a oportunidade de se expressarem e construírem uma história diferente daquela imposta pela sociedade para meninas negras da periferia.

Com relação à representatividade racial na coluna *Outras Ideias*, observamos uma crescente participação de pessoas não brancas entre os entrevistados ao longo do tempo. A terceira fase é quando há a menor diferença entre os percentuais de entrevistados de cor branca e os não:

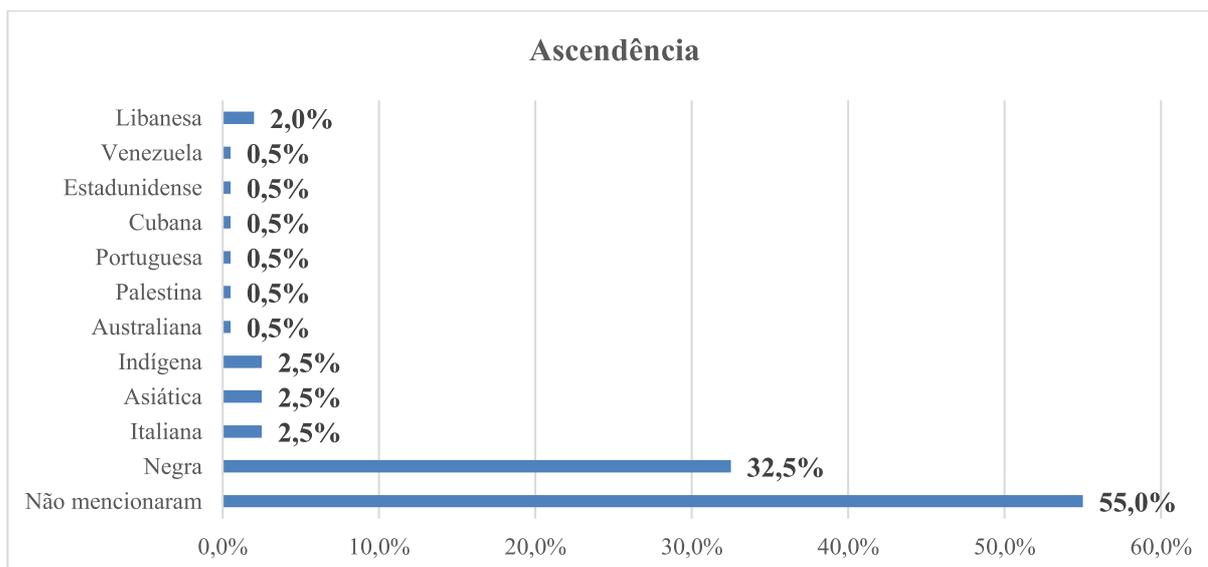
Gráfico 23 – Representatividade racial na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Também é o momento em que vemos uma maior diversidade de ascendências, incluindo africanos, asiáticos, latinos, indígenas, palestino e europeus. Entre os entrevistados que mencionaram a informação, a maior participação é de pessoas negras (32,5%). Pela primeira vez, também há a presença de pessoas amarelas, de origem asiática, (2,5%) e uma maior quantidade de indígenas (2,5%).

Gráfico 24 – Ascendência dos entrevistados na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Nossa análise de representação racial será com foco nas pessoas negras e indígenas. Os demais serão apresentados mais adiante, quando falarmos sobre imigrantes. Observamos que a retratação de pessoas negras na coluna enfatiza o orgulho das origens, a força na luta contra o racismo estrutural e a consciência de que a história individual representa também a coletiva, dessa forma, quando uma pessoa negra rompe barreiras, há o desejo de que outras venham com ela.

O orgulho das origens é constatado quando o autor usa da **observação** para descrever o trabalho da vendedora de acarajé Dionília Silva de Oliveira: “é recheado de vatapá, moqueca de bacalhau, caruru, salada, camarão seco, mais as lembranças de sua Vitória da Conquista, da mãe Dió, do pai Pedro, dos 13 irmãos” (MORAIS, 2017e, p.4). Em seguida, conta mais sobre ela:

Descendente de quilombolas, a matriarca Dionisia tornou-se uma das mulheres mais importantes para a cultura da cidade, justamente por reafirmar e defender suas raízes negras, seja fundando a principal escola de samba de Conquista, seja vestindo-se de baiana vendendo o prato típico ou, ainda,

comandando um terreiro de candomblé onde era mãe de santo (MORAIS, 2017e, p.4).

O orgulho das origens também é observado na história da bibliotecária Gisele Lopes dos Reis Simões, que inspira crianças e adultos. Através da **participação**, Moraes conta que a filha Maria Júlia, estudante da escola onde a moça trabalha, afirmou que gostaria de ser igual a ela: ter cabelo *black power* e usar turbante.

Emocionada com a revelação, Gisele afirma que aprendeu com a mãe sobre a postura que uma pessoa negra deve ter. Nesse sentido, observamos o uso de termos que remetem ao **aspecto combativo** no texto:

Minha mãe sempre disse que, se você é preta, precisa estar sempre pronta para encarar o que vier, precisa estar arrumada, precisa saber falar, precisa estar preparada para se defender. Falava do medo. E também de um orgulho de termos que representar (MORAIS, 2017f, p.4).

O combate é contra um racismo que de tão enraizado na sociedade é reproduzido diariamente, em diferentes contextos, como narra a pesquisadora Zélia Maria da Costa Ludwig.

“Uma mulher me parou. Eu estava com meu marido. E ela disse: ‘Vocês são cuidadores de idosos? Vejo sempre vocês descendo e preciso muito de gente para cuidar de idosos’. Na cabeça dela, ela achava que não morávamos no prédio, mas éramos cuidadores, porque não podíamos morar naquele lugar. [...] “Uma vizinha me falou: ‘Nossa, olhando para você não dei nada. Você não tem cara de cientista!’. Eu tenho que ter cara de cientista? Não. A gente tem que ter a nossa cara, o nosso estilo, o nosso jeito”, comenta. Outro dia, foi na entrada do prédio. “Uma criança me perguntou: ‘Você trabalha em qual apartamento?’ Eu parei, abaixei e contei que trabalho na universidade, sou cientista, e o envolvi. Faço isso porque a criança já tem uma visão estereotipada de achar que uma pessoa como eu só pode ser empregada nesse prédio. Quero que ela mude para criar um novo mundo, sem reproduzir esses equívocos”, conta (MORAIS, 2018c, p.4).

Nessa luta diária ela desenvolveu **um olhar para o outro** e a vontade de transformar o mundo. “Precisamos aceitar o outro como ele é. Precisamos não ter preconceito, de raça, de gênero ou de classe social”, afirma a pesquisadora à coluna. “O negro, o índio, o pobre não pode ser sempre objeto de estudo. Ele tem que ser parte do estudo, estudar junto (MORAIS, 2018c, p.4).”

Já a história de **superação** de Cátia Luciana Rosa Marcelo, que durante o período trabalhando como faxineira da escola do bairro Furtado de Menezes encantou-se com o ofício de professora e conseguiu formar-se em pedagogia, mostra o desejo de que a educação possa transformar a história de outras pessoas negras.

Na dedicatória do trabalho de conclusão do curso de pedagogia, intitulado *Educar para a igualdade étnico-racial*, aponta para o outro e também para si. Fala e ouve, recordando a criança que precisou crescer para descobrir que para renascer basta seguir em frente. “Dedico este trabalho a todas as crianças negras que são privadas das referências necessárias para uma identificação positiva e permanente com sua raça e a todos os educadores que têm como meta formar pessoas críticas e reflexivas, que respeitem e explorem a riqueza das diferenças, recusando-se a transformá-las em desigualdades” (MORAIS, 2017g, p.4).

A representação dos entrevistados indígenas segue uma construção similar, em que são mencionados o orgulho das origens, a luta contra o preconceito e o pensamento coletivo. Através da categoria que nomeamos como **preservação da identidade**, também observamos uma tentativa de apresentar ao leitor, de forma didática, a importância dos povos tradicionais.

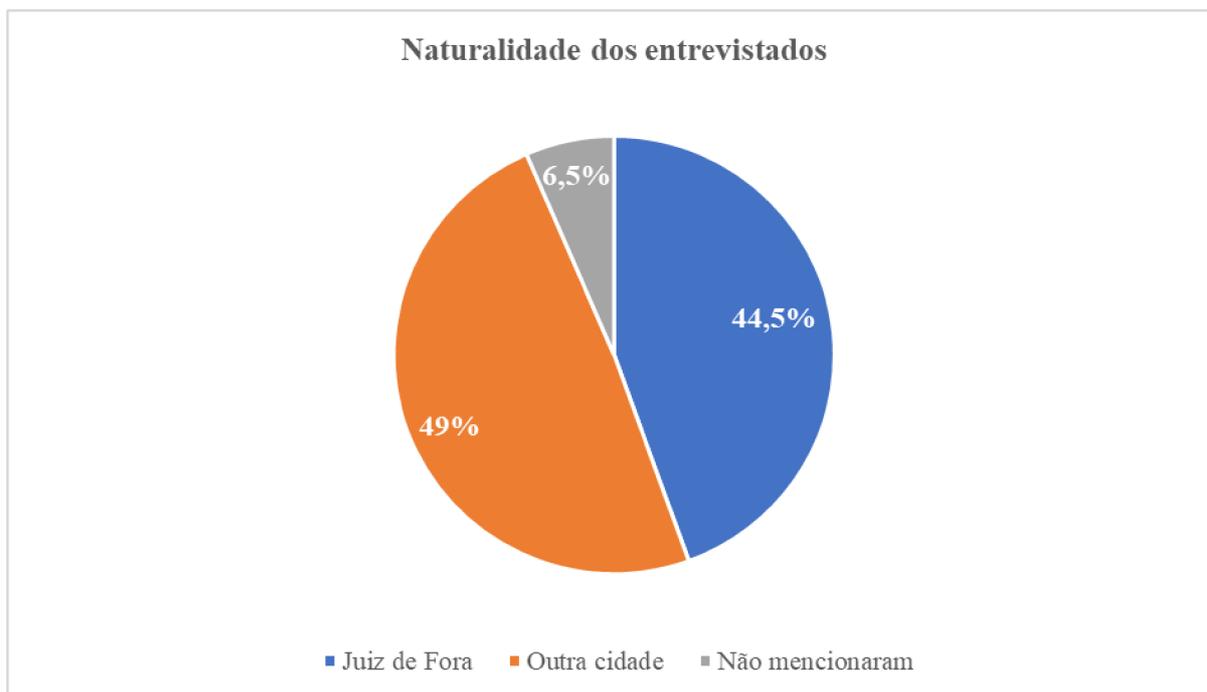
Na entrevista com a pesquisadora Alíria Wiuira Benícios de Carvalho, que é indígena guajajara, ela afirma: “Estudo literatura indígena, narrativas, cantos, desde a graduação. Eles [pessoas da aldeia] me veem como se eu fosse uma porta-voz. Tem hora que entro em crise, porque não é um trabalho só de realização profissional, mas coletivo (MORAIS, 2019c, p.4).”

O autor descreve o relato de Alíria sobre o modo de vida na aldeia e traz informações adicionais da Secretaria de Saúde Indígena sobre a quantidade de guajararas no país. Com relação à identidade, a entrevistada diz “Não basta se declarar indígena. É sanguíneo, mas tem que ter o reconhecimento do grupo, tem que ter o sentimento de pertencer” (MORAIS, 2019c, p.4).

De origem indígena equatoriana, o artesão Luis Alfonso Ramirez Montalvo também fala com orgulho das raízes. “Sou índio e inca. Antigamente meu povo era como o povo do Amazonas, que mora na floresta. Falo quíchua, espanhol e português mais ou menos. Nasci em uma comunidade” (MORAIS, 2018d, p.4). Ele compara as **dores** de quem nasce no Equador e no Brasil. “Os índios que moram aqui não têm a oportunidade que temos lá. Mas diferente daqui, no Equador não há nenhum apoio do Governo. Aqui, pelo menos, tem a Funai (MORAIS, 2018d, p.4).”

Na terceira fase da coluna *Outras Ideias*, há mais equilíbrio entre os entrevistados juizforanos e aqueles que são de outras cidades, embora o segundo grupo ainda seja maior.

Gráfico 25 – Naturalidade dos entrevistados na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ocupando um espaço maior no jornal, a seção passou a detalhar, com mais frequência, os motivos de as pessoas deixarem a terra natal e partirem para Juiz de Fora. A principal razão mencionada é o **sonho** de uma vida melhor, seja com a expectativa de prosperidade financeira ou qualidade de vida. Há, ainda, a comovente história de Maria das Graças de Deus, que sonha há 35 anos reencontrar a filha.

A pluralidade das narrativas de vida não permite traçar uma representação específica sobre juizforanos e pessoas nascidas em outras localidades, mas nos permite compreender como Juiz de Fora é vista e entendida, sobretudo, para quem escolhe fazer da cidade o seu lar. A ideia principal é de uma terra de oportunidades e realizações.

Natural de Caratinga, Lenilton Silvério conta que a mudança para Juiz de Fora se deu pela vontade de uma vida melhor em comparação com as dificuldades enfrentadas na zona rural. Quando perguntado pelo autor, diz que seu maior **sonho** é viver com dignidade. Em solo juizforano, trabalha entregando pães em diferentes bairros.

Ao descrever a rotina de Lenilton, Moraes utiliza a categoria que nomeamos de **referência musical ou literária**. “Anda com fé. Com a fé que está na mulher, na cobra coral e num pedaço de pão, como canta Gilberto Gil” (MORAIS, 2018e, p.4).

Quem também foi impulsionada pelo **sonho** de uma vida melhor foi a ambulante Sônia Rodrigues Amaro, que deixou a cidade de Tocantins após o irmão, que trabalhava em uma metalúrgica, conseguir um emprego para ela na mesma fábrica.

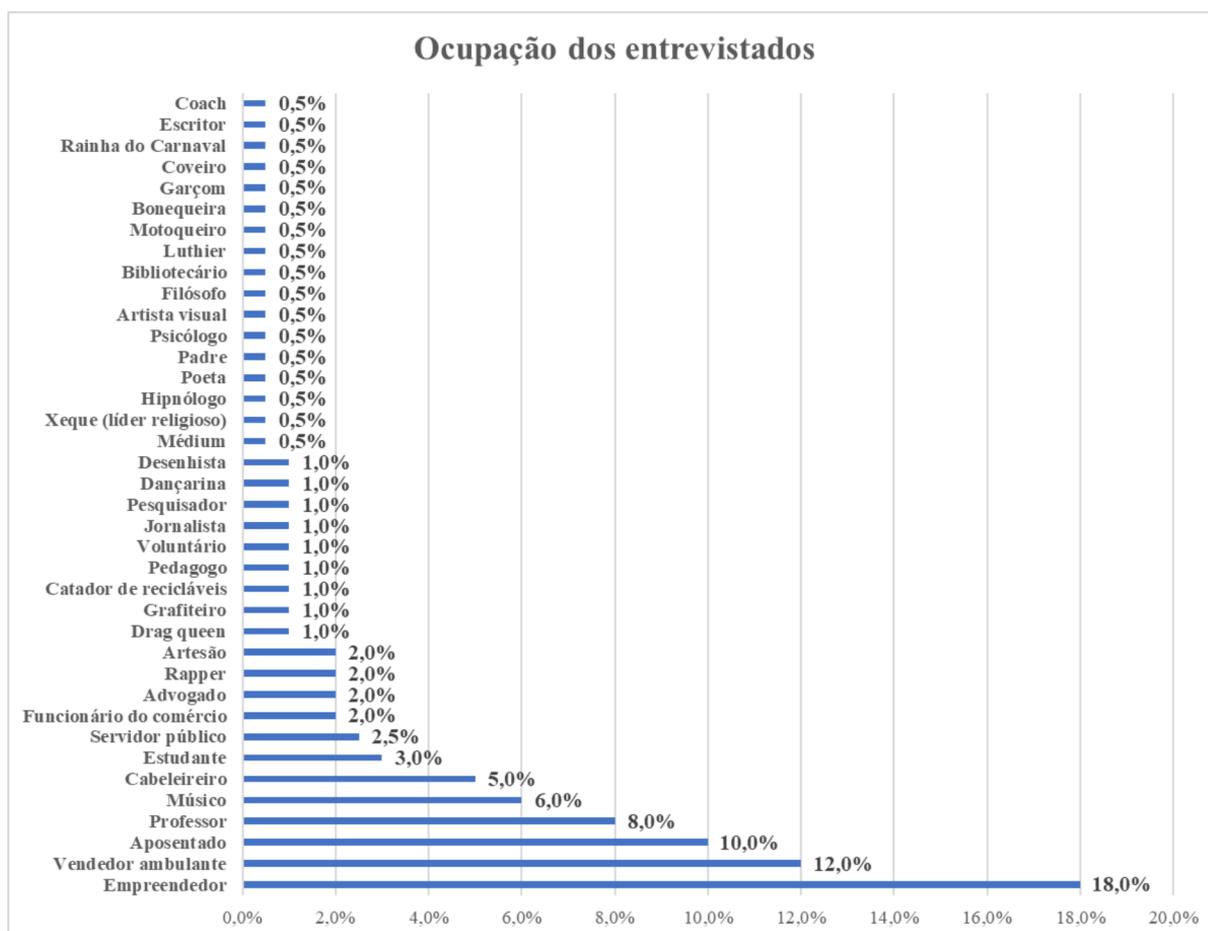
Na infância, Tatiana Schlaucher Krass Ribeiro Chagas mudou-se com a família de Nova Iguaçu para Juiz de Fora em busca de uma melhor qualidade de vida. Na vida adulta, foi diagnosticada com polimiosite, uma doença autoimune degenerativa, e manteve-se na cidade para a realização dos tratamentos de saúde.

Foi também em busca de melhor qualidade de vida que o tradutor Marcelo Nick deixou o Rio de Janeiro. A escolha por Juiz de Fora foi planejada com a esposa e considerou pesquisas sobre o custo de vida e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade.

Nascida na pequena Olaria, Maria das Graças de Deus passou a infância em diferentes lugares, inclusive Juiz de Fora, nos quais ajudava a família trabalhando com serviços domésticos. Na adolescência, retornou à cidade para passar a gestação longe dos olhares conhecidos, já que na época a moça engravidar antes do casamento era considerado uma vergonha. Aqui permaneceu após ter a filha retirada dos braços e entregue à adoção, dias depois do parto, na tentativa de reencontrá-la. A entrevista concedida à coluna *Outras Ideias* é uma busca por maior visibilidade para conseguir realizar o seu **sonho**.

A ocupação dos entrevistados ajuda a compreender a representatividade de classes na coluna *Outras Ideias* e a realidade da cidade. Os percentuais de empreendedores e vendedores ambulantes entrevistados pela coluna refletem a informação de que Juiz de Fora tem no comércio a sua principal atividade econômica. No entanto, nem todos encontram a oportunidade de empreender formalmente, de maneira planejada. Em muitos casos, esse é o caminho encontrado por necessidade.

Gráfico 26 – Ocupação dos entrevistados na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ao longo da terceira fase, a coluna contou as memórias de quem está por trás de estabelecimentos que fazem parte da história da cidade: Bar do Abílio, Atellier São Judas Tadeu, Bar du Leo, Bar du Chico, Bar Rainha, a cantina do Cemitério Municipal, a lanchonete do Colégio Academia e as livraria Dom Pedro II e Quarup. Narrou, ainda, a trajetória da Loja do Caboclo, a mais antiga entre as que vendem artigos religiosos.

Também abriu espaço para quem chegou a menos tempo, mas tem feito muito sucesso, como é o caso da loja de roupas Tarcísio Guerra, da Confeitaria Mamãe Eu Quero e da lanchonete Açaí do Fábio. Nessas publicações, é comum o uso da **observação** para descrever o ambiente, a **superação** de adversidades na trajetória do empreendedor e os **sonhos**, que já foram ou pretendem ser realizados.

No empreendedorismo por necessidade, acompanhamos relatos de vendedores ambulantes que sofrem com a falta de oportunidade e a invisibilidade que encontram nas ruas. A dificuldade de conseguir um emprego formal é mencionada nas histórias de Hugo da Silva Lima e Marcelo Canavezzi dos Santos.

No primeiro caso, o entrevistado considera um reflexo da realidade econômica do país. “Distribuía currículos, entrava em site de empregos, mas não aparecia nada. [...] Sou novo no empreendedorismo. Pulei sem paraquedas’, ri o homem alto e forte, de voz grave e um sorriso constante impresso no rosto” (MORAIS, 2019d, p.4).

Já Marcelo narra as **dores** do preconceito por ser ex-presidiário. Na tentativa de recomeçar, encontrou apenas portas fechadas:

“O preconceito existe, sim. O negro é discriminado, as mulheres são discriminadas, os ex-presidiários são discriminados, todos são. E as empresas não dão oportunidade para quem quer se renovar”, lamenta ele, que decidiu, então, recuperar-se revitalizando a rua e um ofício (MORAIS, 2018f, p.4).

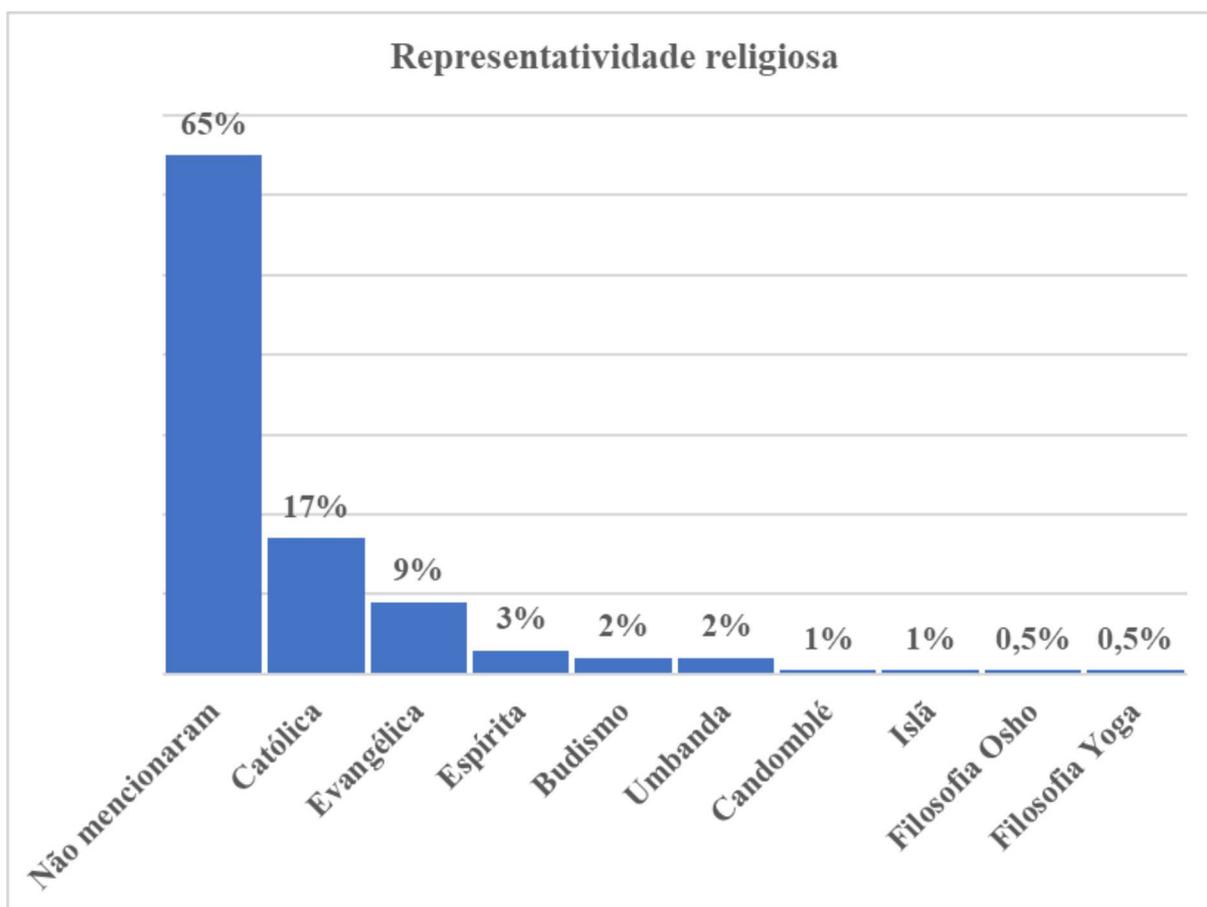
Assim como os relatos de outros ambulantes, os entrevistados falam de forma direta ou através das **observações** de Mauro Morais sobre invisibilidade. É na tentativa de serem vistos que Hugo vende seus chocolates vestido do personagem Chapolin Colorado e Marcelo coloca o uniforme de garçom e oferece água e refrigerante numa bandeja, no curto tempo em que o sinal do cruzamento permanece fechado.

Algumas profissões parecem invisíveis socialmente. Hugo da Silva Lima sabe como é isso. “Acho que isso me incomodava mesmo. Era uma coisa de alma, de não ser percebido”, reconhece, vestido de Chapolin Colorado, o herói atrapalhado interpretado por Roberto Gómez Bolaños, o mesmo ator mexicano que deu vida a Chaves (MORAIS, 2019d, p.4).

Comum a essas histórias também está a busca pela **superação** e os **sonhos** em dias melhores. “Tive um período ruim na minha vida. E decidi refazer tudo. E, para mim, tenho uma história que ficou para trás. Quando a gente crê e se empenha, as coisas acontecem. O mundo pode até virar as costas, mas se tiver força, consegue se reconstruir” (MORAIS, 2018f, p.4).

A abordagem dos entrevistados sob o viés religioso continuou não sendo uma prioridade para a coluna *Outras Ideias*, tanto que a maior parte das pessoas ouvidas nesta terceira fase não informaram se têm ou não alguma crença espiritual.

Gráfico 27 – Religiosidade dos entrevistados da terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Mesmo assim, entre aqueles que mencionaram ter algum tipo de fé, a coluna abriu espaço para a representatividade de crenças fora do espectro do cristianismo, como é o caso das religiões de matriz africana, do Islã, do budismo, das filosofias de Osho e da Yoga.

Sobre a representação dos grupos religiosos, notamos que algumas publicações enfatizaram a história de vida de lideranças, concedendo maior espaço para informações sobre a crença, enquanto outras foram apenas mencionadas pelos entrevistados como parte de suas identidades.

Quando a religião é o assunto principal da coluna, é possível perceber a humanização das diferentes crenças. Em alguns casos, isso é feito através das boas ações e de um **olhar para o outro**, que transmite cuidado e amparo. Nas religiões minoritárias, há uma tentativa de trazer informações para o leitor que destacam a necessidade de respeito ao diferente, através de **observações** do autor.

Dessa forma, na coluna com o padre Wellington Nascimento de Souza, as memórias individuais teceram a narrativa para a compreensão de como foi feita a sua escolha para liderar a pastoral carcerária em Juiz de Fora.

A conversa com o idealizador da Fundação Espírita Alan Kardec (Feak), Armando Falconi Filho, traz a sua história de vida misturada à trajetória da entidade, com ênfase no trabalho solidário para a arrecadação e a doação de alimentos.

Já a publicação que teve os evangélicos Luciano Giron Rosa e Flávia Silveira Giron como entrevistados, retratou como se deu a iniciativa de criar o projeto Recomeçar, para o atendimento aos moradores de rua, com o apoio da igreja.

No dia 2 de abril de 2017, foi publicada a coluna com o xeque (líder religioso) do Islã, Mahmud Adel Hassan Mozhem. No texto, a representação dada ao entrevistado busca quebrar o estereótipo de guerra e violência comumente associado à religião. O título já informava: *Homem-paz*.

Na apresentação do entrevistado, a **observação** do autor: “Há quase três anos morando no Brasil, Mahmud encontrou num povo de cultura tão distinta da sua o valor que persegue dia a dia. “O Brasil nunca entrou numa guerra contra outro país. Esse país quer paz mesmo” (MORAIS, 2017h, p.4).

No encerramento do texto, fala sobre o **sonho** de Mahmud. ““Quero ficar aqui, quero ajudar as pessoas, quero fazer uma família, ter uma vida normal, como uma pessoa normal.’ O que ser normal significa? Paz, nada mais.” (MORAIS, 2017h, p.4).

No dia 29 de dezembro de 2019, a entrevistada foi a mãe de santo Iracema Salomé Lopes Cassimiro, líder religiosa do Centro Espírita Santo Antônio de Umbanda, um dos mais antigos da cidade. O autor coloca no papel as **observações** sobre a alegria do ambiente:

O teto é colorido por tiras de papéis coloridos. A alegria dos pedaços que tremulam ao menor vento se soma à ternura das velas acesas. A parede é branca e toda ela preenchida por bancos de alvenaria. Como uma calçada, o cimento rodeia uma área retangular de chão batido. Há uma energia que é não somente da relação com a terra, mas também da delicadeza das mãos que por ali passam. De um lado está uma grande porta na cor azul. De outro está o altar, com santos, copos de bebidas e velas. (MORAIS, 2019e, p.4).

Iracema relata as memórias de uma família unida pela fé e dedicada a fazer o bem ao outro, através dos atendimentos espirituais e das ações solidárias realizadas na comunidade do bairro Dom Bosco. A representação mostra uma mulher forte e acolhedora, semelhante ao imaginário de uma avó, e distante de qualquer associação negativa que precede a intolerância religiosa.

A terceira fase da coluna traz histórias de 58 bairros, localizados nas diferentes regiões da cidade, o que revela uma representatividade além da região central.

A representação da periferia feita pela coluna busca romper com a ideia de um lugar definido pela criminalidade e a violência. Reconhecendo as vulnerabilidades dessas regiões, *Outras Ideias* prioriza ângulos diferentes: a arte, a cultura, a politização e as boas histórias que também existem nesses bairros.

Nas publicações, os textos do autor são elaborados a partir das categorias de **observação, participação, aspecto combativo, superação, olhar para o outro** e, em alguns momentos, **narrativas sobre o tempo e o espaço**.

Entrevistada pela coluna no dia 11 de junho de 2017, Adenilde Petrina diz: “Existem vários saberes numa comunidade que muitas vezes não são reconhecidos pelo ensino formal, mas que fortalecem a gente. Aprendi a história da África ouvindo rap’, afirma uma das mais potentes vozes da periferia juizforana, a Doutora Adenilde” (MORAIS, 2017i, p.4).

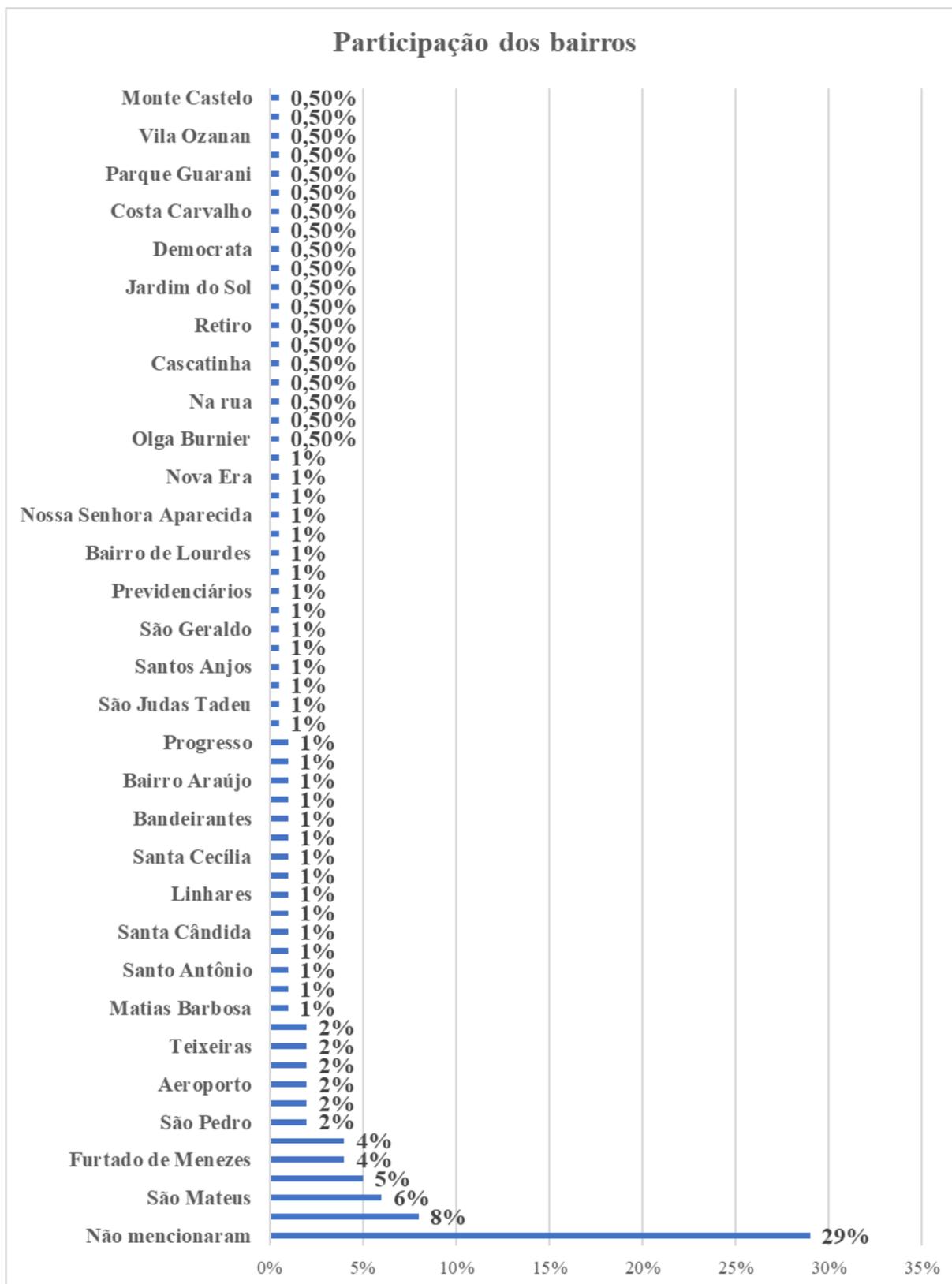
Na conversa, as memórias do bairro Santa Cândida misturam-se as suas:

Aqui não tinha nada, água, luz, esgoto, calçamento. Não tinha ônibus, e era preciso ir para o Vitorino Braga ou descer até o Hospital Aragão para pegar condução. A dona Aparecida do seu Sabino começou a organizar um movimento para pedir melhorias para o nosso bairro. E eu comecei a participar, com uns 18. Não parei”, recorda-se ela, cujo punho cerrado é agora reconhecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com o título de Doutora Honoris Causa, inédito para uma mulher negra e pobre, fruto de uma periferia invisível para as políticas públicas, mas próspera de uma cultura que a violência propagada pela grande mídia insiste em silenciar (MORAIS, 2017i, p.4).

Adenilde criou o Coletivo Vozes da Rua, focado no estudo sociocultural e na prática de expressões do hip-hop. “Fazemos porque gostamos, amamos, temos a utopia, um sonho de um mundo melhor [...] tenho a consciência plena de que, se não fosse a escola, os meninos do coletivo, a galera do Santa Cândida, não haveria sentido para os movimentos sociais nos quais milito” (MORAIS, 2017i, p.4).

O trabalho revela o **sonho** de transformação social, comum a outros entrevistados que também atuam na periferia, como é o caso do poeta Eric Meireles de Andrade, criador do Slam Poética da Ágora, que sonha com uma revolução através dos livros, e do ex-sargento Rafael Silva dos Santos, que após participar de uma missão no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, abandonou a farda, graduou-se em Direito e criou o Coletivo Liberdade com o intuito de fazer a diferença na realidade do sistema penitenciário, que criminaliza pessoas negras e pobres.

Gráfico 28 – Bairros participantes da terceira fase



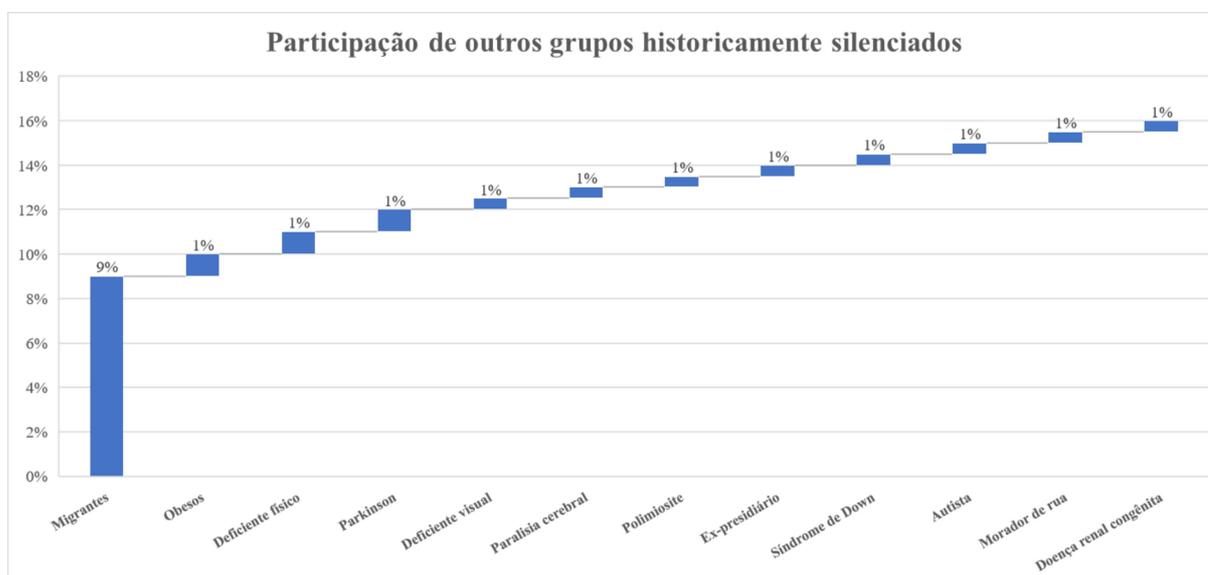
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

É a partir dessas outras possibilidades e perspectivas que a coluna *Outras Ideias* nos apresenta uma juventude da periferia cheia de vida, talento e vontades, que almeja novos caminhos, como as rappers Jaiane de Oliveira Brito e Lavínia Rufino de Oliveira.

De um lado ficava uma criança. Do outro, mais uma. Uma terceira se colocava diante do elástico, enlaçado nos pés das outras duas, e salta no vão formado pelo fio. Os pulos se alternavam. O elástico subia, descia, cruzava. O suor escorria enquanto uma dança no ar tinha como trilha as vozes infantis de duas primas cujo timbre é outro hoje, na adolescência. Jaiane de Oliveira Brito, de 15 anos, e Lavínia Rufino de Oliveira, 16, cresceram. Trocaram o quintal pela laje. Transformaram as melodias ingênuas por poesia ritmadas e repletas da indignação à qual estão expostas quando se viram obrigadas a saltarem de maneiras distintas numa vida completamente elástica. Ou se adaptam ou se adaptam (MORAIS, 2017j, p.4).

A terceira fase da coluna também ouviu histórias de pessoas que integram outros grupos silenciados, com destaque para os imigrantes. Entre os entrevistados estavam pessoas nascidas em diferentes países: Angola, Austrália, China, Cuba, Estados Unidos, Equador, Itália, Líbano, Venezuela e Taiwan.

Gráfico 29 – Outros grupos historicamente silenciados na terceira fase



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os imigrantes são retratados pela coluna *Outras Ideias* como pessoas que vieram em busca de oportunidades de uma vida melhor - seja por questão financeira, de segurança, emocional ou ideológica. Eles convivem com a saudade, superam as dificuldades da adaptação e criam laços com a cidade e com o país que geram o sentimento de estar entre lugares o tempo

todo. Para essa representação, reconhecemos nos textos de Moraes o uso das categorias **dores, sonhos, contraste, superação e preservação da identidade**.

Natural de Taiwan, Juan Pao Hsien, que no Brasil adotou o nome de Fátima, conta a história de sua família, formada por marido e filhos. Eles deixaram o país de origem em busca de uma situação econômica melhor.

O estadunidense Wells Johnson Floyd procurava motivação, já que na terra natal, a pequena Florence, na Carolina do Sul, reverberavam discursos inflexíveis que não contemplavam o seu modo de pensar.

A segurança era o principal desejo da família do libanês Tufic Kamel Nabak quando desembarcou no Brasil, em 1990, e chegou a Juiz de Fora. “Durante 16 anos da minha vida, eu estava dormindo e chegava meu pai e meus irmãos me acordando, chamando para ir embora. Pegávamos sacos de dormir e íamos para o subterrâneo, que tinha em cada prédio. A guerra era sempre uma surpresa” (MORAIS, 2018g, p.4).

Os imigrantes também relataram os desafios de se estabelecerem em um país diferente: entre a dificuldade com o idioma e a falta das oportunidades que esperavam, permeia a saudade de casa e dos que ficaram. Assim, é comum a contradição entre o ficar e o querer ir, o voltar e o desejar permanecer.

O chinês Wu Wei Shi, que no Brasil adotou o nome de Roberto, descreve o sentimento: “Senti muitas saudades de lá, dos amigos, dos parentes, do meu pai, da minha mãe, das minhas irmãs. Cheguei e só trabalhava, até aos domingos e feriados. Tinha hora que colocava músicas chinesas e chorava” (MORAIS, 2018h, p.4).

A identidade é preservada, sobretudo, na dimensão do afeto: no idioma conversado em casa, na culinária, na música, na dança e em outras expressões artísticas.

Nesta terceira fase, as histórias de vida de pessoas com deficiência também foram narradas pela coluna *Outras Ideias*. Novamente, observamos uma representação de pessoas que superam os limites para garantir o maior nível de autonomia e independência. Elas enfrentam o preconceito e seguem em busca dos sonhos.

Para realizar essa representação, identificamos nos textos do autor as características de **observação, participação, dores, superação, aspecto combativo e olhar para o outro**.

Ao falar sobre o dia a dia de uma pessoa com deficiência, Fátima Solange de Paula, que usa cadeira de rodas para locomoção e não tem o movimento de um dos braços, relata que cozinha, lava e passa roupa usando apenas a mão direita. Diariamente, trabalha vendendo canetas e outros itens numa barraquinha, no Centro.

Daniel Andrade de Almeida, que tem síndrome de Down, também relata independência para seguir sua rotina de estudos e trabalho. “Pego o ônibus e vou para a faculdade sozinho. Se tiver que resolver alguma coisa na rua, também vou sozinho. Para o trabalho, para o pilates, para a igreja, vou sozinho” (MORAIS,2018i, p.4).

Tenho honra por ter síndrome de Down porque sei me sentir no lugar do outro. Vejo as pessoas como eu com bons olhos”, emociona-se e conclui: “Tem muita coisa para melhorar. O mundo hoje está difícil, faltam pessoas para ajudar, faltam pessoas que se coloquem no lugar do outro. O mundo precisa de mais respeito (MORAIS, 2018i, p.4).

Para Nelson Cezar Reis, que tem paralisia cerebral, a autonomia é conquistada aos poucos. Sozinho, escreveu o livro sobre suas memórias. “Emocionado, pergunto a Nelson: Como lida com suas limitações? ‘Estou satisfeito’, ele responde, numa coragem que se mistura com a resiliência que precisou exercitar ao longo de seus 53 anos” (MORAIS, 2017k, p.4).

O **sonho** é comum a todos os entrevistados desse grupo social: um mundo mais inclusivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória desta pesquisa é encerrada com a certeza da complexidade das muitas realidades existentes, incapazes de serem retratadas em sua totalidade, não só pelas páginas do jornal, mas também neste estudo. A partir desta compreensão, torna-se mais urgente a necessidade de buscarmos alternativas para ampliar a representação e a representatividade dos diferentes grupos sociais nos meios de comunicação.

É importante destacar que, não basta apenas abrir espaço, é preciso ter cuidado na hora de retratar o outro. Garantir a representatividade é reconhecer a sua existência, enquanto a representação diz respeito à forma de enxergá-lo e percebê-lo.

Como vimos ao longo deste estudo, as narrativas - e as representações criadas a partir delas - abastecem os indivíduos para a sua compreensão do mundo e a construção de identidades e memórias. O jornalismo tem um papel ativo neste processo, por isso, acreditamos na relevância de estudar os registros criados por ele.

Reconhecemos que as práticas difundidas para garantir a objetividade jornalística deixam lacunas quanto à participação e à representação dos diferentes grupos sociais. Dessa forma, ao retratar a realidade, o jornalismo tradicional evidencia determinados aspectos e setores da sociedade, enquanto silencia outros.

Nesse sentido, propusemos investigar se o uso da subjetividade é capaz de ampliar a representação e a representatividade de grupos historicamente silenciados, entendendo que ela pode se manifestar em diferentes formas: no gênero e no formato textual, no conteúdo da escrita, na condução do jornalista, na angulação da apuração, na escolha do entrevistado, na definição de uma imagem, entre outras.

O interesse por ter a coluna *Outras Ideias* como objeto de estudo se deu pelo fato de a publicação utilizar a subjetividade de forma transparente e ter a trajetória de um acontecimento. Afinal, a seção rompeu com o que era esperado pelo jornalismo habitual da redação da *Tribuna de Minas*, foi uma experiência que trouxe impactos individuais e coletivos - tanto para os repórteres, quanto para os leitores - e promoveu o questionamento que norteou a realização deste estudo: na relação entre jornalismo e memória, quais narrativas têm sido criadas e perpetuadas para a posteridade?

Com o aporte teórico de diferentes autores, constatamos que o jornalismo é um lugar de memória, pois seus registros podem ser acessados posteriormente para a compreensão sobre as pessoas, os costumes, os lugares, as tradições, as culturas e os pensamentos da sociedade em uma determinada época. Mesmo que, nem sempre, o acesso aos arquivos seja facilitado e ainda

faltem políticas públicas e projetos da iniciativa privada para a conservação desses materiais, é fato que eles trazem à tona a memória social.

No entanto, historicamente, as representações nesses e outros tipos de registros têm sido fragmentadas, excluindo mulheres, pessoas não brancas, membros da comunidade LGBTQIAPN+, praticantes de crenças religiosas minoritárias, moradores da periferia e quem mais está na base ou à margem da pirâmide social.

Por isso, no âmbito do jornalismo, torna-se necessário pensar em outras formas de narrar a realidade. O Jornalismo de Desacontecimentos é uma delas, já que propõe uma inversão ao modelo informativo tradicional e seus critérios de noticiabilidade para abrir espaço às histórias individuais de pessoas comuns e anônimas, compreendendo que cada uma delas contribui para a construção da história coletiva. Em nosso estudo, classificamos a coluna *Outras Ideias* como uma produção jornalística que integra o gênero do Jornalismo Literário, se apresenta no formato perfil e dialoga com o Jornalismo de Desacontecimentos.

Para aprofundar o entendimento sobre o nosso objeto de estudo, realizamos uma breve contextualização do cenário da imprensa local. Ao retomar momentos da história da cidade, verificamos que Juiz de Fora e o jornalismo mantêm uma longa e forte relação. Por meio dos registros sobre a realidade local - realizados através de jornais impressos, rádios, emissoras de TV e portais de notícias -, os juizforanos acessam narrativas que contribuem para a formação dos conceitos de identidade e alteridade, além da criação de memórias.

Há 42 no mercado local, a *Tribuna de Minas* é uma importante estrutura mediadora desses discursos na cidade. Para manter-se na ativa, o jornal realizou consecutivas reformulações ao longo do tempo para responder às demandas apresentadas pelas transformações na comunicação e na tecnologia. O nosso objeto empírico surge como uma dessas respostas, apresentada pelo jornalista Mauro Morais, a partir da sua compreensão pessoal de que a narrativa oficial não contempla a todos e, por isso, há necessidade de apresentar a outros pontos de vista.

Para a realização do estudo sobre representação e representatividade de grupos historicamente silenciados na coluna *Outras Ideias*, reunimos as 298 edições dominicais do jornal *Tribuna de Minas* publicadas no período de 20 de julho de 2014 a 15 de março de 2020 e selecionamos quais tinham publicado a seção.

Em seguida, fizemos uma pré-análise do material, o que permitiu indentificar que a trajetória da coluna foi dividida em três fases: experimentação do projeto, formatação da identidades e consolidação e engajamento. A partir desta divisão, iniciamos a catalogação dos 266 entrevistados, de acordo com os critérios de gênero, idade, cor, ascendência, pertencimento

à comunidade LGBTQIAPN+, religião, ocupação, naturalidade, local onde moram e se integram outros grupos invisibilizados.

Com a aplicação desta metodologia, verificamos que a coluna *Outras Ideias* contribuiu para dar visibilidade a esses grupos sociais. Ao longo dos mais de cinco anos em que esteve em circulação, a seção reconheceu a existência de mulheres, membros da comunidade LGBTQIAPN+, pessoas não brancas e de diferentes ascendências e origens, integrantes de classes sociais não dominantes, praticantes de crenças que vão além do espectro do cristianismo, moradores da periferia e quem sequer possui um teto, pessoas com deficiência física, visual, mental e outros diagnósticos.

Embora, em alguns casos, a participação ainda seja tímida numericamente, como nas abordagens sobre religião e pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+, em que poucos entrevistados mencionaram as informações, a representação das pessoas que falaram sobre esses assuntos ganhou destaque no jornal.

Para analisar a representação dos entrevistados, observamos as características mais comuns na escrita de Mauro Morais, que serviram como categorias da Análise de Conteúdo. Na primeira fase, identificamos: a observação, a participação, o contraste, a superação, as narrativas sobre o tempo e o espaço, a preservação da identidade, os sonhos e o aspecto combativo. Na segunda fase, as unidades de análise se repetiram e foram acrescentadas as categorias dores e referências musicais ou literárias. Já na terceira fase, observamos todas as unidades anteriores e mais a que denominamos como olhar para o outro.

As categorias permitiram interpretar as informações apresentadas ao leitor, por meio de uma escrita sensível e uma apuração aprofundada, o que facilitou a imersão ao universo do outro. A representação de cada personagem o colocou como protagonista da sua própria história. As memórias teceram o fio condutor de uma narrativa com diferentes temporalidades e recortes de uma vida. A proposta não era uma reconstituição histórica, mas o compartilhamento de experiências.

A partir desses recursos, a coluna *Outras Ideias* trouxe a humanização do diferente. O uso da subjetividade - na forma, na escrita, na escolha do entrevistado e na apuração - aponta a existência de diferentes realidades, não como algo exótico, mas como uma forma de contribuir para desnaturalizar preconceitos e violências.

Nesse sentido, entendemos que a coluna é um exemplo de como o uso da subjetividade no jornalismo possibilita a abertura necessária para ampliar a representatividade e a representação de grupos historicamente silenciados, o que promove a diversidade dos registros de memória.

Optando por este caminho, as empresas de comunicação têm, matematicamente, a possibilidade de atingirem um número maior de pessoas. Afinal, a base da pirâmide social é maior do que o topo. Não podemos afirmar, no entanto, que o sucesso da coluna *Outras Ideias* se deu pela maior quantidade de grupos representados. Para identificar a boa resposta do público ao conteúdo, seria necessário dar continuidade à pesquisa por meio de um estudo da recepção.

A seção apresenta um material muito rico, que pode ser pesquisado sobre outros aspectos e recortes. Entendemos que o presente estudo apresenta apenas uma das muitas possibilidades de investigação.

Ressaltamos, assim, que a subjetividade permite ampliar a representatividade e a representação de grupos historicamente silenciados, mas ela não está restrita aos formatos e gêneros que usam elementos subjetivos na escrita e na apuração.

O chamado jornalismo objetivo também possui etapas subjetivas que podem ser aproveitadas para pensar em representatividade e representação. No processo de escolha de uma fonte oficial para uma entrevista, por exemplo, o jornalista pode escolher ouvir uma especialista mulher, uma pessoa não branca, alguém com deficiência.

O mesmo pensamento deve direcionar outras escolhas, como a angulação da matéria e a seleção de uma imagem, a fim não só de aumentar a participação dos diferentes grupos sociais, mas também, evitar a reprodução de discursos que reforçam o preconceito e a desigualdade.

Por fim, compreendemos que o jornalismo é um guardião da memória e, nesse papel, tem a atribuição de representar a sociedade como um todo, incluindo aqueles que historicamente tiveram suas identidades e vozes silenciadas.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Tayane Aidar. O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações. 2017. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado de São Paulo, Bauru, 2017.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação, história e memória: diálogos possíveis. **Revista Matrizes** v. 13, n.1, p.13-25, jan/abr 2019a.
- BARBOSA, Marialva. Tempos midiáticos: passado, presente e futuro em modos narrativos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.8, n.2, jul/dez 2019b.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARSOTTI, Adriana. Os limites da objetividade jornalística no século XXI. In: Anais do **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Virtual, 2021.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- BRUM, Eliane, **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2006.
- DAVID, Hadassa Ester. A Narrativa Jornalística: Objetividade Versus Subjetividade. In: Anais do **XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro (RJ).
- EDITORIAL. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, p.1, 23 jan. 1917.
- EXPLICANDO O Pharol. **O Pharol, mídia digital**. Disponível em: <https://jornalopharol.com.br/sobre> Acesso em: 2 de julho de 2023.
- FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FARO, José Salvador. Realidade e o novo jornalismo. **Revista Comunicação e Sociedade**, v.27, p.9-20, 1997.
- FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galáxia. São Paulo, SP, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Revista Matrizes**, vol. 11, núm. 3, set/dez, 2017, pp. 71-87 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOTTSCHALK, Rodrigo. O silenciamento como problema epistemológico. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019

GRUPO SOLAR prepara-se para inaugurar uma nova fase. **Tribuna de Minas**, 2019. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/especiais/24-02-2019/tribuna-de-minas-tradicao-em-evolucao.html> . Acesso em: 18 de julho de 2023.

HALL, Stuart. **Codificação decodificação. Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

LISSOVSKY, Maurício. Quatro + uma dimensões do arquivo. In: MATTAR, Eliana. (Org.). **Acesso à informação e política de arquivos**. Rio de Janeiro, 2004, p. 47-63.

LINS, Flávio. 1948: O pioneirismo da televisão em Juiz de Fora. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** v.1, n.2, jul.2012 / dez.2012.

LINS, Flávio. Telefoto Jornal: um formato genuinamente brasileiro. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**. n. 1. 155-168 janeiro/abril 2013

LOPES, Dirceu Fernandes.; PROENÇA, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Publisher Brasil, 2003.

MADUELL, Itala. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.4, n.1, jan./ jun.2015.

MAIA, Aline; LINS, Flávio. 'Tá' na Geral: a periferia na Tribuna de Minas. In: Anais do **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto (MG), 2012).

MARQUES DE MELO, José. O desafio do estudo dos gêneros. **Pauta Geral**, Salvador, n.5, p.11-20, 2003. Entrevista concedida a Tatiana Teixeira.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MAROCCO, Beatriz Alcaraz. **Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística**. Galaxia. São Paulo, SP, n. 30, p. 73-85, dez. 2015.

MATA, Jhonatan Alves Pereira. Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local. **Dissertação de Mestrado**. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFJF, 2011

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre. Arquipélago, 2022.

MORAIS, Mauro Gabriel. **Entrevista** concedida à Gracielle Loures Nocelli. Juiz de Fora, 2020. Disponível nos apêndices.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Sebastião Cecio Ferreira - A caixinha de fazer amigos. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2014a.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Luiz Geraldo Rocha - Sob medida em extinção. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2014b.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Valdinei Magela Bernardes - Dono da festa em movimento. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2014c.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Eduardo dos Santos Porcino - Caçador de faturas. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2014d.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Big Charles - Vencido por tambores e pratos. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2014e.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com José de Paula Filho - Sem perder o reboledo. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2015a.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Juarestavão Carrasco Cachumba - Conduzindo com autoridade. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2015b.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Domingas Jacob Moreira - Sabedoria silenciosa. **Tribuna de Minas. Caderno Dois**, p.4, 2015d.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Rosalina de Souza - Uma Rosa e seus espinhos. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015e.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Priscila Nascimento França Fontoura - O turbante, a coroa. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015g.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Jackeline Augusto dos Santos - Ela sabe se desenhar. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015h.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Elisângela Gomes Saar - A dona da rua. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015i.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Júlia de Oliveira - Do grave ao agudo. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015j.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Bruna Leonardo - Artigo feminino. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015k.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Cristiane de Couto Melo - Os brilhos da rainha. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015l.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Antônio Isair da Silva - O poeta do jornal. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015m.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Luiz Conceição Bispo - Aqui ninguém se cala. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2015n.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Carolina de Assis Repetto - Matriarca dos céus. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016c.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Márcia Regina Cunha - Com Gabriel, o treino é pesado. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016d.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Vânia Derby Dutra - Aprendendo com o pai a ser mãe. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016e.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Paloma Moreira - Com licença, ela vai à luta. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016f.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Sebastião Pedreti - Roubaram-lhe uma cidade. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016g.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Armando Fernandes Aguiar - Sem tristeza, com o pé no chão. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016h.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Vera Faria de Medeiros Ribeiro - Sobre ser mulher e ser pioneira. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2016i.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Max Alexandre Tibúrcio - O ninho de Max. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016j.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Carlos Augusto da Silva - Apito do desassossego. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016k.

O evangelho de Ernando. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016j.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com João Gonçalves de Mello- A gênese da gente humilde. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016l.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Nayara Souza Neves - Toda cor. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016m.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Helena Fernandes Martins - Maristela, para sempre. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016n.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Nino Martins de Barros - Filha do Carnaval. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2016o.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Fernanda Tabet - O brechó parisiense de Fernanda Tabet. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017a.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Bárbara Rodrigues - Esclerosada. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017b.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Ailton Paiva - O que faz a cabeça de Ailton Paiva. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017c.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Laura Conceição - A voz feroz. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017d.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Dionília Silva de Oliveira - A saudade que a baiana tem. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017e.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Gisele Lopes dos Reis Simões - Livro de referência. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017f.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Cátia Luciana Rosa Marcelo - As lições da pedagoga. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017g.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Mahmud Adel Hassan Mozhem - Homem-paz. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017h.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Adenilde Petrina Bispo - Doutora Plural. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017i.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Jaiane e Lavina de Oliveira - Duas vozes em nome de muitas outras. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2017j.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Raimundo Nonato Américo Mendes - Há 56 anos na Câmara Municipal. **Tribuna de Minas**. Caderno Dois, p.4, 2018a.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Joana Luis - Memórias de muitos tempos. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018b.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Zélia Maria da Costa Ludwig - A cientista ultrarresistente. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018c.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Luis Alfonso Ramirez Montalvo - O caminhante dos Andes nas ruas de JF. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018d.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Lenilton Silvério - Andar com fé. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018e.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Marcelo Canavezzi dos Santos - O garçom no semáforo. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018f.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Tufic Kamel Nabak - A dança da reconstrução. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018g.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Wu Wei Shi - Roberto e a parte que lhe cabe. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018h.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Daniel Andrade de Almeida - Os bailes da vida. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2018i.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Yuri de Melo Neto - O alto voo do jovem Yuri. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2019a.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Tiago Capuzzo - Presente, com brilho, coroa de rainha e orgulho gay. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2019b.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Alíria Wiuira Benícios de Carvalho - A voz da guajajara Alíria. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2019c.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Hugo da Silva Lima - Quem é o Chapolin que vende balas no sinal?. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2019d.

MORAIS, Mauro. *Outras Ideias* com Iracema Salomé Lopes Cassimiro - Mãe de santo abre as portas de seu terreiro e de sua história. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, p.4, 2019e.

MORAIS, Mauro. Caio, o Rei Momo magro, jovem e aguerrido. **Tribuna de Minas**. *Caderno Dois*, 12 jan.2020. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/acervo/outras-ideias/12-01-2020/caio-o-rei-momo-magro-jovem-e-aguerrido.html> Acesso em: 7 de setembro de 2023.

MUITAS vozes fora do Centro. **Tribuna de Minas**, 2014. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/26-01-2014/muitas-vozes-fora-do-centro.html> Acesso em: 3 de agosto de 2023.

MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940). In: Anais do **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2007. Juiz de Fora (MG).

MUSSE, Christina Ferraz. A trajetória do Diário Mercantil: alter ego da cidade de Juiz de Fora. In: Anais do **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal (RN), 2008.

MUSSE, Christina Ferraz; GUIMARÃES, Michelle. Memória MGTV: as estratégias de rememoração no telejornalismo local. In: Anais do **17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. 2019.

NOCELLI, Gracielle Loures. Os desafios da pandemia da Covid-19 ao jornalismo local - Um recorte da realidade em Juiz de Fora. In: Anais do **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2020, remoto.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História**, v.10. São Paulo, PUC, 1993.

OLIVEIRA, Livia Fernandes. As manchetes na história da Tribuna de Minas. In: Anais do **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2005, Rio de Janeiro.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. Matrizes, Ano 4, Nº 1 jul./dez. 2010, p. 37-50.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

PERLATTO, Fernando. Representações desiguais do passado na esfera pública: as hierarquias de memórias sobre a ditadura de 1964. In: PERLATTO, Fernando. **As disputas do passado na esfera pública: ditadura, democracia e tempo presente**. Juiz de Fora. Editora UFJF, 2022, p.69-84.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3 (1989). p. 3-15.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 31, 2003.

RITTER, Eduardo. Novos jornalistas literários: métodos, técnicas e experimentações. **Comunicação & Informação**. Goiânia, GO, v. 21, n. 1, p. 20-36, jan./mai. 2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte Horizonte: UFMG, 2007

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org). **Identidade e diferença** - A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.p 73-102.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMÉ, Cláudia Albuquerque. Emoção e testemunho no Jornal Nacional: Estratégias narrativas no mês das 500 mil mortes pela Covid-19. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2021, remoto.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

TRIBUNA passa a cobrar pelo conteúdo on-line. **Tribuna de Minas**, 2016. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/13-07-2016/tribuna-passa-a-cobrar-pelo-conteudo-on-line.html>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

TRISTÃO, Marise Baesso. História, memória e nostalgia na comemoração dos 40 anos do jornal Tribuna de Minas. In: Anais do **XXIII Encontro Nacional de História da Mídia**, 2021, remoto.

VENTURA, Mauro de Souza; ABIB, Tayane Aidar. Aproximações à noção de desacontecimento a partir da cotidianidade como valor jornalístico. **Revista Eco-Pós da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, v. 24, n. 2, 2021.

WINCH, Rafael Rangel. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo** v.5, n.2, Jul/Dez 2018.

APÊNDICE

Entrevista realizada com Mauro Morais, no dia 7 de fevereiro de 2020.

Por Gracielle Nocelli:

Qual é o seu nome completo?

Mauro Gabriel Morais da Fonseca

Qual é a sua idade?

Tenho 31, faço 32 em maio.

Você é natural de Juiz de Fora?

Sim.

Cresceu em qual região da cidade?

Eu nasci em São Mateus e passei boa parte da minha adolescência em Santa Cecília, na rua mais alta. Minha avó, mãe da minha mãe, ficou dez anos construindo uma casa que era bem no alto. Uma casa imensa.

Ela se divorciou e, seis meses depois, meu avô faleceu. Tudo que eles dividiriam ficou só com a família dele, inclusive a casa onde moravam. Ela veio de Cataguases para Juiz de Fora, com três filhos, para ganhar a vida como costureira.

Minha avó ficou dez anos construindo uma casa que, quando ficou pronta, era exatamente a mesma planta da casa anterior. Só que muito maior. Aquilo foi um sonho para gente. Eu cresci subindo o morro de Santa Cecília para acompanhar a obra, que foi feita de forma demorada porque o dinheiro era pouco.

Em frente à casa, na janela da minha avó, tinha uma rua que, tempos depois, foi fechada com um muro porque iriam construir o loteamento Estrela Sul. Eles fecharam a rua que era uma passagem, que eu andava de bicicleta... foi fechada com um muro. Aquilo foi tão agressivo, que minha avó mudou. Vendeu a casa, e, aí, fomos para o Dom Bosco.

Qual é o nome da sua avó?

Aparecida. Dona Cida.

Como foi a sua infância?

Eu morava na casa da minha avó com minha mãe e minha tia. Quando nasci, meu pai já havia morrido. Sempre tive contato com a família dele. Mas a infância foi turbulenta. Minha avó paterna o tempo todo acionava a justiça para requerer a minha guarda. Eles tinham uma condição financeira melhor e usavam isso como justificativa. Todo ano era um *stress*. Nunca fui morar com eles, mas sempre foi bem tenso.

Quais os nomes e profissões dos seus pais?

Minha mãe é Cristiane, costurava também e foi trabalhar em fábrica. O nome do meu pai é Mauro. Ele era poeta.

A família dele é de Juiz de Fora?

Sim. Ele era filho de um fiscal do estado e uma dona de casa. Tinham uma boa condição, família de militares. Meu avô foi presidente de um partido anticomunista de Juiz de Fora. Ele foi convidado para ser delator da ditadura militar. Ele denunciou vários jovens, inclusive, amigos do meu pai. Então era um conflito em casa muito grande.

Como seus pais se conheceram?

Os dois moravam em São Mateus. Ele foi para Porto Velho a trabalho e lá contraiu a doença de Chagas. Quando ele voltou, o coração tinha crescido muito. Eles começaram a namorar, minha mãe tinha 17 para 18 anos e ele, 24.

Quando ela engravidou, os exames de saúde dele não indicavam nada legal. Meu pai bebia, usava drogas. Era um poeta super sensível. Com a gravidez, ele não deu conta e se matou, enforcado na igreja, em janeiro de 1988. Eu nasci em maio.

Quando nasci, o registro não teve o nome do meu pai porque não tinha como registrar com o nome de um morto. A minha família paterna reivindicou a paternidade e eu tive outra certidão de nascimento, passei a me chamar Mauro. Antes eu me chamava apenas Gabriel porque meu pai tinha escolhido o nome.

A minha família materna só me chama de Gabriel. Ninguém me chama de Mauro. A família paterna me chama de Mauro Gabriel. E na rua me chamam de Mauro. É essa confusão. (risos)

E como prefere ser chamado?

Mauro é o nome social. Gabriel é muito íntimo, só mesmo a minha família me chama assim. Gosto de Mauro Gabriel, até pensei em assinar assim no jornal, mas ficou Mauro Morais mesmo.

Quando você soube de tudo?

Só fui saber que meu pai tinha morrido dessa forma com 12 anos. Eu lembro perfeitamente de andar na rua, na infância, de mão dada com a minha avó, em São Mateus e umas senhoras nos pararem para perguntar: “é ele que é filho do rapaz da igreja?”. Eu não entendia. Depois que eu soube, que fui entender.

E como foi lidar com essas informações?

Eu já desconfiava de algo, não exatamente do suicídio, mas por conta dos silêncios. Minha mãe tem muita dificuldade de falar sobre o meu pai, ela chora muito. Só a minha avó materna que conseguia falar bem sobre ele, contar coisas engraçadas. Conhecia fragmentos do meu pai.

Na casa da minha avó paterna, era sempre uma dor. Sempre que eu saía do elevador, ela ficava emocionada. Eu tenho um tio que chora até hoje quando me vê. Então, na família dele eu sempre lembrei a perda, a saudade. Ninguém tocava no assunto.

Então, eu entendia que tinha algo ali, sabe? Um dia, eu fui ao lançamento de um livro de coletâneas de um escritor, que era da geração do meu pai. Ele convidou meu tio dizendo que teriam dois poemas em homenagem ao meu pai.

Quando chegamos lá, ao lado do poema escrito pelo meu pai, estava outro, dedicado a ele com o título Suicídio. Aquilo foi muito chocante. Eu tinha 12 anos, eu já desconfiava, foi uma prova.

No dia seguinte, minha mãe sentou para conversar comigo. Para ela, foi uma dor tremenda ter que falar. Minha mãe casou, eu tenho uma irmã, e a nossa relação é ótima. Mas ela é muito sofrida, resultado dessa dor tão grande que viveu na adolescência, num período difícil e sensível.

Para mim, foi... eu quis ver o túmulo porque, até então, no fundo, eu tinha a esperança de ele voltar de uma viagem. Eu tinha 12 anos.

O choque maior foi por ter uma terceira pessoa envolvida nessa história. Foi muito agressivo o gesto desse escritor. De repente, ele participou da minha história.

E os poemas do seu pai, você lia?

Meu pai lançou dois livros: *Não há sinal de porto algum* (1984) e *Não sou náufrago na ilha de ninguém* (1982). Eu recorria a esses dois livros para imaginar o que ele pensava, ainda na infância. Olhava com encantamento. Eu sabia que a única forma de conhecer meu pai era pelo que ele escrevia. Um dos poemas diz: é um poema dele. Ele afirma “*Estou entre a foto e o fato. Entre o aborto e o parto.*” Eu lia, sem entender, para buscar esta conexão com ele.

Quando cheguei na adolescência, a minha avó paterna me deu uma pasta com tudo o que ele escreveu, dizendo “agora você esta preparado”. Mentira, eu não estava. Fui até um grande amigo dele, pedi para ele guardar a pasta que, quando eu estivesse preparado, eu pegaria de volta. Eu tinha uns 17 anos na época. Ele guardou por dez anos.

E o que fez você mudar de ideia?

Um dia a Maria Júlia falou algo como se eu não tivesse pai. Como se eu fosse uma produção independente. E ali eu entendi que minha filha não dimensionava que eu tenho pai, ele não é uma presença na vida dela. Esse livro precisava existir para que ele seja uma presença na vida da minha filha. Eu retomei tudo por ela e lancei o livro.

Qual é a idade da Maria Júlia?

14.

E como foi esse processo, para você e para ela?

Para mim, o processo foi doloroso, mas rápido. Digitei tudo em dois meses, era muita coisa. Livro de mais de 300 páginas. Inscrevi na Lei Murilo Mendes e, logo depois, foi publicado.

Ela guarda a dedicatória do livro na parede. Hoje ela entende perfeitamente que eu tive um pai, como era, do que ele morreu, o quanto ele é importante na minha vida.

Falo para minha esposa que tem gente que perde pai e precisa aprender a lidar com aquela ausência. Eu vivo o contrário porque meu pai sempre foi uma constante. Não tem nenhum dia que passe que eu não pense nele.

É estranho porque dizem que a saudade é uma palavra bonita, mas ela é cruel... ela pressupõe uma vivência. Ou seja, dele eu não tenho saudade. Eu tenho o que? Não tem uma palavra.

O seu gosto pela escrita vem da infância?

Sim, todo mundo diz que eu lia e escrevia muito.

E como decidiu ser jornalista?

Na verdade, sempre fui envolvido com a área de cultura e tinha curiosidade de trabalhar com jornalismo. Formei em Comunicação Social na UFJF, em 2011, e hoje sou graduando em Letras.

Eu trabalhei na assessoria de imprensa da Pró-Reitoria de Cultura da UFJF por um ano, prestando consultoria para artistas e galerias de arte. Saí para ser repórter do Caderno Dois da Tribuna, em 2012.

Queria trabalhar em jornal, com jornalismo diário. E a cultura já era uma área que eu havia escolhido desde a faculdade. No primeiro ou segundo período, fiz essa escolha.

Na verdade, no início da faculdade, eu tive uma crise se essa era a profissão que eu queria e decidi fazer disciplinas em outros cursos, inclusive, na Letras. Ali eu percebi que eu precisava encontrar um sentido para faculdade.

Foi nessa época, que conheci o trabalho da Bárbara Heliodora, que era uma crítica de teatro do *Jornal O Globo* muito famosa. Ela morreu há pouco tempo. As críticas eram muito boas, e eu decidi que iria pesquisar a produção dela.

Não tinha pesquisa de jornalismo cultural na faculdade. E eu comecei a convidar professores. Cada semestre, eu chamava um para orientar aquele trabalho que virou a minha monografia. Foi um trabalho de muito fôlego. No último período, eu viajei para o Rio, conheci a Bárbara e fiz uma série de entrevistas com ela.

A minha monografia ficou imensa e muito legal! O tema é o que forma um crítico, então, eu pesquisei a vida dela antes do nascimento, a família dela, até ela se tornar crítica.

Isso foi o preâmbulo para eu vir para o jornal. Conheci um escritor que trabalhava em uma editora e ele pediu para ler minha monografia porque eles teriam interesse em publicar.

E eu fiquei pensando “como eu vou publicar um livro? O que vai estar escrito debaixo da minha foto, além de Mauro, formado em Comunicação?”

Quando eu fiz o evento de literatura na cidade, junto com a livraria 3ª margem (eu com a livraria criei o projeto, mandamos para o Ministério da Cultura, ganhamos a verba e executamos durante um ano) chamava Ave, Palavra. Em 2010 e 2011. Estava formando durante este projeto, vim para trabalhar no jornal para fazer sentido o meu curso. O livro ainda não foi publicado. No ano passado, eu também recebi uma proposta. Tenho intenção, mas queria aperfeiçoá-lo. É um trabalho muito legal. E depois da morte dela, ninguém mais pesquisou

dessa forma, tendo contato com ela. E a Bárbara é muito importante, é a principal tradutora de Shakespeare para o português. Ela é uma inspiração para eu entrar no jornalismo.

Ela falava que a cultura não precisa ficar adulando o artista, muito pelo contrário, o jornalismo cultural tem que fazer refletir para transformar a cena, para que a cena se mova. E ela fez isso porque ela conseguiu mudar o cenário do teatro no Rio. Tudo que aconteceu no século XX se deve a ela.

E *Outras Ideias*, também pretende publicar um livro?

Sim. Eu gostaria de materializar esses cinco anos de coluna em um livro. Estou com o projeto na Lei Murilo Mendes, vamos ver...

Como surgiu a coluna *Outras Ideias*?

Ela surgiu a partir da série A Voz da Periferia, que fizemos em janeiro do mesmo ano. Entendendo que Juiz de Fora é uma periferia do Brasil, porque não estamos no centro, estamos no interior, então pensei em abordar como é a periferia dentro da periferia.

Assim, fui identificar quais eram as expressões culturais na periferia de Juiz de Fora. Pensei em segmentar por expressões. Tratei de um grupo de estudos do bairro Santa Cândida, que era a cultura literária, do rap, do funk. Nas primeiras matérias, ouvi os artistas, não tinha voz oficial. Na penúltima, tinham estudiosos falando sobre os movimentos culturais. E, na última, era o poder público falando.

Desde o meu início na Tribuna, eu tenho isso de me pautar. Como o Caderno Dois é uma produção grande, foi interessante para o jornal e, para mim, porque me dava muito mais empolgação em trabalhar.

Essa série foi incrível. Foi daí que surgiu o *Outras Ideias* porque eu entendi que essas pessoas precisavam ser ouvidas. Essa coisa de dar voz, eu não gosto muito. Porque a gente não dá voz. Quando estou escrevendo, a voz é minha, o entrevistado não está ali assinando. A voz continua sendo minha, mas eu medie o contato do leitor com essa pessoa. A gente precisava mediar mais isso. O barato da série foi que a Tribuna chegou a lugares que antes não chegava. Funk é uma coisa que a Tribuna nunca tinha feito. Aquela foi a primeira vez

Lembro que os entrevistados eram pessoas que trabalhavam à noite. Então, ninguém podia fazer a entrevista durante a semana. Marquei de encontrá-los no sábado, era a turma do passinho que cantava, fazia batalha, numa praça no centro.

Eram todas pessoas que trabalhavam à noite, então ninguém podia dia de semana. Pedi para eles demonstrarem e, de repente, estava lotada a praça. Todo mundo curtindo. A entrevista foi cortada por conta do público, virou um show.

Você venceu o prêmio Petrobras com a série...

Isso! Ganhei o Prêmio Petrobras na categoria cultura, em 2014. Era dividido por região: Minas, Norte e Centro Oeste.

Quando fui receber o prêmio, dediquei ao rapaz que organizava essas batalhas do passinho, que tinha sido morto, perto da sua casa, no Milho Branco.

Como foi a reação do público com a série?

O público tem interesse. Se você parar para pensar na nossa sociedade, o que é a classe A e B? Um contingente muito pequeno. A gente precisa chegar a mais pessoas, falar com todas elas.

Você teve dificuldades com o jornal para aprovar o projeto?

Muito! A primeira reportagem da série não teve chamada na capa. Mas depois que foi publicada e conquistou muita leitura, a segunda reportagem, publicada na terça-feira, teve uma super chamada na capa.

Sempre acolheram as minhas ideias, mas com descrédito, não achando que iriam dar tão certo. Com *Outras Ideias* também foi assim, algo do tipo “vamos, se der certo bem, se não der...” E com a resposta positiva do público, a coluna cresceu, ganhou destaque e página colorida.

E como a coluna *Outras Ideias* foi criada?

O Vale a Pena apresentava dicas culturais. Toda semana alguém indicava, e aquilo começou a ficar repetitivo. E é normal que, de tempos em tempos, você precise mudar as seções. E aí eu dei a ideia de perfis semanais, de entrevistar anônimos, que é o barato, pessoas que a gente queira conhecer a história. Eu sou uma pessoa muito curiosa. Daria super certo na Quem... (risos) Bebel e eu elaboramos uma lista de nomes e mostramos para a Denise. Ela disse “esse não, esse não, esse não. Tem que pensar em outras ideias”. E isso ficou. Achei terrível o nome. Depois, passados cinco anos, de fato, ali tem muitas outras ideias. Mas não foi intencional. Inicialmente, foi um desprezo pelo trabalho, mas o tempo mostrou que o nome teria a ver.

A série me ligou a pessoas que eu não tinha contato, à cultura do rap, do funk. Percebi que a gente precisava manter esse trabalho. E *Outras Ideias* foi a forma de chegar a essas pessoas.

Como foi a escolha dos entrevistados?

A primeira entrevistada eu escolhi, que foi a Fernanda Tabet. Era uma pessoa que me criava curiosidade. Uma punk da geração de punks de Juiz de Fora. Ela tem uma irreverência que atrai a atenção das pessoas. A proposta era que cada semana um repórter fizesse, mas acho que ninguém “comprou” a ideia.

Eu curto fazer isso: conversar e ouvir, mais do que tudo. Às vezes, vou para a entrevista, e as pessoas ficam incomodadas porque não faço muitas perguntas. A pessoa está falando, quero que ela conte a história.

No início, eu sofria de não contar a biografia da pessoa. Ficava mal, achava que era incompleto. Pouco a pouco, fui percebendo que aquilo era um recorte porque também quero ouvir o que a pessoa está disposta a falar. Não quero tirar nada dela.

Tem alguma história que te marcou mais?

Algumas. Essa semana tem uma história bonita. O cara conheceu o amor da vida dele pela internet. Ele contou que queria se matar, mas decidiu parar numa lan house e entrar no site do bate papo. Assim, conheceu a Sheila. Ele pensou: “vou dar uma chance para mim e para ela. Vou esperar.” Se encontraram e estão namorando. Isso é ótimo! Olha quanto isso diz. Sem querer, contei que era uma pessoa solitária e que estava sem esperança. Informações tão profundas, numa historinha curta.

Em 2014, eu entrevistei personagens que tiveram muita repercussão, tipo a Marlene do Forró. Foi uma repercussão tão grande. O jornal nunca tinha visto aquilo, porque o que repercutia era sempre o factual. De repente, foi só uma história: quem era a Marlene. Não tinha gancho, critério de noticiabilidade... Quais seriam os critérios? Não atende nada do que aprendemos sobre isso. E aquilo criou um alerta. Existe espaço e interesse para outro tipo de jornalismo. As redes sociais nos mostram isso, as pessoas querem ser vistas, ouvidas

O envolvimento do público foi grande, e as pessoas começaram a sugerir. Continua assim, eu escolho muito pouco. Entre as sugestões que chegam, eu seleciono. O que toca o meu coração, eu vou. O que eu quero ouvir aquela semana. Não segmenta gênero, cor. É o que eu quero ouvir aquela semana.

Mas boa parte dos entrevistados é formada por pessoas que, normalmente, não encontram espaço na sociedade e nem nos meios de comunicação. Há o maior interesse por essas histórias?

Eu tinha dimensão de que a história coletiva passa pela narrativa individual, tinha certeza. Porque a minha história pessoal não é contemplada pela narrativa oficial. Eu cresci no morro. Eu não conhecia aquele morro que eu retratei na série, mas eu vim desse lugar também. Sou branco, mas carrego outros estigmas, como o de ser o filho de um suicida e uma costureira, criado pela minha avó, também costureira que, há alguns anos, sequer podia entrar na igreja para comungar porque era divorciada. É uma história que não faz parte da oficial. Então, eu sei que existe importância para esse tipo de narrativa. Eu valorizo a minha própria. Mais do que ter empatia é um ato de se reconhecer.

Ao abrir espaço para essas narrativas, a coluna contribui para a construção de uma memória que contrapõe à oficial. Como você avalia isso?

Eu acho uma responsabilidade muito grande quando dizem que o jornalista escreve o que as pessoas vão falar, pensar no dia seguinte. Mais ainda de dizer que ele ajuda a construir a memória que a sociedade vai ter.

Mas reconheço que as próprias redes sociais trouxeram a perspectiva de que existem narrativas individuais que a história oficial não dá conta de abarcar. Então, a gente precisa se amparar, se conectar para garantir a diversidade.

Seus textos demonstram muita empatia e acolhimento. Como é a relação com os entrevistados?

Como são pessoas que não estavam acostumadas a serem vistas nas páginas dos jornais, ao serem entrevistadas contando a própria história, muitas não entendiam o porquê do meu interesse. O que eu falo é o seguinte, eu quero ouvir a sua história porque aqui no jornal a gente tem a certeza que só contando a história de cada um a gente é capaz de contar a história de Juiz de Fora. Depois que publicamos, eu fico muito aflito para saber se gostaram, se contemplou, gosto de saber que se sentem representados. Eu tenho um cuidado com essas pessoas porque não quero que se sintam expostas.

E com os leitores?

Já recebi e-mail, telefonema. Era gente querendo conhecer, me deu endereço e me chamou para tomar café. Eles mandam mensagem, e-mail, ligam na redação elogiando,

indicando alguém. Pouco a pouco, o jornal foi descobrindo que fazer uma chamada na capa era interessante, ainda no formato antigo. Com a reformulação do jornal, ficou com mais destaque.

De vez em quando, temos telefonemas de quem procura o exemplar impresso. Você imagina o porquê da relação com o papel?

Acontece quando eles não encontram mais a edição na banca. Não querem só ler na internet. Tem muita gente que valoriza o papel. Eu valorizo como documento. O artista que dá uma entrevista para o Caderno Dois gosta de guardar o registro porque é uma forma de documentar o trabalho dele, eu entendo assim. O papel legitima porque ele tem essa permanência.

Todo mundo tem uma boa história para contar, Mauro?

Todo mundo tem uma boa história para contar, com certeza. Nesses cinco anos, ouvi muitas delas e me sinto privilegiado por isso. Tem muitas que mexeram comigo e que foram muito importantes.

Uma, em especial, foi muito tocante. Envolvia não só a humanidade da cena, mas como o jornalismo é feito, do que eu acredito.

Chegou a Páscoa, e eu queria fazer a coluna temática. Eu falei que queria entrevistar alguém que criasse coelhos. Corri atrás desse personagem. Liguei para algum lugar que me falou que tinha um senhor que morava num bairro, em cima da avenida do Bairro Linhares.

Eu liguei para ele e combinamos. O carro me deixou na rua sem saída e eu tinha que andar um pouco. Ele morava no subsolo, nesta descida eu já via a avenida. Eu pensei “meu Deus, se eu escorregar aqui, já era”. Era muito alto e íngreme.

Ele me atendeu. Um senhor negro, magrinho e me chamou para eu ver os coelhos lindos, super bem cuidados. A casa dele era de chão batido. Muito pequena. De terra e cheia de crianças. Ele era muito pobre. E me falou que as crianças eram filhos dele e outras eram do sobrinho que se envolveu com drogas, foi preso e ele pegou para criar, mesmo com toda dificuldade.

Perguntei “por que o senhor cria coelho?” E ele me respondeu que quando era criança, ouviu que a mãe do coelho arranca o pelo da barriga e coloca para fazer o ninho dos coelhinhos quando nascem e ele queria ver isso. Eu fiquei muito emocionado com essa história porque ele não só queria ver, Ele faz isso na vida.

Essa foi a história que serviu de inspiração para a crônica escrita por Mauro Morais para a série *Gente que fez a Tribuna*, publicada no caderno comemorativo pelos 40 anos da *Tribuna de Minas*. Segue o texto na íntegra:

‘Gente que fez a Tribuna’: as outras ideias de Mauro Morais

Uma aula com Seu Max

Mauro Morais, repórter da Tribuna entre 2012 e 2021

A Rua Diva Garcia vista do alto é bem bonita. Mas onde estávamos era tão, mas tão alto, que o medo espreitava. Quando chegamos, sob o sol quente, no final daquela rua, a casa onde nos esperavam ficava muitos degraus abaixo do nível da rua. Uma escorregadela na escada de terra batida e a Diva Garcia se tornaria leito. A criança com o traquejo no subir e descer do dia a dia foi o que nos encorajou, fotógrafo e eu, a chegarmos até a residência de tijolos expostos e chão de terra. Seu Max nos esperava com um sorriso no rosto e alguma timidez. Há alguns dias da Páscoa, estávamos ali para traçar o perfil de um criador de coelhos. Os bichos, de muitas cores e muito bem cuidados, ficavam em grandes gaiolas quando não estavam a pular pelo terreno com cercas improvisadas. No lugar, além dos 23 coelhos, ainda cabiam 25 galinhas, 15 patos, quatro porquinhos-da-índia, dois cachorros e dois pintinhos. Na casa, de cozinha, quarto e banheiro, viviam o casal, quatro filhos adolescentes e três crianças, sobrinhos-netos que já chamavam Max de pai.

A escassez era muita. E antiga. Seu Max somava, naquele já distante 2016, cinco décadas de vida, quatro delas trabalhando. Os pais se separaram logo cedo, e a família se partiu, com o irmão indo para a casa da avó e ele ficando com a mãe. Na vida, acabou aprendendo o que não deveria fazer, e, quando o sobrinho não deu mais conta de cuidar dos filhos, ele os adotou. Oferecer abrigo também era o que ele admirava nos coelhos, espécie cuja fêmea faz o ninho com os próprios pelos. Seu Max era assim e fazia o ninho da família com o que tinha. Contada por ele, a história sensível dos coelhos era a metáfora para a própria vida de Max. Os olhos se encheram de lágrimas. A voz embargou. Tirei do bolso a frágil noção de que o repórter deve se conter. Na Redação, e durante a escrita daquele perfil, não me contive e me emocionei seguidas vezes. Não era incomum que eu me levantasse durante a escrita de histórias como aquela para respirar fundo e me equilibrar diante de uma forte emoção.

Outras Ideias, a seção na qual retratei um pouco do gigantismo de Seu Max, foi uma sequência de aulas de jornalismo, de ética, de responsabilidade social, de dedicação, de generosidade e, sobretudo, de superação. E a superação não era percurso artificial perseguido, mas caminho natural, na compreensão de que minuto a minuto superamos algo, principalmente o tempo. Em pouco mais de cinco anos de existência da seção, que perfilava anônimos e não tão anônimos da cidade, conheci mais de duas centenas de pessoas e me reconheci em muitas delas.

Falava do outro e falava de mim. Falava do Seu Max, de sua capacidade surpreendente de construir ninhos, e falava da alegria que tive ao encontrar tantos e tantos ninhos pela estrada, lugares que me aqueceram nos muitos dias frios que precisei enfrentar. Falava do Seu Max, de sua invisibilidade numa sociedade que segrega pela cor da pele e pelo peso do bolso, e falava de um jornalismo que se faz na fresta, subvertendo regras e apostando nas narrativas individuais como importante via para a construção da história coletiva. Falava da casa do Seu Max e falava de minha casa, das ruas e das casas onde morei, da Tribuna, onde trabalhei por oito anos. Tribuna que me ampliou a paisagem e me mostrou a Rua Diva Garcia, que vista do alto é bem bonita.

ANEXO 1- RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS DA 1ª FASE DA COLUNA *OUTRAS IDEIAS*

ENTREVISTADO	DATA DE PUBLICAÇÃO	AUTORIA
Fernanda Tabet	20/07/2014	Mauro Morais
Ney Ank	27/07/2014	Marisa Loures
Plínio Coutinho Linhares (Degas D.C.)	03/08/2014	Mauro Morais
Marlene Valverde	10/08/2014	Mauro Morais
Benito Maddalena	17/08/2014	Júlio Black
Valdinei Magela Bernardes	24/08/2014	Mauro Morais
João Carlos Guedes Pimentel (Big Charles)	31/08/2014	Mauro Morais
Giane Elisa Sales de Almeida	07/09/2014	Mauro Morais
José Abjald Souza	14/09/2014	Mauro Morais
Maria da Glória Camargos	21/09/2014	Mauro Morais
Padre Pierre Maurício de Almeida Cantarino	28/09/2014	Mauro Morais
Mukaiber Miana	05/10/2014	Mauro Morais
Elnice Albergaria Rocha	12/10/2014	Mauro Morais
Maria Adelaide Magalhães (Dadá)	19/10/2014	Mauro Morais
Márcio Assis	26/10/2014	Mauro Morais
Márcia Rodrigues	02/11/2014	Mauro Morais
Luiz Geraldo Rocha	09/11/2014	Mauro Morais
Sebastião Cecio Ferreira	16/11/2014	Mauro Morais
Cecile Kapinga	23/11/2014	Mauro Morais
Monica de Souza Destro	30/11/2014	Mauro Morais
Douglas Esterce (Tuka)	07/12/2014	Mauro Morais
Lourival Alvez Ferraz	14/12/2014	Guilherme Arêas
Maria Helena (Lena) e Fátima de Oliveira	21/12/2014	Mauro Morais

Eduardo (d'Oxossi) dos Santos Porcino	28/12/2014	Mauro Morais
---------------------------------------	------------	--------------

ANEXO 2- RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS DA 2ª FASE DA COLUNA OUTRAS IDEIAS

ENTREVISTADO	DATA DE PUBLICAÇÃO	AUTORIA
Júlia de Oliveira	04/01/2015	Mauro Morais
Anderson de Oliveira Rodrigues (Paçoquinha)	11/01/2015	Mauro Morais
Luís Cláudio Coelho	18/01/2015	Mauro Morais
Carlos Guedes	01/02/2015	Mauro Morais
Ronaldo Gray de Souza Leal	08/02/2015	Mauro Morais
Neide Furtado	15/02/2015	Mauro Morais
Sidney Alves Vieira	22/02/2015	Mauro Morais
Israel Pinheiro Marques	01/03/2015	Mauro Morais
Bruna Leonardo Mesquita da Silva	08/03/2015	Mauro Morais
João Francisco Condé (Coteca)	15/03/2015	Mauro Morais
Sebastião Pitassi Júnior (Maizena)	22/03/2015	Mauro Morais
Walter de Souza Pires	29/03/2015	Mauro Morais
Domingas Jacob Moreira	05/04/2015	Mauro Morais
Maria Geny Barbosa	12/04/2015	Mauro Morais
Carlos Oscar Niemeyer Magalhães	19/04/2015	Mauro Morais
Wesley Barbosa Severino	26/04/2015	Mauro Morais
Sebastião Assis, Tião Papa	10/05/2015	Mauro Morais
Vanderson Supimpa França de Souza (Simon)	17/05/2015	Mauro Morais
Dagmar Renate Witt	24/05/2015	Mauro Morais
Elisângela Gomes Saar	31/05/2015	Mauro Morais
Marlene da Silva Duarte	07/06/2015	Mauro Morais
Gilsimar Cláudio Loures de Matos	14/06/2015	Mauro Morais
Paulo Sérgio de Souza Coelho	21/06/2015	Mauro Morais
Daniela Teodoro	28/06/2015	Mauro Morais

Israel Alves Rodrigues	05/07/2015	Mauro Morais
Antônio José Marques	12/07/2015	Mauro Morais
Priscila Nascimento França Fontoura	19/07/2015	Mauro Morais
Juarestavão Carrasco Cachumba	02/08/2015	Mauro Morais
Antônio Isair da Silva	09/08/2015	Mauro Morais
Manoel Monteiro Silva	16/08/2015	Mauro Morais
José de Paula Filho (Ângela Maria)	23/08/2015	Mauro Morais
Walker Campos Pinto	30/08/2015	Mauro Morais
Pedro Carlos Peters	06/09/2015	Mauro Morais
Américo Ribeiro (Caju)	13/09/2015	Mauro Morais
Normanio Luiz Thiago	20/09/2015	Mauro Morais
Paulo Gomes Mendes (PGM)	27/09/2015	Mauro Morais
Maria Angela Ciampi Maria Tereza Ciampi	04/10/2015	Mauro Morais
Cristiane Couto Mello	11/10/2015	Mauro Morais
Luiz conceição bispo (DJ Nonô)	18/10/2015	Mauro Morais
Augusto Costa de Oliveira Vale	25/10/2015	Mauro Morais
Sérgio Luiz Teixeira	01/11/2015	Mauro Morais
Sandro da Silva Cosme Nascimento (Pataxó) Polyana dos Santos	08/11/2015	Mauro Morais
João dos Santos	15/11/2015	Mauro Morais
Reginaldo Barbosa da Silva, Bulu	22/11/2015	Mauro Morais
Jackeline Augusto dos Santos	29/11/2015	Mauro Morais
Antônio Pereira Gaio (Padre Gaio)	06/12/2015	Mauro Morais
Benito Taranto	13/12/2015	Mauro Morais
Vithoria Nascimento Mateus	20/12/2015	Mauro Morais
Luiz Carlos Cardoso	27/12/2015	Mauro Morais
Suely Caldas Schubert	03/01/2016	Mauro Morais

André Luiz Brasilino	10/01/2016	Mauro Morais
Maria das Dores Queiroz Pacheco (Cotinha)	17/01/2016	Mauro Morais
Márcia Regina Cunha (Márcia Fu)	24/01/2016	Mauro Morais
Armando Fernandes Aguiar	31/01/2016	Mauro Morais
José Francisco Garcia	07/02/2016	Mauro Morais
Octacílio Pereira do Valle	14/02/2016	Mauro Morais
José Lourenço Machado Júnior	21/02/2016	Mauro Morais
Abraão Vito Dantas Pereira	28/02/2016	Mauro Morais
Rosalina de Souza	06/03/2016	Mauro Morais
Sebastião Pedreti	13/03/2016	Mauro Morais
Hosseyne de Andrade Shayani	20/03/2016	Mauro Morais
Max Alexandre Tibúrcio	27/03/2016	Mauro Morais
Vinícius Faza Paiva	03/04/2016	Mauro Morais
William Bezerra de Souza	15/05/2016	Mauro Morais
Carolina de Assis Respetto	22/05/2016	Mauro Morais
Rosângela Jamil Hadad	29/05/2016	Mauro Morais
70 Sebastião Carlos Alberto Vianna	05/06/2016	Mauro Morais
Ernando José da Silva	12/06/2016	Mauro Morais
Maria do Carmo Gomes Barbosa	19/06/2016	Mauro Morais
Luis César Nobeli (Mamute)	26/06/2016	Mauro Morais
Sebastião Vanderlei de Andrade	07/08/2016	Mauro Morais
Lúcia Lima Melquíades	14/08/2016	Mauro Morais
João Gonçalves de Mello	21/08/2016	Mauro Morais
José Augusto de Aguiar	28/08/2016	Mauro Morais
Paloma Moreira	04/09/2016	Mauro Morais
Carlos Augusto da Silva (Carlinho do apito)	11/09/2016	Mauro Morais
Walter Pecci Maddalena	18/09/2016	Mauro Morais

Ângela Maria de Oliveira Soares	25/09/2016	Mauro Morais
Anas Abu Faher	02/10/2016	Mauro Morais
Vera Faria de Medeiros Ribeiro	09/10/2016	Mauro Morais
Alexandre Gonçalves da Silva	16/10/2016	Mauro Morais
Rodrigo Bastos	23/10/2016	Mauro Morais
Vânia Derby Dutra	30/10/2016	Mauro Morais

ANEXO 3- RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS DA 3ª FASE DA COLUNA *OUTRAS IDEIAS*

ENTREVISTADO	DATA DE PUBLICAÇÃO	AUTORIA
Maria Helena Falcão Vasconcellos	06 /11/2016	Mauro Morais
Nayara Souza Neves	13/11/2016	Mauro Morais
Nino Martins de Barros (Femmenino)	20/11 /2016	Mauro Morais
Gláucio Anacleto de Almeida (Mestre Cuité)	27/11/2016	Mauro Morais
Helena Fernandes Martins	04/12 /2016	Mauro Morais
Weber Bahia Coutinho	11/12 /2016	Mauro Morais
Sophie Wilson	18/12 /2016	Mauro Morais
Maria das Graças de Deus	25/12 /2016	Mauro Morais
Armando Falconi Filho	01/01/2017	Mauro Morais
Maria José Rodrigues	08 /01/2017	Mauro Morais
Abílio Quintino Moreira	15/01/2017	Mauro Morais
João Lélis Dias	22/01/2017	Mauro Morais
Alex Martins Monteiro	29/01/2017	Mauro Morais
Wagner Nonato de Oliveira	05/02/2017	Mauro Morais
Francisco Irineu Del' Duca	12/03/2017	Mauro Morais
Dionília Silva de Oliveira	19/03/2017	Mauro Morais
Mahmud Adel Hassan Mozhem	02/04/2017	Mauro Morais
Márcio Valentim	09/04/2017	Mauro Morais
Lu Wen Piao (Peter) Juan Pao Hsien (Fátima)	16/04/2017	Mauro Morais
Eric Meireles de Andrade	23/04/2017	Mauro Morais
Wellington Nascimento de Souza	30/04/2017	Mauro Morais
Carlos José de Souza (Fiote)	07/05/2017	Mauro Morais

Tarcísio Gabriel Guerra Alvez	14/05/2017	Mauro Morais
Diego Barata Zanotti Ongaro	21/05/2017	Mauro Morais
José Ronaldo Couri	28/05/2017	Mauro Morais
Milton Ramos de Brito	04/06/2017	Mauro Morais
Adenilde Petrina Bispo	11/06/2017	Mauro Morais
Gisele Lopes dos Reis Simões	18/06/2017	Mauro Morais
Antônio José Alvez da Silva	25/06/2017	Mauro Morais
Mateus Guimarães Borges	02/07/2017	Mauro Morais
Paulo César Calichio	09/07/2017	Mauro Morais
Bárbara Rodrigues Silva	16/07/2017	Mauro Morais
Fernanda Tabet	23/07/2017	Mauro Morais
Laurides Antônio Ferreira	30/07/2017	Mauro Morais
Ernesto (não menciona o sobrenome)	06/08/2017	Mauro Morais
Alexandre de Andrade	13/08/2017	Mauro Morais
Baby Mancini	20/08/2017	Mauro Morais
Ailton Paiva	27/08/2017	Mauro Morais
Vicente Ferreira Coutinho	03/09/2017	Mauro Morais
Cátia Luciana Rosa Marcelo	10/09/2017	Mauro Morais
Arnaldo Valverde	17/09/2017	Mauro Morais
José Maria de Sá	24/09/2017	Mauro Morais
Rita de Cássia Vicente (Bar du Leo)	1º/10/2017	Mauro Morais
Sônia Maria Dias dos Santos (Nina Braga)	08/10/2017	Mauro Morais
Oscar Eduardo Lorentes Torres	15/10/2017	Mauro Morais
Jaiane de Oliveira Brito Lavínia Rufino de Oliveira	22/10/2017	Mauro Morais
Maria Elizabeth Vidaurre Nassif	29/10/2017	Mauro Morais
Altamir Rodrigues de Oliveira	05/11/2017	Mauro Morais

Mauro José da Silva	03/12/2017	Mauro Morais
Nelson Cezar Reis	10/12/2017	Mauro Morais
Josimar Júnior da Silva	17/12/2017	Mauro Morais
Laura Conceição	24/12/2017	Mauro Morais
Fátima Solange de Paula	07/01/2018	Mauro Morais
Nonato Américo Mendes	14/01/2018	Mauro Morais
Wu Wei Shi (Roberto)	21/01/2018	Mauro Morais
Gracyele Rocha	28/01/2018	Mauro Morais
Jair Marcílio	04/02/2018	Mauro Morais
Nair da Silva	11/02/2018	Mauro Morais
Lenilton Silvério (Padeirinho)	18/02/2018	Mauro Morais
Wells Johnson Floyd	25/02/2018	Mauro Morais
Natale Chianello (Natalio Luz)	03/03/2018	Mauro Morais
Amaury Teixeira Leite Andrade	11/03/2018	Mauro Morais
Tatiana Schlaucher Krass Ribeiro Chagas	18/03/2018	Mauro Morais
Liliam Márcia Santos	25/03/2018	Mauro Morais
Júlia Carla Duarte Melo	01/04/2018	Mauro Morais
Mário Fernandes Meireles	13/05/2018	Mauro Morais
Sólia Prado Rocha (Mandakini Dasia)	20/05/2018	Mauro Morais
Claudio Luiz da Silva	27/05/2018	Mauro Morais
Tufic Kamel Nabak	03/06/2018	Mauro Morais
Zélia Maria da Costa Ludwig	10/06/2018	Mauro Morais
Gilmara Delgado Rocha	17/06/2018	Mauro Morais
José Fausto Silva	24/06/2018	Mauro Morais
Edison Alexandre dos Reis Santos (Edinho Negresco)	01/07/2018	Mauro Morais
Braz Batista de Oliveira	08/07/2018	Mauro Morais
Claudius Alexandre Grunewald	15/07/2018	Mauro Morais

Daldegan		
Sebastião Carlos da Silva (S.Carlos)	22/07/2018	Mauro Morais
Marcelo Canavezzi dos Santos	29/07/2018	Mauro Morais
Francisco Machado Mota	05/08/2018	Mauro Morais
Álvaro Augusto José de Freitas	12/08/2018	Mauro Morais
Toninho Oliveira	19/08/2018	Mauro Morais
Marcílio Leonardo Picinini	26/08/2018	Mauro Morais
Afonso Juvenal Variz	02/09/2018	Mauro Morais
Marcelo Nick	16/09/2018	Mauro Morais
Joana Luis	23/09/2018	Mauro Morais
Ellen de Paula Moreira Abreu	30/09/2018	Mauro Morais
Jean Menezes do Carmo	07/10/2018	Mauro Morais
Andréia de Oliveira	14/10/2018	Mauro Morais
João Francisquini de Assis	21/10/2018	Mauro Morais
Priscila Monteiro de Barros	28/10/2018	Mauro Morais
Air Pires de Oliveira	04/11/2018	Mauro Morais
Lúcia Helena Gonzaga	11/11/2018	Mauro Morais
Sônia Rodrigues Amaro	18/11/2018	Mauro Morais
Rafael Silva dos Santos	25/11/2018	Mauro Morais
Luciano Giron Rosa Flávia Silveira Giron	02/12/2018	Mauro Morais
Antônio Carlos da Silva	09/12/2018	Mauro Morais
Daniel Andrade de Almeida	16/12/2018	Mauro Morais
Matheus Pagliarini de Almeida	30/12/2018	Mauro Morais
Adriano Lopes da Cunha	05/01/2019	Mauro Morais
Aura Yulexis Hernandez Fonseca.	13/01/2018	Mauro Morais
Luis Alfonso Ramirez Montalvo	27/01/2018	Mauro Morais

Fábio Henrique Araújo Costa Natália Dias Mendes	03/02/2019	Mauro Morais
Moisés Natividade de Mattos	17/03/2019	Mauro Morais
Yuri de Melo Costa	24/03/2019	Mauro Morais
Geralda Martins Ferreira (Lalade)	31/03/2019	Mauro Morais
Miraldina Alice Santos	07/04/2019	Mauro Morais
Pedro Ivo Gerheim	14/04/2019	Mauro Morais
Alfredo Gomes Neto	21/04/2019	Mauro Morais
Célio de Moura	28/04/2019	Mauro Morais
Yasmin Borges Marinho Pereira	05/05/2019	Mauro Morais
Edson Luis Cambraia Itaborahy	12/05/2019	Mauro Morais
Maria da Conceição Mendes Gomes	19/05/2019	Mauro Morais
Adriano Cristino da Silva	26/05/2019	Mauro Morais
Cleverson Pires Fernandes	02/06/2019	Mauro Morais
Adryan Daniel Teixeira Damasceno	09/06/2019	Mauro Morais
Vicente Cristiano da Silva	16/06/2019	Mauro Morais
Lídia de Almeida Andrade	23/06/2019	Mauro Morais
Jodeny Nogueira Alves	30/06/2019	Mauro Morais
Ruimar Costa Arilson Guerra Admilson Guerra	07/07/2019	Mauro Morais
Manoel Bernardino do Nascimento	14/07/2019	Mauro Morais
Deber Luiz Zambelli Pedrosa Wanderson Zambeli	21/07/2019	Mauro Morais
Olga Carmelita Stussi Coelho Rosa	28/07/2019	Mauro Morais
Tiago Capuzzo	11/08/2019	Mauro Morais
Raíssa Senra Vitral	18/08/2019	Mauro Morais
Alberto Serrano (Tito)	25 /08/2019	Mauro Morais
Alíria Wiuira Benícios de Carvalho	01/09/2019	Mauro Morais

Nirlene Faria de Souza Neves	08/09/2019	Mauro Morais
Osvaldo da Silva Homem	15/09/2019	Mauro Morais
Wesley Eduardo dos Reis	22/09/2019	Mauro Morais
Priscila Mosqueira de Aquino	29/09/2019	Mauro Morais
Keila Aparecida da Silva Fernandes	06/10/2019	Mauro Morais
Ercília Xavier Salgado	13/10/2019	Mauro Morais
Francisco Fernandes Greggio	20/10/2019	Mauro Morais
Denise Martins	27/10/2019	Mauro Morais
Hugo da Silva Lima	03/11/2019	Mauro Morais
José Orlando de Oliveira	10/11/2019	Mauro Morais
Alexsandre Batista	17/11/2019	Mauro Morais
Sebastião da Mota	24/11/2019	Mauro Morais
Jefferson da Silva Mello (DJ Zulu)	01/12/2019	Mauro Morais
Cláudio Belmiro Trombini	08/12/2019	Mauro Morais
Leandro Mendes da Silva	15/12/2019	Mauro Morais
Margarida Maria Gomes	22/12/2019	Mauro Morais
Iracema Salomé Lopes Cassimiro (Cecema)	29/12/2019	Mauro Morais
Dandara Felícia Silva Oliveira	05/01/2020	Mauro Morais
Caio Dias Baptista	12/01/2020	Mauro Morais
Américo Vieira Júnior	19/01/2020	Mauro Morais
Régis José de Oliveira (Regis da Vila)	26/01/2020	Mauro Morais
Júlio César Coelho de Paula	02/02/2020	Mauro Morais
Amauri Luiz Arantes Vieira	15/03/2020	Mauro Morais